VOLUME 32.° N.os 1-4 1934

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico Português

SUMÁRIO

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1934

REVISTA LUSITANA

IMPRENSA PORTUGUESA
Rua Formosa, 108 — PORTO

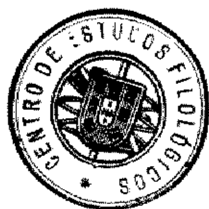
REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico Português



VOL. XXXII

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1934

REVISTA LUSITANA

VOL. XXXII 1934 N.os 1-4

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuação do vol. XXIX, págs. 107-158)

CLVII

Acolher-se a sagrado

Salvar-se, eximir-se de algum perigo ou dificuldade, acolhendo-se à protecção de alguém, ou a lugar onde se possa estar sem risco.

Esta locução filia-se no antigo direito de asilo.

Os primeiros asilos foram, como se conta, estabelecidos em Atenas pelos descendentes de Hércules, para se defenderem das violências dos inimigos. Os altares, os túmulos, as estátuas dos deuses, dos heróis e dos soberanos, os bosques sagrados e algumas ilhas e cidades, eram, na antiguidade, o abrigo dos perseguidos pelo rigor das leis ou oprimidos pela violência dos tiranos. Os templos eram os asilos mais invioláveis; atribuia-se aos deuses o designio de se encarregarem de punir os culpados que implorassem a sua misericórdia, e dizia-se que o homem não devia tornar-se mais implacável que os deuses.

A lei de Moisés preceituou o direito de asilo, mas só em benefício dos autores de crimes involuntários, visto Deus ter prescrito que se expulsassem do seu altar, para morrerem, os que cometessem homicidio com emboscada ou premeditação. Moisés designou, e Josué estabeleceu entre os Israelitas, as seis cidades de refúgio (três daquem Jordão e três na terra de Canaam) para os culpados se abrigarem quando não tivessem cometido o crime propositadamente. (V. *Êxodo*, XXI, 13 e 14; e *Números*, XXXV, 6, 11, 12, 13, 14 e 15).

Teseu e Rómulo criaram refúgios em Atenas e Roma, e

uma lei dêste último proïbiu que dêles arrancassem violentamente os que houvessem recorrido ao seu abrigo ([1]).

Segundo Diodoro da Sicília, Cibele fundou um asilo na Samotrácia.

Os limites exteriores do asilo do templo de Éfeso foram ampliados por Alexandre e Mitrídates. António duplicou a sua área, ajuntando-lhe ainda uma parte da cidade, mas o imperador Augusto, considerando prejudicial à segurança pública o privilégio concedido àquele templo, aboliu-o completamente ([2]).

Afirma Suetónio que Tibério revogou a faculdade de asilo ([3]), mas crê Tácito que êle apenas particularizou as cidades que a podiam conservar, por terem justificado o seu direito ([4]). Também Arcádio — como referem Sócrates, liv. 6, cap. 5, e Sozómeno, liv. 8, *Histor.*, cap. 5 — extinguiu absolutamente os asilos e imunidades, por uma Constituïção ([5]).

De haver o imperador Justiniano determinado na Novela 17, cap. 7, que nem os adúlteros, nem os homicidas, nem os roubadores de virgens gozassem de imunidade, porque as leis não concediam o abrigo da Igreja aos criminosos, mas sòmente aos ofendidos, e não era possível que estes e os ofensores se defendessem igualmente pela Igreja, Cujácio no comentário àquela Novela, e Dionísio Godofredo nas notas às Novelas daquele imperador, entenderam que por estas haviam sido abolidos todos os asilos em benefício dos agressores ([6]).

Era defeso arrancarem-se os refugiados dos abrigos onde se houvessem acoitado; mas, contanto que se lhes não tocasse,

---

([1]) Vid. M. Gilbert Charles le Gendre, *Traité Historique et critique de l'Opinion*, III, págs. 517 e 518 (Paris, 1751).

([2]) Idem, *ibidem*, pág. 518.

([3]) Idem, *ibidem*, pág. 518, onde se transcreve de Suet. in *Tib.*, c. 37: «Abolevit & jus moremque asylorum, quae usquàm erant».

([4]) Idem, *ibidem*, pág. 518.

([5]) Vid. Francisco Coelho de Sousa e S. Paio, *Prelecções de Direito Pátrio Particular*, Coimbra, 1794, 3.ª parte, pág. 22, nota.

([6]) Riegger, *Jurispr. Eccles.*, pág. 3, tit. 49, § 887 e seguintes. Apud obr. cit. na nota 5, pág. 23, nota.

considerava-se lícito o uso de todos os meios artificiosos para os matar (1).

*

A concessão do direito de asilo era reputada privativa dos soberanos; os bispos dos primeiros séculos assim o reconheceram, e por isso os imperadores romanos legislaram sôbre a matéria, como por exemplo na lei 1.ª do cod. de Teodósio, *de his qui ad Ecclesiam confugiunt*, e na lei 3.ª do cod. de Justiniano; todavia os pontífices, iludidos pelos princípios das falsas Decretais (sup. § 1.º), julgaram que os asilos eclesiásticos eram da sua competência, e passaram a decretar largamente a seu respeito, como se vê dos títulos do Cod. Eclesiástico e da Bula de Gregório XIV, de 1591, a qual ampliou muito os asilos e as imunidades da Igreja.

Alguns imperadores persuadiram-se da legitimidade desta doutrina, e por isso Alexandre, rei da Escócia, consultou o Papa Inocêncio III sôbre os casos em que devia ter lugar a imunidade, conforme observa Gonzalez, cap. 6, *de immunit. Eccles.* Os decretalistas estavam convencidos de que esta imunidade era da tradição apostólica e do direito divino natural e positivo, como se os preceitos do Velho Testamento tratassem dos asilos dos malfeitores, ou obrigassem aos cristãos (2).

Ora sendo os asilos um privilégio que eximia os delinqüentes das penas impostas pelas leis dos soberanos, e uma espécie de graça ou mercê, segue-se que só os imperantes podiam concedê-los, como diz Sousa e S. Paio, vol. cit. na nota 5, de pág. 6, pág. 21, nota *e)*, fundado em Riegger, cit. supra.

*

Segundo o mesmo Riegger (3), asilo eclesiástico *est locus sacer, vel religiosus, securitatem praestans iis, quibus ob laesam rempublicam justa coercitio imminet.*

---

(1) Vol. cit. na nota 1, de pág. 6, pág. 519.

(2) Vid. Pereira e Sousa, *Primeiras linhas sôbre o processo criminal*, Lisboa, 1827, pág. 69; e S. Paio, vol. cit. na nota 5, de pág. 6, pág. 21 e nota *e)*, 22 e 23, nota *f)*.

(3) Obr. cit. na nota 6, de pág. 6, parte 3.ª, tit. 49, § 873. (Apud Sousa e S. Paio, *Prelecções*, etc., págs. 20-21).

Desta segurança — diz Sousa e S. Paio (1) — gozavam todos os cristãos reus de pena de morte, ou de sangue, que fugissem para a Igreja para impetrarem a sua protecção e que não fôssem exceptuados — e isto conforma-se com êste passo das *Constituïções Sinodais do Arcebispado de Lisboa* (2): «Conforme aos sagrados canones, & leis seculares, a Igreja por sua sanctidade, & religião, val, & defende a todos os que a ella, & seu adro se acolhem. Por onde, os que tiuerem cometido delictos pellos quaes mereção penna de morte natural, ou civel, ou penna de sangue, não podem nelles ser prezos; saluo, nos casos exceptuados por direito».

*

Durante largo período a protecção de asilo foi utilizada pela Igreja em favor das pessoas não submetidas à sua jurisdição, a-fim-de suavizar as punições judiciais e proteger os acusados contra as acusações sumárias.

Foi muito diferente o direito de asilo na sociedade cristã. Por motivo da antiga e persistente tradição da vingança individual, e tendo em atenção o perigo, que corria o acusado, de ser imolado antes de poder justificar-se, a Igreja apropriou-se, modificando-o, do costume dos antigos asilos, não para pôr obstáculos à justiça, mas simplesmente no interêsse da liberdade individual e do direito de defesa.

Anteriormente às Constituïções do imperador Teodósio havia asilos eclesiásticos, como se vê de factos narrados por Amiano, Marcelino e Zófimo (que floresceram no tempo de Constantino o Magno) e referidos por Wan-Esp., *Dissert. de asill. Templ.*, cap. 2, mas crê o nosso antigo jurisconsulto Sousa e S. Paio — de quem recolho estas informações (3) — ter sido Constantino o Magno quem os estabeleceu, como primeiro imperador cristão.

Também gozaram do direito de asilo os devedores públicos, mas Teodósio, na lei 1.ª do *Cod. de his, qui ad Eccles. confug.* determinou que fôssem tirados dos templos onde se acolhessem, se por êles não pagassem os bispos e clérigos

(1) *Prelecções*, etc., pág. 21.
(2) Lisboa, 1656, liv. 3.º, tit. 13, dec. n.º 11, pág. 373.
(3) *Prelecções*, etc., pág. 23, nota *e)*.

que os protegessem e ocultassem. O imperador Leão, porém, restituiu novamente os asilos aos devedores públicos, exortando o clero a pagar por êles e deixando aos credores o direito de se pagarem pelos bens dos devedores (1).

*

Conformemente às já referidas *Constituïções Sinodais do Arcebispado de Lisboa*, os lugares sagrados que gozavam do privilégio de asilo, ou imunidade, eram: igrejas ou ermidas e seus adros; mosteiros e seus pátios, claustros e cêrcas; oratórios em que se dissesse missa, não sendo privados e feitos em casas particulares; hospitais fundados por autoridade do Prelado; e paços episcopais.

Quanto a estes, não há concordância com as *Ord. Filip.*, liv. I, tit. 73, §§ 7.º e 8.º, e liv. V, tit. 104, § 3.º, que claramente lhes negam semelhante prerrogativa, assim como também a não autorizam com relação às casas dos D. D. Abades, priores dos mosteiros e, em geral, às das entidades eclesiásticas; e não há ainda concordância com os §§ 7.º e 8.º da lei de 12 de Março de 1603, na qual se firmou o preceito de que só as igrejas e os mosteiros eram lugares de asilo.

Esta disposição vem citada por Sousa e S. Paio, *Prelecções*, etc., pág. 27, nota *t)*, onde mais se lê: «No foro, porém, se estende o asilo, ou imunidade, às casas dos Bispos sitas nos Adros das Igrejas».

Foi o imperador Teodósio o Moço quem tornou extensiva a imunidade de asilos aos adros *(Cod. de his, qui ad Eccles. confug.)* para, segundo Sousa e S. Paio (2), «evitar a indecencia, e desacatos que se cometião, dentro dos Templos, por serem restrictos os asilos aos Altares, e ao interior do Templo».

Entendia-se por «adro» o espaço em volta das igrejas, que não podia exceder quarenta passos nas catedrais, e trinta nas outras (3).

Pelas *Ord. Filip.*, liv. II, tit. 5.º, pr., a imunidade existia

---

(1) Idem, pág. 22, nota.

(2) Idem, *Ibidem*.

(3) Riegger, *Jurispr. Eccles.*, § 873. (Apud Sousa e S. Paio, *Prelecções*, etc., pág. 25, nota *m)*.

em qualquer igreja, ainda que não fôsse sagrada, contanto que houvesse sido edificada por autoridade do Papa, ou Prelado, para nela se celebrar o Ofício Divino.

O sacerdote que conduzia o Viático assemelhava-se a um templo ambulante, de modo que os infelizes que iam a seu lado podiam até atravessar impunemente as propriedades dos seus inimigos mortais. Lá diziam as citadas *Constituições Sinodais*: «Outrosi goza da imunidade o que se acoute aos Sanctissimo Sacramento, quando he leuado em algũa procissão, ou aos enfermos, pegandose, ou chegandose o delinquente ao Padre que leua o Senhor».

Ainda segundo as mesmas *Constituições*, para que os delinqüentes gozassem da protecção da Igreja, bastava que se agarrassem aos ferrolhos das portas, se encostassem a estas, ou se recolhessem aos alpendres contíguos aos templos, posto que não tivessem adros.

Da imunidade concedida aos fugitivos, dizem as citadas *Constituições*: «E declaramos tambem que gozarâ da ditta imunidade o delinquente, que indo prezo em poder dos ministros da justiça secular, se soltar delles, & se acolher a algum dos logares assima referidos. Porem, nam gozarâ o que indo actualmente prezo sem se soltar das justiças, passando por algũa Igreja, hermida ou adro, ou empuxando pello que o levão, se acoutar, porque neste caso se nam acouta em sua liberdade como se requere».

A prerrogativa da Igreja foi objecto de disposições especiais das *Ord. Afons.*, liv. II, tit. 15, e da *Ord. Manuel.*, tit. IV, sob a rubrica: *Dos que se acoutão às Igrejas, em que casos gozarão da imunidade della, e em que casos não.* Nos códigos Romano e Godo, a rubrica é: *De his, qui ad Ecclesiam confugiunt.*

Os compiladores das *Ord. Filip.* adoptaram a rubrica das *Decretais*: *De Immunit. Eccles.*

*

Entre os delitos que não gozavam do direito de asilo, contavam-se os seguintes:

1.º — Os cometidos com propósito de ofender, ou caracterizados pelo emprêgo de fôrça ou violência, à excepção do estupro (*Ord. Filip.*, liv. II, tit. 5.º, § 4.º), onde se seguiram as disposições do direito canónico, no *can. de raptoribus*, 3, caus.

36 qu. 1, contra a do direito romano na L. un. *de raptu virginum*, e na Novela 17, cap. 7 ([1]).

2.° — Os crimes a que não correspondesse pena de morte natural ou civil, cortamento de membro ([2]), ou qualquer outra pena de sangue (*Ord. Filip.*, liv. II, tit. 5.°, pr., e liv. V, tit. 123), mas sòmente a de açoites ou galés ([3]).

3.° — Os delitos cometidos deliberadamente na Igreja (Ord. cit., liv. II, tit. 5.°, § 2.°).

4.° — O ladrão público (idem, *ibid.*), isto é, segundo Pereira e Sousa ([4]), «aquele que tem cometido diversos furtos com qualidade».

5.° — Os salteadores de estradas (Ord. cit., liv. II, tit. 5.°, § 3.°).

6.° — O que resistisse à justiça (Lei de 24 de Outubro de 1764, § 11.°) ([5]).

7.° — O «homicida proditório ou insidioso» ([6]).

8.° — O marido que deliberadamente matasse sua mulher por dizer lhe fizera adultério (Ord. cit., liv. II, tit. 5.°, § 5.°) ([7]).

9.° — O que forçosa e deliberadamente roubasse a mulher a seu marido para com ela cometer adultério (id., liv. II, tit. 5.°, § 4.°).

10.° — O incendiário de pães segados ou por segar, ou de quaisquer outros frutos (id., livro II, tit. 5.°, § 3.°).

11.° — Os hereges, apóstatas ou cismáticos, blasfemos, feiticeiros, benzedeiros, agoureiros e sorteiros (cit. *Constituições Sinodais*, liv. 3.°, tit. 13.°, decreto 3.°).

([1]) Vid. Pereira e Sousa, *Primeiras linhas*, etc., p. 69-70.

([2]) Cf. *Bofelada mão cortada*, nestes *Retalhos*, in *Rev. Lus.*, XIX, 52.

([3]) Pereira e Sousa, *Primeiras linhas*, etc., pág. 70.

([4]) Obr. cit., pág. 70.

([5]) Citada por Sousa e S. Paio, *Prelecções*, etc., pág. 28.

([6]) Pereira e Sousa, obr. cit., pág. 70, baseado nas *Ord. Filip.*, liv. II, tit. 5.°, § 4.°.

([7]) Certamente no caso de o adultério se não provar, visto a Ord., liv. 5.°, tit. 38, permitir ao marido matar a mulher caída em adultério. Segundo Sousa e S. Paio (*Prelecções*, etc., pág. 28), a privação da imunidade da igreja só se dava quando a morte fôsse «feita com propósito de fazer mal à mulher, e não por vingar o adultério, que se não presume».

12.° — Os que esbulhassem a Igreja de seus bens (idem, *ibidem*).

13.° — O escravo, salvo se fôsse por maus tratos do seu senhor ([1]).

14.° — O leigo que cometesse delito, cujo conhecimento pertencesse ao Juízo Eclesiástico (cit. *Const. Sinodais*, liv. 3.°, tit. 13.°, decreto 3.°).

15.° — O Moiro ou Judeu, salvo convertendo-se ao Cristianismo antes de sair da Igreja (*Ord. Filip.*, liv. II, tit. V, § 1.°, onde se diz que «a Igreja não defende os que não vivem debaixo de sua Ley, nem obedecem a seus Mandamentos») ([2]).

Os delinqüentes não beneficiados pelo patrocínio da Igreja não podiam ser violentamente arrancados do asilo onde se houvessem acolhido, sem a observância de certas formalidades prescritas na *Ord. Filip.*, liv. II, tit. 5.°, §§ 7.° a 11.°.

([1]) O escravo, mesmo cristão, que fugisse para a igreja a-fim-de se livrar do cativeiro, podia ser dela tirado e entregue ao seu senhor; e, se resistisse, podia ser morto na própria igreja por êste, ou pelas pessoas por êle encarregadas de o prenderem (*Ord. Filip.*, livro II, tit. 5.°, § 6.°).

Pelo *Cod. de his, qui ad Eccles. confug.*, do imperador Teodósio o Moço, o servo que fugisse para a igreja com mêdo do seu senhor, sem armas, não podia demorar-se ali mais de um dia, passado o qual seria entregue àquele pelos clérigos; fugindo, porém, com armas, e querendo defender-se com elas, era permitido a seu senhor tirá-lo violentamente e, até, matá-lo junto dos altares (vid. Sousa e S. Paio, *Prelecções*, etc., p. 22, nota).

Segundo a lei lombarda, o escravo refugiado na igreja era inviolável, quando estava nos domínios do rei.

O primeiro concílio de Orleans estatue que o senhor jure perdoar ao escravo refugiado numa igreja, e que seja excomungado não cumprindo a promessa (César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de Manuel Bernardes Branco, Lisboa, 1877, VI, 219, nota 6).

([2]) Arcádio, e Honório na sua *Constituição* de 397, suprida na L. 1, *Cod. de his, qui ad. Eccles. confug.*, não permitiam que gozasse da imunidade o Judeu «ainda mesmo querendo fazer-se cristãos, sem purgarem o delito cometido, ou pagarem as dividas contraídas antes de adoptarem o Cristianismo» (vid. Sousa e S. Paio, *Prelecções*, etc., p. 22, nota).

*

Diz Fernando Nicolay (1) que o direito de asilo foi sendo restringido pelo Papado até que o extinguiu a Constituïção de Gregório XIV, modificada pela de Benedito XIII no concílio de Roma em 1725.

Entre nós foram abolidos todos os coitos, ou lugares de asilos, pela lei de 10 de Janeiro de 1692, com fundamento de os asilos não deverem ampliar-se, mas antes restringir-se, porque, dificultando o castigo dos delinqüentes, facilitavam os delitos (2); e já a carta régia de 14 de Agôsto de 1647 determina que se não consentissem homiziados nos mosteiros.

*

Em França o direito de asilo era sagrado, e os concílios recomendavam muito expressamente a sua observância. A imunidade abrangia os adros das igrejas, as casas dos bispos e todos os lugares compreendidos nas respectivas cêrcas. Não podia obrigar-se o refugiado a abandonar o asilo sem uma garantia judicial de respeito da sua vida e de completo perdão do delito (3).

Os asilos foram abolidos naquele país em 1534 (4), e em Inglaterra por uma lei de Henrique VIII (5).

A lei normanda prescrevia que o delinqüente refugiado em igreja, ou noutro lugar sagrado, pudesse conservar-se ali oito dias, findos os quais tinha de declarar se queria entregar-se à justiça secular ou continuar ao abrigo da Igreja. Se preferia esta última solução, era obrigado a expatriar-se, para ficar quite (6).

---

(1) *Historia de las creencias, supersticiones, usos y costumbres (según el plan del decálogo)* por Fernando Nicolay, vertida al castellano por Juan Bautista Ensañat (Barcelona, 1904), II, 216.

(2) Vid. Pereira e Sousa, *Primeiras linhas*, etc., p. 69, nota.

(3) Vid. vol. cit. na nota 1, de pág. 6, pág. 520.

(4) Furetière, *Dict. Univ.* (Rotterdam, 1708), s. v. «asyle».

(5) Vol. cit. na nota 1, de pág. 6, pág. 520, nota 2.

(6) Loc. cit. na nota 4 desta página.

*

Primitivamente os asilos não tiveram outro fim que não fôsse o de protegerem os infortunados, os perseguidos e todos aqueles que por acaso ou necessidade se expunham ao rigor da lei; mas abusou-se escandalosamente do privilégio, que se tornou pernicioso desde que passou simultâneamente a proteger os delinqüentes desgraçados e a assegurar a impunidade dos crimes praticados voluntàriamente e com premeditação.

O clero, conseguindo alargar repetidas vezes os limites da jurisdição protectora da Igreja, soube levar tão longe as isenções, que os conventos se tornaram, por assim dizer, verdadeiras fortalezas, onde o crime estava ao abrigo de tôda a punição e zombava do poder e do prestigio da Justiça.

Cf., neste artigo, *Acolher-se a lugar seguro.*

CLVIII

Acolher-se a lugar seguro

O mesmo que *acolher-se a sagrado.*

O direito de asilo era concedido aos criminosos, os quais, para escaparem ao castigo, se refugiavam não só nas igrejas (cf. neste artigo *Acolher-se a sagrado*) mas, ainda, em vários outros lugares privilegiados, de que faziam parte os bairros dos embaixadores estranjeiros, onde não era permitido aos oficiais de justiça entrarem de vara alçada e com as insignias dos seus cargos, não podendo, portanto, êsses funcionários passar, em exercício das suas atribuïções, por diante das casas, nem pelas ruas onde moravam aqueles diplomatas. Por conseguinte, os criminosos que ali se acoitavam, ou que depois de presos fugiam para dentro daqueles limites vedados, ficavam ao abrigo de tôda e qualquer perseguição das autoridades.

Em 1681 o príncipe regente D. Pedro — pouco depois elevado ao trono com o nome de D. Pedro II — aboliu os bairros dos embaixadores, determinando que os ministros e oficiais de justiça pudessem passar com as insígnias dos seus cargos pelas ruas e por diante das casas dos enviados dos soberanos estranjeiros, e restringindo a imunidade a portas adentro das casas dos ditos embaixadores.

Passados mais de vinte oito anos (já no reinado de D. João V) o embaixador alemão tentou fazer ressurgir o privilégio, sem que, todavia, conseguisse triunfar no conflito, que, ainda assim, ameaçou quebrar as relações de amizade de Portugal com as principais potências da Europa.

Inácio de Vilhena Barbosa narra minuciosamente o curioso caso — que atingiu as raias do ridículo — no seu artigo *Conflito do corpo diplomático em Lisboa com o govêrno de el-rei D. João V*, pub. no *Arquivo Pitoresco*, XI, 261, 271 e 278.

Mais tarde o alvará de 11 de Dezembro de 1743 determinou que a imunidade civil competia ùnicamente às pessoas dos ministros estranjeiros e dos seus criados assalariados, ou comensais em serviço, e à casa da sua habitação, e não devia, pois, estender-se a outras pessoas estranhas, e muito menosa aos malfeitores que se acolhessem às casas dos ditos ministros para se eximirem às penas em que houvessem incorrido.

Vid. Pereira e Sousa, *Primeiras linhas sôbre o processo criminal*, Lisboa, 1827, pág 71.

CLIX

Nunca mata drago em vale || nem Mouro que se chame Ale

Êste adag. usou-se nos tempos quinhentistícos, para significar: *não é homem para praticar grandes feitos.*

Em Gil Vicente, na *Farça de Inês Pereira:*

«Vêde que cavallarias,
Vêde já que Mouros mata
Quem sua mulher maltrata,
Sem lhe dar de paz hum dia.
Sempre eu ouvi dizer
Que o homem que isto fizer
Nunca mata drago em valle
Nem Mouro que chamem Alle».

Na *Eufrosina*, de Jorge de Vasconcelos, act. I, sc. I: «Que coração de homem mancebo! *Nunca êste mata Mouro Alle*».

*

O «drago» (dragão), ou «serpe», mito de origem oriental, era, segundo a crença dos antigos, um monstro de estranha fereza e voracidade, que se representava com asas, crista, pés e cabeça de diferentes animais: ora com garras de leão, asas de águia ou de morcego, e cauda de serpente; ora metade peixe, metade serpente, armado de garras e de asas, olhos flamejantes, lançando fogo pela bôca, etc., etc. — mas sempre sob a forma de um sáurio repugnante e com um aspecto que fulminava.

Êste fantástico monstro muito atemorizou os antigos e muito preocupou a sua imaginação. Ainda hoje se diz: *é um dragão!* — de uma pessoa colérica, irascível, de péssimo génio.

O naturalista italiano Aldrovandi (1527-1605) fala de um dragão de grandes asas, cauda de serpente e pés de lôbo, nascido da cópula de uma águia com uma lôba [1]. Alguns naturalistas aludem a dragões voadores, da África, que arrebatavam um cavalo com um homem, uma vaca, etc. [2].

Alberto o Grande faz menção de um dragão do mar, semelhante a uma serpente, de asas curtas e movimentos muito rápidos, e cuja mordedura era mortal [3].

*

Na mitologia, o dragão cai sempre morto às mãos de um herói. Assim, a serpente Piton — monstro horrendo, de forma de dragão, que tinha cem cabeças e outras tantas fauces por onde vomitava fogo e que, quando se endireitava, ia roçar nas nuvens — foi morta por Apolo; um dos *doze trabalhos de Hércules*, que ficaram proverbialmente decantados, consistiu na morte do dragão de cem cabeças, que guardava o jardim das Hespérides, onde as árvores produziam pomos de oiro; Jasão, à frente dos argonautas, conquistou o célebre velocino de oiro e matou o terrível dragão que o guardava.

---

(1) Furetière, *Dictionnaire Universel* (Rotterdam, 1708), s. v. «dragon».

(2) Idem, *ibidem*.

(3) Idem, *ibidem*.

O dragão era consagrado a Minerva, deusa das ciências, para indicar que o saber não dorme nunca; — e daqui provieram aquelas fábulas do *dragão das Hespérides*, do *velocino de oiro*, e outras semelhantes.

*

Nas lendas cristãs, o dragão simboliza o espírito do mal, o poder do demónio, a heresia de que a Igreja triunfa: S. Jorge representa-se trespassando o dragão (o diabo) com uma lança; S. Miguel é figurado esmagando o monstro com os pés.

Adolfo Coelho [1] diz que o drago foi, sem dúvida, uma antiga denominação popular do Demónio — e alude aos draguinhos das comédias de Gil Vicente.

Que o dragão era efectivamente o próprio Diabo, afirma-o o *Apocalipse*. Assim, quando ali se diz (cap. XII) que o dragão e os seus anjos combatiam contra S. Miguel, explica-se em seguida que o dragão era «aquela antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, que seduz todo o mundo». Da mesma forma, no cap. XIII, quando se refere que o dragão foi adorado, e, também, quando se diz nas *Profecias* de Isaías e de Daniel que o dragão foi ferido e morto, faz-se alusão ao mistério da Redenção, que destruiu o império de Satanás.

Era simbolizando o Diabo, ou a heresia, que o fabuloso animal figurava nas procissões da idade-média. Da sua exibição na procissão do Corpo de Deus, em Lisboa, fala Alexandre Herculano, na brilhante descrição que faz dêsse luzido e magnificente préstito religioso, no *Monge de Cister*, vol. II, cap. XVII. Eis o trecho: «A imediata representação, ordenada pelos sapateiros, mostrava mais arte, e despertava, talvez, mais que tôdas as outras, a atenção dos espectadores. Vinha a ser o dragão infernal, sarapintado de vivas côres, que vigiava dois diabos, os quais procuravam induzir dois frades noviços a voltarem aos deleites do mundo, ao que êles mostravam resistir heroicamente, pôsto que, como de reserva aos dois infernais prègadores, os trovadores acompanhassem dois diabos espertos, prontos a socorrer os seus discretos colegas. Se, porém, como autores dramáticos, os sapateiros levavam

---

[1] *Rev. de Ethnologia e Glottologia*, pág. 151.

imensa vantagem aos mesteirais dos ofícios imediatos no préstito, nem por isso vinte e quatro alfaiates deixavam de pavonear-se após êles ao redor da serpe tentadora da nossa mãi Eva, a que fazia sombra uma tôrre solidíssima na aparência».

Para fôrça e prestígio da crença religiosa, a serpe (ou drago) não podia deixar de representar-se vencida. Por isso o regimento de 1482 — pelo qual D. João II estabeleceu a ordem por que se encorporariam naquela procissão os representantes das diversas classes e ofícios, e determinou os respectivos emblemas — prescrevia: «Os homens d'armas atraz, e com as espadas nuas nas mãos, e levarão S. Jorge muy bem armado com um page e uma Donzella para matar o Drago» (1).

Segundo Teófilo Braga, há aqui um resto das crenças primitivas dos povos getas e escandinavos, nesta luta de S. Jorge com o Dragão, ou do Deus solar com a Serpente, simbolizando as águas agitadas do Oceano (2).

Da exibição do dragão nas procissões, diz Furetière (3): «Dans les Eglises on a porté anciennement l'effigie, ou la figure d'un *dragon* aux Processions, pour representer le Diable, ou l'Heresie, dont l'Eglise triomphe. On le portoit au bout d'une perche, & un enfant avoit une lanterne, où étoit un cierge allumé, pour rallumer le feu qui étoit en la gueule du dragon, s'il venoit à s'éteindre».

Vê-se, pois, que nem só em Portugal figurava o dragão nas procissões. Nas lendas cristãs, o «drago» e a «serpe» são uma e a mesma entidade mítica — o demónio.

*

Nas lendas da idade-média, as cheias dos rios ou as inundações embaraçadas por certos santos que foram substituídos ao Sol, foram simbolizadas por serpentes ou dragões, representados como subjugados ou vencidos por estes santos.

---

(1) Apud Teófilo Braga, *Superst. Pop. em Portugal*, in *À Volta do Mundo*, II (1882), pág. 156.

(2) Id., *ibid.* — Mas cf. Leite de Vasconcellos, *De Campolide a Melrose*, pág. 127 segs.

(3) Loc. cit. na nota 1, a pág. 16.

Entre os dragões simbólicos nota-se, por exemplo, a *Chair salée*, de Troyes; o *Dragon de Saint Marcel*, em Paris; a *Gargouille de Saint Romain*, em Ruão, os quais são símbolos das inundações do Sena. Tais são a *Kraulla de Saint Bien-aimé*, em Vendôme, sôbre o Loire; a *Grande Gueule*, ou a *Bonne Sainte Vermine*, em Poitiers; a *Grouille*, em Metz, sôbre o Mosela, e a *Tarasque*, em Tarascon, sôbre o Ródano [1].

*

O dragão figura nos brasões de muitas famílias e de localidades. A antiga cavalaria adoptou-o como emblema dos feitos brilhantes, de obstáculos que deviam vencer-se.

Do seu antigo uso como emblema de guerra, diz o *Dictionnaire Universel*, de Furetière (ed. cit. na nota 1 da pág. 16 dêste artigo), s. v. *dragon*: «Du temps de Trajan, on vit dans les Armées Romaines des Dragons peints dans les drapeaux de quelques cohortes; comme les Aigles en servoient pour les Legions, selon le temoignage de Claudian. Les Empereurs d'Occident, comme Othon; les Saxons, les Anglois, & même les Ducs de Normandie, on de pareils étendarts, qu'ils faisoient porter à la guerre comme une Oriflamme».

Informa a *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano Lemos, que, no dizer de velhas crónicas, os antigos Lusitanos arvoravam uma bandeira branca, a meio da qual se via como brasão a serpe ou o dragão verde, parecendo que Sertório escolheu a águia romana e que as armas de Portugal tinham por emblema a serpe.

*

Para indicar «antiguidade» ou «velhice» dizia-se antigamente (por alusão à antiguidade da serpe como emblema): *mais velho que a serpe*.

No *Folheto de ambas Lisboas* (Lisboa, 1730), n.º 2, alude-se naquele sentido à «serpe» e ao «drago»: «Os de S. Jorge dizião, que erão desde o tempo da Serpe... E que são do mesmo tempo que o Adrago».

---

(1) A. T. Pires, *Origens de várias locuções, adágios e anexins*.

*

A pág. 316 do *Alm. Bertrand* de 1906, foi publicado um artigo intitulado *O dragão*, do qual extraio o seguinte excerpto:

«Os Índios, os Assírios, os Persas, adoravam dragões consagrados a diferentes divindades. Na Grécia antiga o deus Esculápio era representado por um dragão. Na antiga Roma o dragão era a insígnia de uma cohorte, começada a usar no exército no tempo de Trajano. Usaram-na os Partos, e dêles veio para Roma. Consistia na imagem de um grande dragão, fixada numa lança, com uma goela de prata entreaberta, emquanto que o resto do corpo era de estôfo pintado, ou de peles, que se agitavam com movimentos semelhantes aos de um reptil, quando o vento que entrava pela goela aberta lhe enchia o vazio. O que levava esta insígnia chamava-se *dragonário*. *Dragonários* se chamavam também os soldados que antigamente acompanhavam o Papa, precedidos de uma bandeira em que se desenhava a figura de um dragão. Nos últimos séculos muitas das procissões eram sempre acompanhadas de uma figura de dragão como símbolo da heresia ou do demónio vencido; os luteranos, nas guerras religiosas do séc. XVI, também o tiveram por emblema. Vê-mo-lo aos pés de S. Jorge, vencido pelo poder da sua lança. Tem-o a Rússia nas suas armas. O nosso D. João I também o adoptou por timbre do seu escudo, e nêle permaneceu até D. João III. Já vêdes. O dragão é fabuloso; mas é muito dos antigos povos, é estandarte de bárbaros, é insígnia e emblema de pagãos, é símbolo de católicos. O dragão não morre».

A bandeira chinesa tem também por emblema um dragão, o qual figura igualmente nas suas moedas.

*

E eis aqui alguns elementos que pude coligir para oferecer a quem se proponha estudar a relação que porventura possa existir entre o adágio e as variadas lendas ligadas ao «dragão» ou «serpe».

*

* *

Ale é o mesmo que *Ali*, palavra árabe que significa «sublime» e que primitivamente designou o «genro de Maomé». Os Mussulmanos, acreditando que uma comunidade de nome estabelece relações entre as pessoas viventes e aquelas que pela sua conduta exemplar no mundo adquiriram lugar no Céu, costumam dar a seus filhos nomes recomendáveis. Maomé e Ali são os nomes preferidos.

Uma das personagens do romance *O Monge de Cister*, de Alexandre Herculano, é um moiro, o truão *Ale* (Herculano escreveu *Alle*) a quem, por escárnio (vol. I, cap. IV), os Mouros chamam *Cid Ale*, os Judeus *Rabbi Ale* e os Cristãos *Mossem* ou *Micer Ale*.

A forma *Ale* encontra-se neste trecho de *Damião de Góis*, na *Crónica de D. Manuel*, par. 3.º, cap. 67: «Morto Ale, ouve entre os Arabios e Persios grandes deferenças, e guerras sobre as opiniões das seitas que Ale e Mahamed lhes deixarão, porque Ale depois da morte de Mahamed querendo enmendar na seita que elle pregava fez outros muitos artigos diferentes para mais a sua vontade atraher a si aquella gente barbara, e innocente» (1).

CLX

Andar de vento

(Loc. forense ant.) *a) Andar perdido, sem dono*; *b) não ter dono*

Dizia-se com referência a objectos ou animais, os quais, em tais circunstâncias, se chamavam *achados do vento* ou *julgados do vento*. Dos animais dizia-se particularmente *gado do vento* e *bêstas do vento*, denominações que ainda se encontram na *Ord. Filip.*, liv. III, tit. 94, onde se providencia a respeito de *como se hão de arrecadar as cousas do vento*.

A designação *do vento* encontra-se também noutras locuções, como: *a) Direito do vento*: direito de fazer arrematar

(1) Apud Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «emendar».

para si os *achados do vento* a que não apareceu dono; direito de fazer suas as coisas ou animais achados, sem dono conhecido (¹); *b) Trazer do vento:* achar animal ou coisa, também sem dono conhecido (²); *c) Moça de vento:* era, nos conventos, a criada sem ama certa a quem servisse, mas que prestava serviço a diversas freiras indeterminadamente (³); *d) Filho do vento:* a pessoa sem familia conhecida.

Gil Vicente, no *Templo de Apolo*, fala dos *santos de vento*, provàvelmente aludindo aos santos desconhecidos do calendário católico:

«Porque nenhum santo bento
Não deve de ter por bem
A canseira de ninguem,
Nega s'he *santo de vento*,
Que não he, nem val, nem tem».

*

Acêrca do *gado do vento* diz o *Elucidário*, de Viterbo: «Nos Foraes do sr. rei D. Manuel se encontra com muita frequencia um titulo — *Do Gado do Vento* —; determinando-se quantos dias deviam passar, para se reputar perdido, e a quem pertença. A força mesmo da palavra está dizendo que não é o mesmo — *Gado do vento* —, que — *Gado invento*, — ou achado; pois muito gado se acha, que não anda perdido. Chama-se pois — *Gado do vento* — o que sem dono, ou pastor, anda vagabundo de uma para outra parte, como folha arrebatada do vento, ou mudando-se como o mesmo vento se muda, seguindo unicamente o instinto que o autor da natureza lhe imprimiu».

O *gado do vento* anda relacionado com uma antiga crença, de que Duarte Nunes de Leão fala assim no cap. XXIX da *Descrição do Reino de Portugal* (Lisboa, 1610): «... todos los scriptores antigos que das cousas de Hespanha screueram, dizem que nam longe de Lisboa, como vinha o veram & ventauam os ventos fauonios que sam os Zephyros pondose com

(¹) Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «vento».
(²) Idem, *ibidem*.
(³) *Dic. Contemp.*, s. v. «vento».

os rostos fronteiros as egoas concebiam delles sem ajuntamento de macho, & pariam delles cauallos ligeiros como os mesmos ventos» [1].

Para autorizar êste passo, Nunes de Leão cita Varrão, Columela, Plinio, Vergilio e Silvio Itálico, segundo o último dos quais os cavalos filhos do vento não viviam mais que sete anos.

À crença do *gado nascido do vento* se refere M. Gilbert-Charles le Gendre, no seu *Traité historique et critique de l'opinion* (Paris, 1741), VI, 428, onde cita, entre outros, escritos dos quatro primeiros daqueles autores e que são, provàvelmente, os de que teve conhecimento Duarte Nunes de Leão.

Diz assim Le Gendre (do qual transcrevo também as notas proveitosas a êste caso): «Combien d'auteurs ont dit [2] que les cavalles conçoivent quelquefois du vent seul, sans mâle? Ils ont ajouté que les poulins ainsi conçus ne passent pas trois ans. Varron, Pline, S. Augustin & plusieurs autres ont mis ce fait au nombre [3] de ceux qui font constamment vrais, quoiqu'on n'en puis se pas expliquer les causes. Pline [4]

---

[1] No seu *Mappa de Portugal* fala João Bautista de Castro das éguas da Serra de Montejunto, que concebiam por aquela estranha forma. A crença originou o anexim registado por C. Roux de Lincy (*Le livre des proverbes français*, I, 295): *faire comme les jumens de Portugal, concevoir du vent.*

[2] Ore omnes versae in Zephyrum, stant rupibus altis,
Exceptantque leves auras: & saepe sine ullis
Conjugiis, vento gravidae (mirabile dictu)
Saxa per & scopulos & depressas convalles
Diffugiunt.

Virg., *Georg.*, lib. 3. *Varro, de re rustica*, lib. 2. *Columell.* lib. 6. *Solin.*, c. 47. *S. Aug.* lib. 21, *de civit. Dei*, c. 5.

[3] Cet exemple nous montre comme bien d'autres, que les plus sçavants hommes ne donnent pas toujours les soins nécessaires à examiner les faits qu'ils avancent. Justin atribuë cette erreur, que les cavalles conçoivent du vent sur les bords do Tage, à la fécondité de ces cavalles & à la vîtesse de leurs poulins. *Justin*, lib. 44, c. 3.

[4] Utramque vim singulis inesse, & sine mare aequè gignere. *Plin.*, lib. 8, c. 55.

fait la même observation sur la femelle du liévre, qu'elle peut engendrer sans son mâle: & que l'hyéne, qui est tantôt mâle & tantôt femelle, engendre toute seule. On a pareillement avancé que les perdrix conçoivent quelquefois sans mâle & du vent seul. Pomponius Mela a parlé d'une isle près de l'Ethiopie, où il n'y a que des femmes, qui sont (1) fecondes sans la compagnie d'aucun homme».

Pedro Saintyves, no seu livro *Virgens depois do parto*, refere-se também aos *filhos dos ventos*, e diz que tôdas as narrativas em que o vento da primavera, Zéfiro ou Favónio, desempenha o papel de procriador, se ligam evidentemente a um culto primaveril.

CLXI

Aquilo com que se compram os melões

Dinheiro, riquezas: «Pois se nós havemos de comer igualmente o que houver, que mais faz que seja ela, ou eu, que trouxesse para casa *aquilo com que se compram os melões?*» (Castilho, *Casamento de Oiro*).

*

Entre outras designações, o dinheiro tem tido na linguagem popular e na giria as seguintes: **Designações gerais:** arame, bagaço, bagalhoça, bago, baguinho, baguines, bagulho, broça, cacau, caroço (2), carolo, ceitil *(não ter)*, chelpa, china, coscorinho *(dinheiro junto aos vinténs, aos poucos)*, cumquibus (o povo diz *comquíbios*), estilha, fio, govêrno *(giria de gatuno)*, João da Cruz (3), lodo, maçaroca, maco, maquia,

(1) Mela atribuë ce conte au périple d'Hannon, où il n'en est par parlé.

(2) «Com um gigo de ervas e seis garrafas de água da fonte, arranja *caroço* daquela casta». (Camilo, *Bruxa de Monte-Córdova*).

(3) Os antigos «pintos» e suas subdivisões tinham gravada uma cruz. Era o «dinheiro de cruzes», referido na loc. usual, *nunca lhe vi as cruzes ao dinheiro*, com a qual se significa que nunca se recebeu de certa pessoa nenhuma dádiva

massa, massaria, melgueira, milhafres *(dez tostões)* (¹), milhanços *(gíria de gatuno)*, milho, milhos *(dez tostões)* (²), mola real, moni ou monim (corruptela do inglês *money* = dinheiro), môsca, painço, palrante, parne *(gíria de gatuno)*, parnau *(gíria de gatuno)*, parrêlo, pataco (ex.: *ter uns patacos, ter seus patacos*), pecúnia, quido *(gíria de gatuno)*, quintuques *(gíria de gatuno)*, real *(não ter —)*, sonante *(gíria de gatuno)*, teca, soca, vintém (ex.: *ter o seu vintém, ter uns vinténs, não ter vintém*), xartante *(um quartinho* ou *1$200 réis, hoje 1$20)*. — **Dinheiro em oiro** *(libra esterlina)*: lamira *(gíria de gatuno)*, loira ou loirinha, pirata, Santo Amarelo (³), vitêlo *(gíria de gatuno)*. — **Dinheiro em prata:** *a) Designações gerais:* caravela (qualquer moeda de prata que se dava de gorgeta), clementina; *b) Moeda de 500 réis:* careta, carinha, placa, roda, volantina *(gíria de fadista)*; *c) Moeda de 100 réis (tostão):* camocho, cochicho, ôlho, rodinha, rosquinha (⁴), têsto *(gíria de gatuno)*, tusto; *d) Antiga moeda de 400 réis (cruzado):* crúzio. — **Dinheiro em cobre:** *a) Designações gerais:* cascalho, chapa, chapeca, colebre *(gíria de gatuno)*; *b) Moeda de 20 réis:* cheto, rodela; *c) Moeda de 10 réis:* laberços *(gíria de gatuno)*, lepes,

---

de dinheiro, nenhuma gratificação, nenhum empréstimo: «Cada vizinho era um criado seu, criado submisso, prestante, desinteressado a mais não ser, mesmo porque nenhum dêles se gabou *nunca de lhe ter visto as cruzes ao dinheiro*» (Leite Bastos, *Sapatos de Defunto*).

Alude também ao «dinheiro de cruzes» a loc. *dia de Santa Cruz em palma*, isto é, dia de pagamento de soldo ou pré a militares, de féria a operários, etc.

(¹) «E ali não há apelação nem agravo: é Govêrno Civil, Boa-Hora e dez *milhafres*» (*Ridículos* de 13-v-917).

(²) «Entre várias despesas figura uma verba de cento e noventa e tantos mil réis, quási duzentos *milhos*...» (*Ridículos* de 2-I-918).

(³) Os Espanhóis chamam-lhe *Juan Dourado*.

(⁴) «... puseram lá... um outro despachante que num minuto despacha tudo, tendo um fabiano que pagar mais mil e duzentos. É uma mina. Bem sabemos que ninguém é obrigado a pagar as doze *rosquinhas*...» (*Ridículos* de 6-III-918).

uma de X (1); *d) Moeda de 5 réis*: cheta, guines; *e) Pataco* (2): bronze, maluco, macanjo, ôsso *(gíria de gatuno)*, pasta *(gíria de fadista)*. — **Notas modernas:** *nota de quilo*, a de mil escudos (por alusão aos mil gramas do quilo); *nota de meio quilo*, a de 500$00. A nota de 100$00 designa o povo por *uma nota*, e, assim, diz-se que custou *dez notas* uma coisa comprada por 1.000$00.

CLXII

A espada e o anel, segundo a mão em que estiver

É da colecção de Roland.

Delicado regista: *A espada e o anel, segundo a mão donde estiver*; e Bento Pereira: *A espada e o anel, segundo a mão onde estiver.*

O anel era antigamente sinal distintivo de certas dignidades e de certas ordens nobres, e foi desde os tempos mais remotos considerado como insignia da autoridade e do poder.

---

(1) As antigas moedas de 10 réis tinham no reverso os dizeres: *X réis*: «Pode dar os bens ao outro filho que eu não lhe quero *uma de X*» (Camilo, *Brasileira de Prazins*).

(2) O pataco — moeda de cobre que valia 40 réis — foi criado pela Junta Governativa do Reino pela lei de 29 de Outubro de 1811, com o nome de *patacão*. Mais tarde é que passou a denominar-se *pataco*, nome que conservou até à sua supressão, ordenada pela lei de 31 de Maio de 1882.

Era sempre avultada a quantidade de patacos falsos em circulação (cf. a loc. *Falso como um pataco*), os quais eram vulgarmente conhecidos por *macanjos*. Até se chegou a admitir na lingua materna, e é corrente, o vocábulo *patacoada*, como sinónimo de «jactância ridícula, basófia, pantominice, chocarrice».

A designação monetária de *pataco* — como a dos 5 réis, dos 10 réis, dos vinténs e de outras moedas antigas — ainda hoje se usa na linguagem vulgar, a-pesar-de não ter existência nem unidade real (cf. as loc.: *Não vale cinco réis; não vale dez réis; não vale um vintém; não vale um pataco* [ou *não vale um pataco falso*]; *não vale um ceitil*).

No calão dos ladrões do Pôrto, o pataco era conhecido por *nhurro* (Gonçalves Viana, *Apostilas*, II, 185).

No *Génesis*, XLI, 42, vemos que Faraó, rei do Egito, coloca o seu anel no dedo de José como sinal do poder que lhe confere. O mesmo faz Assuero, rei da Pérsia, a Aman, seu ministro favorito, também para o investir de largos poderes (*Livro de Ester*, III, 10).

Nos primeiros tempos da república romana, os senadores e os heróis traziam no dedo anéis de ferro, e os embaixadores anéis de oiro.

Na *Arte de Furtar*, cap. XIX, diz-se que os Romanos traziam o anel militar na mão esquerda — a do escudo — para denotar que as repúblicas bem governadas teem mais necessidade de se defenderem, para conservarem a paz, que de ofenderem para acenderem a guerra.

O título de patrício, de que usou Carlos Magno, exprimia a ideia de protector da Igreja, dos pobres e dos oprimidos, não lhes dando, contudo, nenhuma autoridade sôbre Roma; as atribuïções de patrício encontram-se na forma porque êste título era conferido. O Papa, revestido o candidato com o manto, metia-lhe o anel no dedo e dizia-lhe: «Concedemos-te esta honra para que faças justiça às igrejas de Deus e prestes contas ao Juiz Supremo» (1).

Entre os Francos e outros bárbaros, a dignidade eclesiástica conferia-se com a entrega do báculo e do anel (2); e os antigos reis de França investiam os bispos e arcebispos entregando-lhes a cruz e o anel.

Otão II enfeudou o território de Bóbio ao abade dêste mosteiro metendo-lhe no dedo um anel de oiro (2).

O anel é ainda hoje o distintivo de algumas dignidades eclesiásticas, e como que o penhor da aliança que estas contraem com a Igreja, e simboliza muitas vezes o poder espiritual, a autoridade apostólica, e o poder temporal, ou o Estado.

Os breves pontifícios são selados com o «anel do Pescador», assim chamado por se crer que S. Pedro — que exerceu aquela profissão e de quem o Papa é sucessor — foi o primeiro a usá-lo.

---

(1) César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de Manuel Bernardes Branco, V, 185.

(2) Idem, *ibidem*, IV, 379.

*

A espada significava outrora — como hoje representa — o símbolo da fôrça, do poder, da autoridade e da justiça. O paganismo representava a Justiça de olhos vendados, tendo numa das mãos uma balança, e na outra uma espada — símbolo da sua supremacia e da sua fôrça.

Entre os Francos, alguns reis eram investidos com a espada [1], a qual é ainda actualmente o emblema do poder militar, do mister das armas. O oficial preso, prisioneiro ou destituído do seu pôsto, faz entrega da sua espada como sinal da quebra ou da cessação da fôrça e da autoridade que aquela simboliza.

Como insignia da autoridade do juiz, falou da espada S. Paulo, na Epístola aos Romanos, XIII, 4: *non enim sine causa gladium portat.*

Foi como símbolo do poder real, ou temporal, que o arcebispo que reconheceu Balduino (1100) como rei de Jerusalém, lhe entregou: a espada para defender a justiça, a fé e a Santa Igreja; o anel, que significa lealdade, fidelidade [2]; a coroa, correspondente à dignidade real; o cetro, para punir e proteger; o globo, significando as terras do reino [3].

Idênticamente se procedeu na cerimónia da coroação do imperador Henrique IV, da Alemanha, que César Cantu [4] descreve assim: «prostrou-se o rei diante do altar, bem como os bispos durante todo o tempo que se cantaram as ladainhas; depois ungiram-lhe os ombros com o santo óleo. Tendo-lhe então os bispos dado a espada, o metropolitano lhe apresentou o anel, a coroa, o cetro e o bastão, e o fêz assentar sôbre o trono, entregando-lhe a esfera de oiro e explicando-lhe os deveres de um rei; por fim deu-lhe a paz. Foi então o arcebispo buscar a rainha, a quem acompanhou ao altar,

---

(1) Idem, *ibidem*, IV, 379.

(2) É também êste o simbolismo dos anéis nupciais — emblema da fé mútua, e penhor da íntima união dos corações.

(3) César Cantu, *Hist.* cit., VI, 110.

(4) *Hist.* cit., VI, 19, nota 3, fundado em Muratori, *Anecdot.*, II, 328, e em Martene, *De Aut. Ecc. rit.*, tômo II, liv. 2.

onde fêz oração; sagrou-a depois, derramou-lhe óleo sôbre os ombros, deu-lhe o anel e cingiu-lhe a coroa».

Segundo Rebelo da Silva ([1]), quando em tempos remotos da nossa história se celebrava a cerimónia da coroação dos reis, o arcebispo cingia ao monarca a espada, e dizia: «Eis a espada dos teus reinos, que recebes de minhas mãos indignas para com ela os regeres com valor e fidelidade». Vestindo-lhe daí as armas e o pálio e metendo lhe o anel no dedo, acrescentava: «Recebe o anel da tua dignidade, e sirva-te de sinal de fé».

Pelo regimento de guerra de D. Afonso V, o almirante quando assumia êste cargo velava as armas na igreja, como tinham por costume os cavaleiros, e no dia imediato ia com grande comitiva ao paço, onde o rei lhe entregava as insígnias de general do mar, que eram um anel, uma espada curta e um estandarte com as armas reais, fazendo nesse acto o novo almirante preito e homenagem à coroa ([2]).

Esta cerimónia faz lembrar um pouco a dos esponsais do doge de Veneza com o mar e que antigamente e a partir do ano de 1177 se celebrava anualmente naquela cidade, em quinta-feira da Ascensão. A cerimónia realizava-se faustosamente, a bordo de uma pomposa embarcação — o *Bucentauro* — que era uma galera de duas pontes ornada de esculturas e alegorias ricamente doiradas, e preparada para a festa com sumptuosas tapeçarias e com os cabos guarnecidos de flores. Por ocasião da primeira festa, o Papa Alexandre III entregou ao doge de Veneza um anel de oiro, e disse: «Recebei-o de mim como sinal do império do mar. Vós e os vossos sucessores esposai-o todos os anos, a-fim-de que a posteridade saiba que o mar vos pertence pelo direito da vitória, sendo submisso à nossa república como a espôsa é ao espôso».

De então em diante, todos os anos naquele dia o doge se dirigia com grande pompa a bordo do *Bucentauro* e lançava ao mar um anel, proferindo ao mesmo tempo estas palavras: «Mar, nós te esposamos em sinal de verdadeira e perpétua soberania» ([3]).

([1]) *Coroação dos reis de Portugal*, in *Panorama*, vol. XII (4.º da 3.ª série, pág. 299).

([2]) *Panorama*, vol. I, 1.ª séria, pág. 7.

([3]) Vide M. N. Bouillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Geographie*, s. v. «Bucentaure».

•

No preâmbulo do *Espelho de Suábia*, colecção de costumes tentónicos, lê-se: «Deus, que dizem ser o príncipe da paz, deixou ao subir ao Céu duas espadas sôbre a Terra, para defesa da Cristandade, e deu-as a S. Pedro, uma para o julgamento secular, e outra para o julgamento eclesiástico. O Papa concede ao imperador a primeira; a outra é conferida ao próprio Papa, sôbre um cavalo branco, a-fim-de julgar como deve, e o imperador deve segurar o estribo, a-fim-de que a sela se não desarranje» (1).

CLXIII

Avicena (2) e Galeno (3) trazem a minha casa o alheio [ou o bem alheio]

Isto é: *dos erros dos médicos resultam a morte de umas pessoas e o benefício de outras, que lhes sucedem nos bens ou nos cargos.*

Veem dos tempos mais remotos as sátiras aos médicos e à medicina, se bem que de muito longe datam igualmente as manifestações em seu louvor, como se vê, por exemplo, do *Eclesiástico*, XXXVIII, 1, 2, 3 e 4 (4).

---

(1) César Cantu, *Hist.* cit., VI, 13.

(2) Célebre médico árabe, cognominado *o príncipe dos médicos*. Foi um dos homens mais notáveis do Oriente, pela vastidão dos seus conhecimentos e actividade do seu espírito (Viveu de 980 a 1036).

(3) Notável médico grego, nascido no ano de 131 e falecido pelo ano de 200. Há quem o considere o primeiro médico da antiguidade, depois de Hipócrates.

(4) 1. Honora medicum propter necessitatem: etenim illum creavit Altissimus. — 2. A Deo est enim omnis medela, & à rege accipiet donationem. — 3. Disciplina medici exaltabit caput illius, & in conspectu magnatorum collaudabitur. — 4. Altissimus creavit de terra medicamenta, & vir prudens non abhorrebit illa.

Platão e Galeno chamam à medicina «arte de conjecturar» (1). Petrarca, liv. 5, epist. 4, diz que dos médicos nada há a esperar, mas sim muito a temer. E acrescenta: «Tenho entre êles vários amigos, cheios de probidade e de saber. Nada ignoram, excepto a arte de curar a humanidade» (2).

Plínio, liv. 21, cap. 31, considera muitas vezes mais perigosos os médicos que as próprias doenças (3).

São inúmeras as sátiras aos médicos e à medicina, em entremeses e outras peças teatrais, epigramas, anedotas, etc.

É de Bocage o conhecido epigrama:

Aqui jaz um homem rico
nesta rica sepultura;
morreria da moléstia
se não morresse da cura.

Também Molière escreveu algures: *um médico é um homem que se senta à cabeceira de um doente, até que o salve a natureza ou o mate a medicina.*

Cf. também o adag.: *os erros dos médicos, a terra os cobre.*

Em Hernan Nuñez, «Refranes»: *a) Avicena y Hippocrates, me dieron esto y me daran mas; b) Abenruiz y Galieno, traen a mi casa el bien ageno.*

CLXIV

Andou nas Covas de Salamanca

É bruxo, é nigromante, tem pacto com o diabo

Esta loc. vem registada no *Dic. Lusitânico-Latino*, de Frei Pedro de Poyares (Lisboa, 1677), e baseia-se na crença, citada

(1) Vide M. Gilbert-Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion*, Paris, 1741, VI, 1.

(2) De medicis non modò nihil sperandum, sed valdé & metuendum... bonos & nostri amantissimos multos novi, & facundos, multarum artium doctos, sed solius indociles medicinae. (Apud obr. e vol. cit. na nota 1 desta página, pág. 5).

(3) Medicina majores mali periculum afferat. (Apud obr. e vol. cit. na nota 1 desta página, pág. 5).

por Bluteau, no *Vocabulário*, de que «antigamente, perto de Salamanca, na cova que chamam de S. Gebrião, se ensinava arte mágica e encantos nigromânticos».

Garrett, no seu romance *Arco de Sant'Ana*, cap. II, alude a essa crença: quando Gertrudes diz a Aninhas que Vasco há-de ir estudar para Salamanca, Aninhas responde, indignada: — «As covas de Salamanca! Apelo eu, filha! bruxo queres o moço!»

Na antiga revista madrilena *La Ilustración Española y Americana*, vol. XXVI, n.º 10, p. 171, vem um artigo datado de Salamanca, 1882 e intitulado *La cueva de Salamanca*, cujo autor, Manuel Vilar y Macias, procura demonstrar o êrro daquela crença.

Êsse estudo, que é um tanto desenvolvido, diz em resumo:

Já o mago Fiton fala nestes têrmos da cidade do Tormes:

...Salamanca, que se muestra
Felice en todas ciencias, do solia
Enseñarse tambien nigromancia.

A que deveu tão estranha fama a localidade onde sempre se ensinou sã e católica doutrina?

Segundo se deduz do exposto pelo sábio Pedro Ciruelo (séc. XVI), essa injusta reputação deveu-se à fatalidade da constelação sob a qual se encontra a Espanha, pois aquele sábio, no seu livro *Reprobacion de las supersticiones y hechicerias*, depois de atribuir a Zoroastro e aos magos da Pérsia a origem da nigromância, assegura que em tempos passados esta «se exerceu em Espanha, que é da mesma constelação que a Pérsia, principalmente em Toledo e Salamanca». E eis aqui como também por aquele escritor foi celebrada Salamanca pela sua ciência nigromântica.

O P.e Martin del Rio afirma, nas suas *Disquisiciones mágicas*, ter visto em Salamanca a cripta onde pùblicamente se ensinava a nigromância. D. Francisco de Torre-blanca, no seu livro *De Magia*, diz que tal arte se ensinava secretamente, e que «el demonio no ejercia alli sus misteriosos oráculos». O conde de Guimeran, citado por D. Adolfo de Castro nos seus *Filósofos Españoles*, assevera que os nigromantes faziam as suas práticas de noite, em subterrâneos.

Tudo isto foi considerado como fábula pelo cardeal Aguirre; e o P.e Feijóo, procurando averiguar a verdade

acêrca da famosa «Cova de Salamanca», reduziu o Diabo a humilde sacristão, e a magia a travessuras de estudantes, como tempo antes dissera também Diego Perez de Mesa, nas suas notas ás *Grandezas de España*, de Pedro de Medina.

A poesia dramática encarregou-se de popularizar o assunto num entremez de Cervantes, numa comédia de Ruiz de Alarcon e em outra de Rojas Zorrilla, e, mais modernamente, no drama mágico *La Redoma Encantada*, de Hartzenbusch ([1]).

Conta a tradição que na sacristia subterrânea da igreja de S. Cipriano, ou S. Cebriano, o sacristão, a quem Torreblanca chama Clemente Potosí, e outros fazem bacharel, ensinava astrologia judiciária, geomância, hidromância, piromância, quiromância e necromância, a vários discípulos, em turnos de sete; o discípulo a quem tocava a sorte, pagava por todos ao mestre, e, quando não o fazia, ficava prêso na cova — ao que alude, no seu *Triunfo Raimundino*, Juan Ramon de Trasmiera, quando diz:



Estudio nigromantesco
de la Cueva Cipriana,
do es opinion castellana
de siete quedar un preso.

Como ao Marquês de Villena, D. Henrique de Aragão, então em idade juvenil, coubesse uma vez esta má sorte, ao ser encerrado na cova ocultou-se numa tina vazia que lá estava (facto que originou, talvez, a célebre *redoma*); quando o mestre foi procurá-lo e não o achou, atribuiu a fuga a artifício diabólico, saindo precipitadamente e quási sôbre êle D. Henrique, que, segundo dizia o povo, apenas deixara ao bacharel a sua sombra, adquirindo desde então fama de grande nigromante.

([1]) Em 1806 representou-se no teatro de Salitre, de Lisboa, uma peça intitulada *Covas de Salamanca* (V. *O Ocidente*, vol. II, pág. 138).

No catálogo da livraria de João Pereira da Silva (Lisboa, 1884), pág. 279, vem anunciada, ao preço de 400 réis, a «*Historia das covas de Salamanca, do cavalheiro Francisco Botelho de Morais e Vasconcelos, tradução de Joaquim Manuel d'Araujo Correia Morais*. Coimbra, 1838, 8.º».

A igreja de S. Cipriano foi destruída em 1580, por estar arruinada. A sua sacristia nada tinha de cripta profunda, e era subterrânea apenas porque ficava em plano inferior ao da igreja.

Acompanham o artigo diversas gravuras, entre as quais uma representando a porta da cova de S. Cipriano, onde esteve preso o Marquês de Villena.

CLXV

Axa foi ao banho ‖ e teve que contar um ano

Axa, ou *Aixa* usou-se para chamar ou designar uma mulher indeterminadamente, como hoje dizemos *fulana*. Aparece em anexins do século XVII (1), e o dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «Axa», cita êste nome como ainda então «empregado na linguagem usual, como sinal de quem chama». Cf. também os dic. de Eduardo Faria e Lacerda.

Segundo o *Dic. Enciclop. Hispano-Americano*, s. v. «Aixa» — *Axa* ou *Aixa* era filha de um califa, e seu nome foi freqüente entre as mulheres do Islam, principalmente em Espanha, onde, quando se ignorava o nome de um moiro, se contava com a probabilidade de acertar chamando-lhe Maomé, assim como *Axa* era o nome mais vulgarmente usado entre as mulheres. Tal é — diz aquele dic. — o sentido dos rifões mudéjares, os quais diziam para encarecerem a dificuldade de uma investigação: *Buscar Maomé em Granada*; e para recomendarem limpeza e asseio às mulheres mouriscas: *Axa, a encinzada, nem viúva, nem casada.*

O *Dic. Português-Francês*, de Roquete (1905) insere *Axa* ou *Aixa* = «une telle» (2).

---

(1) Cf. o adágio *Axa não tem que comer e convida hóspedes*, e o espanhol correspondente *Aja no tiene qué comer y convida huéspedes.*

(2) [Em Delicado a segunda parte do adágio não traz *um*; mas na *Comedia Ulysippo*, acto 1.°, scena 8.ª (na ed. de 1787, p. 93), lê-se: *Foy Maria ao banho ‖ teve que contar todo hum anno*, onde a *Maria* se dá acepção indefinida: Cf. *Antroponimia port.*, p. 338. — J. L. DE V.].

CLXVI

Asno dessovado [ou **burra velha**] **de longe aventa as pêgas**

Roland (ed. de Lisboa, 1841, s. v. «asno», «aventar» e «pêga») regista *asno desovado*, forma evidentemente errada e destituída de sentido, ao passo que *asno dessovado* é compreensível e vem na *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

O dic. de Cândido de Figueiredo define *dessovado*: «que não tem apanhado sova, que está folgado» (falando-se de animais).

Para a interpretação do adágio satisfazem melhor as definições dos dic. de Eduardo Faria e Lacerda: «que deixou de levar sova, pancada; folgado».

Ambos estes dicionários documentam a definição com o adágio *asno dessovado*, etc.

Dessovado figura, pois, no sentido de «experimentado, prático, escarmentado à fôrça de castigos, de trabalhos, de privações».

Aventar as pêgas significa: «pressentir o mal, prever inconvenientes, prevenir conseqüências» (dic. de Eduardo Faria e Lacerda, e *Dic. Português-Francês*, de Roquete, s. v. «pêga»).

Portanto, o adágio *asno dessovado de longe aventa as pêgas*, exprime que a experiência da vida, os cuidados, os castigos, os trabalhos, as necessidades, nos ensinam a prevenir e evitar os males.

A forma *burra velha* concorda com esta interpretação, figurando *velha* no sentido de «manhosa, experimentada».

Em Hernan Nuñez, *Refranes: El asno matado, de lexos avienta las picaças.*

CLXVII

Arrancar [ou **cortar**] **as orelhas** *(a alguém)*

«Olha que te arranco (ou «corto») as orelhas!» —*diz-se como ameaça a alguém de lh'as puxar fortemente; ou para significar que merecia lh'o fizessem:* «Mas para que foste tu lá de abelhudo, sobrinho?... Fôra bem feito que te *tivessem cortado uma orelha*». (Arnaldo Gama. *Segrêdo do Abade*).

É uma alusão à pena de desorelhamento, que já existia no tempo dos godos e se aplicava entre nós na idade média. A *Ord. Afons.* cominava-a a cada passo. No L. I, tít. 51, que trata do *Regimento da Guerra*, encontra-se o desorelhamento aplicado em quatro parágrafos – três vezes o da orelha direita (§§ 47, 62 e 63) e uma só o da orelha esquerda no § 44, no qual se diz: «Item. Por nenhua contenda de alojamentos, nem de nenhua outra qualquer cousa nom faça nenhua volta, nem arroido na hoste, nem ajuuntamento de gente; e esto tambem dos principaaes como dos meores, sob pena de perder seos cavallos, e armas, e o corpo da nossa mercee; e se for page ou outro moço *perderá a orelha esquerda* e ante que se em ella faça eixecuçom poderá mostrar seo agravo ao Conde-estabre ou ao Marichal, e seer-lhe ha feito comprimento de direito».

No L. V, tít. 60, § 11, mandava-se desorelhar o que fôsse encontrado a furtar bôlsa.

Em um assento das côrtes de Lisboa convocadas por D. Manuel em 1499, determinou-se que todo o peão encontrado a cortar ou desatar bôlsa, fôsse açoitado e desorelhado.

Alguns forais cominam o castigo de *orelhas rasgadas* ou *pendidas*; e no foral de Santa Cruz de Vilariça estabelecia-se que se *cortassem as orelhas* ao ladrão, como nos estabelecimentos de S. Luís (1).

Os que roubavam os templos ou casas sagradas eram também desorelhados, e, algumas vezes, castrados.

Segundo a ciência daqueles tempos, havia grande afinidade entre o castigo do desorelhamento e o da castração, pois era então coisa certa e corrente que o desorelhado se tornava impotente, por lhe ser cortada certa veia que passa pela orelha, operação que se tornava inábil para a geração. A opinião, porém, mais geral, é que o castigo do desorelhamento tinha principalmente por fim tornar o criminoso conhecido por tôda a parte.

Parece que entre os Romanos êste castigo era aplicado à gente vil e desprezível. Juvenal, na sátira VIII, conta que êles, para se vingarem das injúrias do imperador Galba, se foram às estátuas que o representavam e lhes cortaram as orelhas e o nariz. Calistenes foi metido numa jaula de ferro, por ordem de Alexandre, com o nariz e as orelhas cortados.

---

(1) V. Teófilo Braga. *Povo Português*, I, 264.

Na idade-média vários concílios proïbiram formalmente que se mutilassem os culpados. Em certos casos em que era proïbido matar um criminoso, desorelhavam-no, ou causavam-lhe outras mutilações.

Sabe-se por Heródoto, que Cambises mandou desorelhar todos os magos do seu império.

S. Luís Rei de França mandou que o que roubasse pela primeira vez fôsse desorelhado, pela segunda vez se lhe cortasse um pé, e pela terceira vez o enforcassem.

Dojac, ministro de Luís XI, de França, foi desorelhado no tempo de Carlos VIII.

CLXVIII

Àvacha a ti, àvacha a ti, || não fica nada para mim

Vem na colecção da Roland (Lisboa, 1841) sob a rubrica «avacha ou avache».

Apreciando o livro *Tausend portugiesische Sprichwörter*, de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, diz o dr. Leite de Vasconcelos, na *Rev. Lus.*, IX, 182: «É bela a interpretação que a pág. 16 n.º 4 a Sr.ª D. Carolina Michaëlis dá de *avache* no provérbio *avache a ti, avache a ti, não ficará nada para mi* (n.º 984), onde explica *avache* por *ave-che*, isto é, *ave*, imperativo de *haver*, e o pronome dativo *che* (ainda hoje usado em galego); só entendo que não temos direito de mudar *avache* em *ave-che*, pois que *avache*, embora devamos acentuar *ávache*, é a forma clássica, o que se pode vêr no *Dic. da Ling. Port.*, da Academia, s. v. «avache». Variante de *avache* é *avacha*. Todavia a interpretação proposta pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis, já não é nova, pois no *Dic. da Ling. Port.*, de Morais, se lê: «*ávacha, ávache*, ou antes, *ave-che*, palavra composta do imperativo *have*, etc.»; quanto ao *che*, se no artigo em que trata de *ávacha*, Morais o explica inexactamente, no artigo em que trata de *che* tradu-lo bem, pois diz: «ávache, toma-te» (1). O pronome *che* encontra-se

(1) Do dic. de Eduardo Faria: «*Avacha* ou *avache*» (ant.) voz de que usaram os nossos maiores na significação de *toma lá*, ou *recebe*».

Também o dic. do Fr. Domingos Vieira diz que a *avacha*

em muitas expressões estereotipadas da língua arcaica (século XVI) exemplos: «ao som de bem *che* farei»; «dou-*che*-lo vivo», «pagam-se de bem*che*quero», «a bem *che* farei» (1); «mais vale um ávache, que dous te darei». Outros exemplos da língua arcaica são: «agora *che* sayrá a alma da carne» (século XIV); «amigo en *ch'o* direy» (século XVI); «eu *ch'as* darey» (século XIV).

. . . .

O uso de *che* foi geral, sem dúvida, na língua portuguesa dos primeiros tempos, que o tinha em comum com o galego. Depois, porém, esse uso, que continuou na Galiza até hoje (a-par de *te*), restringiu-se cá, e, nuns casos, ficou, por assim dizer, fossilizado em várias frases, como as que mencionei, e noutras ficou circunscrito «aos falares da raia do Minho (2), não talvez sem nele haver influência galaica».

CLXIX

A venda perde renda

É ditado muito usado pelo povo de Leiria e arredores, e que significa: *se um indivíduo deu uma propriedade de arrendamento e a vende a outro que não seja o rendeiro, perde êste o direito ao arrendamento, e o novo proprietário pode entrar na posse do prédio imediatamente à aquisição.*

Também tenho ouvido interpretar no sentido de: *quem vende uma propriedade que se acha arrendada, perde o direito às rendas futuras, as quais ficam a pertencer ao comprador.*

Qualquer das interpretações tem certo fundamento no direito antigo, porque: quanto à primeira, na *Ord. Filip.*, liv. 4.°, tít. 9, pr. determinavam que o comprador de uma pro-

---

é a «voz de quem diz a outro que receba o que lhe dá; também se emprega como interjeição admirativa, num sentido moderado de *toma que te dou eu!*»

(1) Na *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, act. I, sc. 2.ª: «Os Señores seruẽse dos criados a bem*che* farei, & numa lho fazem».

(2) Anotação de Leite de Vasconcelos: «Assim em S. Gregório (Melgaço) os velhos dizem ainda *che* «te», por exemplo *dei-che*. Observei lá, eu próprio, êste facto».

priedade arrendada por menos de dez anos fôsse dispensado de manter o arrendamento feito pelo anterior proprietário, salvo se a obrigação de o conservar tivesse ficado exarada no documento da transmissão, ou se no contracto do arrendamento o senhorio houvesse obrigado ao rendeiro a propriedade ao cumprimento do contracto. Semelhante disposição existia já na Ord. Af., tit. 43.

Quanto à segunda interpretação, transcrevo o seguinte trecho do notável jurisconsulto José Homem Correia Teles (a pág. 33, nota *e*) do seu *Manual do Tabelião* (Lisboa, 1819): «Dizem que vendido hum predio arrendado, cuja pensão se vence depois da compra, que esta pertence ao comprador. E que vendida huma casa arrrendada, a renda não se rateia entre o comprador e o vendedor. O melhor he convencionar sobre isto».

CLXX

Artes da madre Celestina

Locução usada pelos escritores portugueses do século XVI, e ainda hoje freqüente na tradição oral dos povos dos Açôres, originada pela grande impressão que causou nos últimos anos do século XV o aparecimento da *Celestina*, drama de Rojas [1], em que se desenha com a mais completa perfeição

---

[1] Trata-se da *Celestina*, cujo título *Tragicomédia de Calisto e Melibéa*, pôsto pelo seu autor, e cuja forma dialogada, a fizeram classificar de obra dramática. Querem outros, porém, que ela seja apenas uma novela dialogada, não só pela sua extensão, como também porque não foi destinada à cena.

Da *Celestina* — que tem vinte e um actos — publicaram-se trinta edições no século XV, de 1490 em diante.

Um jovem apaixonado, uma rapariga ignorante, um criado intrigante e corrompido, uma alcoviteira, raparigas fáceis e seus galantes equívocos, eis o mundo a que nos transporta Rojas. A principal personagem, Celestina, a alcoviteira, é pintada com uma verdade e uma profundeza surpreendentes; faz cair tôda a gente nas suas rêdes, sempre resmungando entre dentes uma multidão de máximas filosóficas mais ou menos

o tipo de uma alcoviteira. Os nossos autos de quinhentos estão cheios de alusões às *artes da madre Celestina*, o que prova a influência do teatro espanhol sôbre o português (1).

Na antiga linguagem portuguesa, *celestina* passou a significar «feiticeira, mulher fina, de maus costumes, dada a mais artes». (V. dic. de Eduardo Faria, s. v. «Celestina», onde se diz que aquele significado vem das comédias espanholas chamadas *Celestinas*).

É naquela acepção que o têrmo aparece nos seguintes trechos:

a) «Que me dizeis a Solina?
Como se faz *Celestina*,
Que por não lhe haver inveja
Também para si deseja
O que o desejo lh'ensina».

(*Camões*, *Filodemo*, act. 7, sc. 7).

b) «Não nego que pode ser que fosse ella menos coçaira per ser moça, e não sabe inda que tem lebre nem entende as leis de seu fadairo; porém he matinada da *celestina* da mãy que sempre anda rangendo com rabugem (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Ulyssipo*, act. II, sc. 1).

A expressão *pós da madre Celestina* vem registada no dic. português-francês de Roquete (1905) como equivalente a *pós de perlimpimpim*, palavras usadas pelos prestidigitadores de feira, os quais atribuem a estes pós virtudes mara-

---

morais, que se tornaram provérbios, tanto relêvo e nitidez tem o estilo de Rojas. Os criados, as raparigas, não são lançados num molde menos real e menos vivo; a frescura de sentimentos, a flor da paixão de Calisto e Melibéa, conduzidos pelo amor a êste mundo estranho, sobressaem melhor sôbre êste fundo de corrupção geral.

Esta obra, que Cervantes classificou de divina, foi traduzida em francês, inglês, alemão, holandês, italiano e latim.

(1) *Dic. de Vieira*, ed. de 1871-74.

vilhosas. Os espanhóis teem também a locução *polvos de la madre Celestina*.

Das *Artes da madre Celestina* fala Cruz e Silva, no *Hissope*:

«Eu, sendo moça, instituida
Fui nas *artes da Madre Celestina*
Pela velha Canidia............»

CLXXI

A um tiro de chumbo

Ou.: *a)* **A um tiro de bala**; *b)* **A um tiro de espingarda**

A pequena distância; à distância que um tiro de chumbo ou de bala pode atingir

A determinação aproximada de pequenas distâncias pelo alcance de um projéctil, é muito vulgar, e tão antiga que já se encontra no *Evang. de S. Lucas*, XXII, 41, onde se lê: «E Jesus se arrancou dêles (dos discípulos) obra de *um tiro de pedra*: e pôsto de joelhos, orava».

De um passo da *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes, depreende-se que o convento de Santa Clara distava *um tiro de besta* da cêrca da cidade de Lisboa.

Damião de Gois refere-se ao *tiro de bombarda*, na *Crónica D. Manuel*, part. III, cap. XVII: «...& foi surgir entre muitas naos, & jungos de diuersas naçoens, junto de huma ilha que está *a tiro de bombarda* da cidade ...» (1).

Em Fernão Mendes, *Conquista de Pegu*, cap. 4.º: «Não foi possivel a Salvador Ribeiro impedir aquela fábrica, não mais apartada da sua que *um tiro de mosquete*...» (2).

Do mesmo Fernão Mendes: «...e destas povoações, obra de um *tiro de falcão*, estão os aposentos do chaem, que é o

(1) Apud dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «determinado».

(2) Apud Borges de Figueiredo, *Logares Selectos*, 13.ª ed. (Coimbra, 1873), pág. 256.

superior de toda esta prisão... Das principais, duas povoações destas atravessam duas ruas, de mais de *tiro de falcão* cada uma...» (1).

Também se usou como medida de pequena distância o *arratel folfurinho*, como se vê de uma transcrição que na *Rev. Lus.*, XI, 65 faz A. Tomás Pires de uma provisão régia do século XVI, constante do liv. 3.° das *Próprias* da Câmara de Elvas, fs. 57, e na qual se determina que qualquer pessoa que na cidade de Elvas queira fazer forno de cozer pão o possa fazer «posto que não aja tanta distancia de huu forno a outro como huu homẽ poode atirar cõ huu *arratel folfurinho*».

Embora não referida a projecteis, não me parece descabido arquivar aqui a alusão a «amarras», empregada na linguagem dos marinheiros para o cálcũlo aproximado de pequenas distâncias. Num conto intitulado *Guardas-marinhas* do oficial da Armada Almeida d'Eça, e publicado no vol. *Brinde aos Senhores assinantes do Diário de Notícias em 1884*, lê-se a pág. 10: «Por estibordo da corveta aproada ao vento, estende-se à *distância de cinco ou seis amarras* a comprida lingua de areia conhecida pelo nome de ilha de Loanda...»

CLXXII

Cair na corriola

Ser enganado com ardil ou artifício: deixar-se seduzir pela falsa aparência de uma coisa; ser envolvido em um embaraço, dificuldade ou trica disposta para êsse fim: «E que *cahisse* eu *na corriolla* de namorar a uma Ninfa dos arcos do Rocio...» (A. J. da Silva, «o Judeu», *Anfitrião*, part. II, sc. VII).

Tenho ouvido à gente do povo dizer *cair na arriola.*

Corriola é um jôgo que consiste em enrolar uma fita dobrada, metendo ponteiros entre as voltas (ganha o que o introduz de modo que fique prêso quando a fita se desenrola).

---

(1) Idem, *Ibidem*, pág. 167.

Madureira Feijó, na sua *Ortografia* (Lisboa, 1824) define *corriola*: «Hum jogo de um páosinho com hum laço, em que se diz, quando está dentro ou fora. E como os ciganos com isto enganão, cahir em *Corriola* he deixar-se enganar».

De Nicolau Tolentino:

Já lá deve ter dado conta estreita
quem inventou a triste *corriola*
que a cega mocidade a perder deita (1).

Os alvarás de 24 de Outubro de 1647 e 5 de Fevereiro de 1649 puniam com a pena de açoites os ciganos com residência permitida no reino, se fôssem encontrados jogando a corriola.

CLXXIII

¡Adivinha quem te deu!

Loc. com a qual indicamos não ser possível saber-se quem praticou certo acto: «Que gente, se não jogais com ela a cabra-cega, não valeis um figo, tudo querem que seja *adivinha quem te deu*». (Jorge Ferreira Vasconcelos. *Ulyssipo*, act. V, sc. 7).

Segundo os dic. de Eduardo Faria e Fr. Domingos Vieira, esta loc. é tirada do nosso jôgo infantil da *cabra-cega*. Também o *Dic. Enciclop. Hispano-Americano*, inserindo a forma castelhana *adivina quién te dió, que la mano te cortó*, alude a um jôgo semelhante, que consiste em uma criança bater noutra que está com os olhos vendados, até que esta diga quem lhe deu.

Da existência do jôgo infantil *adivinha quem te deu* nos costumes espanhóis, fala Rodrigo Caro no *Dial.*, V, § 6.º dos *Dias geniales*. Na Itália o jôgo é conhecido pelo nome de *Santuccia*, descrito por Gianandrea (2).

---

(1) *Obras*, ed. de Castro & Irmão, pág. 251 (Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, I, 357).

(2) V. Teóf. Braga, *Povo Português*, I, 330.

Não sei se a loc. é ou não mais moderna que o jôgo. Se é mais antiga poder-se-á talvez filiá-la naquele passo bíblico que pode ter sido a fonte do jôgo e segundo o qual quando Jesus foi prêso lhe vendaram os olhos, o esbofotearam e lhe preguntaram: *¿adivinha quem é que te deu? (¿Prophetiza, qui est, qui te percussit?)* (1).

Ainda que o jôgo seja mais antigo que a loc., esta pode muito bem ter tido origem naquele trecho bíblico.

CLXXIV

Anão dos assobios

a) Homem ridículo e de diminuta estatura; b) Homem baixo e grosso (2): «... ruivo, pés grandes, *anão dos assobios*, e tabaqueiro. ¡Deus me defenda de tal género!» (Camilo, *Estrêlas Funestas*).

O *anão dos assobios* — que deu origem à loc. — foi um dos antigos tipos populares de Lisboa.

Era um homem grosso, baixíssimo, um caçapo. Usava sobrecasaca de briche e chapéu redondo. Em 1830 já tinha para mais de quarenta anos. Metia os dedos na boca e tirava uns assobios agudíssimos. Morreu no Hospital de S. José, e o seu esqueleto está guardado no museu de anatomia patológica da Escola Médica (3).

O célebre polemista literário P.e José Agostinho de Macedo — seu contemporâneo — publicou um opúsculo com o

(1) V. *S. Mateus*, XXVI, 67, 68; *S. Marcos*, XIV, 65; e *S. Lucas*, XXII, 64.

(2) O homem baixo e gordo é apelidado por vários nomes, como: *barrigana*, *baloque*, *bazulaque*, *botija*, *caçapo*, *pandorga*, *pipa*, *pipote*, *pitorra*, *pitorrinho*, *pote*, *pote da graixa* (Cadaval) e *quartola* (Cadaval).

A um homem muito baixo também se chama *migalha de gente* e, irònicamente, *mil-homens*. *Pilrete* também se lhe refere, mas não é têrmo do povo.

(3) V. Pinto de Campos *(Tinop) Lisboa de outros tempos*, pág. 315 (Lisboa, 1898).

titulo *Segunda gaitada do anão dos assobios*, e outro com o de *Sinfonia de Cochicho, com corno inglês obrigado, ou o anão dos assobios ao padre Medroes teimoso* (Lisboa, 1822).

CLXXV

Galinha gorda a maltês... || ou choca, ou morta de mês

Var.: *a)* **Galinha gorda a João Fernandes... choca vai ela**; *b)* **Galinha gorda a pastor... choca vai ela** (Alentejo) (1); *c)* **Galinha gorda a soldado... choca está ela**; *d)* **Galinha gorda a soldado || ou choca, ou levada do diabo...** [ou: **ou choca, ou não tem rabo**]; *e)* **Galinha a pedreiro... || ou morta, ou choca no poleiro** (2).

Estes adágios podem aproximar-se do espanhol: *Eso es bocado caro para estudiante;* e do brasileiro: *Laranja madura na estrada, ou é podre, ou tem maribondo;* e sua variante: *Laranja madura na beira do caminho, ou é azeda, ou tem maribondo.*

*

Por *João Fernandes* (v. variante *a)* designava-se noutros tempos um individuo sem valor, sem importância, um insignificante, um Janeanes (3), um pobre diabo, um João-Ninguém. Ou *César*, ou *João Fernandes* dizia-se para significar que, não se podendo ser o primeiro e mais excelente, é preferivel ficar na obscuridade a ocupar os segundos lugares; antes nulo que mediocre; ou tudo ou nada.

O padre António Vieira alude ao sentido zombeteiro do apelido *Fernandes*, quando, diz nos *Sermões*, tom. VIII, 330: «Para ser tão valeroso como Alexandre não é necessario ser

(1) D — *A Tradição*, I, 191.

(2) Ouvido a uma mulher de Moimenta da Beira.

(3) De *Janeanes*, ou *Janianes*, diz o dic. de Morais que é «homem de baixa sorte, sem nobreza», definição que vem acompanhada dêste exemplo: «Pague-se ao genealogista e Janianes se converte em D. Tedom, e Maria Sanches em D. Ximena».

filho de Filipe de Macedonia. O testamento ou morgado de Marte não exclue a rudeza dos nomes nem a vulgaridade dos apelidos. Basta ser Gonçalo [1] e ser *Fernandes* para ser grande capitão... Quantos do arado subiram ao triunfo, e do triunfo tornaram outra vez laureados ao arado?»

Entre nós, o povo junta o nome *João* a certas palavras injuriosas ou irrisórias, como nas seguintes expressões, algumas das quais há muito desusadas: *João-da-boa-alma* (homem extremamente bom, paciente, inofensivo); *João-da-Caganeta* (um homem qualquer, um homem sem valor); *João da-cruz* (o dinheiro, por alusão aos antigos «pintos» e suas sub-divisões, que tinham gravada uma cruz, pelo que o povo lhe chamava «dinheiro de cruzes») [2]; *João-das-bêstas* (um pateta, um insignificante); *João de-espera-em-Deus* (o judeu errante); *João-dos emprastos (emplastos)*, (indivíduo que não tem vigor de espírito nem fôrça de carácter; pessoa desageitada e inútil); *João-mijão* (homem desengraçado, desairoso, muito feio); *João-ninguém* (homem inútil, insignificante, sem valimento; homem de estatura demasiadamente baixa); *João-panão*, ou *João-paneirão* (pacóvio, homem sem acção, sem energia); *João-pestana*, *João-das-pestanas* ou *João-peneira* (o sono); *João-redondo* (cf. neste artigo—*Andar Maria-de-bons-pés*, nota 3). Há ainda o adág.: *João, ou tolo ou bufão.*

Luis de Camões tomou *Joanne* por sinónimo de «zote, pateta», nas voltas em que glosou o mote:

Coifa de beirame
Namorou Joanne.

O parvo namorou-se do toucado, não da mulher; por isso ela lhe diz:

A todos encanta
Tua parvoice;
Da tua doudice

---

(1) Êste nome anda também satirizado no conceito popular. Cif. o adág.: *Em casa de Gonçalo, mais pode a galinha que o galo.*

(2) Cif. a loc., ainda hoje usada: *Nunca lhe vi as cruzes ao dinheiro.*

Gonçalo s'espanta,
E zombando canta:
Coifa de beirame
Namorou Joanne.

E no fim da trova:

Sabes de que vem
Amores de beirame?
Vem de ser Joanne.

Na farça do *Velho da horta*, de Gil Vicente, o velho tem um criado *parvo*, e diz-lhe:

Vae-te tu, filho *Joanne*,
E dize que logo vou.

Na *Prática de oito figuras*, do Chiado, diz o fidalgo Gomes da Rocha:

Não vades mais por deante.
Quereis que vos desengane?
A presumpção não vos damne;
Porém vós sois *ignorante*,
e podem-vos chamar *Joanne.*

Os Espanhóis teem as locuções: *Juan de las viñas* (que também se encontra no *Parnaso Lusitano*, II, 209); *Juan de los tiempos; Juan de espina; Buen Juan* ou *Juan de buen alma* (homem ingénuo e fácil de enganar); *Juan de Garona* (piolho); *Juan Diaz* (cadeado, fechadura); *Juan Dorado* (a libra, que o Português chama «santo amarelo», ou qualquer moeda de oiro); *Juan Lanas* (homem apoucado, que se presta a tudo quanto se quere fazer dêle; maricas); *Juan Palomo* (homem que não se vale de ninguém, nem serve para nada); *Juan platero* (moeda de prata); *Juan Devanas* (arag.) maricas; *Juan de Coca.*

Também os Franceses ridicularizam o nome *João*, nas seguintes expressões: *Jean l'enfumé* (nome vulgar do presunto, nos campos); *Jean du houx* (nome pelo qual os camponeses designam um pau, uma cacheira); *Jean farine* (palhaço de teatro de feira, que apresenta o rosto enfarinhado); *Jean lapin* (nome que Lafontaine deu ao coelho); *Jean fait*

tout (que corresponde ao *Faz-tudo* português); *Jean raisin* (vinhateiro); *Jean qui ne peut* (impotente); *Jean des vignes* (estúpido, imbecil, mal orientado); *Mariage de Jean des vignes* (matrimónio falso, fingido; concubinagem) (1); *Jean de Lagny qui n'a point hâte* (homem inactivo, indolente); *Ris-t-en, Jean, ont te fril des œufs* (dizia-se de um motejador acerbo); *Faire le Jean lorgne* (fazer-se parvo, fazer-se inocente); *Jean Ridoux, marguillier de Saint-Cloud* (antiga expressão popular significativa de desprêzo); *Jean le Blanc* (nome que os protestantes davam, por irrisão, à hóstia eucarística); *Saint-Jean bouche d'or* (homem que fala muito bem, ou que faz grandes promessas); *C'est du bon temps de Jean le Vert*, ou *Je m'en soucie comme le Jean de Vert* (é dos tempos antigos, não me dá cuidado); *C'est comme le bréviaire de messire Jean, cela va sans dire* (é uma coisa inteiramente natural, que não precisa explicação); *Jean de Paris*, na loc. *c'est un train* (ou *un équipage*) *de Jean de Paris*, para designar uma vida faustosa, de luxo; *C'est un Jean*, diz-se de um homem sem energia, pacóvio; de um marido enganado pela mulher (chamava-se *double Jean* aquele cuja mulher fazia grande escândalo); *Quand Jean bête est mort, il a laissé bien des héritiers*, isto é, ainda há muitos tolos no mundo.

Os Ingleses teem as expressões: *a) Jack of all trades* (pau para tôda a obra); *b) Fresh water Jack* (marinheiro de água doce); *c) Jack-a dandy* ou *Jack-a lent* (peralvilho); *Jack-ass* (estúpido); *d) Jack-ketch* (carrasco); *e) Jack-pudding* (bobo); *f) Jack-sauce* (velhaco); *g) Jack-slave* (escravo, vil); *h) Jack-sprat* (estouvado); *i) Jack-tar* (marinheiro velho). O *John Bull* corresponde ao nosso *Zè-povinho.*

*

A intenção depreciativa também às vezes atinge os *Josés*, sob a designação de *Zés*, como, por exemplo, nas expressões: *Zè-cuecas, Zè-da-véstia, Zè-das-pinguinhas, Zè-dos-anzóis, Zè-nabo, Zè-paz-d'alma* e *Zè-quitólis.*

---

(1) O dic. de Larousse fala assim desta loc.: «On dit que *Jean des vignes* était une corruption de *gens des vignes*, et l'on a vu dans la locution une allusion aux unions passagères que contractent les vendangeurs des deux sexes».

Na nossa expressão *Zè-povinho*, há também uma alusão à ignorância e à ingenuïdade do povo português.

CLXXVI

Andar Maria-de-bons-pés

(Ant.) *Andar velozmente, ter boas pernas:* «Vou eu *Maria de bons pés* fuy muyto correndo» (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Eufrosina*, act. I, sc. 1.ª).

A maior parte das figuras que a fantasia popular inventou, ou aceitou da tradição histórica, modificando-as, e dos tipos que criou — diz Leite de Vasconcelos in *Rev. Lus.*, I, pág. 35, nota 1 — teem na Península, quando masculinos, o nome de *João*, e quando femininos o de *Maria*.

Quanto ao primeiro caso, cf. neste artigo o adágio *galinha gorda a maltês, ou choca ou morta de mês.*

Quanto ao segundo, eis alguns exemplos: *a) Maria-das-pernas-compridas*, a chuva, porque as pernas chegam das nuvens à terra (1) (Gondifelos, concelho de Famalicão, Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 123); *b) Maria-môlha*, a chuva. Em Gondifelos (loc. cit. na alínea antecedente), quando chove, ou está para isso, diz-se:

Ai! que aí vem *Maria-môlha*
c'um saco de fôlha;

---

(1) Segundo Leite de Vasconcelos, *Ensaios Etnográficos*, III, 230 «com esta poética imagem popular são comparáveis as expressões francesas *jambes du soleil* e *jambes de Gargantua*, que significam «ces rayons de soleil qui semblent courir sur la terre quand la lumière se dégage par instants du sein des nuages» (H. Gaidoz, *Ét. de Myth. Gauloise*, I, 28). Também se diz em França *jambes de la pluie* «les bandes grisâtres que la pluie forme en tombant». Produzida a concepção dos raios da chuva como pernas de pessoa gigantesca, o povo personificou-a, chamando-lhe *Maria*».

c) Maria-quaresma, o objecto que, metido num cortiço, se toma pelo corpo da velha, na popular e tradicional *serração da velha*, que ainda hoje se realiza em diversos pontos do nosso país na noite de quinta-feira da terceira semana de quaresma; *d) Maria-da-manta*: em Carrazeda de Anciães intimidam-se as crianças com êste nome, a propósito do qual se dizem os versos:

A *Maria-da-manta*
tem os boches na garganta;
tem lume nos olhos
e lenha nos cornos;
tem leite nas teteliôilas,
corre montes e vales
e pés de altares
e mata meninos aos pares.

(Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 367 *c*); *e) Maria-da-grade* (Sangalhos), mulher fantástica que, segundo a superstição popular, habita nos rios, lagos e poços, atrai as crianças que se lhe aproximam e afoga-as. Talvez reminiscências das ninfas pagãs (dic. de Cândido de Figueiredo); *f) Maria-da-Fonte*, virago, mulher varonil, mulher de faca na liga; *g) Maria-da-Borba*, preguiçosa (Alentejo); *h) Maria-doida*, rapariga leviana; *i) Maria-castanha* (cf. a loc. *ser o tempo da* —); *j) Maria-mangona*, mulher preguiçosa, indolente; *k) Maria-Sanches* (1), uma mulher qualquer, sem nome, sem importância, de baixa condição; *l) Maria-das-Flores* (2).

O nome de *Maria* aparece também em vários adágios,

---

(1) O dic. de Morais (s. v. *Janeanes*), definindo *Jeaneanes* ou *Janianes* como «homem de baixa sorte, sem nobreza», dá êste exemplo: «Pague-se ao genealogista e Janianes se converte em D.ª Tedom, e *Maria-Sanches* em D. Ximena».

(2) Segundo o dic. de Morais, *Maria-das-Flores* e João Redondo eram os nomes que se davam «aos bonecos que os cegos mostravam e faziam bailar». *Maria-das-Flores*, era, pois, uma mulher sem acção própria, que fàcilmente se deixava governar e dominar pela opinião dos outros — ou, como hoje se diz: um *autómato*, um *fantoche*, um *manequim*.

como: *Governa, Maria, em casa vasia; Maria, faze por ser boa, que a tua fama logo soa; Qual Maria, tal filha cria; Maria vai com as outras*, etc.

Antigamente dizia-se *Axa* ou *Aixa* para designar uma mulher indeterminada, como hoje se diz *Maria*. (Cf. neste artigo *Axa foi ao banho e teve que contar um ano*).

O dic. de Bescherelle insere *Marie Graillon* com a significação de *femme laide et malpropre*, e acrescenta que na linguagem popular *Marie se dit d'une femme sans ordre et peu soigneuse de sa personne.*

CLXXVII

Corpo de Deus, de Lisboa; Santo Espírito, de Alenquer; Ladaínhas, de Coimbra; Trindade, de Évora; Ressurreição, de Beja; Ramos, de Alhos Vedros.

Êste adágio revela o brilhantismo com que outrora se celebravam entre nós as festividades do culto católico nêle referidas.

A procissão do Corpo de Deus foi durante séculos uma festa nacional e, em remotas eras, a primeira das solenidades de Lisboa. Nos princípios do século XIX era ainda uma festa espaventosa, anunciada uma semana antes nas ruas da capital por tamborileiros e charameleiros, costume que até à sua extinção conservaram os cinco pretos que com tambores e cornetas acompanhavam depois no préstito a imagem de S. José.

As ruas do percurso da procissão estavam cobertas de areia e espadanas, e guarnecidas de tropas; flutuavam bandeiras e pendiam dos parapeitos das janelas valiosas colgaduras de damasco e de veludo, que também ornavam as paredes dos prédios.

Pouco a pouco a procissão foi decaindo de esplendor, até que em 1884, e seguidamente a certo motim que desorganizou o préstito, começou a limitar o seu trajecto às proximidades da Sé. Com o advento da república, a procissão de *Corpus Christi* — como tôdas as outras — deixou de se efectuar em Lisboa.

No II vol. do *Monge de Cister* descreve Alexandre Herculano uma procissão do Corpo de Deus realizada em Lisboa

no ano de 1384. Rebêlo da Silva, na *Casa dos Fantasmas*, vol. II, cap. I, faz uma descrição referida aos princípios do século XIX; e Teófilo Braga, no *Povo Português*, II, 292 e seguintes, dá algumas informações a respeito da solenidade em Lisboa e em algumas localidades da província.

Quanto à origem da procissão podem ver-se os n.os 7.331 e 7.332 do jornal *O Século*, de 30 e 31 de Maio de 1902, onde se dão interessantes indicações.

*

Tiveram esplendor e fama as festas do Espírito Santo em Alenquer, das quais Rocha Guimarães faz, no *Sumário de vária história*, uma descrição, que Teófilo Braga transcreve no *Povo Português*, II, 289.

Lê-se na *História de Beneficência Pública em Portugal* (1), de Vitor Ribeiro, que a confraria do Espírito Santo de Alenquer — que foi fundada por Santa Isabel e se tornou célebre — «mantinha seu hospital, e dava bodo, desmanchando as rezes sôbre uma mesa de mármore que fôra doada por Damião de Góis, assim como os bancos onde se colocavam os pães para receberem a bênção». Esta confraria — acrescenta Vitor Ribeiro — teve em 1577 cêrca de mil e cincoenta e dois confrades, muitos dêles ilustres.

*

Quanto às restantes festividades referidas no adágio, basta que êste as enumere para se concluir que foram retumbantes; e de tempos muito afastados vem a sua nomeada, visto que o adágio aparece já incluído na colecção de Delicado publicada no ano de 1651.

(1) V. *O Instituto*, de Coimbra, vol. 53.° (1906), pág. 5.

XLXXVIII

As leis estão postas (1): ‖ quem não tem dinheiro paga com as costas

Êste adág. refere-se à prisão por dívidas, consignada nas nossas leis antigas e que se aplicava aos devedores particulares e aos do Estado.

Gama Barros (2) diz que o primeiro diploma em que vê regular a prisão por dívidas é um regimento da Casa Real, de 11 de Abril de 1258, e refere-se também a uma lei de 1282, de D. Dinís, na qual se preceituou o modo como devia correr a execução contra o devedor que era prêso por falta de bens suficientes para pagamento do crédor.

A prisão por dividas foi mantida nas *Ord. Afons.*, liv. IV, tít. LXVII, e nas *Ord. Filip.*, liv. IV, tít. LXXVI, não restritamente para os devedores fraudulentos, pois se aplicava também aos que não procedessem com dolo.

O direito consuetudinário de Castelo-Bom e dos concelhos congéneres, reflectindo ainda as tradições, não só reconhece legítimo o facto de o crédor trazer o devedor prêso com ferros nas mãos ou aos pés, e guardado por gente sua, como até considera necessário o facto para fundamentar o direito de preferência no embôlso da dívida (3).

(1) A expressão *pôr*, com o significado de «impor, prescrever, estatuir» era vulgar na nossa antiga legislação. Assim, nas *Ord. Afons.*, liv. V, tít. I, § 4.º, lê-se: «... dizendo, o creendo, e affirmando cousas, que som contra o Nosso Senhor Deos, e a Santa Madre Igreja, nom temendo as grandes penas eternaaes, e temporaaes que pollos Direitos Commũs, e nossas leix som *postas*...». E no mesmo livro, tít. V, § 3.º: «... usarom, e usam de fazer muitas desvairadas moedas falsas, nom curando das penas que lhes em Direito Comuũ e nossas leix som *postas* ...». Nas *Ord. Filip.*, liv. V, tít. 80, § 6.º, também se lê: «... além das penas que por esta Ordenação são *postas* ...».

(2) *His. da Admt. Pública em Portugal* nos séc. XII a XV, tômo III, págs. 319-325.

(3) Gama Barros, loc. cit. na nota 2.

Pela *Ordenação da Fazenda*, cap. 159, era prêso o devedor à *Fazenda de El-Rei* que dentro de dez dias depois de citado não pagasse, ou não embargasse dando penhores de ouro ou prata que valessem a dívida.

Esta disposição foi revogada pelo § 19 da lei de 20 de Junho e pelo assento de 18 de Agosto de 1774 [1], mas só quanto às dívidas civeis, ficando de pé quanto às dívidas fiscais e às dolosas [2].

Em Portugal ainda uma lei relativamente moderna, do antigo ministro da fazenda Ressano Garcia, restaurou a bárbara disposição da prisão por dívidas à Fazenda Pública [3].

O adág. pode também aplicar-se à prisão por dívidas de custas à justiça, ainda prescrita no artigo 615.° da Novíssima Reforma Judiciária, de 21 de Maio de 1841, abolida pelo § único do artigo 28.° do decreto de 15 de Setembro de 1892, e restaurada pelo artigo 13.° da Carta de Lei de 4 de Maio de 1896.

A Constituïção da República (21 de Agosto de 1911) aboliu no artigo 3.°, n.° 19 a prisão por custas e selos, mas o artigo 156.° do Código de Processo Penal (decreto n.° 15.396, de 10 de Abril de 1928), extinguindo as custas e selos nos processos crimes, criou em sua substituïção um imposto denominado «de Justiça», a converter em prisão quando o condenado o não pague dentro de dez dias (artigo 639.°). Aquele diploma foi alterado pelo decreto n.° 16.489, de 15 de Fevereiro de 1929, mas as referidas disposições foram mantidas, igualmente nos artigos 156.° e 639.°.

Conforme disse a pág. 113 do meu *Ensaio de Bibliografia Crítica do Notariado Português* (Lisboa, 1924) a «obrigação de pessoa e bens», outrora consignada nos contractos notariais, derivava do direito de os crédores fazerem prender os devedores remissos ou insolventes.

---

(1) Estes diplomas veem citados por Francisco Coelho de Sousa e S. Paio nas suas *Prelecções de Direito Pátrio Particular*, Coimbra, 1794, pág. 166.

(2) Vid. António Joaquim de Gouveia Pinto, *Tratado regular e prático dos testamentos e sucessões*, Lisboa, 1813, pág. 66, nota 3.

(3) Vid. *O Mundo Legal e Judiciário*, 15.° ano (1901), pág. 234.

*

Pelo direito das Doze Táboas, o devedor, e não a propriedade, respondia pela dívida. Se esta não era paga na época aprazada, o crédor podia fazer escravo o devedor, ou vendê-lo. Aparecendo diversos crédores a reclamar a pessoa do devedor, era permitido àqueles fazê-lo em pedaços e dividi-los entre si, ou vendê-lo em proveito comum ([1]).

Esta severa lei, que originou muitas prisões em Roma, nunca se executou em todo o seu rigor, e foi abrogada no ano de 429 por outra na qual se estabeleceu que o crédor só podia exercer os seus direitos sôbre os bens do devedor ([2]).

Nos primeiros tempos da Grécia, aquele que não pagava o que devia era riscado da lista dos cidadãos e vendido em hasta pública, a não ser que o crédor preferisse aceitá-lo como escravo até à extinção integral da dívida.

Alude também à prisão por dívidas o adág.: — *quem não pode pagar com a sua bôlsa, deve pagar com a sua pessoa.*

Loures, Abril de 1934.

JOSÉ MARIA ADRIÃO.

([1]) Vid. M. Gilbert Charles le Gendre, *Traité Historique et Critique de l'Opinion*, Paris, 1741, tômo III, pág. 493; e Bynkershoek, *Observat*, liv. I, cap. I, citado por Pereira e Sousa, *Classes dos Crimes* (Lisboa, 1816, pág. 337).

([2]) *Traité Historique*, etc., cit. na nota anterior.

OS NOMES DE BAPTISMO

SUA ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO

(Continuação do vol. XXXI, págs. 5-79)



B

Balduino, nome germânico cuja significação é *amigo* (cf. *Arduino*), *valente*, *corajoso*; outra forma do mesmo é *Baldovino* (¹), mas a que apresenta cunho popular é *Baldoinho* ou *Balduinho*; em um documento do século XIII encontra-se *Baldoi*, que é possível esteja por *Baldoĩ* ou *Baldoim*, sendo assim outro representante popular do mesmo nome; da existência do feminino *Balduina* informa-nos o *Ementário Luso-Brasileiro*. Forma idêntica a *Balduino* e com esta representada no Calendário é *Ninebaldo*, que diverge daquela apenas na colocação inversa dos seus componentes.

Balsamina, nome grego de uma planta, que, como outros, passou também a dar-se a mulheres; nesta qualidade, quererá dizer *a que espalha* ou *tem cheiro de bálsamo*, isto é, *odorífera*, *cheirosa*; creio-o de uso muito raro.

Baltasar, nome caldaico que está por *Belchazzar* e quer dizer *proteja Bel* (o deus tutelar de Babilónia) *o rei* (²); pròvàvelmente por ter sido o de um dos três reis magos, caiu no agrado do povo, que já o usava no século VIII, segundo se depreende do patronímico *Baltasariz*, que figura em um documento que se diz datado de 773 (³).

(¹) Como outros nomes de importação francesa (v. g. *Carlos*, *Reinaldos*, etc.), tem -*s* a forma *Baldovinos* ou *Naldovinos* e *Naldevinos* do romance assim chamado.

(²) Outras interpretações: *príncipe brilhante* (Tetzner), *conselho de guerra* (*Unsere Taufnamen*) *príncipe de Bel* (Saraiva).

(³) O *Ementário* regista com a nota de antiga a forma *Balthesar*; na pronúncia popular cai o *l*, isto é, *batesar*; a troca do segundo -*a*- em -*e*- deve ser devida à dissimilação ou enfraquecimento.

Baptista ou **Bàtista**, nome de procedência grega, comum aos dois sexos [1], que quer dizer: *o, a que faz mergulhar* ou *baptiza*: a sua forma arcaica é *Bautista*; embora se use mais geralmente como apelido, aparece também como nome de baptismo.

Barão, nome comum do latim medieval que então trazia em si a ideia de «*homem, vassalo*, isto é, o *vir* do Rei» (Kleinpaul, *Deutsches Fremdworterbuch* s. v. *baron*); como próprio figura já em documentos do século X.

Baraquias (Barachias), nome de homem de procedência hebraica, que se interpreta por *aquele que Jehovah abençoou*; consta da Biblia. Tem o aspecto de um seu derivado *Baraquisio (Barachisio)*, que figura no Calendário.

Bárbaro, adjectivo biforme a que ainda damos quási a mesma significação que os Gregos e com êles os Romanos, que assim chamavam a todo o indivíduo *estranho* à sua nacionalidade, ao qual tinham por *de civilização inferior* à sua; embora, segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, se usem os dois géneros, o feminino é o mais vulgar e o único representado no Calendário; do masculino vem, por dissimilação consonântica e troca regular do *-b-* em *-v-*, *Bravo* [2], e ainda dêle derivam *Barbarino* e *Barbariano*, nomes estes que o mesmo repositório enumera entre os de pessoas, e ao penúltimo dos quais dá feminino regular.

Barbato ou **Barbado**, adjectivo que quer dizer: *o que tem barba*, e passou certamente de alcunha o nome próprio, figurando até no Calendário. Outra forma do mesmo, segundo o *Ementário*, é *Barbas*, nome êste que, como apelido, aparece num escrito do século XV. Variante da primeira forma é *Barbatius*, que faz parte da antroponimia romana; daqui certamente o *Barbaciano* do Calendário.

---

(1) No *Ementário* assim se encontra e recordo-me de ter lido algures *a tia Baptista*; o repositório acabado de citar, entre os nomes de mulheres, menciona também o respectivo deminutivo, *Baptistina*.

(2) M. Pidal em *Origenes del español* faz vir êste nome, que, suponho, só existe como apelido, antes do adj. latino *pravus*.

Barjona, nome de homem de origem hebraica que quer dizer: *filho* (bar-) *de Jona* (cf. *Jonas*); assim chamou Cristo ao seu discípulo Pedro, tendo de-certo em vista a aua simplicidade; hoje, que eu saiba, usa-se apenas como apelido, assim o conhecido político Barjona de Freitas.

Barnabé ([1]), nome hebraico que representa o caso genitivo do latim, mas com a acentuação grega, e, traduzido em português, quer dizer *filho* (bar-) *da consolação (nabas)* ([2]); conquanto tenha sido o de um dos apóstolos de Cristo, não me consta que os nossos antigos dêle tivessem feito uso; é seu representante no grau deminutivo *Barnabita*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* diz aplicar-se igualmente aos dois sexos.

Bartolomeu, nome hebraico, que quer dizer «filho que suspende as águas», e foi o de um dos discípulos de Cristo; ao povo ouve-se também *Bertolomeu* ([3]). Viterbo no seu *Elucidário* dá-lhe por feminino *Bertolesa*, isto é, em que ao masculino se suprimiu a sílaba final e a *Bertolo* se ajuntou a mesma desinência *-esa*, que entra, por exemplo, em *Andresa*.

Baruch ou **Baruc**, nome da mesma procedência que o precedente, que, quanto ao sentido, é sinónimo do latino *Benedito*; embora conste da Bíblia, creio ser o seu uso muito raro.

Basileu ([4]), nome grego, que significa *rei*, cujo feminino é *Basilissa* e deminutivo *Basilisco*; do mesmo derivam

---

([1]) Também *Bernabé*, provàvelmente por dissimilação vocálica. Em latim tem a forma *Barnabas* e declina-se pelos temas em *e*.

([2]) Diz Croiset: «Chamava-se José e só depois da Ascensão do Senhor é que os apóstolos lhe deram êste nome... por causa do dom particular que recebera de Deus para consolar os aflitos, possuindo um talento eminente para adoçar as mágoas e para tranqüilizar as almas». *Ano Cristão*, tradução do Padre M. Soares, vol. VI, pág. 170. Também se interpreta por *filho da exortação*; o *Dic. lat.-port.* de Saraiva traduz por *filho do profeta*.

([3]) Ambas as formas são já do século XIII, cf. *Revista Lusitana*, VIII.

([4]) Transcrição latina de βασιλεύς.

Basílio (¹), *Basilino*, *Basílico* (²), que formam o feminino regularmente, devendo notar-se todavia que, além de *Basília*, há *Basila*, e ainda *Basilides* e *Basiliano*, usados só no masculino, nomes estes que, com excepção de *Basilino* e *Basílico*, nos dois géneros, figuram no Calendário; nos nossos antigos documentos apenas se encontra o feminino do primeiro, que, afora a citada, tem nêles estas formas: *Bassilisa*, *Basselissa*, *Basalisa* (³), *Baselesa* e *Basilessa*.

Basso, adjectivo latino, que se traduz por *gordo*, porventura no mesmo sentido que hoje dizemos *baixo e atarracado*, falando de indivíduo de pouca altura e muitas carnes, provàvelmente usado a princípio como alcunha, passou a nome próprio já entre os Romanos e nos dois géneros; no Calendário figuram êles também e ainda *Bassiano*, que deve ser um seu derivado.

Batilde (Bathilde), nome de mulher, de procedência germânica, que quer dizer: «a combatente *(-hilde)* em combate» *(bad-)*; outra forma do mesmo, segundo o *Ementário*, é *Bathildes*. Deminutivo do mesmo é *Batildina*, e porventura divergentes do mesmo serão *Bathila* e *Bathilia*. Em alemão há *Balthild*, isto é, o «audaz combatente», que bem poderia ter-se confundido com *Bathilde* e produzido assim a variedade das formas citadas; no entanto todos estes nomes devem ser de introdução moderna e de uso raro.

Beato, adjectivo que em latim significava *feliz* e passou à classe de nome próprio, tanto no masculino como no feminino que é regular, figurando no Calendário ambos os géneros.

Beatriz, nome de mulher, que suponho representante do latim *beatrix* (⁴), que quer dizer *a que faz feliz*, mas importado

---

(¹) Idem de βασίλειος ou βασίλιος = régio.

(²) Estes dois nomes teem o aspecto de deminutivos de *Basílio*.

(³) É popular ainda esta forma.

(⁴) Os dicionários latinos não mencionam êste vocábulo, sinal de que se não encontra nos textos chegados até nós, mas a favor da sua existência falam outros formados do mesmo modo, por exemplo, *ornatrix*, *servatrix*, *amatrix*, etc.

de outra língua, talvez a italiana, como me faz suspeitar a persistência do grupo *-tr-* contràriamente ao génio do português, tal importação, porém, realizou-se cedo, pois assim aparece escrito nos documentos da época o nome da segunda mulher de Afonso III; daqui, por metátese do *r*, passou a dizer-se também *Breatiz* ou *Briatiz*, formas correntes nos séculos XV, XVI e XVII, e ainda *Breitiz* (1), donde, talvez pelo seu emprêgo proclítico, o actual *Brites*.

Bebiano, nome romano, segundo parece, já de si derivado de *Baebius*, ou seja aquele por que era conhecida certa família (gentilício) e cuja significação é desconhecida (2); no género feminino acha-se representado no Calendário (3).

Belchior, nome hebraico, cuja verdadeira forma é *Melchior*; no seu sentido deve ser idêntico a *Basileu* (4): cf. *Melchi-sedech* ou *rei da justiça*; assim se chamou um dos três reis magos.

Belmiro (5) ou **Belmir**, pois de ambos os modos se lê em documentos antigos, é nome de proveniência germânica, que quer dizer: *ilustre, afamado (-miro* de *mer-) urso*; a sua forma primitiva parece ter tido na sílaba inicial o *r* da

---

(1) Recolhi esta forma no *Obituário da Casa Professa de S. Roque*, publicado pelo sr. Vítor Ribeiro Silveira; dá ainda *Brietiz* e *Britiz*: cf. *Biblos*, III, 445.

(2) É possível que de uma palavra infantil redobrada, isto é, *baba* (donde o grego βαβάζω) representada em várias línguas (cf. inglês *baby*, ital. *balbo*, etc.) se tenha originado *Baebius*. Há em grego βαῖα, que significa *ama*; na bôca das crianças, tal palavra poderia também ter dado * *baibia* e daqui * *Baibios*.

(3) A forma que aqui tem, e o *Ementário* transcreve, é *Bibiana*, devida certamente a assimilação vocálica. Os dicionários latinos registam uma *baebiana villa* na Etruria. De *Bebiano* é possível que venha *Babiano* e respectivo feminino, a que o citado *Ementário* apõe a nota de antigo.

(4) *Rei da luz*, segundo a interpretação do autor desconhecido do livrinho alemão *Unsere Taufnamen und ihre Bedentung*.

(5) «Nome mui usado na poesia clássica dos séculos XVIII-XIX», diz Leite de Vasconcelos na sua *Antroponímia*, pág. 459.

raiz, que depois passaria ao actual *l* por dissimilação; hoje também está em uso o feminino *Belmira*.

Belo (Bello), adjectivo que em latim tinha o mesmo sentido que hoje lhe damos; dado a princípio por alcunha, como tantos outros, passou depois a próprio nos dois géneros; deve ser seu deminutivo *Belino (Bellino)*, que tem igualmente feminino regular, figurando, porém, só o masculino no Calendário. O *Ementário* regista como tomado da literatura *Belalma*, que evidentemente é um composto de *bela* e *alma*. Note-se que *Bela* pode também ser um hipocorístico de *Arabela* ou *Isabel*: cf. estes nomes.

Beltram ou **Beltrão**, forma resultante, por dissimilação, de *Bertram* (1), que proveio por próclise de *Bertramnus* ou *Bertrannus* (2) (assimilação), como se lê em documento do século XII, nome germânico que quer dizer literalmente *brilhante corvo*, ou em sentido figurado *o que é dotado de perspicácia e ligeireza* (3); corresponde-lhe no feminino *Beltrana*.

Beltrando, nome germânico que, segundo os elementos que o compõem, quer dizer *brilhante (berahl) orla do escudo* ou seja o *combatente*, o *cortante*; é possível contudo que o segundo elemento seja o mesmo que entra em *Beltram* (veja-se êste nome) e portanto que os dois nomes sejam idênticos. Como neste e por igual processo, o *-r-* da silaba inicial trocou-se em *-l-*, mas em documento do século XIII, citado no *Elucidário* de Viterbo, ainda êle aparece. Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* fala-se de uma mulher, italiana de nação, segundo parece, que se chamava *Beltranda*.

Bemvindo, nome composto de dois elementos latinos *bene* e **venitu-*, que em rigor é uma expressão com que manifestamos contentamento pela chegada de alguém; outra forma do mesmo, mas de procedência italiana, é *Beneve-*

---

(1) Também se escreve *Bertran* e *Beltran*.

(2) Daqui *beltrano*, que hoje se emprega exclusivamente com o valor de pronome indefinido, quando se fala de indivíduo indeterminado.

(3) É sabido o papel importante que o corvo representa na mitologia grega e na germânica.

nuto (1); um e outro teem feminino segular, figurando no Calendario em ambos os géneros.

Benedito, nome latino, cuja tradução em português é *abençoado*. A-par desta forma literária, usa-se também e com mais freqüência a popular *Bento*, que coexistiu com *Beeito* ou *Bieito*, depois *Beito* (2); há ainda *Benito*, mas de proveniência castelhana; a tôdas estas formas a língua dá feminino e delas se serve desde os tempos mais antigos, evidentemente com exclusão antes da última; no Calendário figuram as duas primeiras. Derivado do mesmo nome é *Beneditina* (3), citado pelo *Ementário Luso-Brasileiro*.

Benévolo, adjectivo latino que, à semelhança de outros, passou talvez de alcunha a nome próprio; o seu sentido originário deve ser de: *bemquerente*, *amigo*; tem feminino regular.

Benigno, nome romano, cuja significação é a mesma do adjectivo na lingua comum; outra forma do mesmo é *Benino*; usa-se nos dois géneros, porém só o masculino figura no Calendário.

---

(1) O *Ementário Luso-Brasileiro* regista ainda *Bencenuto* e *Benevuto*, forma esta que poderá explicar-se por dissimilação consonântica, não menciona, porém, o feminino *Benevenuta*. No *Martyrológio* ocorre apenas *Benvenuto*.

(2) Subsiste esta forma em *Beites*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* considera com razão um patronímico; mais vulgar que ela creio ser *Bentes*, que o é de *Bento* e representa evolução de *Benedictiz* de antigos documentos; forma divergente das citadas e, a meu ver, patronímica como elas, é ainda *Bencites*, que o mesmo repositório menciona, mas a persistência do *-n-* denuncia a sua origem espanhola, provindo de *Beneito*, divergente de *Benito*. Quanto a *Beneides*, que lá se dá como seu equivalente, se realmente existe, a sua origem deve, na minha opinião, estar noutro nome. Note-se que, a-par de *Beites*, há os apelidos *Neeites* e *Neeitas*, aquele sobretudo mais próximo da antiga pronúncia, da qual diverge apenas na troca vulgar do *-b-* por *v-*.

(3) Em Lisboa sei da existência de uma *vila Bentim*, nome êste que supõe um * *Bentino* ou deminutivo de *Bento*, na sua origem *Benedictinus*.

Benilde, veja-se **Brunilde**.

Benjamim, nome hebraico que em português quer dizer *filho da mão direita*, isto é, da felicidade [1]; ocorre no Calendário e figura já com o respectivo patronímico *Benjamiz* em diplomas do século XI.

Beno, nome germânico que significa *ursozinho* (*benno*, divergente de *berno*: cf. *Bernardo*, etc.), sendo, portanto, um hipocorístico; figura entre os santos do Calendário também sob a forma *Benonio* [2], que é de-certo latinização daquela.

Beraldo, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *o que governa (-aldo* de *wald) como um urso (ber-)*; outras formas do mesmo são *Beroaldo*, que foi apelido de dois escritores, francês um, italiano outro, *Bernoldo* [3] e *Berardo*, sendo esta última a por que é mais conhecido um dos sete Mártires de Marrocos, embora a *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, em harmonia com o original latino, lhe dê a primeira das mencionadas.

Berengário, latinização do nome germânico *Berenguer*, que figura no Calendário e significa *caçador* (*-ger*, pròpriamente *lança* de que se faz uso na montaria) *de ursos (beren-*, hoje *bären)*; são seus femininos, respectivamente, *Berengária*, *Beringueira* ou *Bringueira*, que sob a forma popular *Berengueira* [4] ocorre em textos antigos, e *Berenguela*, acusado pelos mesmos, em que se deu a troca vulgar do *r* da sílaba final por *l* [5]; há

---

(1) O nome que, segundo o *Génesis*, cap. XXXV, 18, sua mãe lhe pôs, ao espirar ao mesmo tempo que o dava à luz, foi *Benoni*, isto é, filho da minha dor; o pai é que, para desviar dêle o mau agoiro de tal nome, lho trocou no com que passou à história.

(2) No *Martyrológio* de 1682 *Bennón*.

(3) Creio ser o mesmo que *Bernuldo*, citado pelo *Ementário*.

(4) Deve ser o mesmo nome *Biringeira*, que, segundo o *Onomástico Medieval*, se acha num documento de 1220, pois não raro se representavam por *g* os dois sons da mesma consoante.

(5) Parece que no masculino se dizia também *Berenguel*, como se deduz da forma *Biringuel*, registada pelo citado repositório.

ainda *Berenger* e *Berengela*, formas, a meu ver, importadas de França (1).

Berenice, veja-se **Verónica**.

Berilo (2), nome greco-latino de uma pedra preciosa, que também serve a designar pessoas; tem feminino regular, isto é, *Berila*, segundo o *Ementário*, porém só o masculino, como o mesmo informa, figura no Calendário.

Bermudo, nome germânico que quer dizer *corajoso (-mudo* de *muot) urso* (cf. *Bernardo*, etc.), isto é, *príncipe;* afora esta e seu patronímico *Bermudes*, as únicas que não ocorrem nos antigos documentos, há nestes as formas *Veremudo* ou *Vermudo* e *Vermuo*, com os respectivos patronímicos *Veremudiz* ou *Vermudiz* e *Vermuiz;* na toponímia encontra-se *Vermoim*, que Leite de Vasconcelos diz (3) provir do deminutivo de *Vermudo*, isto é, *Vermudinus*, no caso genetivo, ou seja *Vermudini*. O *Ementário* cita ainda *Bermundo* ou *Vermundo*, que julgo ser o mesmo nome, com nasalamento resultante do *m* (4).

Bermundo, nome germânico, cuja tradução em português é: *o que protege (-mundo* de *mund) como um urso (ber-);* tem feminino regular; outra forma do mesmo é *Vermundo*.

Bernardo, nome germânico que quer dizer *urso (bern-*, outra variante de *ber* au *bar) forte (ardo* de *hart)* ou *forte como um urso*, e se propagou de-certo por ter sido o de um notável santo da Idade-Média; nos nossos antigos documentos figura êle, quer na forma citada, quer na de *Bernaldo*, em que, como no seu patronímico *Bernaldes*, o segundo *r* trocou regularmente em *l*, e da qual proveio por proclise *Bernal*, que com aqueles se encontra em textos também antigos; igual troca operou-se ainda no deminutivo *Bernaldim*, que coexistiu com *Bernardim*,

---

(1) Cf. *jardin* e o moderno alemão *garten*.

(2) O *Ementário* acha preferível a *Berillo* a grafia *Byrillo*, mas no grego é Βήρυλλος. O *Martyrológio Romano*, no respectivo índice, menciona um *Berillo*, juiz em Roma, mas, como santo e festejado em 21 de Março, *Birillo*.

(3) Cf. *Antroponímia*, pág. 51.

(4) No *Onomástico* de Cortesão aparece, mas como apelido e datando do século XII, *Veremundo* ou *Vermundo*.

mas hoje a estas duas formas prefere-se *Bernardino*, que figura no Calendário e donde se tirou o feminino *Bernardina* ([1]), como do primeiro se tirara *Berarda*.

Bernualdo nome de homem, de procedência germânica, cuja significação é: *poderoso (-ualdo* de *walt) urso* ([2]) (cf. *Bernardo*, etc.), isto é, *príncipe*; suponho-o moderno na língua e de raro uso.

Bernulfo ([3]), nome de homem, de procedência germânica, que, em virtude dos elementos que o compõem, quer dizer: *urso (bern-) lobo (-ulfo* de *wolf)*, isto é, *príncipe batalhador*. Outra forma do mesmo ([4]) será talvez o antigo *Berulfo*, subsistente ainda no topónimo *Brufe*, que a princípio se disse *Berulfi* (1081) e depois *Beruffi* (1258).

Bertário (Berthario), nome de procedência germânica e significação idêntica a *Berto*, figura no Calendário ([5]).

Bertilde (Berthilde) ([6]), nome de mulher, de procedência germânica, cuja significação é: *ilustre* (cf. *Berto*) *combatente* (cf. *Clotilde*, de que difere apenas no primeiro elemento, aliás de sentido idêntico); o seu uso, entre nós, creio ser raro, embora figure no Calendário.

Bertino, veja-se **Berto**.

Berto (Bertho), nome de proveniência germânica, e importação sem dúvida francesa, que quer dizer: *brilhante* ou *ilustre (beraht* no velho alto alemão: cf. inglês *bright)*, tem feminino regular, isto é, *Berta (Bertha)*, e tanto êste como o masculino ocorrem já nos nossos mais antigos documentos, sendo, no entanto, aquele o mais usado; no

---

([1]) Há igualmente *Bernardette*, tal forma, porém, é francesa.

([2]) Ou *o que vigia como um urso* ou *urso-vigia*, no caso de representar o alemão *Bernwart*.

([3]) O *Ementário* regista *Burnulpho*, que se me afigura o mesmo que *Bernulfo*, sendo a troca do *e* por *u* devida ao *b*, isto é, a assimilação incompleta.

([4]) Meyer-Lübke põe em dúvida que o *ber-* de *Berulfo* seja o *bern-* de *Bernulfo*, pela falta do *n*.

([5]) Assim o diz o *Ementário*, falta, porém, no *Martyrologio*.

([6]) Também *Bertilda* em Leite de Vasconcellos, *Antroponimia*, pág. 90.

Calendário só figura *Bertino*, que tem todo o aspecto de deminutivo e possue igualmente feminino regular. Afiguram-se-me ainda seus deminutivos *Bertholo*, *Berthilo* (1) ou *Berthilio* e respectivos femininos *Berthola* e *Berthila*, o último dos quais informa o *Ementário*, que os regista, ter sido o da primeira abadessa de Chelles (2), que se comemora a 6 de Novembro.

Bertoldo, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *brilhante* (cf. *Berto*, etc.) *governador (-oldo* de *walt)* e se acha representado no Calendário; o seu deminutivo *Bertoldinho* tornou-se muito conhecido na literatura de cordel.

Beltolfo, nome da mesma origem, que em português significa *brilhante, ilustre lobo (-olfo* de *wolf)* ou *combatente*.

Bertram, veja-se **Beltrão.**

Betina (Bettina), hipocorístico de *Isabel*, importado do estrangeiro.

Bianor, como se chama um dos mártires do Cristianismo, é nome tomado do grego e significa *homem* (cf. *Antenor*, etc.) *de fôrça* (βία) ou *forte*; cita-o o *Ementário*, donde depreendo que talvez se use, embora raramente. Existe igualmente o simples *Bias*, por tal é conhecido um dos sete sábios da Grécia e usa-o um escritor brasileiro (Bias Mendes). Há também *Vianor*. Vid. *O Século*, 27-6-32.

Biodoro (3), nome de origem grega, que, em virtude dos seus componentes, quer dizer: *o que dá* (pròpriamente *dom*) *vida* ou *nutritivo*; um dos muitos adjectivos tornados nomes próprios; tem feminino regular.

Blando (4), adjectivo latino, que a língua comum possue sob a forma *brando*, e na origem deve ter sido alcunha, posta ao indivíduo de génio *meigo*, *afável*, *carinhoso*; tem fe-

---

(1) Talvez primitivamente *Bértilo*, segundo Leite de Vasconcellos, *Antrop.*, pág. 90.

(2) *Bathilde*, aliás, segundo Larousse; antes de abraçar a vida monástica, fôra rainha de França e mulher de Clovis II.

(3) O *Ementário* acentua na penúltima, mas em grego é vocábulo dactílico. O mesmo apõe ao feminino *Biodora* a nota de *antigo* e diz, ignoro sob que fundamento, ser hoje *Diodora*.

(4) No *Ementário* ocorre também a forma *Brando*.

minino regular, que figura no Calendário; são seus derivados *Blandino* ou *Brandino* e respectivo feminino, que também consta do Calendário; é nome já antigo, pois encontra-se em documento do século XI.

Blimundo, nome germânico que em português diz: *o alegre (bli- por blid- ou blit-) protector* (cf. *Edmundo*, etc.); tem feminino regular; de introdução moderna.

Blitário (Blithario), nome de homem de proveniência germânica, que quer dizer: *o alegre (blit-)* (1); figura no Calendário; isso não obstante, se se usa, deve ser muito raramente.

Blitilde (Blithilde), nome germânico de mulher que quer dizer; *o alegre (blit- por blid-) combatente*: se se usa, a sua introdução deve ser moderna.

Bogumil (2), é nome anglosaxónio e significa *agradável* ou *caro (mil*; cf. al. e inglês *mild) a Deus (Bog-)* (3); o seu fimenino é *Bogumila*.

Boleslau, nome de homem de procedência eslava, cuja significação *é glória (-slau* de *slawa) de Deus (bole-* alteração de *Bogu*: cf. *Bogomil)*, a sua introdução entre nós não é antiga e veio-nos talvez por intermédio do francês; outras formas, mais conservadoras do primeiro componente, são *Bogeslau* e *Bogislau*.

Bom, adjectivo latino que, tendo talvez orìginàriamente sido usado como apelido, passou depois com o respectivo feminino *Boa*, antes *Bõa* (4), à classe dos nomes próprios, continuando a manter a significação primitiva; do mesmo provéem *Bonoso* (5), seu feminino *Bonosa*, e *Bonito*, for-

---

(1) Assim Tetzner, que apenas traduz o primeiro elemento; o segundo equivale a *senhor*, *heroi* ou *guerreiro*.

(2) Da omissão que deste nome faz o *Ementário*, aliás tão rico e completo, deduzo a sua não existência na nossa lingua: a sua forma, porém, e significado recomendam, a meu vêr, o seu emprêgo, por isso o incluo aqui.

(3) Ou, segundo outros, *Deus se compadeça de ti* e *Deus é misericordioso*.

(4) Também *Bona* no Calendário e *Onomástico Medieval*, no *Martyrologio* só há *Bono* e não *Bom*.

(5) Embora o latim clássico não tenha possuido o adjectivo **bonosus*, aliás excusado, por já existir, *bonus*, pode muito

mas estas tôdas que se acham representadas no Calendário e figuram nos nossos documentos antigos, à excepção das duas últimas; o mesmo entra em composição ainda nestas: *Bomfilho*, *Bomhomem* (1), constantes do Calendário, *Boahora*, *Boaluz* e *Bóanova*, registados no *Ementário*.

Bonifácio, nome latino, que quer dizer *o bem fadado* (2); figura no Calendário com o respectivo feminino *Bonifácia* e na *Crónica dos Frades Menores*, referido a um dos papas assim chamados.

Boto ou **Botho**, nome de homem de origem germânica, que quer dizer: *o que chama ou convoca alguém ou alguma coisa*, e é forma hipocorística de nomes assim começados; figura no Calendário, mas o seu uso, creio, limita-se a apelido.

Branca, nome de proveniência germânica, que é ao mesmo tempo adjectivo; na sua origem devia indicar que a respectiva côr sobressaía no indivíduo a quem era dado; o seu uso entre nós ascende já à Idade Média; no *Ementário Luso-Brasileiro* dá-se como existente também o respectivo masculino, *Branco*, creio, porém, que só na qualidade de apelido. Sôbre a junção do mesmo nome com outro veja-se *Flor*.

---

bem ser que o vulgar o tivesse criado, tanto mais que tal formação era regular (cf. *damnosus*, *ingeniosus*, etc.); o nosso *bondoso*, que lhe corresponde em sentido, foi tirado de *bondade*, já a dentro da língua, tendo por haplologia perdido o *-d-*, como *saudoso*, *caridoso*, *idoso*, etc. No Calendário figura um santo chamado *Bonónio*; êste nome poderá talvez indicar o *natural de Bonónia* ou o actual *Bolonhês*, embora a forma dada pelos dicionários seja *bononiensis*.

(1) Na *Rev. Lus.*, XIII, pág. 11, figura como testemunha um maestre *bõ omẽe*. No *Martyrologio* faz-se menção a 13 de Novembro de *São Homo Bono*.

(2) A verdadeira grafia latina deste nome é *Bonifatius*; só depois do sexto século da era cristã é que se encontra *Bonifacius*, forma resultante da relação que desde então se pretendeu achar entre ela e o verbo *facere* (etimologia popular): cf. Stolz, *Hist. Gram. der lat. Sprache*, pág. 51, e Keller, *Lateinische Volksetymologie*, pág. 26.

Brandâno ou **Brandão**, nome de provável origem germânica (¹), que, significando primitivamente *jôgo* e depois *espada*, se poderá interpretar por *combatente*; nas duas formas citadas figura no Calendário (²), na de *Brandam* ocorre na *Crónica de Guiné* de Azurara, e antes desta *Brandom* em diploma do século XV, porém já então como apelido, tal qual hoje; daqui o feminino *Brandôa*.

Branderico, nome germânico, que quer dizer: *senhor* ou *príncipe (-rico* de *rich) da espada (brand-)* ou, como interpreto, *famoso combatente*; forma mais acomodada ao génio da língua é *Branderigo*, que com o respectivo patronímico *Branderiguiz* figura em antigos diplomas; persiste ainda no topónimo *Brandariz*, que também lá se encontra e como tantos outros provém do genitivo de *Branderico*.

Bras (outra forma é *Blas*), nome representante do cognome romano (³) *Blasius*, que se crê ser transposição do greco-romano *Basílio* (⁴) (veja-se *Basileu*) e ter, portanto, o mesmo sentido que êste, ou seja *rial*; chama-se assim um santo que entre nós goza de muita devoção; o seu feminino é *Brasia* (ou *Blasia*).

Braulio, nome de proveniência e significação incertas; Leite de Vasconcellos di-lo tomado do nominativo, *Braulio, -onis* e haver-se assim chamado um bispo de Saragoça do século VII e escritor (⁵): *Antroponimia*, pág. 72.

Brígida, é considerada forma sueca de *Berchta* ou *Berta* e,

---

(¹) Ou celta, na opinião de Förstemann: cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponimia*, pág. 543.

(²) Assim informa o *Ementário*, no *Martyrologio* só aparece *Brandano*. O mesmo repositório diz — ignoro o motivo — ser preferível a *Brandão* a forma *Brando* ou *Brandonio*.

(³) Assim o classifica Leite de Vasconcellos na sua *Antroponimia*, pág. 56.

(⁴) É esta a opinião do autor do livrinho *Unsere Taufnamen*, etc. A passagem de *Blasius* a *Bras* é idêntica à de *António* a *Antão* e, portanto, julgo poder explicar-se por forma idêntica.

(⁵) Julgo ser o mesmo que a Igreja venera em 26 de Março.

portanto, de igual significação (¹). Divergente do mesmo nome deve ser *Brizida*, que com aquela figura no Calendário, não porém, segundo parece, nos mais antigos monumentos da língua.

Brunilde, como se chamou a Valquíria que o herói Sigefredo despertou do sono profundo que Odin lhe incutira, é nome germânico, ùltimamente pôsto em voga pela música de Wagner, que quer dizer: *a combatente (-ilde* de *hild)* ou *a que combate protegida por uma couraça (brun-* de *brünne)*; dêle deve ter se tirado o masculino *Brunildo*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* dá como existente; outra forma do mesmo é, a meu ver, *Benilde* (²), que figura no Calendário e ainda se usa, embora raramente.

Bruno, nome de origem germânica, que indicava originàriamente a *côr castanha* dos olhos do indivíduo a quem era dado, e foi usado por vários santos do Calendário; no *Ementário Luso-Brasileiro* dá-se como existente o feminino *Bruna* e no *Onomástico Medieval* cita-se *Brunette*, que é evidentemente o seu deminutivo; o seu respectivo

(¹) Há também quem a tenha pelo feminino de *Birgir*, também sueco, Leite de Vasconcellos tem-na por latinização do médio irlandês *Brighid*, irl. ant. *Brigit*, do celt. ant. **briganti* diz andar com ela ligada a ideia de *grande*, *elevado*. Assim, F. Khull, *Deutsches Namenbüchlein*, pág. 30. No *Ementário* citam-se as formas *Birgita*, *Brigida* e *Brízida*, no *Martyrologio* só *Brísida*.

(²) Esta forma supõe outra anterior **Blunilde*, resultante da primitiva por assimilação do *r* ao *l* seguinte; desta, pelo fenómeno inverso, resultaria **Bunilde* e por influência da labial e lugar do *u* na palavra (cf. popular *bestigo* em vez de *postigo*) *Benilde*, a que o povo ajunta o costumado *-s* paragógico, dizendo *Benildes*, como tenho ouvido e se lê no *Martyrologio Romano*. Poderá também pensar-se em *Bernilde (Bernhilde)*, isto é, a que *combate (-hilde) contra os ursos (bern)*, admitindo-se a assimilação do *r* ao *n* ou ao *l* como acima. Note-se que, a-par de *Brunilde*, contracção de *Brunehilde*, há *Brunehalta*, nome tornado célebre por ter sido o da mulher de Sigeberto, rei da Austrásia; em documentos antigos aparece ainda *Brunilli* ou *Bronilli*, cuja verdadeira forma talvez seja *Brunille*: cf. *Matilde*.

masculino ou *Bruneto* foi usado por um conhecido escritor italiano (Brunetto Latini) ([1]), mestre do grande Dante.

Bruto, cognome ou apelido romano, que de adjectivo passou a substantivo próprio, conservando, contudo, a significação daquele ([2]); é nome de raro uso.

C

Caetano, pròpriamente *Caietano* ou seja *o habitante de Caieta* (hoje Gaêta, na Itália); embora assim se tenha chamado um santo do século XVI, a sua introdução entre nós deve ser posterior e motivada pelo culto dado ao mesmo. O *Ementário* regista também, com a nota de antiga, a forma *Gaetano*.

Caio, nome que se presume latino ([3]), muito representado no Calendário e cuja interpretação é *alegre*; outra forma do mesmo é *Gaio* ([4]), possuindo uma e outra feminino regular.

Caligula, pròpriamente um nome comum, dominutivo de *caliga* ou sapato militar; porque o que êle usava, quando rapaz, era pequeno ou de forma mais apurada, os soldados que o acompanhavam, puseram ao que havia de ser imperador e um dos de mais execranda memória essa alcunha ([5]), que, como tantas outras, se tornou nome próprio.

([1]) Foi um dos primeiros que vulgarizaram algumas obras antigas e compôs o conhecido *Tesouro*.

([2]) Em sentido primitivo quer dizer *pesado* (*brutum antiqui gravem apellabant*, Paul. Festo), depois passou a signicar *obtuso*, *insensível*, *insensato*: cf. Walde, *Lat. etym. Wörterbuch*, s. v.

([3]) F. Sommer no seu *Handbuch der lat. Laut- und Formenlehre*, pág. 161, inclina-se antes a que seja etrusco.

([4]) A primeira das formas citadas é a mais antiga e a única usada em abreviatura; provém do tempo em que o alfabeto romano possuía apenas o *c* com os dois valores de surda e sonora.

([5]) «Foi de aqui (isto é, de *caliga*) — diz-se em *Rome*, da colecção *La Vie Antique* de Guhl e Konner, pág. 324 — que os soldados deram a C. Caesar, nascido e criado no campo, o

Calisto, nome grego que significa *muito formoso*, como superlativo que é do adjectivo καλός; tanto êle como o seu feminino *Calista* figuram no Calendário; o referido positivo entra ainda na composição, entre outros, destes nomes: *Caliónimo*, *Califrónio*, *Calimaco*, *Calistenes*, *Calínico* e *Calistrato*, cujos segundos componentes querem dizer em português respectivamente: *nome* (-ωνυμος de ὄνομα), *sentido ou alma* (-φρων), *combatente*, *vencedor* e *vigoroso* (pròpriamente combate (-μάχος), *fôrça* (-σθενης de σθένος), *vitória* (-νικο de νίκη) e *soldado* (-στρατο prop. exército), dos quais os dois últimos se acham também representados no mesmo repositório religioso.

Calvo, adjectivo a que os Romanos, que no-lo transmitiram, ligavam a mesma ideia que nós e usavam também como nome próprio, sobretudo como apelido; nesta qualidade figura nos nossos documentos antigos; o seu deminutivo *Calvino* tornou-se célebre por ter sido igualmente o apelido de um dos prègadores da Reforma.

Camilo, nome de origem incerta (1), a que os Romanos davam o sentido de «menino ou rapaz livre, filho de família distinta, que se empregava no serviço do templo»; acha-se representado no Calendário e tem feminino regular.

Cândido, nome que originàriamente serviu talvez de alcunha, aposta ao indivíduo que possuía as qualidades, ainda hoje por êle indicadas, isto é, *branco*, *alvo*, etc., e se tornou depois, já entre os Romanos, ao que parece (2), próprio de pessoas; tem feminino regular, ou seja com a troca do *-o* em *-a*, e em ambos os géneros consta do Calendário.

Canuto, nome de origem e significação desconhecidos, pelo

---

apelido de Caligula, que êste imperador, no dizer de Séneca, considerava depois alcunha injuriosa».

(1) Segundo uns latina, segundo outros oriental e ainda fenicia: cf. Walde, *Lat. etym. Wörterbuch*, s. v.; há também quem o tenha por antigo latim, tomado do grego *Gamelios*, isto é, moço dos sacrifícios, que sob a forma *Gamílio* o *Ementário* dá como nome de homem, mas antigo. O mesmo repositório regista também como antiga a forma *Gamillo*, que diz corresponder a *Camillo*.

(2) Cita-o como tal o *Dic. lat. port.*, de Saraiva.

menos, por mim (não deve ter nada que vêr com o latim *canutus* ou branco) (1); figura no Calendário como tendo sido o de um rio e mártir da Dinamarca.

Capitolino, nome que, tendo sido originàriamente apelido do Deus Júpiter, em razão de o seu templo principal em Roma estar edificado no monte chamado *Capitólio*, passou depois a ser adoptado, já entre os Romanos, como próprio de pessoa; tem feminino regular, mas só neste género figura no Calendário, sendo a sua introdução entre nós bastante moderna, segundo se me afigura.

Caracala (Caracalla), nome por que é conhecido um dos imperadores romanos (2), chamava-se um *manto com capuz*, de proveniência gaulesa, cujo uso êle introduziu em Roma; portanto na sua origem simples alcunha.

Caridade, nome comum, representante do latino *caritate-*, que passou à classe dos próprios com a mesma significação que de antes tinha e ainda mantém; no Calendário figura uma santa assim chamada.

Carlos, nome de homem, que provém imediatamente de *Carolus*, latinização do germânico *karl*, que significa *homem* (3) (cf. no actual alemão *kerl*), consta do Calendário e aparece pela primeira vez em documentos do século XV (4), quer na forma citada, quer na de *Calros*, ainda popular, sem falar nas de *Charles* ou *Cherles* e *Carlo*, em que é evidente a influência francesa (5); a sua importação deve ter-se feito por intermédio talvez do espanhol e italiano. São seus deminutivos *Carlôto* e *Carolino*, que teem femi-

---

(1) O *Ementário* interpreta-o por: *poderoso*, *forte*.

(2) O verdadeiro é Aurelius Antoninus Bassianus.

(3) O livrinho *Unsere Taufnamen* explica assim: o *homem*, *casado*, *amante* (velho alto-alemão *charal*, médio *karl*, *kerl*); Tetzner traduz: o *herói*, o *homem*; mas F. Khull (*Deutsches Namenbüchlein*, pág. 18) inclina-se a crer que seja um velho hipocorístico de *karlfried* ou outro nome composto com *karl*.

(4) Do século X há um documento de Lorvão onde se lê *Carlon*, forma que talvez represente o francês *Charlon*, caso regime de *Charles* ou *Charle*, que se lê, por exemplo, na *Chanson* de Roland.

(5) Cf. Pedro de Azevedo, na *Rev. Lusit.*, IV, 386 e Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, 433-4.

nino regular, dos quais o primeiro assenta sôbre a forma *Carlo* e o segundo sôbre *Carolus*, existindo todavia também *Carlino*. Ao lado desta forma há *Carlindo* e respectivo feminino *Carlinda*, em que poderá ter-se dado troca de *-lino*, *-lina*, por *-lindo*, *-linda*, sob influência de outros nomes assim terminados (¹). Sentido igual ao simples tem o composto *Carloman*, registado no *Ementário*. Êste mesmo repositório menciona também *Carlovino*, que não encontro noutra parte, mas cujo segundo componente quer dizer *amigo*, podendo assim trazudir-se o nome todo por *amigo forte* ou *viril*.

Carmo, nome tirado de *Carmel* ou *Carmelo*, palavra hebraica, que significa *vergel*, *pomar* e denomina uma montanha da Judeia; serviu de título a uma das muitas invocações da Virgem (²) e usa-se não raro como apelido (³): da forma primária procedem *Carmelo* (⁴), *Carmelio*, *Carmelino* (⁵) e *Carmelitano*, os quais todos possuem feminino regular; da segunda, *Carmina* (⁶), que tem aspecto de deminutivo, donde, sob inflência dos nomes germânicos, assim terminados, é possível se tenha feito *Carmindo*, mais usado no feminino *Carminda*; importados da Espanha são *Carmen* e seu deminuto *Carmencita*.

Casimiro, nome de procedência eslava, que quer dizer *funda-*

(¹) Em alemão, segundo Tetzner, há *Carline*. O mesmo traz para o feminino, além desta, as formas *Cárola* e *Carla* e dá *Lina* como hipocorístico de *Carolina* e *Lotte* de *Carlota*; êste último *(Lotte)* ainda se usa na Alemanha como nome de baptismo. Assim, a viúva de Carlos Michaelis.

(²) Diz-se *Nossa Senhora do Monte do Carmo* ou só *Nossa Senhora do Carmo*; daqui a ordem religiosa dos frades chamados *Carmelitas*.

(³) Assim: *Fulano*, *fulana do Carmo* e só *Carmo*, quando se fala de mulheres, cujo primeiro nome é *Maria*.

(⁴) *Carmela*, do nome da sua protagonista, se intitula um dos mais belos contos da *Vita Militare*, de Amicis.

(⁵) O *Ementário* regista também *Carmelinda*, que porventura será seu divergente. Afigura-se-me que em *Carmolino*, citado pelo mesmo, há apenas troca do *e* por *o*.

(⁶) Diferente dêste, na opinião de Leite de Vasconcellos, *Antroponimia*, pág. 554 é *Cármina*.

dor da paz (1); tem feminino regular, mas só o masculino figura no Calendário.

Cassandro, nome grego, que se interpreta por: *o que combate contra homens* (2); é mais conhecido o feminino *Cassandra*, por se chamar assim uma das personagens da *Iliada*, filha de Príamo e Hécuba, a profetisa das desgraças de Troia, mas cujos vaticínios nunca foram cridos.

Cassilda (3), nome germânico, cuja significação parece ser *a que combate* (cf. *Hilda*) *com lança*; embora de uso raro, figura no Calendário (4).

Cássio, nome latino, que se interpreta: o *pobre* (5); é seu derivado *Cassiano*, um e outro com feminino regular, figurando no Calendário aquele nos dois géneros e êste só no masculino.

Castor, como se chama um dos *Dioscuros* ou filhos de Júpiter, é nome grego, que quer dizer *brilhante* (6); devem ser seus derivados *Castório*, que com êle se acha represen-

---

(1) Assim, o livrinho *Unsere Taufnamen*, que o faz vir do verbo *kasatj*, que traduz por *mostrar*; Bass dá-lhe o sentido de o *pacífico* e origem polaca; Leite de Vasconcellos *Antroponimia*, pág. 60, atribue-lhe a mesma procedência que Bass, mas interpreta o tema indicado por *dizer*, *ensinar*, *prègar* e por isso *o que prèga a paz (-mir)*.

(2) Assim, Tetzner, mas talvez se possa vez no primeiro elemento o mesmo que em *Castor* (cf. êste nome) e assim a sua tradução seria *homem distinto, eminente*: cf. Boisacq, *Dict. étym. de la langue greque*, s. v. κασσίτερος; Pape traduz o feminino respectivo pelo alemão *Sigburg* ou *protectora da vitória*, fazendo-o equivalente a *Alexandra*.

(3) Também se escreve *Cacilda*, mas as grafias espanhola e italiana teem *ss*: cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponimia*, pág. 459.

(4) A esta santa atribue-se também a conhecida *lenda das rosas*, que entre nós acompanha Santa Isabel.

(5) Assim, Tetzner, que provàvelmente vê aqui um divergente de *cassus*; note-se, todavia, que tal interpretação não é segura, como se pode ver em Walde, *Lat. etym. Wörterbuch*.

(6) Cf. Boisacq, *Dict. étym. de la langue grecque*, s. v., κέκασμαι.

tado no Calendário, e *Castorino*, registado pelo citado *Ementário* (1).

Casto, nome que na sua origem foi adjectivo, que a nossa língua possue com a mesma significação que tinha entre os Romanos; o *Ementário Luso-Brasileiro* regista também o feminino, mas o masculino figura no Calendário.

Catarino, pròpriamente adjectivo biforme, derivado do grego καθαρός, que significa *puro*, *inocente*; muito mais vulgar que o masculino é o feminino que, afora ser o único género representado no Calendário, possue, além da forma usual e de *Caterina*, por dissimilação vocalica, donde a popular *Caterina*, as de *Catalina* e *Catelina*, que se encontram em escritos dos séculos XV e XVI; representante da antepenúltima é também a forma *Natércia* ou *Nathercia*, usada já por Camões, e que, como se sabe, é apenas o seu anagrama.

Cato ou **Catão**, cognome ou apelido romano, de origem sabina, segundo Varrão, que quer dizer *agudo*, *sagaz*, *engenhoso*; embora o livrinho alemão *Unsere Taufnamen*, etc. o inclua entre os nomes de baptismo, afigura-se-me o seu uso, como tal, extremamente raro entre nós; no *Onomástico Medieval* de Cortesão aparece um *Catom*, mas na qualidade de apelido; dêle procede *Catulo*, nome de um célebre poeta latino, e seu deminutivo *Catulino*, que figura no Calendário.

Cecília, nome que entre os Romanos teve uma família ou *gens*, cujo progenitor tinha sido *cego (caecus, caeculus)* e depois se tornou popular, por ter sido o de uma santa, oriunda da mesma (2); dêle se tirou depois não só o masculino *Cecílio*, que também figura no Calendário e com aquele igualmente nos nossos antigos documentos, mas ainda *Ceciliano*.

Cefas (Cephas), nome hebraico, a que corresponde o greco-latino *Pedro*; assim chamou Jesus Cristo ao chefe dos seus apóstolos.

---

(1) No mesmo também *Gastor* e *Gastorino*.

(2) Kleinpaul, *Die deutschen Personnennamen*, pág. 102; cf. também Walde, *Lat. etym. Wörterbuch*, s. v. *caecus*. No Algarve a pronúncia popular é *Cezila*.

Celeste, nome comum a ambos os sexos ([1]), embora mais usado pelo feminino, e que em português tem a mesma significação que em latim, isto é, *do céu*; são seus derivados *Celestiano* e *Celestino* com o seu feminino *Celestina*, os únicos representados no Calendário, mas a sua introdução na nossa antroponímia deve ser de época recente.

Celso, adjectivo latino que, como tantos outros, se aplicou também a pessoas, a principio talvez a modo de alcunha; o seu sentido é de *alto, elevado, distinto*; de uso raro, sobretudo no feminino, figura no Calendário no masculino.

César, nome latino, que originàriamente, parece, se dava àquele que, ao nascer, em conseqüência da dificuldade do parto, era extraido do ventre materno depois dêste aberto ou *cortado (caesus)*, causando assim a morte á que lhe dera a vida ([2]). Daqui o derivado *Cesário*, que figura no Calendário cristão e se usa também no feminino; corresponde-lhe em forma popular *Ceseiro*; tanto êste como aquele e o primitivo encontram-se já nos nossos mais antigos documentos.

Cesário, veja-se **César**.

Ceseiro, veja-se **César**.

([1]) O seu uso no masculino é confirmado por um exemplo dado pelo *Ementário Luso-Brasileiro*. Em vez de *Celeste*, mulheres há que apõem *do céu*, geralmente a *Maria*. No povo existe a crença de que uma criança de precoce inteligência e dotada de boas qualidades, tais como meiguice, mansidão, teem a vida curta — não se cria, *é do céu*, dizem —; já na antiguidade, como é sabido, dizia-se que os deuses amam o que morre cedo; ὃν οἱ θεοὶ φιλοῦσιν ἀποθνήσκει νέος lê-se em Menandro, que provàvelmente reproduz um conceito popular.

([2]) É esta a explicação mais geral entre os escritores romanos: cf. Plinio, *Hist. Nat.*, VII, cap. XIX, além dela, outras duas davam ainda, que constam dos seguintes textos: *Caesar... vel quod avus ejus (dictatoris) in Africa manu propria occidit elephantem, qui caesa dicitur lingua poenorum (Servio)... vel quod cum caesarie natus sit* Isidoro. Deve ter tido primitivamente a mesma significação que *César* o apelido espanhol *Enciso*, que representa o participio latino *incisus*.

Chámoa (¹), nome predilecto das ricas-donas medievais, que poderemos talvez traduzir por *ardente*, em vista da significação de *chamazinha*, que tem o seu representante latino, *Flammula*. Da forma citada, antes que de simples *flamma*, parece-me provir *Chama*, que concorre com aquela, pela redução de *-oa* a *-a* (cf. pop. *noda*, *tava*, etc. por *nódoa*, *távua* ou *táboa*, etc.) e persiste na toponímia *(Tôrre de D. Chama)*.

Childerico nome germânico, usado por vários reis de França, que quer dizer *príncipe* (cf. *Frederico*, etc.) *combatente (childe-* divergente de *hilde*, pròpriamente *combate)*; a sua forma genuinamente portuguesa deve ter sido *Ilderigo*, que se lê num documento de 951 e deu, no caso genitivo, o toponímico *Ilderiz*, constante de outro de 974, que talvez viesse a confundir-se com outros provenientes de *Alderico* (veja-se êste nome), se é que não representam evolução daquele.

Chilperico, nome germânico, usado por dois antigos reis de França, cuja tradução em português é *príncipe* (cf. *Frederico*, etc.) *auxiliar (chilpe-*: cf. got. *hipan* e actual alemão *helpen)*; outra forma do mesmo é *Hilperico*.

Cicero, nome romano, muito conhecido, por ter sido o do maior dos oradores do tempo da República, e cuja significação parece ter sido a de *grão* no sentido de verruga; seria assim uma alcunha que o grande escritor teria herdado dos seus antepassados; em português arcaico dizia-se *Cicerom* ou *Cicerão*; o seu uso, se é que subsiste, deve ser muito raro.

Cid, nome de origem arábica, que quer dizer *senhor* e, como é sabido, foi o de um dos personagens mais notáveis da Espanha medieval; segundo informa o *Ementário*, figura também no Calendário, encontrando-se igualmente no *Onomástico* de Cortesão sob as grafias *Cid* e *Zid*.

Cincinato (Cicinnato), cognome ou apelido romano, tornado nome próprio, como tantos outros; quanto à sua significação é sinónimo de *Crispo*; o seu uso creio ser muito raro.

(¹) Corresponde-lhe em castelhano *Llambra* (leia-se *Lhambra*), também escrito *Lambra*. O *Ementário* acentua erradamente, fazendo tónica a sílaba final, que era átona, como se vê do seu correspondente castelhano.

Cipriano, nome grego, que significa *Kupper* e mais tarde nome de homem, *natural de* Κύπρος, a ilha hoje chamada *Chipre*; a esta forma literária correspondem as populares *Cibrião* e *Cibrão*, que com o patronímico *Cibrães*, constam de antigos documentos; a língua moderna, porém, relegando *Cibrão*, que deve representar a evolução final do vocábulo, para a classe dos apelidos, retomou a primitiva forma, a que dá também feminino; no Calendário só figura o masculino.

Ciro, nome persa, que se traduz por *senhor* (1); dêle derivam, tendo aproximadamente a mesma significação, *Ciríaco*, *Cirilo* (2), *Cirano* e *Ciriano* ou *Cirião*, possuindo todos, à excepção dos três últimos, feminino regular, isto é, com mudança em *-a* do *-o* final, e o primeiro a mais *Ciria*, *Círia*, achando-se uns e outros representados no Calendário; quanto ao sentido vejam-se os seus correspondentes latinos *Domínico*, etc.

Claro, **Clara**, adjectivos de que já os Romanos se serviam como nomes próprios, mantendo-lhes a costumada significação de *brilhante*, *ilustre*; são seus derivados *Clarêncio*, *Clareano*, *Clariano* ou *Clareão*, com os seus femininos *Clarência*, *Clareana* e *Clarícia*; há ainda *Clarisse* de importação francesa e *Clarinda*, porventura um deminutivo com *inda* por *-ina* ou *inha*; no Calendário figuram apenas as três primeiras formas.

Cláudio, divergente do latim *claudus* ou *côxo*, que coexistia com *Clodio* (3), forma esta representada pelo nosso antigo

---

(1) Interpreta-se, em geral, *Ciro* por *sol*; em rigor tal nome era em velho persa um título dêste astro divinizado, como quem dissesse: *o senhor deus*; corresponde-lhe o grego κῦρος, que quer dizer *autoridade*, donde κύριος = *senhor*; no skr. *çura* -*h* = *forte*, *valente*, no zd. *sura* = *forte*, *poderoso*: cf. Boisacq, *Dict. étym. de la langue grecque*.

(2) Tetzner e o livrinho *Unsere Taufnamen* dão-lhe o sentido de *magnífico* (*herrlich* = que pertence ao senhor, Herr).

(3) A redução do ditongo *-au-* a *-o-* era de origem popular e observa-se ainda noutros nomes; vejam-se a propósito Niedermann, *Précis de Phonétique Historique du Latin*, § 24, Sommer, *Lat. Laut-und Formenlehre*, § 66 e o meu *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, pág. 74.

Croio [1], hoje tornado obsoleto; daquele derivam *Claudino* e *Claudiano*, que, como o primitivo, fazem regularmente o seu feminino, isto é, *Cláudia* ou *Clódia*, *Claudina* e *Claudiana*, achando-se representados no Calendário o primeiro nos dois géneros e o terceiro só no masculino.

Cleandro, nome grego, cuja tradução em português é: *homem* (-ανδρο) *ilustre* ou *afamado*; segundo o *Ementário* tem feminino regular. Outra forma do mesmo, mas com os respectivos componentes invertidos, é *Androcles* [2] donde *Androcleu*.

Clemente, adjectivo que os Romanos usavam também como nome próprio com a mesma significação que hoje damos àquele; sentido pouco mais ou menos idêntico teem os seus derivados *Clemêncio*, diminutivo *Clementino*, com os respectivos femininos *Clemência Clementina*, e ainda *Clemenciano* [3]; no Calendário figuram o primeiro e terceiro dêstes nomes, mas só no género masculino, e nos nossos antigos textos encontram-se êles igualmente, porém, alterados em *Cremente*, *Cremenço* [4] e *Crementino*.

Cleóbulo, nome de um dos sete sábios da Grécia que, traduzido em português, quer dizer *afamado* (κλεο-) *em conselhos* (-βουλο de βουλή) ou *ilustre conselheiro*.

Cleodoro, nome grego que, traduzido em português, significa: *presente* (-δωρο) *ilustre*; tem feminino regular.

Cleófas (Cleophas), nome grego, que quer dizer: *o de brilhante* (-φας) *fama* (κλεο-); acha-se representado no Calendário. Sentido idêntico tem também *Cleófanes (Cleóphanes)*. Creio que o uso de tais nomes, se existe, deve ser muito raro. Quanto a equivalência de significação cf. o germânico *Roberto*.

---

[1] Assim, também em galego, a-par de *Cloio* e *Clódio*.

[2] Os Romanos latinizaram êste nome em *Androclus*. É conhecida a história do escravo assim chamado, ao qual um leão poupara em reconhecimento de êle lhe haver curado uma ferida; dela, como é sabido, se aproveitou o poeta francês medieval, Chrétien de Troies, no seu *Ivain* ou *Chevalier au lion*.

[3] Êste nome quer dizer pròpriamente *de* ou *pertencente a Clemêncio*.

[4] No *Ementário*, *Cremêncio* e a mais *Cremenciano*.

Cleómaco (Cleomacho), nome grego, que quer dizer *afamado no combate* (μάχη) ou *ilustre combatente*, equivalendo assim, quanto ao sentido, ao germânico *Clodoven*.

Cleomedes, nome de homem, tomado do grego, que, pelos elementos de que se compõe, quer dizer: *afamado* (κλεο-) *pela sua prudência* (-μηδης); se se usa, deve sê-lo muito raramente.

Cleómenes, nome grego, cuja tradução em português é *valente* (-μενης, *coragem, valor*) *afamado* (κλεο-, *fama*) (1); no Calendário há um mártir assim chamado.

Cleonico, nome grego, que significa *ilustre na* ou *pela vitória* (νίκη); o seu feminino é *Cleonice*, que, embora não citado no *Ementário Luso-Brasileiro*, existe, pois já o ouvi, mas sob a forma *Creonice*; no Calendário figura apenas o masculino. Quanto ao sentido cf. *Sigeberto*.

Cleónimo (Cleonymo), nome grego que em português quer dizer: *o de nome* (-ωνυμος), *ilustre* (κλεο-), isto é, *famoso* ou *conhecido pela fama*.

Cleopatra, nome de mulher, bastante conhecido na história; dos elementos gregos que o constituem vê-se que a sua significação é *brilhante* ou *ilustre (cleo-) pelo pai (-patra)*, isto é, por nascimento. A mesma significação tem *Patroclo*, que dêle diverge apenas no género e na inversão dos seus componentes: cf., quanto a sinonímia de sentido, o germânico *Adalberto*.

Cleoptólemo, nome grego de significação idêntica a *Cleómaco*, do qual diverge apenas no segundo componente, aliás de sentido igual.

Cleto, nome grego que significa *ilustre*, *afamado*, e se acha representado no Calendário; usa-se também no feminino, que se forma regularmente.

Clímaco (κλίμακος, genitivo de κλῖμαξ), nome grego, que quer dizer *escada* e, tendo sido dado como apelido a um santo (João), de um livro que composera com êsse título (2),

---

(1) Também poderá interpretar-se por *famoso* ou *muito conhecido pela sua coragem, valentia*.

(2) Diz o P.e Croiset, no seu *Ano Cristão*, ao tratar de S. João Climaco, abade: «Êste santo, apelidado *Clímaco*, por causa do excelente livro que compôs e a que deu o nome de *Climaco* ou *Escada do céu*, etc.».

passou depois a próprio também, embora de uso restrito, segundo me parece.

Clitarco (Clitarcho), nome grego, que quer dizer *comandante* ou *governador* (-αρχος) *afamado* (*clit de* κλειτ-) e foi o de um historiador de Alexandre Magno, que o acompanhou nas suas conquistas; cf., quanto ao sentido, o germânico *Valdemar*.

Clito, o mesmo que **Cleto**.

Clitómaco (Clitomacho), forma divergente de *Cleómaco (Cleómacho)*.

Clodoaldo (1), nome germânico que significa *ilustre (clod-) senhor* ou *príncipe (-oaldo* de *walt)* e se acha representado no Calendário.

Clodomiro, nome de proveniência germânica cujo significado é *ilustre (-miro) em fama (clodo-)* ou *de grande renome*; outras formas do mesmo, apontadas no *Ementário Luso-Brasileiro*, são *Claudomiro*, *Claudemir* e *Claudemil*, em que há visível influência de *Claudio*; a sua formação deve ser moderna e feita à semelhança doutros, pois nem Bass nem Tetzner o citam.

Clodorico, nome germânico, sinónimo de *Clodoaldo*, do qual diverge só no segundo elemento, aliás de sentido idêntico.

Clodoveu, nome de um antigo rei dos Francos, que representa latinização do germânico *Chlodowich* ou *Chlodwig*, isto é, *afamado (chlodo* ou *chlod = clot*: veja-se *Clotilde)* na *guerra (wich* ou *wig)* (2); outras formas do mesmo são *Clóvis* e *Luís*, tendo esta última suplantado aquelas e adquirido enorme vulgarização, quer entre nós, onde é já antiga (3), quer noutras línguas; dela tirou-se o feminino *Luísa*, como aquele, representado no Calendário, embora inferior em antiguidade, e que aparece tam-

---

(1) Em alemão concorrem duas formas *Chlodobald* (afamado pela sua audácia) e *Chlodoalt* (senhor famoso); a portuguesa deve representar antes esta do que aquela.

(2) Há também quem interprete esta raiz como significando *santuário*.

(3) Embora apareça já no século XIII, quando ela começa a vulgarizar-se entre nós é depois do século XV, mas *Clovis* usa-se ainda no Brasil (Clóvis Monteiro).

bém sob a forma de *Heloísa*; latinização dos mesmos são ainda *Ludovico* e *Aloísco*, com os respectivos femininos *Ludovica* e *Aloísia* (1).

Clodulfo, o mesmo que *Ludolfo*; sob esta forma figura no *Martyrologio Romano*, porém o *Ementário Luso-Brasileiro* cita também *Cleodulfo*.

Clotário, nome germânico, representado no Calendário; e cuja significação é *afamado (clot-*, veja-se *Clotilde) guerreiro* (*-ário*, latinização do velho alto alemão *heri* ou gótico *harjs*, hoje *heer*=exército); outras forma do mesmo são *Lotário* e *Lutero* (2) mas nem estes, nem aquele entraram na lingua popular.

Clotilde, nome germânico que significa *afamada* (em velho alto alemão *hlût*, *hlod* ou *chlod*: cf. o grego κλυτός, o lat. *in-clutus*, o verbo arc. *cluo* e o subs. *Clientes*) *no combate (hilde)*, ou *ilustre combatente*, e cuja entrada na lingua, não obstante figurar no Calendário, deve ser atribuida a importação estranha, provavelmente francesa, realizada em época recente; na boca do povo toma o costumado *s* paragógico. O *Martyrologio Romano* escreve *Crotildes* e o *Ementário* regista igualmente esta forma mas sem o *s* final.

Colomano, nome de homem que se diz de proveniência hun-

---

(1) Da forma francesa *Lois* (divergente de *Louis*) provéem, segundo Kleinpaul, *Die deutschen Personennamen*, pág. 46, *Loise* e *Heloise*, nacionalizadas em *Luís*, *Luísa* e *Heloísa*, e da latinização da veneziana *Aloise* resultou *Aloysio*, com o respectivo feminino. Encurtamento desta última classifica o mesmo autor *Alois* e, portanto, os seus representantes, *Aloísio*, *Aloisia* e *Heloísa*. O livrinho *Unsere Taufnamen* dá a *Alois (Aloisius)* e seus femininos *Aloísia* ou *Heloísa* o sentido de *muito sábio* ou *experiente*, estando talvez por *Al-wis* ou sendo deformação românica do franco *Clodwig*. Cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Fil. Portug.*, 2.ª ed., pág. 423. Existe também o nome *Luiselo*, que tem tôda a aparência de diminutivo, e, portanto, equivalente a *Luisinho*, de que diverge apenas na troca de sufixo.

(2) O *Ementário Luso-Brasileiro* não menciona êste nome, talvez por o considerar apelido no célebre reformador assim chamado, mas Detter e Bass dão-no como prenome.

gara e significar *bibliógrafo*; outra forma do mesmo é *Colmano*, figurando ambos no Calendário.

Colombino, veja-se **Colombo.**

Colombo ou **Columbo, Colomba** ou **Columba**, nomes latinos que significam *pombo, pomba*, com referência às qualidades de ternura e mansidão que caracterizam estas aves; de aí os derivados *Colombino* (1), *Colombina, Columbano, Columbana*, que em rigor são adjectivos e querem dizer: *respeitantes* ou antes *de natureza ou génio iguais aos dos pombos*. Em documento do século X aparecem já as duas primeiras formas citadas no género feminino, e em uma delas, *Colomba*, já realizada parte da evolução que, completada, deu depois a popular *Comba*, que, embora não ocorra no *Onomástico Medieval*, é contudo bastante antiga, como prova a sua entrada na nossa toponimia. No *Martyrologio Romano* encontram-se todos estes nomes, ou melhor tôdas as variações do primitivo, e lá se reconhece a idêntidade de *Columba* e *Comba* (2).

Columbano, veja-se **Colombo.**

Comba, veja-se **Colombo.**

Compaixão, uma das invocações de Nossa Senhora, equivalente à *das Dores*, que muitas mulheres usam, em geral, como segundo nome, precedido de *Maria*, a que se prende pela preposição *de* e artigo conveniente, isto é, *da*.

Conceição, nome de mulher, que representa o latim *conceptione* e foi tomado de um dos títulos, sob os quais se invoca a Virgem, usando-se, como outros (cf. *Assunção*, etc.), na maioria dos casos, precedido de *Maria*, a que se liga pela preposição *de* e artigo definido correspondente, isto é, *da*.

---

(1) Êste nome (e, portanto, o feminino), acompanhado do substantivo *pullus*, ou ainda sem êle, usava-se em latim no sentido de deminutivo, o que aliás indica o sufixo *-inus*.

(2) Com efeito no apêndice sôbre os santos de Portugal diz-se a pág. 16 «... *Santa Columba* deste Reyno (de Portugal) que vulgarmente se chama *Santa Comba*». Note-se que a forma anterior a esta foi *Coomba*: cf. *Coombaes*, mencionado no *Onomástico Medieval*, como toponímico. O galego conhece igualmente *Santa Comba*.

Concórdio, forma divergente, a meu ver, de *concors* (1) e, portanto, adjectivo, como êste, e seu sinónimo, ou de *concorde*, que hoje o representa, era já pelos Romanos aplicado a pessoas, quer no masculino citado, quer no feminino *Concórdia* (2), figurando no Calendário em ambos os géneros.

Conrado, nome de procedência germânica, que quer dizer *prudente* (3) *(con-* de *kuon*, hoje *kühn) conselheiro (-rado* por *rat)* ou *que é circunspecto nas determinações que toma e nos conselhos que dá*, figura no Calendário e na nomenclatura acha-se representado pelo feminino respectivo e deminutivos em *-ino* para ambos os sexos; de tôdas estas formas, porém, é a primeira que mais se usa, ainda que restritamente, e a única que se encontra na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, referente no entanto a estrangeiros.

Consolação, uma das invocações de Nossa Senhora, que a Igreja comemora no domingo seguinte a 28 de Agôsto, é nome que muitas mulheres usam, em geral, precedido de *Maria*, a que se prende pela preposição *de* e artigo respectivo, isto é, *da*. Igual sentido tem a forma espanhola *Consuelo*, mas esta, creio, usa-se de per si só como nome de baptismo, corresponde ao nosso nome comum *consolo*, tirado do verbo respectivo.

Constante, adjectivo que os Romanos empregavam também como nome próprio, conservando-lhe a significação que ainda perdura; o mesmo sentido devem originàriamente ter dado ao seu derivado *Constância*, que é igualmente um substantivo comum, e donde se tiraria o masculino *Constâncio*, que por sua vez deu *Constanciano*, e aos deminutivos *Constantino*, *Constantina*; tanto êste na forma

---

(1) No latim arcaico encontra-se o nominativo *concordis* e o sufixo *-ius* aparece por vezes alternando com *-is*: cf. *Caecilis*, *Mercuris*, etc.

(2) Como é sabido, o latim possuia esta forma, na qualidade de substantivo, e a nossa língua dêle a tomou; chegou mesmo a ser deificada, erigindo-se-lhe um templo em Roma.

(3) Segundo Detter, *Deutsches Wörterbuch*, s. v. *kühn*, era esta a significação antiga, hoje *audaz*, *atrevido*.

masculina como o feminino de *Constâncio* entraram na língua popular, que os transformou em *Costantino* [1] e *Costança*, mas a que a reacção culta restituiu o *n* que haviam perdido; no Calendário figuram todos estes nomes, à excepção do primeiro e último.

Cora, nome de mulher, de proveniência grega (κόρη) e cuja significação é *donzela* ou *mulher moça*; a sua introdução na língua, bem como a do respectivo deminutivo *Corina*, deve ser moderna.

Cordato, nome de homem, de procedência latina, que na sua origem deve ter sido alcunha de indivíduo que possuía a qualidade indicada pelo mesmo nome da língua comum, isto é, *sensato*, *prudente*. Derivado do substantivo *cor*, como êste, deve ser ainda o nome de mulher, *Córdula*, que figura no Calendário e à letra quererá dizer: *coraçãozinho*, talvez com o mesmo sentido acariciador ou meigo, com que os Romanos empregavam outro deminutivo do mesmo nome, ou seja *corculum*.

Cornélio, nome que se me afigura significar *o que tem especial predilecção pela cultura da árvore chamada cornus* [2] pelos Romanos, e com o feminino respectivo figura no Calendário, encontrando-se sob a forma *Cornelo* em um documento do século XIII e representando um seu derivado o toponímico *Correlhã* [3].

---

(1) Também *Costantim*, antes e hoje *Constantim*, na toponímia, mas do genitivo, como me parece.

(2) Dêste nome, designativo de uma árvore frutífera que, a julgar pelo onomástico *Corneira*, existiu entre nós, deixando depois de ser cultivada, donde resultou o seu desconhecimento pelos lexicógrafos, que a traduzem uns por *corniso*, *sanguinho*, *pilriteiro*, outros teem por espécie de *abrunheiro* ou *cerejeira brava* (cf. Alberto Sampaio na *Rev. Lusit.*, IV, 285) e cujo fruto, que Vergílio classifica de *lapidoso* (*Eneida*, III, 649), figura entre os inumerados por Ovídio (cf. *Metamorphoses*, I, 105) como constituindo o alimento do homem primitivo. O livrinho, tantas vezes citado, *Unsere Taufnamen*, traduz por *duro como corno*, e Tetzner por *duradoiro*, *estável*.

(3) Num diploma do ano de 915 *villa Corneliana*.

Corvo, nome de uma ave que, já entre os Romanos, passou a aplicar-se a pessoas, a princípio como alcunha (1); dêle derivam *Corvino*, com o respectivo feminino, *Corviniano*, que se acha representado no Calendário e, porventura, ainda *Corvília*.

Cosme, nome de origem grega, que contém a ideia de *limpo* (κόσμος) e se acha representado no Calendário.

Crasso, cognome ou apelido romano tornado nome próprio, embora de uso extremamente raro, como se me afigura; o seu sentido é de *grosso*, *gordo*.

Cremilde, nome germânico, importado certamente em época recente (2), cuja significação é *a combatente (hilde)* ou *a que combate*, coberta com *um capacete* (*triem*: cf. o velho alto alemão *grima*) (3); outra forma do mesmo, porém menos usada, é *Cremilda*.

Crescente, adjectivo que em latim tinha a mesma significação que na nossa língua, isto é, *o que vai crescendo*; a-par dêle há *Crescêncio*; daquêle e dêste derivam, respectivamente, *Crescentino* e *Crescenciano* ou *Crescencião*; feminino, e formado regularmente, só teem o segundo e quarto, figurando todos no Calendário, com excepção apenas de *Crescentino*; nos antigos documentos encontram-se o primeiro e segundo dêles.

Crisanto, nome grego, que significa *flor* (-ανθος) *de ouro* (Χρυσ- por Χρυσός) e com o seu derivado *Crisantiano* figura no Calendário. Leite de Vasconcelos na sua *Antroponimia*,

---

(1) Assim, *Marco Valério Corvo*, que a lenda diz ter devido à intervenção de um *corvo* a vitória que num combate singular obteve sôbre um gaulês: cf. Tito Lívio, livro VII, cap. XXVI. Da existência do mesmo nome, como alcunha, também entre nós dá exemplos Leite de Vasconcelos na sua *Antroponimia*, pág. 221.

(2) Foi, como julgo, o romance de A. Herculano, intitulado *Eurico, o presbítero*, que o pôs em voga; o autor escreve *Chrimhilde*: cf. pág. 128 da 13.ª edição.

(3) A verdadeira significação de *grima* ou *griman* (também *grimon*), existente em quási todos os dialectos germânicos, é *máscara, caraça* e *elmo protector da cabeça*: cf. F. Khull, *Deutsches Namenbüchlein*, pág. 40.

pág. 91, assinala também a existência de *Crisántema*, de igual sentido.

Crisógono, nome grego que quer dizer *nascido* (-γονος) *do ouro* (χρυσο-) (1), talvez no sentido de família muito distinta ou rica.

Crisòstomo, nome de igual procedência, que de alcunha passou, como outros, a de baptismo, ainda que o seu uso é muito raro; originàriamente foi dado a um dos doutores da Igreja, notável pela sua eloqüência; o seu significado é o de «bôca de ouro».

Crispo, Crispa, foram provàvelmente na sua origem alcunhas que os Romanos punham aos indivíduos de ambos os sexos que tinham cabelo *crespo*, que é a evolução popular daquele adjectivo; idêntica ou aproximada significação tinham os seus derivados: *Crispino* ou *Crispim* (2), donde *Crispiniano*, e *Críspulo*, os quais formam regularmente o seu feminino, e ainda, procedente do último, *Crispulina*, a que falta masculino; uns e outros, mas só neste género, acham-se representados no Calendário; dos antigos documentos apenas consta *Crispo*, porém apenas como apelido.

Cristo, nome grego que significa *ungido* (3) e é, como se sabe, o apelido do fundador da Religião *Cristã*; são seus derivados e com a mesma significação dêste adjectivo, isto é, de seguidores da sua doutrina: *Cristino*, donde *Cristiniano*, e *Cristiano* (4), que formam o feminino regularmente, e *Cristeta* (5); no Calendário só o último e o primeiro nos dois gêneros estão representados; o mesmo nome entra ainda como primeiro elemento nos compostos:

---

(1) Assim se chama também uma planta.

(2) Em próclise, como *Severim*: cf. Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, 343.

(3) Na sua forma antiga, isto é, *Onjudo*, o *Ementário* inclue êste particípio entre os nomes masculinos, usados antigamente.

(4) Como adjectivo, teve antes a forma popular *Creschão* ou *Crechão*.

(5) Outra forma dêste nome, segundo o *Ementário*, é *Christela*.

Cristóbal ou *Cristóval* (1), *Cristóvão* (2), *Cristódono* (3), *Cristófilo* (4), *Cristóforo* e seu derivado *Cristoforisto*; dêstes apenas o segundo figura no Calendário e derivados só *Cristina* ou *Cristinha* e *Cristóvalo* com o patronímico *Cristovaliz* ocorrem nos antigos documentos.

Critolau, nome grego de significação idêntica a *Demócrito*, de que difere só no segundo elemento, de sentido igual ao primeiro dêste.

Cunegarda, nome de mulher de origem germânica que se interpreta por: *protectora (-garda* de *gart) da sua nobre raça* ou *família (cune-* de *kuni).*

Cunegundes (5) ou **Cunegunda**, isto é, segundo os elementos germânicos que o compõem, *a combatente (gunde*, no velho alto alemão *gundea) de sangue* ou *raça nobre* (*kuni* em gótico); não obstante figurar no Calendário, é êste nome, a meu ver, de introdução moderna.

Cuniberto, nome de igual procedência que significa *ilustre, brilhante* (cf. *Berto*) *pela sua raça* ou *sangue* e figura entre os dos santos.

Cúrcio, nome de família ou gentilício romano, cuja significação será talvez a mesma que *curtus* ou *curto*, *mutilado*; de apelido, como se vê, passou a de baptisma, à semelhança de tantos outros.

Custódio, **Custódia**, nomes latinos tirados de *custos*, os quais, como êste, teem o sentido de *guarda*, achando-se o masculino representado no Calendário.

---

(1) Afigura-se-me esta forma divergente da imediata e importada do castelhano onde, creio, ainda perdura.

(2) De *Cristófano* ou *o que se parece com Cristo* (?), nome que, pelo seu carácter popular, parece ter sido preferido a *Cristóforo* ou *o que trás a Cristo* (Χριστοφόρος), isto é, toma sôbre si o seu jugo (cf. S. Mat. XI, 29).

(3) Parece-me híbrido êste nome, constituído por um elemento latino *dono* ou *dom*, *presente* (cf. *Teodósio*, etc.), a-par de outro grego.

(4) Ou *o que ama a Cristo*: cf. *Teófilo*.

(5) Assim no *Martyrologio Romano*; o *-s* deve ser o que o povo costuma acrescentar a muitos nomes de um e outro género: cf. *Matilde*.

Cutberto, nome de um santo bispo inglês, que se me afigura de proveniência anglo-saxónica, e interpreto por: *brilhante* (cf. *Berto*, etc.) *em cortar (cut)* ou *afamado batalhador*; as formas dadas pelo *Ementário* são *Cuthberto* ou *Cutheberto*, no *Martyrologo* encontra-se *Cuthberto* em 20 de Março e *Cutberto* em 31 de Agôsto.



D

Dácio, nome comum pelo qual se designava o indivíduo natural da região, antigamente chamada Dácia, tornado próprio; é seu derivado *Daciano*; ambos teem feminino regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário.

Dafne (Daphne), nome pelo qual os Gregos designavam a árvore chamada *louro* ou *loureiro* pelos Romanos e por estes aplicado também a pessoas: cf. *Lauro*.

Dagoberto, nome de proveniência germânica, que quer dizer *brilhante (-berto) como o dia* (1) *(dago*: cf. o actual alemão *tag)*; usaram-no antigos reis, é, porém, desconhecido dos nossos antigos documentos e hoje raro se emprega; da existência do feminino informa-nos o *Ementário Luso-Brasileiro*.

Dagomiro (2), nome germânico, de sentido igual a *Dagoberto*, de que diverge apenas no segun elemento, aliás de igual significação; segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, existe também o feminino *Dagomira*, ambas as formas, porém, devem ser de introdução moderna e uso muito restrito.

Dálila, nome de mulher, de origem hebraica, que quer dizer *terna* ou *definhada de saüdade*; assim se chamou a conhecida amante de Sansão; outra forma do mesmo é *Délila*, mas quer uma, quer outra, que eu saiba, são de uso muito restrito.

Dalmácio, nome comum designativo do natural da região

(1) Afigura-se-me que com esta expressão se quis aludir à *beleza* de que era dotado o indivíduo a quem era dado êste nome.

(2) Förstemann no seu *Namenbuch* cita a forma *Dagomar*, que certamente vive no actual dinamarquês *Dagmar*.

outrora chamada *Dalmácia*, passado a próprio, figurando como tal no Calendário.

Dalmiro, nome de procedência germânica, que julgo estar por **Adalmiro*, tendo, portanto, igual sentido que *Adelmaro*, de que diverge apenas no segundo elemento, aliás sinónimo; deve ser de introdução moderna (1).

Dámaso, nome de origem grega, que quer dizer *domador* (2) (de δαμάζω) e de alcunha, como tantos outros, passou a próprio. Divergentes do mesmo são *Damásio*, *Damiano* ou *Damião* e *Damon*, dos quais os dois primeiros teem feminino regular (3), figurando, porém, no Calendário apenas *Dámaso* e *Damião* e êste último, sob a forma latina *Damianus*, em um diploma do século X.

Damocles, nome grego de homem, que, em virtude dos seus componentes, quer dizer *ilustre ou afamado* (-κλης) *no povo* (δαμο- por δημο-); quanto ao sentido, vejam-se os germânicos *Volmaro*, *Teodemiro*, etc.

Daniel, nome hebraico que significa *juiz de El*, isto é, o que julga em nome de Deus, e foi não só o do profeta bíblico, assim chamado, mas de outros santos do Calendário: o seu uso entre nós consta já de documentos da primeira metade do século X e dêle se tirou o patronímico *Danieliz*, que figura noutros do século imediato; o *Ementário Luso-Brasileiro* dá como existente também o feminino *Daniela*.

Dario, nome de proveniência grega (4) (Δαρεῖος) e cuja signi-

---

(1) No *Onomástico Medieval* figura, como apelido, *Aldemir*, cujo primeiro elemento poderia estar por *adel-* ou *adal-*: cf. *Aldeberto*, uma das várias formas que precederam a actual, *Alberto*. O *Ementário* regista também *Delmiro*, talvez forma posterior a *Dalmiro*, de que difere em possuir feminino regular.

(2) Ou, segundo Pape, *o que pela vitória consegue a paz* e também *o que doma por completo*.

(3) Tetzner, que considera estes nomes variantes do primeiro, ao qual dá a significação acima, traduz, contudo, *Damiana* por *a que endenta*.

(4) Pròpriamente o latim tomou do grego êste nome, mas a sua origem é persa; quanto ao sentido há também quem o traduza por: *preservador*, *salvador*.

ficação parece ser de *poderoso*; em ambos os géneros figura no Calendário.

Dativo, veja-se **Deodato**.

David ([1]), nome de proveniência hebraica, que em língua portuguesa quer dizer tanto como *amado de Jehovah*, isto é, predilecto ou favorito de Deus; tendo sido o do rei-profeta bem conhecido, não admira que figure no Calendário Católico e se encontre entre nós já nos mais antigos documentos, havendo até dado origem ao patronímico *Davidiz*, que nos mesmos se lê.

Débora, nome hebraico equivalente ao nosso *abelha* ([2]); a-pesar-de ter sido usado por duas personagens bíblicas, a ama de Rebeca e uma profetisa e juiza do povo de Israel, não caiu no agrado, como outros de igual procedência, a julgar pelo seu raríssimo emprêgo na nomenclatura feminina. Sôbre outro nome de significação idêntica veja-se *Melissa* e *Ema*.

Décio, nome gentilício romano, tirado do numeral *dez*, significando, portanto, o *décimo* filho na ordem do nascimento.

Decoroso, adjectivo latino, que, como tantos outros, serviria primitivamente de alcunha, passando depois a nome próprio; poderemos traduzi-lo por: *elegante*, *belo*, etc., no sentido físico ou figurado; acha-se representado no Calendário.

Deícola, nome comum, que pelos seus componentes, quer dizer: *o que honra a Deus*, passado a próprio, figurando como tal no Calendário.

Delfino (Delphino), nome grego de um cetáceo, ainda hoje assim chamado, e também golfinho ([3]); outra forma do mesmo

---

([1]) Embora a pronúncia, mais corrente, segundo creio, faça soar o *d* final, também há quem o não profira; parece que o mesmo acontecia antigamente, pois o *Onomástico Medieval* de Cortesão cita *Daví* e respectivo patronímico *Davizi* ou *Daviz*, como formas pertencentes aos séculos X e XI.

([2]) Provàvelmente no sentido figurado de *laboriosa*, característica principal do insecto.

([3]) «O delfim, filho de Amfitrite (uma das Nereides, que

é *Delfim*; o seu feminino é regular ou seja *Delfina*, figurando no Calendário ambos os géneros.

Demétrio ou *o consagrado a Demeter* [1], a deusa grega que na mitologia romana corresponde a Ceres, figura no Calendário com o seu feminino *Demétria* e é seu derivado *Demetriano* [2].

Demócrito, nome de homem, tomado do grego, que quer dizer *ilustre* ou *brilhante entre o povo*, pròpriamente o *eleito* ou *escolhido* (-κριτος de κρίνω) *do povo (δημο-)*; consta do Calendário.

Demóstenes [3], nome de homem, de origem grega, cujo sentido é *o que tem fôrça* (-σθενης) *sôbre o*, ou *domina, o povo* (δημος-); corresponde-lhe, quanto ao sentido, o germânico *Teodorico*.

Deofrêdo ou **Deofrido**, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *o que traz a paz* (*fredo*; cf. *Frederico*, etc.) *ao seu povo* (cf. *Deolindo*); de introdução moderna e raro uso, segundo se me afigura. Outra forma do mesmo é *Teofredo (Theofredo)*.

Deográcias, frase latina, tornada nome de indivíduo, que indica a satisfação dos pais pelo seu nascimento, tendo, portanto, sentido equivalente a *João*; figura no Calendário, mas o seu uso é raro, segundo creio.

Deolindo, nome de proveniência germânica, que quer dizer *protector (-lindo* de *lint)* [4] *do povo (deo-* por *deot* ou *diet)*; embora consignada no *Ementário Luso-Brasileiro*, esta forma é muito menos vulgar do que o feminino respec-

---

foi mulher de Poseidon, o deus do mar), era um peixe sagrado, que, afora outras mostras do seu amor aos homens e à música, conduziu os cretenses a Prissa» Pape.

(1) Ou *a mãe* (μήτηρ) *terra* (δᾶ por γῆ). Tetzner traduz por: *filho da mãe de deuses*.

(2) O *Ementário Luso-Brasileiro* cita ainda *Demetério* que se me afigura divergente do primeiro.

(3) No *Século* de 21-1-1932, pág. 2, figura um indivíduo assim chamado.

(4) Pròpriamente *lint* significa *serpente* e no sentido figurado *protector*, pois acreditava-se que o ofídio protegia a casa em que aparecia.

tivo *Deolinda*. Outras formas dos mesmos são *Teodolindo*, *Teodolinda*, *Teolindo*, *Teolinda* (1).

Deonilde (2), nome de mulher, de procedência germânica, cuja significação é: *combatente do povo* (3); a sua introdução entre nós deve ser moderna.

Desidério, nome comum do latim clássico, que o vulgar, sem lhe mudar a significação, alterou, segundo parece, em *desidiu*, donde o nosso *desejo*, por isso, quando próprio, poderá traduzir-se por *o desejado* (4); tem feminino regular, porém só o masculino consta do Calendário (5) e ocorre nos nossos antigos documentos.

Deuladeu, veja-se **Deusodeu**.

Deusdado, veja-se **Deodato**.

Deusodeu, tradução portuguesa do nome latino *Deusdedit* de vários santos do Calendário; a forma feminina que lhe corresponde, *Deuladeu*, usou a célebre heroína de Monção: sôbre a queda do *-s* e conservação do antigo pronome *la*, cf. *todolos* da língua arcaica e *ei-lo*, por exemplo, da moderna ainda.

Diana, nome de uma divindade itálica que, como tantos outros, passou também a mulheres; a sua significação é de *di-*

---

(1) A razão da diferença dêstes nomes estão nos dialectos em que se formaram, pois, emquanto o velho alto alemão dizia *diot* e médio *diet*, usava o gótico *thinda*.

(2) Afigura-se-me que o *-n-* que entra nêste nome deve ser devido a influência de outro nome, talvez *Leonilde*; a sua verdadeira forma seria *Deothilde* (em alemão *Diethild*) visto ser composto de dois têrmos, *deot* (cf. *Deolinda*) e *hild* (cf. *Hilda*).

(3) A preposição *de* tanto pode indicar *proveniência*, *origem*, como *objecto*, o que me parece mais provável, equivalendo assim a: *pelo*, *em prol de*, etc.

(4) Pròpriamente *desejado*, que o *Ementário* inclui entre os nomes masculinos, é em latim *desideratus*, nome que aliás era pelos Romanos dado também a pessoas.

(5) O citado *Ementário* dá como figurado aí também *Didier*, mas tal forma de *Desidério* é francesa; Leite de Vasconcelos cita-a na sua *Antroponimia*, a pág. 292, mas entre os apelidos; a par dela, existe um francês igualmente *Desiré*, como em italiano *Desiderato*, etc.

vina, isto é, um derivado de *divús*, segundo se infere da forma primitiva *Diviana*, dada por Varrão.

Dião (1) ou antes **Dion**, como se lê no *Martyrologio*, em que figura no dia 6 de Junho, é nome grego que me parece ter a mesma significação que *Dionísio* e ser o masculino correspondente a *Dione*, que a mitologia diz ter sido mulher de Júpiter (Διός) e mãi de Vénus.

Didimo, que figura no *Martyrologio Romano*, como nome de vários santos, é tradução em grego do hebraico *Thomas*, veja-se *Tomás*.

Diocles, nome grego que equivale a: *gloria* ou *fama* (cf. *Agatocles*, etc.) de *Jupiter* (cf. *Dionísio*, etc.); devem ser seus derivados *Dioclecio* e *Diocleciano* (2), que tem feminino regular, figurando no Calendário os dois primeiros dêstes três nomes.

Diodoro, nome grego, cuja significação em português é: *presente de Jupiter* (3) (cf. *Doroteu* e *Diogenes*); tem feminino regular, mas só o masculino consta do Calendário.

Diódoto, nome grego que significa o *dado* (-δοτος) *por Zeus* (Διο-): cf. *Diodoro*.

Diógenes, nome grego, que quer dizer: *da raça* (-γενης) *de Júpiter* (Διο-), isto é, de origem divina e figura no Calendário; dêle deriva *Diogeniano*.

Diogo, nome de homem, cuja forma anterior, constante de documentos medievais, é *Dídago*, esta mesma precedide por outra, *Dídaco*, de origem e significação obscuras; figura no Calendário. Outra forma do mesmo, mas hoje exclusiva do espanhol, é *Diego* (4). Resultante da forma mais antiga mencionada é o actual apelido *Dias* (antes

---

(1) Assim no *Ementário*.

(2) O *Dic. lat. port.* de Saraiva observa que o imperador dêste nome se chamou primeiro *Diocles*.

(3) Êste nome compõe-se de *Iu-*, que está por *dieu-*, mais *piter*, outra forma de *pater* ou *pai*, que, em testemunho de veneração, se ajuntava ao nome do deus (cf. *Marspiter*). Em grego dizia-se Ζεύς, mas no genitivo Διός. Outra forma de *Júpiter*, mais próxima da origem, é *Diespiter*, cujo primeiro componente se relaciona com *dies*, donde o nosso *dia*, *deus*, etc.

(4) Nos antigos documentos, além desta forma, encontra-se também *Diago*.

Díaz, *Didaz* e *Didazi*), que em rigor é um patronímico do nome aqui tratado.

Diomedes, nome grego que se interpreta por *o aconselhado* (-μηδης: cf. μήδομαι) *pelos deuses* (pròpriamente por *Júpiter*); o seu feminino é *Diomeda*, citado pelo *Ementário*, mas só o masculino consta do Calendário.

Dionisio, Dionísia, adjectivo, que quer dizer *pertencente* ou *consagrado a Dióniso* (1), o deus grego mais conhecido pelo nome de Baco; ambas as formas figuram no Calendário como próprias de pessoas, mas, a-par delas, de carácter literário, há, porém, só para o masculino, uma de feição popular, embora importada de França, segundo penso; é *Denis* ou *Dinis* (2), que já existia entre nós no século XIII pelo menos, pois é dêsse tempo o nosso rei assim chamado.

Dióscoro, nome de homem, de procedência grega que, segundo os elementos de que se compõe, quer dizer *filho* (-κορος) (3) *de Zeus* ou *Júpiter* (Διος-); derivado do mesmo é *Dioscórides*, que se poderá traduzir por *descendente de Dióscoro*, ambos figuram no Calendário.

Doce, veja-se **Dulce**.

Domicio, nome romano que, a meu ver, representa um divergente de *domitus* e significa, como êste, *domado*, *sujeito*; são seus derivados *Domiciano* (4) e *Domitilo*, os quais

---

(1) *Dióniso* ou melhor «*Dionisos* é originàriamente uma forma de Zeus, cujo nome êle tem no primeiro dos seus componentes: ΔιFό -σνυσος de σνύτjος. O segundo elemento pertence a νάFω de *snávō*, *corro*. O deus é chamado como difusão do céu ou da luz, sendo em rigor o mesmo que o Ζεὺς Νάϊος de Dodona, que cercam as ΝαFιάδες». A. Fick, *Die griechischen Personnennamen*, pág. 439.

(2) No *Ementário Luso-Brasileiro* regista-se também a forma *Dionis* e ainda *Delis*, como idêntica a ela. Nos *Portugaliae Monumenta Historica*, ao lado de *Denis*, há igualmente *Donis*.

(3) Em grego há κόρος e κοῦρος, mas Pape traduz êste elemento por *lança*.

(4) Tetzner e o livrinho *Unsere Taufnamen* traduzem êste nome por *domador*, mas êle e os demais eu interpreto antes por *manso* ou de *génio brando*, que é o sentido do adjectivo arcaico *dondo*, representante do particípio *domitus*.

todos teem feminino regular, figurando no Calendário os dois primeiros, mas no masculino apenas, e o último no feminino, na qualidade de apelido (1).

Domínico, Domínica, formas literárias, que significam *o, a, pertencente ao Senhor*, correspondem-lhes as populares *Domingo, Dominga* ou *Domingos, Domingas* (2), que são as que hoje exclusivamente se usam, quando nomes próprios; tanto umas como outras ocorrem já nos nossos antigos documentos (3); note-se, porém, que as penúltimas aparecem também sem a sílaba inicial (4), perda esta que atribuo a próclise. No Calendário figura apenas o masculino, mas lá encontram-se a mais *Domno, Domna* ou *Dono, Dona*, que representam os primitivos *dominus, domina*, isto é, *senhor, senhora*, e ainda *Domnino, Domnina* e *Domnolo*, que tenho por seus derivados hipocorísticos.

Domno, nome comum, representante do latim *dominus*, evolucionado em *dono* e *dom*, e que, como outros, passou à classe dos próprios; tanto êle como o seu deminutivo *Domnino* e respectivos femininos, *Domna* e *Domnina*, figuram no Calendário. A existência do *Donino* é ates-

---

(1) *S. Flávia Domitila* ou *Domicilla*, como escreve o *Martyrologio Romano*.

(2) As formas verdadeiramente populares devem ter sido *Domengo, Domenga* (assim, a-par de *Domingas*, em documentos do século XIII; cf. *Rev. Lusit.*, VIII), cuja existência se infere de *Domengus* e patronímico *Domenguiz* (assim interpreto os *Domenquiz* e *Domenquizi* dos originais), que se lêem em documentos do século XI; depois o *-e-* passou a *-i-* sob influência literária.

(3) Acham-se lá também os respectivos patronímicos *Dominiguiz* e *Dominguez*, o último dos quais continua a persistir como apelido.

(4) *Mengo* vive ainda como apelido; uma *Menga* aparece na estância 42 do *Crisfal*, de Cristóvão Falcão e, segundo D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na *Revista Lusitana*, III, pág. 348, era nome muito querido e festejado «pela poesia pastoril peninsular»; e *Mingo* é um dos personagens do poema satírico castelhano do século XV, intitulado *Coplas de Mingo Revulgo*.

tada por um documento do século XI e pelo topónimo *Donim*. Do Calendário consta ainda um *Dómnolo*, que tem tôda a aparência de ser também um deminutivo de *Domno* (1). Outro derivado, veja-se *Domínico*.

Donato, veja-se **Adeodato**.

Dora, nome que se me afigura hipocorístico dos gregos, em que entra como primeiro ou segundo elemento (cf. *Dorotea*, *Teodora*, etc.) com o sentido de presente; outra forma do mesmo é *Doris* (2). Tem visos de seu deminutivo *Dorina* e equivalente a êste *Dorinda*, e composto *Dorabela*, registado no *Ementário* (3).

Dores, ou à espanhola *Dolores*, tal qual como em latim, é nome que, em geral, precedido de *Maria*, a que se une pela preposição *de* e artigo definido do plural, consoante o substantivo seguinte, isto é, *das*; comemorando-se assim um dos muitos títulos sob que a Virgem é invocada, recomenda-se em certo modo à sua protecção quem o usa. Quanto à equivalência de sentido cf. *Piedade* e *Compaixão*.

---

(1) No *Onomástico Medieval* registam-se *Donellus* e seu feminino *Donela*, que devem ser igualmente deminutivos. *Dõna*, como nome de mulher, figura num documento do século XIV (cf. *Rev. Lusit.*, XXI, pág. 257). Actualmente sou informado da existência de *Donzília*, que creio ser deturpação arbitrária de *donzela*. A forma *donzilla* consta do *Romanceiro* de T. Braga, vol. I, pág. 230, 232, 234, 235, etc. O *Ementário* regista também *Dona* e a mais *Donabella* e *Donalda* (com o respectivo masculino *Donaldo*). Em Portimão havia uma *quinta*, hoje pertencente aos herdeiros de Manuel José de Sarrea Gárfia, chamada *da Donalda*; afigura-se-me, porém, que tanto *Donabela* como *Donalda* (donde se tiraria o masculino) são nomes compostos, nos quais entram os elementos *Bela* e *Alda*, que aliás, como simples, teem vida à parte.

(2) Assim, no livrinho *Unsere Taufnamen*, mas *Dori* em Tetzner.

(3) O mesmo repositório cita também como tomado da literatura *Dorabila*, que poderá ser uma variante, na qual a troca do *e* por *i* poderia resultar da influência de nomes parecidos, como *Mabília*, etc.

Dorimedonte, como se chama um santo do Calendário, é nome grego que, segundo os elementos de que se compõe, quer dizer: *o que é hábil no manejo* (μήδων) *da lança* (δόρυ): cf. quanto ao sentido, *Gerardo* ou *Geraldo*.

Dorlinda, nome de mulher, de origem germânica, que se me afigura querer significar *cara protectora* ou *a que favorece os amantes* [1]: cf. *Gertrudes* e *Ermelinda*, etc.

Doroteu (Dorotheu), nome grego, que quer dizer: *dom* ou *presente de Deus* [2], conforme a significação dos elementos que o compõem, δωρο- e -θεος; tem feminino regular, isto é, *Dorotea (Dorothea)* [3] e figura no Calendário nos dois géneros. Com estas formas literárias concorrem, já no século XI, as populares correspondentes, *Dordio* e *Dordia*, as quais foram precedidas por estoutras, **Dorodeu* [4] e

---

(1) No actual alemão há *Drudelinde*, que me parece corresponder ao nome português, e cujo primeiro elemento representa evolução da forma mais freqüente *trude*.

(2) Como se trata de povo politeista, será preferível pluralizar a palavra *deus*.

(3) O povo, provàvelmente por dissimilação vocálica e influência dos nomes começados por *derr-*, como *derramar*, *derreter*, *derredor*, etc. diz *Derrotea*. O *Ementário* cita *Donotea*, que, classifica de forma antiga; a ter realmente existido, deve considerar-se híbrida, isto é, composta de um elemento latino *dono-*, igual em sentido a *doro-* e outro grego *-theo*.

(4) Embora do *Onomástico Medieval*, de Cortesão, não constem as formas *Dorodeu* e *Dordio*, leva-me a crer que coexistisse com as femininas o patronímico *Dordiz*, que èle menciona, e ainda se usa, ao contrário do feminino, que parece ter-se tornado obsoleto. Que a acentuação em ambas as formas deve recair no *-i-* mostram, a meu ver, afora a sua origem, isto é, a acentuação à grega, a cantiga n.º 37 do *Cancioneiro da Vaticana*, onde ocorre a feminina e a pronúncia mais corrente do masculino, ainda subsistente, como disse. No *Dicionário Corográfico*, de Baptista, há um lugar que diz chamar-se *Vinha d'Ordia Pires*, cuja grafia exacta deve ser *Vinha Dordia Pires*; a omissão da preposição em casos tais é freqüente (cf. *Val Corvo*, *Val Paraiso*, etc.), aqui, porém, podia ser motivada por haplologia, como em *Vinha Dama* e *Vinha Dona*, designações de outros lugares.

Dorodea ou *Doradea*, por dissimilação vocálica, favorecida pela presença do *r*. É hipocorístico do feminino, que é de mais uso que o masculino, o actual *Dora*. Forma idêntica pelo sentido a *Doroteu* e *Dositeu* (1), que diverge apenas no primeiro elemento *dosi-* (por δωτι-), aliás sinónimo de δωρο-, e figura igualmente no Calendário. Outras formas dos mesmos nomes e, portanto, de igual significação, são *Teodoro* e *Teodósio*, com os respectivos femininos regulares, que daqueles diferem só em terem invertido os seus elementos componentes, figurando também no Calendário, mas apenas *Teodora* (a-par de *Teodara* e *Todorā*) e *Teodósio* no *Onomástico Medieval*. Ainda do primeiro há o deminutivo *Teodorino*, que possue feminino regular, e *Teodoreto*, outro derivado, que à letra quer dizer: *dado de presente por deus* (2) e figura no Calendário; do segundo, *Teodosiano*, em rigor um verdadeiro adjectivo (3). Quanto ao sentido de todos estes nomes, cf. o seu equivalente hebraico *João*.

Droctovêo (4), nome constante do Calendário, como sendo o de um santo abade que a Igreja comemora a 10 de Março; a sua proveniência é germânica, querendo significar *o que combate* (cf. *Clodoven*, etc.) *o* ou *pelo povo (droct-* por *drauht-*: cf. *Truclesendo)* (5).

Droctovino, nome da mesma significação e proveniência que

---

(1) O *Dicionário Grego-Francês*, de Alexandre, traduz Δωσίθεος por: *que nos dá um Deus*, e explica-o como *epíteto da Virgem*; aplicando o têrmo a pessoas, vê-se que não é exacta a tradução; demais temos o sinónimo *Doroteu*.

(2) Ver a nota 2 da pág. anterior.

(3) O *Ementário* regista *Adeodoro*, que se me afigura forma híbrida, isto é, constituída por elementos latinos, *Adeo-* e um grego *-doro*, valendo, portanto, o mesmo que *Teodoro*. O mesmo repositório menciona ainda *Fedoro* e *Fedora*, formas russas de *Teodoro* e *Teodora*.

(4) É esta a forma dada pelo *Martyrologio*, como correspondente à alemã *Droktwig*; a que se encontra no *Ementário*, ou seja *Droctóvio*, afigura-se-me menos exacta.

(5) Tetzner, que dá ao segundo elemento o sentido de *santuário*, contràriamente aos mais etimólogos, traduz por *santuário do povo*.

Folquino, de que diverge apenas no primeiro componente, aliás de sentido idêntico. O *Ementário* regista também *Droctónio*, em que entra igualmente o tema *droctó-*, e que por isso se deverá talvez traduzir por *popular*.

Drogo, Drogôn ou **Drogão** (1), como se chama um santo que a Igreja comemora a 16 de Abril, é nome germânico que Tetzner traduz por *herói do povo*.

Duarte, veja-se **Eduardo**.

Dulas, Dula, nomes gregos, aquele do género masculino, êste do feminino, que significam *servo* (δοῦλος, δούλη), com a ideia subentendida *de Deus*, segundo penso: figuram ambos no *Martyrologio Romano*.

Dulce, isto é, aquela cujo carácter ou génio é *doce*, que é a forma popular correspondente àquela e a única dantes subsistente, pois assim se vê nomeada a espôsa de D. Sancho I, e ainda viva no povo. Da primeira destas formas, ou seja da literária, se tiraram *Dulcídia*, *Dulcinda* e *Dulcinéa*. Como tantos outros, o nome *Dulcis* deve, já entre os Romanos, talvez, ter passado de alcunha a próprio, pois é seu derivado o masculino *Dulcitius* (ou *Dulcicio*), que se encontra em Amiano Marcelino.

Durando (2), nome que parece representar o participio do presente ou o chamado gerundivo, no latim, do verbo *durar*, empregado talvez na sua origem como optativo ou seja *aquele a quem se deseja que dure*, isto é, *uma vida longa*, tem feminino regular, a que o *Ementário* apõe a nota de antigo. Nos nossos documentos medievais aparece êle sob as formas alatinadas *Durandus*, *Durannus* e *Duranus*, e a portuguesa *Durão* (século XV), que ainda subsiste, porém, segundo creio, só na qualidade de apelido, e resultou evidentemente de próclise: cf. *Ferrão*.

---

(1) A primeira destas formas traz Tetzner, a segunda encontra-se no *Martyrologio* e a terceira regista-a o *Ementário*.

(2) F. Khull, no seu *Deutsches Namenbüchlein*, pág. 18, diz: «em tempo muito antigo eram alguns participios do presente usados como nomes, por exemplo, *Durand*, *Horand*, etc.» e inclue o primeiro dêstes entre os que figuram no Calendário. É possivel que se trate de alguma antiga forma do verbo *dauern*, que se diz provir do latim *durare*.

E

Eadberto, nome anglo-saxónio, cuja tradução em português é *brilhante* ou *ilustre pela sua riqueza* (cf. *Eduardo* e *Alberto*, etc.); figura no Calendário, mas o seu uso entre nós, ao que me parece, é muito raro.

Eadburga, com se chama uma santa do Calendário, é nome da mesma proveniência que *Eadberto* e significa: *protectora (-burga) da riqueza.*

Eberardo (Eberhardo), nome de homem, de procedência germânica, que, em virtude dos seus componentes, se traduz por *forte (-hardo) como um javali (eber-)* (1); outras formas do mesmo são *Ebrardo* e *Everardo*, constantes tôdas do Calendário.

Ebo (ou **Ebbo**), nome da mesma procedência que o anterior, o qual quer dizer *javali* e deve representar forma hipocorística dos assim começados; consta do Calendário.

Ebrulfo (2), nome germânico, que quer dizer *javali-lôbo* (3) (cf. *Eberardo* e *Adolfo*, etc.) e figura no Calendário; outra forma do mesmo, constante de antigos documentos, é *Berufo*, cujo genitivo se acha representado no toponímico *Brufe*, ainda *Berulfi* no século XI; existiu no mesmo tempo o patronímico *Berulfiz*.

Edelberto, nome germânico, que quer dizer *brilhante* ou *ilustre* (cf. *Berto*, etc.) *por sua riqueza* (cf. *Eduardo*, etc.) (4), tem feminino regular; outras formas do mesmo parecem ser

---

(1) Tetzner observa que o javali era sagrado ao deus da caça Fro, ao qual, em memória, eram dados nomes compostos com *eber*. O animal passava por emblema da coragem aos olhos dos Germanos.

(2) Deve ser outra forma do mesmo nome e mais próxima da primitiva *Everulfo*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* diz encontrar-se também no Calendário.

(3) O lôbo, assim como águia e o côrvo, ara animal consagrado ao deus germânico *Wotan*.

(4) Assim, Tetzner e Bass, porém o livrinho *Unsere Taufnamen*, tem êste nome por uma das várias formas de *Alberto*, dando-lhe por isso igual interpretação.

Edalberto, *Etelberto (Ethelberto)* (1) e *Edilberto*, dos quais os dois últimos possuem também feminino regular, constando do Calendário os três, mas só no masculino.

Edeltrudes, veja-se **Adeltrudes**.

Edgar (2), nome de homem, de procedência anglo-saxónia, que se traduz por *o que com a lança* (cf. *Gertrudes*, etc.) *combate pelos bens possuídos* ou *seus averes* (cf. *Eduardo*, etc.); a forma que lhe corresponde em francês é *Ogier* (3), segundo Tetzner.

Edipo, nome grego, que quer dizer *o dos pés* (-πους) *inchados* (οἰδι-) (4) e, segundo a lenda, foi dado por Polibo, rei de Corinto, ao filho de Laio e Jocasta porque, quando lhe foi apresentado pelo pastor que o achara abandonado no monte Citerão, apresentava aquela particularidade resultante de ter sido suspenso a uma árvore, a-fim-de impedir que as feras o tragassem.

Edita, nome de mulher, de origem anglo-saxónia, que quer dizer *a possuïdora* ou *proprietária* (cf. *Eduardo*, etc.) (5); assim se chamou uma «filha de Edgáro, rey de Ingla-

---

(1) O livrinho acabado de citar considera esta forma anglo-saxónia.

(2) O *Ementário* regista também *Edgaro*, forma esta que o *Martyrologio* emprega exclusivamente, e *Edgardo*.

(3) *Oger* ou *Ogier le Danois* é personagem lendário do tempo de Carlos Magno, que se dá como filho de um rei de Dinamarca, cujo nome figura em muitas canções de gesta (*Petit Larousse ilustré*, s. v.). Entre os volumes, dedicados à mocidade pela livraria Larousse, figura o intitulado *Les infortunes d'Ogier le Danois*.

(4) Em vez desta interpretação, dada já pelos antigos, propôs Schneidewin a de finório, que *sabe* o enigma dos *pés* (οἶδε πόδας), referida à explicação dada pelo herói à adivinha que lhe foi apresentada pela esfinge: tal interpretação, porém, é afectada e por isso mesmo erróriea, tanto mais que nenhumas palavras se formam com apofonia (Kleinpaul, *Die dentsche Personnennamen*, pág. 25).

(5) Assim interpreta o livrinho *Unsere Taufnamen*, etc., mas Tetzner e Basse *a que combate pela riqueza* ou *posse*; também traduzem por: *presente*, *dom (-ita* pelo médio inglês *yift*, hoje *gift?) de riqueza* ou *rica*.

terra, a qual de tão pouca idade foi dedicada a Deos em hum mosteyro que com razão se pode della dizer que deixou *(sic)* o mundo, antes que o conhecesse», como diz o *Martyrologio Romano* (1).

Edmar (2) ou **Edmaro**, nome anglo-saxónio, sinónimo de *Eadberto*, do qual diverge apenas no segundo elemento, aliás do mesmo sentido, pouco mais ou menos; corresponde-lhe no velho alto alemão *Otmaro* (3), que se acha representado no Calendário.

Edmiro, divergente de **Edmaro**.

Edmundo (4), nome anglo-saxónio, cuja significação é *protector (-mundo* de *munt) da riqueza* (cf. *Eduardo*) ou *dos ricos*, e ao qual corresponde o feminino regular *Edmunda*; no Calendário só o masculino se acha representado; formas mais populares afiguram-se-me *Edmondo*, *Edmonda*, aquela é usada por Fernão Lopes na sua *Crónica de D. João I.*

Edo, nome germânico, que se traduz por *o propietário* e é forma hipocorística dos nomes assim começados; seguindo o *Ementário Luso-Brasileiro*, que escreve *Eddo*, figura no Calendário.

Eduardo, nome anglo-saxónio, que significa *guarda (-uardo* de *ward) de bens* ou *riqueza (ed-* por *ead-)* e se usa também no feminino; a sua introdução na língua deve ser moderna, pois a forma empregada pelos nossos antigos escritores é *Eduarte*; desta, pela aférese regular do *e* inicial em condições idênticas, isto é, não protegido por consoante (cf. *merger*, *prego*, etc, de *mergere*, *epigrus*, etc.) resultou *Duarte*, que parece já existia no século XIII (5),

---

(1) A grafia nêle usada é *Editha*, mas a forma hoje em uso entre nós é *Edith* à inglesa; o *Ementário* traz ambas.

(2) O *Ementário Luso-Brasileiro* não cita esta forma.

(3) No repositório mencionado *Otemaro* e *Otomaro*; a forma acima é a que traz o *Martyrologio Romano*.

(4) No *Martyrologio Romano* há também *Eadmundo*, outra forma do mesmo nome: cf. *Eduardo*; à germânica *ot-* corresponde a anglo-saxónia *ead-*.

(5) Com efeito, de um documento dêsse tempo consta a existência de uma *vila de Doarte*; veja-se *Onomástico Medieval*.

donde deve proceder *Duartina*, citada no *Ementário Luso-Brasileiro* (1) e que tem a aparência de deminutivo; no Calendário ocorrem as formas mencionadas com excepção da última (2).

Eduino (3), nome anglo-saxónio, que quer dizer: *amigo de bens* ou *de riqueza* (cf. *Osuíno* e *Edmundo*); embora representado no Calendário, o seu uso entre nós é muito restrito.

Eduvoldo, nome de homem, de proveniência germânica, que se interpreta por *senhor de propriedade* (cf. *Eduardo*, etc.); embora figure no Calendário, não me consta do seu uso entre nós. Outra forma do mesmo, segundo o *Ementário*, é *Edwoldo*, creio, porém, que a verdadeira será *Edvaldo*, como representante da alemã *Edwald*.

Efraim (Ephraim), nome hebraico sinónimo, quanto ao sentido, do latino *Frutuoso*; a-pesar-de figurar na Bíblia, creio ser de uso pouco vulgar.

Egas, nome já bastante antigo entre nós, mas cuja forma se me afigura ter sido primitivamente *Ega* (4) (sôbre o *-s*: cf. *Cunegundes*, etc.); a sua procedência deve ser germânica, entrando nêle a raiz *ekk* (5), que aparece escrita de

---

(1) No mesmo repositório menciona-se um feminino *Dualda*, que possìvelmente estará por *Duarda*, forma esta que poderia provir da em uso *Eduarda*, embora lá figure com a nota de antiga, ou mesmo de *Duardo*, que aparece na Chancelaria de D. Afonso V (na Torre do Tombo) em 1456 e 1468, segundo informa Leite de Vasconcelos, a pág. 96 do III vol. dos *Opúsculos*.

(2) Na *Crónica dos Frades Menores* ocorrem as formas *Eduarte* e *Adoardo*, ambas representantes da latina *Odoardus*, que os editores do texto original dizem estar por *Eduardus*, todavia *Odoard* existe ainda no actual alemão, pois *od-*, *ot-* e *ed-* são variantes apenas de uma única.

(3) Outras formas do mesmo, segundo o *Ementário*, são *Eduvino* e *Edwino*.

(4) Esta forma ocorre ainda na nossa toponímia.

(5) Assim ou *ekka* no velho alto alemão, hoje *eck* = *ponta*, *corte*, *espada*; parece relacionar-se assim com a raiz *ac* do indo-europeu. No *Onomástico* encontra-se *Ecca* como nome de homem num documento de 1060.

várias maneiras, entre elas *eg*, a qual se interpreta por *combatente* (1); pela sua forma reduzida julgo-o um hipocorístico dos nomes começados por *eg-* (cf. *Egberto*) (2). Precedido da palavra *ben*, que em árabe quer dizer *filho*, e a êle se aglutinou, deu o actual apelido *Viegas* (antes *Benegas*, *Venegas* e *Veegas*), uma das várias formações dos patronímicos na antiga língua.

Egberto, nome germânico, que quer dizer *brilhante* ou *ilustre na espada (eg-* por *ecke*, pròpriamente *fio*, *gume*; cf. inglês *edge)* e se acha representado do Calendário.

Egidio, nome greco-latino, que parece significar *protector* (de αἰγίδ-, pròpriamente escudo coberto de pele de cabra), tem feminino regular, mas no Calendário só o masculino se acha representado; outra forma do mesmo, a única popular e já antiga entre nós, é *Gil*, que nos deve ter vindo do francês (3).

Egilrico (4), nome de homem, de origem germânica, que se interpreta por: *príncipe (-rico) -espada* (*egil-* cf. *Egas*, etc.), ou, como se me afigura: *príncipe batalhador* ou *guerreiro*, a-pesar-de se encontrar no Calendário, o seu uso creio ser muito raro.

Eginaldo, nome de homem, de procedência germânica, que quer dizer: *senhor* ou *soberano* (cf. *Arnaldo*, etc.) *-espada (egin-)* isto é, que a maneja fortemente; o *Ementário* opõe-lhe a nota de antigo (5), não se encontra todavia no *Onomástico Medieval*.

Eginardo, como se chamou o cronista francês, secretário de

---

(1) Cf. Bass, pág. 123.

(2) Composto do mesmo deve ser o antigo nome *Egaredo*, que eu traduzo por: *o que aconselha (-redo) o combate* e vive ainda no topónimo *Garci*, que em documentos do século XI se acha escrito *Egaredi* e também *Egarci*.

(3) Na gesta *Chanson de Jerusalém* ou *de Antroche*, por exemplo, lê-se *Saint-Gille*, mas há também *Gilles*, que suponho ser a forma única hoje em uso; afigura-se-me representar aquela, donde deve ter vindo a nossa directa ou indirectamente, o antigo caso acusativo e esta o nominativo.

(4) No *Ementário Egelrico*.

(5) O mesmo repositório menciona também *Eginaldes*, que é evidentemente o seu patronímico.

Carlos Magno, cuja vida escreveu, é nome germânico, que quer dizer: *o forte (-ardo) na espada (egin-)*, portanto de sentido quási igual a *Eginaldo*; não consta do *Onomástico Medieval*, donde se infere ter entrado tardiamente na nossa lingua.

Egvardo, nome de homem, de proveniência germânica, cuja tradução em português creio ser: *o que se defende (-vardo; cf. Warten*, donde o português *aguardar) com a espada* (cf. *Egas*): consta do Calendário. Outras formas, dadas pelo *Ementário*, são *Egwardo* (em alemão *Egward*) e *Egvordo*.

Eirea, Eiria, veja-se **Irene.**

Eleazar (¹), nome de homem, de origem hebraica, que quer dizer *Deus tem-[me] ajudado* (²); outras formas do mesmo são: *Eleazaro* (³) e, mais vulgar do que esta, *Lazaro*, que já figura nos nossos antigos documentos, a-par destoutras: *Lazero, Lazoro*, e ainda do patronímico *Lazariz* e do aumentativo, segundo parece, *Lazaron*, hoje *Lazarão*; segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, há também o feminino *Lazara*, e seu deminutivo *Lazarina*, mas no Calendário só ocorrem a segunda e terceira das mencionadas formas.

Eleito, veja-se **Eligio.**

Eleutério, nome grego, que quer dizer *livre* (de ἐλευθέριος), forma o feminino regularmente, mas só o masculino está representado no Calendário; na cantiga n.º 858 do *Cancioneiro*

(¹) Corrução de *Eliezer*, segundo o livrinho *Unsere Taufnamen*.

(²) Assim traduz o *Dict. of the Bible*, mas Kleinpaul, nos seus *Deutsche Personnennamen*, pág. 66, interpreta-o como *Deus é a minha salvação (Eser)*; o *Dic. lat. port.*, de Saraiva, traduz por *aquele de quem Deus é auxilio*.

(³) Afigura-se-me que daqui proveio *Elzeário* e depois *Elisiário*, de-certo sob a influência de *Elisio*, porquanto assim, a-par-de *Elisário*, chama o *Ementário* citado a um santo, cujo nome foi *Elzear* (de Robians ou de Sabran) e no *Martyrologio Romano* tem o de *Eleázaro*. A outro com êste último nome ainda o mesmo repositório dá estas formas: *Elesiário, Elceário* e *Elzeário*.

da Vaticana encontra-se o mesmo, mas sob a forma *Leuter*, ainda subsistente em *Neutel* (¹).

Elfrido, nome germânico (²), que quer dizer *o que ajuda (el- por helf-) a paz (-frido* de *fried-)*, isto é, *homem de paz* ou *pacífico* (³); tem feminino regular (⁴).

Elias, nome hebraico, que quer dizer: *Jehovah é Deus;* figura já num documento do século X e também no Calendário católico, afora ter sido o de um profeta de Israel.

Eliezer, veja-se **Eleazar**.

Eligio, nome de proveniência latina, tirado talvez do verbo *eligere*, em vez do regular *electus*, isto é, o seu particípio passado, tendo, portanto, o mesmo sentido de *Eleito*, que também figura entre os antropónimos (cf. *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, II vol., índice 2) (⁵) e dêle resultou; a sua forma popular, mas importada do francês, é *Eloi* (também *Aloy* e *Loi*), donde tomaram o nome os frades *loios*: cf. *Rev. Lusit.*, III, pág. 170; no Calendário só figura a forma literária correspondente, ou seja *Eligio*.

Elisa, veja-se **Isabel**.

Eliseu, nome hebraico, que significa [aquele de quem] *Deus é salvação* e foi o de um dos profetas judaicos.

Elisio (Elysio), nome pelo qual os antigos designavam o que hoje chamamos *o céu dos bemaventurados* e, que, na opi-

---

(¹) Pròpriamente êste nome que, precedido de *S.* (isto é *São*), denomina um sítio da freguesia de Vila Nova da Baronia, distrito de Beja, assenta sôbre *Leutel*, donde proveiu por dissimilação; usa-se quer como apelido, quer como nome de baptismo: cf. Neutel Soares Pimentel na pág. 10 de *O Século*, de 6 de Fevereiro de 1931.

(²) Na opinião de Bass, velho saxónio.

(³) Tetzner, Bass e o livrinho *Unsere Taufnamen*, que apenas registam o feminino *Elfrida* ou *Elfriede*, traduzem-no por *protectora dos elfos*.

(⁴) O *Ementário* não o menciona, mas só *Elfleda*, com a nota de antigo, que parece ser nome diferente, pelo menos Tetzner assim o considera, pois dá-lhe o sentido de *luz dos elfos*.

(⁵) O *Ementário* regista também o feminino, mas sob a forma latina *Electa*, que não encontro noutra parte, no dia 12 de Maio em que diz festejar-se.

nião de alguns, se relaciona com o verbo grego ἐλεύθω, significando assim «planície da chegada» (1); tem feminino regular, mas sua introdução deve ser moderna.

Elmino, nome de procedência germânica, que quer dizer *amigo* (cf. *Eduíno*, etc.) *do elmo* e tem feminino regular. Outra forma do mesmo creio ser *Elmindo*, que igualmente se usa no feminino.

Elmiro, nome germânico, que se me afigura de significação idêntica a *Egberto*, de que diverge só no segundo elemento *-berto*, aliás sinónimo de *-mar*, pois *el-* aponta A. Bass nos seus *Beiträge zur kenntnis deutscher Vornamen* como outra forma da raiz *ekk-*, pode no entanto estar por *eli-*, divergente de *ali-*, que quer dizer *estrangeiro*; o seu feminino forma-se regularmente, isto é, mudando o *-o* em *-a*.

Eloi, veja-se **Elígio.**

Elpídio, nome grego, tirado de ἐλπίς, que significa *esperança*, e que, portanto, poderemos traduzir por *esperançoso* ou *o que dá esperança*, ideia que vem claramente expressa no seu composto *Elpidéforo (Elpidephoro)* (2); daquele há os dois géneros, dêste só o masculino; do Calendário, porém, só consta êste género de ambos.

Elsa, nome de mulher, de procedência germânica, que uns traduzem por *a virgem dos cisnes* ou *da água* (3), outros, porém, teem na conta de hipocorístico de *Elisabeth* ou *Isabel*; outra forma do mesmo é *Ilsa*.

Elvira, nome que presumo ser de origem germânica (4) e repre-

(1) Também pode vêr-se neste nome o adjectivo tirado de ἠλύσιον, assim a *Proserpina* chama Marcial *Elysia puella*. Note-se que tal nome figurava já na antroponímia romana.

(2) Mas Pape interpreta um e outro, respectivamente, por *o que cura* ou *salva* e *o que traz a cura* ou *salvação*.

(3) Assim, Tetzner (cf. *Elsa* e *Ilsa*), que todavia admite também a mistura com *Elisabeth*; o livrinho *Unsere Taufnamen* é só pelo último parecer; F. Khull, no seu *Deutsches Namenbuchlein* diz que ambas as formas parecem ter sido nomes locais de divindades das águas, mas que já cedo valiam por hipocorísticos de *Elisabeth*.

(4) R. Kleinpaul no seu estudo sôbre *Die Deutschen Personnennamen*, pág. 21, parece deduzi-lo de *Illiberis*, antiga

sentar *Gelvira*, que se encontra em antigos documentos ([1]), tendo a queda do *g-* resultado de se usar precedido de vocábulo terminado em vogal, por exemplo, *dona*, com o qual fazia um corpo único, queda que se nota também em *irmão*, proveniente do latim *germanu* ([2]), e devendo atribuir-se a dissimilação consonântica a troca por *l* do *r* originário da sílaba inicial, constituindo a forma *Ielvira*, que nos mesmos se encontra, a intermédia entre a primitiva e a actual; sendo assim, quererá dizer *amante (-vira) da lança (ger-)* ([3]); figura no Calendário e acha-se já nos primeiros textos escritos em língua portuguesa, ao contrário de *Elviro*, que certamente foi tirado dêle em tempos modernos ([4]).

Ema (Emma), nome de origem germânica, que significa *abelha* (cf. o actual alemão *imme*) ou *a laboriosa* ([5]); embora bastante antigo, pois que já o usou uma filha de Carlos Magno, e figurando no Calendário, é desconhecido dos

---

cidade da Hispania, hoje Granada, mas tal proveniência só poderá admitir-se, supondo uma forma hipotética *Ilbira*, com metátese do *-b-*, de que não acho exemplo. O livrinho *Unsere Taufnamen* dá-lhe origem arábe e tradu-lo por: *a princesa*, *a excelsa*. Segundo êle, outra forma é *Ermira*, que o *Ementário* cita.

([1]) Por exemplo num de 915.

([2]) Cf. J. Cornu, *Gram. der ptg. Sprache*, § 219.

([3]) A ser verdadeira a minha explicação, teríamos neste nome um sinónimo de *Gertrudes*. Em vez de *ger-*, que proponho, dá Meyer-Lübke, *Die Altptg. Personnennamen germ. Ursprungs*, pág. 29, *gails*, de significação idêntica.

([4]) Por exemplo, em um *Auto de partilhas* de 1192 e num *testamento* do ano seguinte, e mesmo antes em documentos latinos do século XI.

([5]) É esta a explicação de Kleinpaul (*Die Deutsche Personennamen*, pág. 40), porém A. Bass, *Deutsche Vornamen*, pág. 57, e o livrinho *Unsere Taufnamen* traduzem êste nome por: *a grande* ou *poderosa*, e teem-no por hipocorístico dos nomes começados por *Erm-* ou *Irm-*, com assimilação do *r* ao *m*, opinião que Leite de Vasconcelos (*Antroponimia*, pág. 73) acha preferível. Acresce ainda que, segundo Bass, a forma *Erma* continua a manter-se na Alemanha.

nossos documentos; é seu hipocorístico *Emelina*, que igualmente se acha representado no Calendário.

Emanuel, ou, como se diz vulgarmente, *Manuel*, nome hebraico, que significa *Deus connosco*; embora muitíssimo mais freqüente a segunda forma, também se usa às vezes a primeira; o seu feminino é *Manuela* e há ainda o deminutivo *Manuelino*, porém no Calendário e nos nossos textos, sendo o mais antigo um documento do século X, só se encontra *Manuel* (1).

Emeramo, nome germânico, que quer dizer *aplicado* (2) (cf. *Ema*) *corvo (ramo* de *ramu)* ou *conselheiro*; figura no Calendário (3) e creio ser seu representante *Marano*, que com o respectivo patronímico *Maraniz* se encontra em antigos documentos.

Emerêncio, nome de origem latina, que se me afigura divergente do participio *emerens* (cf. *Vicente* e *Vicêncio*, etc.) e significa, portanto, *o que merece* ou *digno*, significação que igualmente deve ter o seu derivado *Emerenciano*; um e outro possuem feminino regular, género que em ambos figura no Calendário, e em um documento do século X o do último.

Emerico, nome germânico, que significa *aplicado* (cf. *Ema*) (4) *senhor* ou *príncipe (rico* de *rich)*; acha-se representado no Calendário e deve corresponder-lhe em língua popular *Marigo*, que se encontra num documento do século XI.

Emílio, nome gentilício ou de família romana, que se tem como representante do grego αἱμύλιος, que quer dizer:

---

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, pág. 436-9.

(2) Bass e Tetzner interpretam *o grande corvo, corvo da casa*, acrescentando que os corvos Hugin e Munin eram aves sagradas de Wotan; segundo os mesmos, a sílaba *em-* de *irm-*, *irmin-*, *im*, *erm-* exprime reforçamento ou provém de *heim (casa)*; dêste último parecer é o livrinho *Unsere Taufnamen*.

(3) A forma que êste regista, *Emmeramo* é, a meu ver, uma espécie de nacionalização do alemão *Emmeram*; o mesmo santo tem, no *Ementário*, o nome *Emmerano*.

(4) Ou *grande*, na opinião de Bass e Tetzner. O livrinho *Unsere Taufnamen* enterpreta *casa (heim)* o primeiro elemento e, portanto, *o príncipe da casa* o nome todo.

agradável, gentil, sedutor, etc.) (¹); é seu derivado *Emiliano*, que, como êle, tem feminino regular, figurando ambos no Calendário. Em documentos antigos encontram-se o feminino do primeiro, ora com a vogal inicial, ora sem ela (²), caso êste último que se dá com o seu deminutivo *Milina*, e o masculino do segundo igualmente desprovido dessa mesma vogal, ao lado do seu representante popular *Milhão*, que vive ainda na toponímia.

Eneas, nome de homem, de origem grega, que Virgílio tornou bastante conhecido com o seu poema chamado *Eneida*; quanto à sua significação, tanto pode interpretar-se por o *glorioso* como por o *terrível*, conforme se fizer derivar do substantivo αἴνη, ou do adjectivo αἰνός.

Engelberto ou **Ingelberto** (³), nome germânico, que quer dizer: *brilhante, ilustre* (cf. *Berto*) *anjo (engel)*, talvez no sentido primitivo de *mensageiro, enviado*; tem feminino regular e figura no Calendário, mas só no masculino *engel*, que, como aliás muitas outras palavras, foi importado do latim (⁴); porém, no seu livro *Deutsche Vornamen*, lá cita

(¹) A mim afigura-se-me que o latim *Aemilius* poderia provir de *aemulus*, do mesmo modo que *família, Caecilius, Sicília*, etc. resultaram de *famulus, Caeculus, Siculus*, etc.; neste caso *Emílio* significaria um *rival*, um que procura *imitar* outro; comigo pensa também Tetzner: cf. o seu *Namenbuch*, mas para o feminino o mesmo dá-lhe a origem e sentido acima. Por igual forma o interpreta o livrinho *Unsere Taufnamen*. No entanto o *Ementário* regista, como antiga, a forma *Aimylo*. Para Schulze (*Latein. Eigennamen*, pág. 295) *Aemilius* é um deminutivo de *Aemius, Aemus*.

(²) Assim, *Milia* e *Emília*, *D. Milia de Memdoça* em P. M. H. *(Scriptores)*. Também num *Flos Sanctorum* inédito do século XV (?) lê-se *Emiliã, Meliã* e *Miliã*.

(³) A. Bass, *Beitrage zur kenntnis deutscher Vornamen*, pág. 47, só menciona a forma *Engilbert*, cujo primeiro elemento representa o velho alto alemão *engil*, depois tornado no actual.

(⁴) *Ing*, o nome de um semideus da mitologia gérmânica, parece ter sido cedo confundido com o cristão *angel*, no prefixo *engel*. Em anglo-saxónio acham-se como prefixos *ing-* e *ingel-*.

Engelbert; o *Ementário* tem as duas formas *Engelberto* e *Ingelberto*, mas adverte que aquela é preferível a esta; no *Martyrologio* só figura a primeira.

Engelmaro, o mesmo que *Engelberto*, de que diverge só no segundo elemento, aliás sinónimo do dêste.

Engelrado, nome germânico, que significa *anjo* (cf. *Engelberto*, etc.) *conselheiro (rado* de *rat)*; no *Ementário Luso-Brasileiro* figura com a nota de antigo.

Engelvino, nome de homem, de proveniência germânica, que significa *amigo* (cf. *Balduino*) *angelical* ou *divino* (cf. *Engelberto*).

Enoc (Henoch), nome hebraico, cuja significação é *o iniciado*; conquanto constante da Bíblia, creio ser de uso muito raro.

Eovaldo ou **Evaldo**, nome germânico, que quer dizer *poderoso (-valdo* de *walt*: cf. o actual *walten) pela lei (eo-* de *ewa)* ou *o que governa, fazendo cumprir a lei* (1); uma e outra forma figuram no Calendário.

Epaminondas, nome de homem, importado do grego que, segundo os seus componentes ἐπί e ἀμείνων, quer dizer *o melhor* ou *excelente* (2).

Epicteto, nome grego, cujo significado é: *adquirido, possuído* (3); figura no Calendário.

Epifânio (Epiphanio), nome grego, que quer dizer à letra *visível* (de ἐπιφαίνω) e daí *brilhante* ou *ilustre*; na sua origem

---

(1) Também poderá traduzir-se por *o que se impõe pela muita idade*, se interpretarmos o primeiro elemento como equivalendo ao gótico *aiws* e não ao velho alto alemão *êwa*, lei, matrimónio: cf. *Eurico*.

(2) Um condiscipulo e amigo tive, natural de Estoi (Algarve), felizmente ainda vivo (1932), que assim se chamava; é de supôr que o nome lhe foi pôsto em lembrança do célebre general grego, cuja biografia, entre outros, fêz Nepos ou Cornélio Nepote, como outros dizem, escritor romano.

(3) Em vista do sentido, afigura-se-me que originàriamente se daria êste nome a pessoa que foi *adoptada* ou melhor antes a um escravo, que entrou a fazer parte dos bens do seu senhor; na tradução de Pape é *homem novo*, isto é, *recentemente adquirido*.

foi provàvelmente impôsto apenas às crianças que nasciam no dia da *Epifânia (Epiphania)* ou seja aquele em que Jesus Cristo se revelou ou *apareceu* aos homens como Deus; tem feminino regular ([1]) e os dois géneros acham-se representados no Calendário. Igual sentido e explicação deve ter *Teófanes (Theophanes)*, que figura também no Calendário e tem o feminino *Teófana (Theophana)*; *Teofania (Theophania)* ([2]) se chamou uma imperatriz alemã do século X.

Epimaco (Epimacho), nome de homem, de procedência grega, que, sendo primeiro comum, com o sentido de *o que auxilia no combate* (μάχη), passou depois a próprio, como tantos outros, figurando no Calendário.

Epistema ([3]), nome comum grego, que significa *ciência*, *habilidade*, etc. e passou a próprio de mulher; como tal deverá traduzir-se pelos adjectivos, correspondentes àqueles substantivos, isto é, *sábia*, *hábil*, etc. (cf. *Sofia*); figura no Calendário.

Epitácio, nome de homem, de origem grega, que se me afigura divergente do adjectivo ἐπιτάκτης e, como tal, dever traduzir-se por *o que comanda* ou o *chefe*, ou *imperioso*; figura no Calendário.

Eponina, como se chamou uma heroína gaulesa, modêlo de amor conjugal, deve ser nome celta, derivado de *Epona* ou *Eppona* — a deusa dos cavalos ([4]) — e significar, portanto, *a que está sob a sua protecção*.

([1]) O *Ementário* tem *Epiphania*, mas não acentua, donde se depreende que tem êste nome pelo da festa; no *Martyrologio*, porém, lê-se *Epiphâna*.

([2]) Afigura-se-me mais clara esta designação do que *Epiphania*, que só quer dizer à letra *aparecimento*, emquanto aquela tem a mais *theo-*, isto é, de Cristo-Deus; no seu *Wörterbuch der griech. Eigennamen* Pape traduz *Theophanes* por *o que brilha com Deus*.

([3]) No *Martyrologio* tem a forma grega *Epistême*.

([4]) *Mulionum dea* — diz Walde no seu *Lat. Etym. Wörterbuch*, ou *deusa dos arrieiros*, todavia *epo-* é o representante naquele dialecto céltico — o gaulês — dos lat. *equus*, grego ἵππος, também ἴκκος, etc.; Pape traduz por *a guarda dos cavalos* e informa ter-se chamado assim também uma filha de Fulvio

Erardo, nome germânico, que quer dizer *forte* (cf. *Bernardo*, etc.) *em honras (er-*, hoje *ehre)*.

Erasmo (1), nome grego, que quer dizer *amável* ou *digno de ser amado* e tem feminino regular, achando-se ambos os géneros representados no Calendário; o *Ementário Luso-Brasileiro* regista ainda *Erasmilo*, que deve de ser seu derivado, e *Erásimo*, provàvelmente divergente da primeira das formas citadas; há ainda, proveniente da mesma origem — o substantivo ἔρος, deificado pelos gregos — *Erasto* (2), de sentido idêntico e representado também no Calendário.

Erico, nome de procedência sueca (3), que quer dizer *príncipe* (cf. *Frederico*, etc.) *em honras (e-* por *er-*, cf. o actual *ehre)*; a sua forma verdadeiramente nacional deve ter sido *Erigo*, que com o respectivo patronímico *Eriguiz* se encontra em diplomas do século XI.

Ermegonça (4), nome de origem germânica que, segundo os documentos do tempo, era, na Idade-Média, entre nós, usado pelas mulheres, ao par de *Ermegundia*, que é a sua forma mais antiga, e da qual êle deve ter evolucionado (5); os elementos de que se compõe levam-me a tra-

---

Stellus; na qualidade de deusa interpreta por *a que defende, venera os cavalos.*

(1) Como é sabido, assim se chamou o conhecido sábio holandês, mas o seu verdadeiro nome era *Geert Geerts*, que êle traduziu errònearnente em *Desiderius Erasmus (desiderare*, ἐρᾶν*)*, a propósito do que Kleinpaul (*Die Deutschen Personnennamen*, 37) observa que os Humanistas nada compreendiam da sua própria língua. É que *Geert* é apenas um divergente de *Gerardo* (veja-se êste nome) e *Geerts* o patronímico daquele.

(2) É um adjectivo (ἐραστός), que quer dizer *amável*.

(3) Assim, Bass e o livrinho *Unsere Taufnamen*, mas Tetzner parece tê-lo por germânico.

(4) Escrito *Ermegunza* em documento de 1220, devendo entender-se que o *z* representa *ç*, o que é vulgar, mas *Ermegonza* ou *Hermegonça* e *Ermegundia* ou *Heremigundia* noutros, respectivamente, de 1047, século XV, 1067 e 999, afora *Ermecundia* (982) e *Ermeconza* (1047).

(5) Esta evolução não parece ter sido completa, pois, se

duzi-lo por *forte combatente* ou também *a que combate com* ou *contra os fortes*.

Ermelinda ([1]) ou *a que protege (-linda)* ([2]) *os fortes (-erme* por *irmin*: cf. *Hermínio)*; embora de uso muito menos freqüente, há também o masculino dêste nome germânico, isto é, *Ermelindo*; ambas as formas, contudo, são desconhecidas dos nossos antigos textos.

Ermenaldo, nome de homem, de proveniência germânica, que significa *forte* (cf. *Ermínio*) *governador* (cf. *Arnaldo*).

Ermenfrido, nome germânico, que significa *paz* (cf. *Frederico*, etc.) *forte* ou *poderosa* (cf. *Ermínio*) e possue feminino regular.

Ermesendo, nome de proveniência germânica, que quer dizer: *senhor* ou *soberano* (cf. *Adosindo*) *forte* (cf. *Ermelinda*) e tem feminino regular, isto é, *Ermesenda*; a sua forma mais antiga mantinha, como outras, no segundo elemento, o *-i-* primitivo, que vive ainda no topónimo *Ermesinde*, seu representante no caso genitivo; nos velhos documentos encontra-se só o feminino em ambas as formas, ou seja *Ermesinda* e *Ermesenda*, aquela num do século IX, esta noutro do XI. Ainda noutro do século XIII

---

o fôsse, a forma a esperar, seria **Ermonça* (cf. *Eldonça* e *Ildonça*); note-se todavia que o *Ementário* regista *Ermança* e *Ermença*, que diz foram substituídos por *Ermancia* e a meu ver poderão talvez representar alteração da primitiva. Forma intermédia entre as mais antigas *Ermecundia* e *Ermegundia* e as mais modernas *Ermegonza* e *Ermegunza* creio ser *Ermionda*, que aparece num documento de 1065, mas essa deve ter desaparecido do uso, pois não dou fé da sua existência noutra parte.

([1]) Pela freqüente deslocação do *r* o povo diz *Emelindra*, como já ouvi.

([2]) Pròpriamente *serpente*; é sabido que êste ofídio representa papel importante na mitologia germânica. Entre os contos dos irmãos Grimm figura um que se intitula *A Serpente Branca*. Na casa dos Vetti em Pompei, no *lararium*, por debaixo do génio do dono da casa, entre os dois lares, vê-se uma serpente: cf. *Pompeji* von Albert Ippel, pág. 99.

ocorre *Ermessem* (1), que se me afigura ser o mesmo nome, tendo a sílaba final caído por próclise, do que há bastantes exemplos, se não forma hipocorística do mesmo.

Ermígio, nome germânico, resultante de *Ermigo* e que, como êste, quer dizer: *forte* (cf. *Ermesendo*) *no combate* ou *na guerra* (cf. *Clodoveu*); no *Onomástico Medieval* figura o primeiro com o seu patronímico *Ermigues (Ermiguiz)* e a certo Gonçalo Ermiguez, o traga-mouros, é atribuída uma das forjadas canções, tidas por muito tempo como relíquias das mais antigas da nossa poesia (2).

Ermínio, veja-se **Hermínio**.

Ernesto, nome que na antiga língua germânica *(ernest* (3) no médio alto alemão e médio inglês, hoje, respectivamente, *ernst* e *earnest)* significava *combate, gravidade* e por isso podemos traduzir por *combatente decidido*; forma o feminino regularmente, êste, porém, é menos vulgar que o masculino, sucedendo ao invés com o deminutivo, *Ernestina*, o único dêstes nomes (todos de introdução moderna) que se acha representado no Calendário.

Ervígio, como se chamou um dos reis godos da península, é nome germânico, que quer dizer *guerreiro (-vigio*, latinização de *wig*: cf. *Clodoveu) venerável (er-* hoje *ehre*, pròpriamente *honra)* (4); outra forma do mesmo é *Erveu*.

Esaú, nome hebraico, cuja significação é *o cabeludo de nascença* (5); a-pesar de figurar na Bíblia, como o de um dos filhos de Isaac, parece não ter gozado da mesma voga que outros de igual proveniência, porquanto o seu uso é muito restrito.

---

(1) Cf. *Revista Lusitana*, VII, 62. Aí lê-se: ... *aq[u]ele quinũ (=quinhon) que mandou dũna (=donna) Ermessen pera a lãpada de Trauanca*, etc.

(2) Cf. *Curso Elementar de Literatura Portuguesa*, de J. Simões Dias, pág. 103.

(3) Cf. no actual alemão *ernst*, que significa *sério*.

(4) O primeiro componente poderá representar também o germânico *her-* que A. Bass nos seus *Beiträge*, etc., traduz por *muitíssimo*.

(5) Do personagem bíblico assim chamado, diz-se no *Genesis*, cap. XXV, 25, que «*[erat] totus in morem pellis hispidus*».

Escolástica, feminino do adjectivo greco-latino *escolástico* e que, portanto, quer dizer o mesmo que êste: *a que freqüenta as escolas* ou *a instruída, erúdita*, etc. (1); no Calendário só ocorre neste género.

Esmaragdo, nome comum greco-latino *(smaragdus)*, a que corresponde em língua vulgar e com significação idêntica *esmeralda*, que provàvelmente tomamos do antigo francês *esmeralde*, hoje *émeraude*; figura no Calendário com a forma indicada como próprio (2) de um santo, mas a popular existe também na antroponímia em ambos os géneros, isto é, *Esmeraldo* (3), *Esmeralda*, donde se tiraram os deminutivos *Esmeraldino, Esmeraldina*.

Especioso, adjectivo que entre os Romanos era sinónimo de *formoso* e passou com êste à classe dos nomes próprios, possuíndo ambos feminino regular, mas achando-se representado no Calendário apenas o masculino do primeiro; os antigos escritos, porém, só mencionam o seu feminino, emquanto do segundo trazem tanto êste como aquele género sob as formas — é claro — então em uso, *Fremoso, Fremosa*, todavia ùnicamente na qualidade de apelidos; só o deminutivo *Fremosino* ou *Fremosinho*, que hoje se diz *Formosinho*, lá figura como nome, contràriamente à prática actual.

Esperança, evolução de *sperantia*, que o latim vulgar criou, em substituïção de *spes* do clássico e de harmonia com formações idênticas dêste, tais como *abundantia, decentia, pacientia*, etc., deve êste nome, quando aplicado a pes-

---

(1) Segundo Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, 517, *ocioso* e também *estudioso*; Fumagalli interpreta por *o que ensina nas escolas*.

(2) «O dar a homens nomes de *pérolas* e *pedras preciosas* — diz Fick no seu livro *Die griechischen Personnennamen*, pág. 330 — não é antigo e assenta sôbre fantasia oriental».

(3) Assim intitulou Duarte Pacheco (século XVI) um seu tratado de geografia e sôbre o motivo por que o fêz apresenta A. Epifânio Dias na sua edição crítica uma conjectura muito plausível: cf. págs. 4 e 5. Na *Vida de Eufrosina*, publicada por J. Cornu nos seus *Anciens textes portugais*, extraídos do códice alcobacense n.º 266, encontra-se êste mesmo nome sob as formas *Esmerado, Esmarado* e *Asmarado*.

soas, ter tido originàriamente a ideia do correspondente adjectivo *esperançoso*, isto é, de que os pais das crianças a que era dado aguardavam ver mais tarde realizados nêles os futuros, de certo risonhos, que lhes ambicionavam; de aí aparecer no Calendário e usar-se comum aos dois sexos ([1]). Da mesma raiz, e provàvelmente com sentido idêntico, provém *Esperato* ou *Esperado*, que igualmente ocorre no Calendário.

Estácio, nome latino, que quer dizer *o que está de pé* ou *imperturbável*, a forma pròpriamente portuguesa é *Estaço*, cujo deminutivo *Estacinho* aparece na Crónica de D. João I de Fernão Lopes; deriva do mesmo *Estaciáno* que o *Ementário Luso-Brasileiro* cita entre os masculinos.

Estanislau, nome de origem eslava, que quer dizer *glória da nação*, e figura no Calendário; quanto ao sentido cf. os germânicos *Rolando*, *Volmar*, etc., e o grego *Damocles*.

Estéfano, nome grego que quer dizer *o que tem coroa* (στέφανος) ou *coroado*; serve-lhe de feminino ([2]) *Estefània* ([3]). Ambas as formas são de carácter literário, constantes assim do Calendário, como dos nossos antigos documentos, mas ao lado delas há as populares *Estevam* ([4]), dantes também *Estevom* e *Estevo*, que continuam a persistir no povo com os seus respectivos patronímicos *Estevêns* e *Estévez* ([5]), e *Estevainha* ([6]), que, tendo sido muito usada em épocas passadas, foi posta de parte, regressando-se à primeira.

([1]) Assim no *Ementário*.

([2]) Pròpriamente o feminino de *Esféfano* é *Estéfana*, que em inscrições latinas foi encontrado, e o *Ementário Luso Brasileiro* regista.

([3]) No *Onomástico Medieval*, *Stephania*, *Stephãia* e *Stephaina*, ainda *Stevania* noutro documento.

([4]) Idem também *Stevano*.

([5]) Creio que de *Estevo* vem *Estévez* e de *Estevam* procede *Estevêns*, cujas formas anteriores devem ter sido: *Stephaniz*, *Stevaniz*, *Stevãiz*, *Stevẽiz* e *Estevẽez*, que se acham no citado *Onomástico*, embora a algumas falte o sinal indicador da nasal.

([6]) Nos textos escrita ainda *Stevania* e *Estevaia* por *Estevaĩa*. Note-se que qualquer destas formas, se se acentuava sôbre o *i*, como julgo, supõe a pronúncia grega *Stephania*.

Estela, nome comum latino, que sob a forma *estrêla* ([1]), resultante do cruzamento de *stella* com *astru-*, faz parte da língua comum e, à semelhança de outros, passou a próprio de mulher ([2]); o *Ementário Luso-Brasileiro* regista um masculino *Estelino* e em documentos antigos ocorre um patronímico *Estelliz* que parece ser, como aquele, um derivado do primeiro.

Ester, nome persa, que significa *estrêla*, adoptado ([3]) pela célebre judia que Assuero elevou ao trono, em troca do hebraico *Hadasa*, que recebera de seus pais e cuja significação é *ramo de murta*.

Estratónico, nome grego, que se traduz por *o que vence* (-νικος) *o exército* (στρατο-); o seu feminino é *Estratónice*, mas só o masculino consta do Calendário. Outra forma do mesmo é *Nicóstrato*, igualmente representado no mesmo repertório religioso.

Etelardo (Ethelardo), nome que o *Ementário* regista com a nota de antigo, deve ser forma divergente de *Adalardo*, tendo, portanto, igual significação e procedência.

Etèlinda (Ethèlinda), nome de mulher, que creio ser de origem germânica e significar *nobre (ete-* por *ethel-) protectora*

([1]) As duas formas *Estela* e *Estrêla* figuram entre os nomes de mulheres.

([2]) Influiu provàvelmente nisso a referência à Virgem, em comemoração da estrêla que apareceu aos Magos, a anunciar-lhes o nascimento de Cristo; já nos antigos diplomas figura um lugar chamado *Santa Maria da Estela* e a nossa serra assim chamada deve ter tirado a sua denominação de alguma ermida lá existente outrora sob esta invocação.

([3]) Não era rara entre os judeus esta duplicação de nomes, pois o profeta Daniel chamou-se Baltasar em Babilonia (cf. Daniel I, 7): motivava-a sempre uma mudança sobrevinda na vida do indivíduo; assim, Ester dava a entender a sorte inesperada, a boa *estrêla*, como ainda hoje diriamos, que de orfã, pobre e, a mais, cativa a fazia rainha da Pérsia; Daniel, tendo sido escolhido, entre os seus compatriotas cativos, para, com mais três companheiros, habitar na côrte do rei Nabucodonosor, houve de receber um nome, consoante a sua nova situação, tal-qualmente se usa ainda hoje com os papas.

(literalmente *serpente*, *-linda*: cf. *Ermelinda*, etc.); de introdução moderna certamente ([1]).

Etelredo, nome germânico, que quer dizer *nobre (etel-* ou *ethel-* de *edel*: cf. *Aldegundes) conselheiro (-redo*, actualmente *rat* em alemão; cf. o gótico *redan)* e figura no Calendário ([2]).

Etelvino, nome de proveniência germânica, que significa *nobre (etel-* ou antes *ethel-*, uma das maneiras várias de representar *adal) amigo* (cf. *Osuino*, etc.), tem feminino regular, género êste que se me afigura de uso mais freqüente do que o masculino; a sua introdução na nossa língua deve ter-se operado modernamente, talvez por intermédio do francês.

Etelvoldo, nome germânico, que significa *nobre* (cf. *Etelredo*) *governador* ou *príncipe (-voldo* de *walt)* e figura no Calendário; outra forma do mesmo e, quanto ao segundo componente, mais fiel ao originário, embora o *l* por dissimilação tenha passado a *r*, é *Etelvardo*, que o *Ementário Luso Brasileiro* menciona a-par daquele.

Eucário, nome de proveniência grega, que quer dizer *bem* (εὖ) ou *muito gracioso* ou *belo* (-χαριος de χάρις: cf. as Χάριτες que o latim traduzia por *Gratiae)*; tem feminino regular mas só o masculino consta do Calendário. A mesma significação ou a de *grato*, *agradecido* deve ter *Eucaristino* que, embora não esteja registado no *Ementário*, se usa ([3]) e, a meu ver, representa um deminutivo do adjectivo εὐχάριστος, sem dúvida um divergente do primeiro dêstes nomes, que provàvelmente tendo, na sua origem, sido alcunhas, passaram depois a próprios.

([1]) Não o registam nem Bass, nem Tetzner, nem o livrinho *Unsere Taufnamen*, mas cita-o o *Ementário* e sou informado da sua existência entre nós. Na bôca do povo, como acontece em casos idênticos, o *e-* inicial sôa *i* e assim ouve-se *Itélinda*.

([2]) O *Ementário Luso-Brasileiro* tem por divergente dêste nome a forma *Ahelredo*, que, segundo êle, é a que se encontra no Calendário; quer-me, porém, parecer, que a sua verdadeira grafia será *Adelredo*.

([3]) Um aluno tive assim chamado, que suponho é hoje bacharel em direito.

Euclides (1), nome de homem, de procedência grega, que se interpreta por *muito* (εὐ-) *famoso* (-*cli*- de κλει- de κλέος); o seu uso é moderno e, como se me afigura, bastante restrito.

Eudóxio, nome grego, que quer dizer *o de boa* (εὖ) *fama* (δόξα) ou *célebre*, forma o feminino regularmente, figurando no Calendário ambos os géneros.

Eufébio (**Euphebio**), como se chama um santo do Calendário, é nome grego, que eu traduzo por *muito* (εὖ) *tímido* (cf. verbo φέβομαι).

Eufémio (**Euphemio**), nome grego, que, em virtude dos elementos que o constituem, se pode traduzir por *o (que goza) de boa* (εὖ) *fama* (φήμη) ou *reputação* (2); tem feminino regular, género êste que é o único constante do Calendário e dos antigos documentos, onde, além da forma citada, tem também estas: *Oufemea* e *Ofemea*, que ainda se ouvem ao povo, em geral, com a supressão do *e* que precede o *a* final; é seu derivado *Eufemiano*, que ocorre na *Vida de S. Alexo*, como sendo o nome do seu progenitor.

Eufrásia (3), nome comum grego εὐφρασία, que passou a próprio, como tantos outros, e quer dizer *alegria*, *prazer*; dêle se tirou o masculino *Eufrásio* e o derivado *Eufrosina*, os quais todos se acham representados no Calendário e o último em documentos já antigos (4). Quanto ao sentido cf. *Alegria*.

Eufrónio, nome de igual proveniência e sentido, que figura

---

(1) É pròpriamente um patronímico, ou seja *filho de Eucles*, como mostra o suf. -δης.

(2) O adjectivo εὔφημος tem em Alexandre (*Dict. grec-français*) ainda estes sentidos: *que pronuncia palavras de bom agouro* ou *que evita as de mau agouro*, *que guarda um silêncio religioso*; *que é de bom agouro*, *e feliz presságio*, etc. Pape traduz o masculino por *santo* e o feminino por *boa salvação* ou *felicidade*.

(3) Note-se que a acentuação é a latina.

(4) Assim, no códice de Alcobaça n.º 266, encontra-se a *Vida de Eufrosina*, que J. Cornu publicou no vol. XI da *Romania*, e igual nome deu Jorge Ferreira de Vasconcelos a uma das suas comedias. Cortesão, no seu *Onomástico Medieval*, regista, como parecendo indicar um lugar, a forma *Ofreiso*,

também no Calendário; dêle se fêz o feminino regular *Eufrónia*.

Eugénio, Eugénia, nomes gregos, que literalmente querem dizer *bem* (εὐ), *nascido*, *nascida* (-γενιος, γενία-), o que na sua origem dava a entender que eram *de família* ou *raça nobre*, *valente*, aqueles a quem assim chamavam; usados já em antigos tempos, segundo atestam velhos documentos, onde aparecem assim ou com o *eu-* mudado em *o-*, pronúncia que ainda perdura no povo com a perda a mais do *-i-*, isto é, *Ogeno*, *Ogena* (¹), continuam a gozar da mesma predilecção que antes; dêles deriva *Eugeniano* que, contràriamente àqueles, uma só vez figura no *Martyrologio Romano* e raro é empregado.

Êugrafo (Eugrapho), como se chama um santo do Calendário, é nome grego que originàriamente deve ter sido alcunha, a julgar da sua significação, que é: *o que escreve* ou *pinta* (γράφω) *bem* (εὐ) ou *bem escrito* ou *pintado* (²) ou ainda *bela pintura*.

Eulálio, Eulália, nomes gregos, que querem dizer *bem* (εὖ) *falante* (λαλε-) e constam já de antigos documentos; mais do que o masculino, que continua a ser de uso muito restrito, o feminino gozou de especial predilecção, que se revela não só em ser o único com representação no Calendário, mas ainda nas variadas formas que revestiu, umas de feição mais popular do que outras, e são: *Eulaia*, *Olaia*, *Olalia* ou *Olalha* (³), *Ovaia*,

---

que poderia ser um representante de *Eufrasio*. A meu ver, por influência de nomes germânicos, terminados em *-sindo*, ou troca de *-ina* por *inda* (cf. *Laurina*, *Laurinda*) deve de *Eufrosina* ter-se tirado *Eufresinda* (*D. Eufrezinda Teixeira* chama-se uma senhora médica, residente em Lisboa); casos idênticos cita Leite de Vasconcelos no vol. III dos seus *Opúsculos*, pág. 57.

(¹) No seu *Dicionário galego-castelhano* Valladares Nuñez identifica *Ungía* com *Eugenia*, identificação que, a meu ver, a acentuação diferente dos dois nomes torna duvidosa.

(²) Cf. Alexandre, *Dict. grec-français*, s. v., em sentido próprio, donde *belo*, *formoso*.

(³) Nos P. M. H. (*Scriptores*, pág. 294) fala-se de uma *D. Olalha Piriz*.

Vaia (1), *Valha* e *Alha* (2) registadas em escritos umas, fixadas pela toponimia outras.

Eulâmpio (3), nome grego, que se traduz por *brilhante*; tem feminino regular, constando do Calendário os dois géneros.

Eulógio (4), nome de homem, de procedência grega, que significa *o que bem* (εὖ) *diz* (-λογιος de λόγος) ou *pensa*, isto é, *discreto*, e figura no Calendário.

Euménio, nome de origem grega que quer dizer *benévolo*, *bondoso*, à letra de *boa* (εὖ) *alma* ou *coração* (μένος); assim ou sob a forma *Êumeno* figura no Calendário, o feminino, porém, segue aquele, apenas com a variante própria do *o* final em *a*. Outras formas do mesmo, registadas no *Ementário*, são *Eumen* e *Eumenes* (5), sendo a última a que reproduz exactamente o adjèctivo grego εὐμενής.

Eunice, nome grego de mulher, que quer dizer *boa* (εὖ) *vitória* (νίκη) (6); é forma de uso moderno, vulgarizada pelo romance de H. Sienkiewics, intitulado *Quo Vadis?*, a que lhe corresponde na antroponímia latina é *Eunica*. O res-

---

(1) Em galego *Baia*.

(2) Em *Santalha*. Sôbre estas diferentes formas e sua explicação cf. Leite de Vasconcelos, *Opusc.* III.

(3) Deve ser um divergente de εὐλαμπής em que entra εὖ e o verbo λάμπω (cf. o latim *lampada*, tomado do grego, que vive no português *lampa*). Na toponímia há *S. João das lampas* (vid. D. Carolina Michaëlis, *Revista Lusitana*, XI, pág. 9 e seguintes) a-par de *Lâmpada* e *Lampadela*.

(4) Deve ser um divergente do adjectivo εὔλογος. Em grego há o substantivo εὐλογία, que também tem o sentido de *benção*, pelo que se poderia igualmente interpretar o nome *Eulógio* como *bento*.

(5) O *Martyrologio* regista só *Êumeno*.

(6) O*Dic. lat. port.* de Saraiva traduz, a meu ver, erradamente por *criada de quarto*, talvez por considerá-lo um derivado de εὐνή. Pape, que diz ser o nome de uma nereide, fá-lo eqüivalente ao germânico *Sigitrud* (em português seria *Sigitrude*), que eu traduzirei por *fada da vitória*, mas o masculino Εὔνικος interpreta-o por *vitorioso*. Quanto ao acento, emquanto o grego fa-lo recair sôbre o *i*, o latim transporta-o para a sílaba inicial.

pectivo masculino *Eunicus* ou *Êunico* (à portuguesa) também existiu entre os Gregos; deve ser seu divergente *Eunício*, que com o feminino regular o *Ementário* regista, e tem o derivado *Euniciano*, constante do Calendário.

Euno, nome de um santo do Calendário, que se me afigura estar por εὔνοος, adjectivo grego, que se traduz por *benévolo*, *bem intencionado* (à letra *bom espírito*) (¹); na antroponímia romana encontro *Euneus*, *Eunea* e *Eunoe*, o primeiro como nome de homem, e os restantes designativos de mulheres; devem, a meu ver, ser todos sinónimos do primeiro citado.

Eunómio, nome grego, que quer dizer: *o que observa bem* (εὖ) *as leis* (νόμος) ou *justo* (²), e possue igualmente feminino regular, género êste também que é o único representado no Calendário; na sua origem deve ter sido apelido ou alcunha.

Êuporo, nome de homem, que originàriamente deve ter sido alcunha, passando depois, como tantos outros, à classe dos próprios; interpreta-se por: *rico* (εὐ-) *em expedientes* (-πορος-) ou *engenhoso*, isto é, *que sabe aconselhar*; acha-se representado no Calendário. O *Ementário* regista um feminino *Eupuria* com a nota do antigo, que talvez esteja por *Euporia*, que é a verdadeira forma empregada.

Eupréprio, nome grego, que significa *o que se distingue* (πρέπω) *bem*, e daí *belo*, *formoso*, etc.; tem feminino regular, achando-se ambos os géneros representados no Calendário; divergente dêste é *Euprepes*, que igualmente figura no Calendário, e na origem é simples adjectivo.

Eupsiquio (Eupsychio), nome de homem, de proveniência grega, que deve ser forma divergente do adjectivo εὔψυχος e significar, portanto, literalmente, *o de boa* (εὖ) *alma* (-ψυχος de ψυχή), isto é, *corajoso*, *ardente*, etc.; tendo na origem sido talvez apelido, passou depois à classe dos nomes próprios; embora figure no Calendário, o seu uso, se existe, deve ser raro.

(¹) Pape interpreta *Eunoos* por *príncipe* ou *dirigente amigo* (Weinhold).

(²) Como outros, afigura-se-me êste nome um divergente do adjectivo εὔνομος, que na antroponímia é *Eunomus* ou *Eunomos*.

Euquério (Eucherio), como se chamam dois santos do Calendário, é nome grego, que quer dizer: *o que tem boa* (εὖ) *mão* (-χεριος de χείρ), isto é, *hábil, dextro de mãos*; tem feminino regular.

Eurico, nome de proveniência germânica, que Alexandre Herculano vulgarizou ùltimamente entre nós com o seu romance assim chamado, e cuja significação parece (1) ser *rico (rich) em legalidade (eu-* de *êwa)* ou *muito recto*; a sua forma popular deve ter sido *Eurigo* (2), que o *Ementário Luso-Brasileiro* cita com a nota de antigo e se deduz também de *Euriguiz*, sem dúvida o seu patronímico, constante de antigos documentos.

Eurídice, nome de mulher de proveniência grega, que quer dizer *vasta* (εὐρυ-) *justiça* (δίκη), isto é, *a muito justa*, ou, como interpreta Pape, a *possuidora* ou *rica em bens herdados*, ideia mais ou menos semelhante ao germânico *Otília* ou *Odília*: veja-se *Odo*.

Eusébio, adjectivo grego usado como nome próprio e cuja significação é *piedoso* (3); nos nossos antigos documentos, além desta forma e respectivo patronímico *Eusebiz*, há *Osevio* e *Oseviz*, de carácter semi-popular; embora o masculino seja mais vulgar, usa-se também o feminino *Eusébia*; ambos os géneros estão representados no Calendário.

Eusínio ou **Eusígnio** (4) e **Eusigno**, nome de um santo, que a

---

(1) Há quem veja em *eu-* um representante de *aiws*, o gótico correspondente ao *aevum* do latim; sendo assim, deveríamos traduzir o nome acima por *rico em idade* ou *muito velho*.

(2) No *Onomástico Medieval* há o patronímico *Euriguiz*, que supõe um *Eurigo*, mas o encontrar-se ao lado daquela forma estoutra *Eiriguiz* e um *Eirigo* deixa-nos em dúvida se serão divergentes do mesmo nome ou antes formas diferentes, como se me afigura, querendo o último significar *príncipe* ou *senhor (-rigo* de *rico) temeroso (ei-* de *ai* por *agi-*, pròpriamente *temor)* e vivendo ainda no toponímico *Eiriz*, proveniente, como tantos outros, do caso genitivo, isto é, *Eirici*.

(3) Pròpriamente o que venera ou honra bem com culto religioso, como mostram os componentes εὐ- *(bem)* e -σεβιος de σέβομαι *(honra)*.

(4) No *Martyrologio* só figura esta forma, as duas outras são dadas pelo *Ementário*.

Igreja comemora a 5 de Agôsto e se me afigura grego, devendo por tal traduzir-se por *o muito* (εὖ) *prejudicado* ou *ferido* (σίνος) (1).

Eustáquio, nome grego, que significa *o de belas* (εὐ-) *espigas* (στάχυς), talvez no sentido de *frutuoso* (2); forma o feminino regularmente, mas só o masculino se acha representado no Calendário.

Eustátio, nome grego, que significa *o que está* (-στάτιος) *bem* (εὖ) isto é, *sadio* ou *forte*; outra forma do mesmo é *Eustasio*, achando-se ambas representadas no Calendario (3).

Eustólia, nome de mulher da mesma origem que o procedente, cuja significação é *bem adornado* ou *equipado* (4), devendo por isso, como tantos outros, representar uma alcunha, figura no Calendário.

Eustóquio, nome grego, é *o que visa* (στοχάζομαι) *o albo bem* (εὖ) ou *sagaz*; tem feminino regular, figurando no Calendário ambos os géneros.

Eustórgio, nome grego, aplicado a indivíduos do sexo masculino, que quer dizer *bem* (εὖ) *amado* (de στοργή) (5) e se acha representado no Calendário; o feminino, que é regular, parece existir também, mas o *Ementário Luso-Brasileiro* não o menciona.

Euterpe, nome de mulher de origem grega, que quer dizer: *agradável, divertida* (6); como é sabido, assim se chamava uma das musas, a que presidia à música.

---

(1) Pape dí-lo hibrido; sendo assim, deveremos traduzi-lo por *muito assinalado* ou *distinto*.

(2) Assim interpreta Tetzner no seu *Namenbuch*.

(3) Em grego há o adjectivo εὐσταθής, de forma quási igual, que o *Dict. grec-français* de Alexandre traduz por: *firme, estavel, constante tranqüilo, sadio*, ideias que se encontram também na antroponimia latina: cf. *Constante*, *Firmo*, *Sereno*, etc.

(4) Literalmente *a de boa* ou *bela estola* (espécie de vestido).

(5) Em grego há o adjectivo εὔστοργος, que Alexandre traduz por *cheio de ternura paternal* ou *filial*.

(6) O verbo τέρπω significa *alegrar, divertir*; também poderá interpretar-se por *a de alegre consonância*, como faz Pape.

Eutiques, nome da mesma proveniência que o antecedente, cuja significação é *de boa* (εὐ) *sorte* (τύχη) ou *afortunado*; outra forma do mesmo é *Eutíquio* ([1]), da qual deriva *Eutiquiano*, nomes estes que, sobretudo os dois últimos, teem larga representação no Calendário.

Eutímio, nome grego, que significa *o de bom* (εὐ) *coração* (θυμός), embora possua feminino regular, só o masculino se acha representado no Calendário.

Eutrópio, nome grego, que significa *bem* (εὐ) *voltado* ([2]) (-τρόπιος- de τρέπεσθαι), forma o feminino regularmente e com êste figura no Calendário.

Eva, nome hebraico, que significa, segundo parece, *vida* ou *ser vivo* ([3]) e, não obstante a sua grande antiguidade, pois, como se sabe, foi o da pretensa mãi do género humano, goza ainda de certa popularidade, figurando mesmo no Calendário; dêle derivam *Evelia* e *Evelina* ([4]).

Evaldo, nome de homem, de proveniência germânica, que significa *forte* (cf. *Balduino*, etc.) *na lei (e- de ēwa)*, isto é, como interpreto, *o que no seu govêrno tem a coragem de fazer cumprir a lei.*

Evandro, nome grego, cuja significação é *homem* (-ανδρος) *bom* (εὐ) ou *varonil* ([5]); dêle se tirou o feminino *Evandra*.

Evângelo, nome greco-latino, que quer dizer *portador de boas*

([1]) O feminino *Eutíquia*, embora não mencionado no *Ementário*, existe, segundo Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, pág. 462; é seu hipocorístico *Tica*.

([2]) Subentenda-se *para o povo*, na opinião de cf. Fick, *Die Gaiechischen Personnennamen*, pág. 269, isto é, *benigno, favorável*, como eu conjecturo, interpretação que aliás se harmoniza com a significação *de bom génio* que os dicionários dão ao adjectivo εὔτροπος; todavia Tetzner, no seu *Namenbuch*, tradu-lo por *agil, ligeiro*; Pape interpreta por *homem manhoso, divertido*.

([3]) No *Génesis*, III, 20, diz-se que Adão chamou assim a sua mulher por ela ser a mãi de todos os vivos, isto é, de todos os homens: *Et vocavit Adam nomen uxoris suae Heva eo quod mater esset cunctorum viventium*.

([4]) Em um documento de 1258 lê-se *Euva*, que talvez seja o mesmo nome.

([5]) Na interpretação de Pape *homem belo*.

notícias e do qual se tirou o deminutivo *Evangelino*, tendo um e outro feminino regular; procedem ainda do mesmo, e com sentido idêntico, *Evangelista* e *Evangélica*.

Evaristo, nome de igual procedência, que quer dizer *muito bom*; o superlativo ἄριστος, que o é de ἀγαθός, acha se reforçado pela partícula εὖ *(=bem, inteiramente)*; tem representação no Calendário.

Evilásio, como se chama um santo que se venera a 20 de Setembro, é nome grego, que eu traduzo por *propício*, sendo, portanto, sinónimo de *Êumeno* ou *Euménio* (1).

Evódio, nome grego, que julgo um divergente de εὔοδος, isto é, talvez um optativo que significa: *o desejo de que o caminho* (ὁδός) ou *jornada (da vida?) seja próspero* ou *feliz* (εὖ) (2) *a quem é pôsto*; tem feminino regular, figurando no Calendário ambos os géneros (3).

Evórcio, nome constante do Calendário, que se me afigura divergente do do adjectivo grego εὔορκος, que, em virtude dos seus componentes, quer dizer: *o que guarda a fé jurada* ou *observa bem* (εὖ) *o juramento* (ὅρκος) *prestado*.

Exupério, nome latino, que poderá traduzir-se por: *o que está acima, supera* ou *excede os outros*, talvez em qualidades psíquicas ou dotes físicos (4); são seus derivados *Exuperâncio* e, porventura, *Exuperânio*; de todos apenas o primeiro tem feminino regular, isto é, *Exupéria*, que com o respectivo masculino e *Exuperâncio* consta do Calendário.

Ezelino (5), nome germânico, que se interpreta por: *o pequeno*

---

(1) Em grego existe o adjectivo εὔιλατος composto de εὖ e o verbo ἱλάομαι *(=aplacar)* e ainda o substantivo εὐιλασία *(=acção de aplacar* ou *tornar propício)*, ambos derivados de ἵλαος *(=propício, favorável)*.

(2) Por *boa viagem*, traduz Pape.

(3) O *Martyrologio* regista cinco santos assim chamados e o *Ementário* cita uma *Evódia* como discípula dos apóstolos, e cuja festa se celebra a 24 de Janeiro.

(4) Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, 26, é de opinião que «a este nome, como a *Abundâncio*, *Faustino* e *Hilarino* se ligava a ideia de contentamento que resultava de entrarem no seio da Igreja os respectivos indivíduos».

(5) Tetzner e Bass escrevem *Ezzelin*.

nobre. Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* fala-se num *Excelino* ou *Encelino*, que no original latino se chama *Eycelinus* (em vez de *Ezelinus*) e noutro documento do século XIII, escrito na mesma língua, menciona-se um *Henzelinus*, sem dúvida formas várias do mesmo nome; seu divergente creio ser *Isolino*, que possue feminino regular.

Ezequiel, nome hebraico, que quer dizer: *a quem Deus fortalece*; além de ter sido o de um dos profetas, foi-o também de um mártir. Igual significação e origem tem, segundo o *Dic. lat. ptg.* de Santos Saraiva, o nome *Ezequias*, que foi o de um rei de Judá.

F

Fábio, Fábia, nome que os Romanos davam aos indivíduos de um e outro sexo que tinham predilecção especial pela cultura da *fava*; daí os derivados *Fabiano* ou *Fabião* e feminino *Fabiana*, e ainda o deminutivo *Fabíola*, que se acha representado no Calendário com os masculinos dos dois primeiros; nenhum dêles, porém, entrou na língua popular (1).

Fabrício, nome gentilício romano, que na sua origem deve ter designado um *artífice*, em especial o que trabalhava em metais (ferro e ouro); a forma primitiva *Fabro* (2) encontra-se no Calendário, como igualmente a derivada daquela, *Fabriciano*, que possue feminino regular da mesma maneira que *Fabrício*.

Facundo, nome de proveniência latina que, em virtude da sua significação, *o que fala (fa-; cf. falar de *fabulare) com facilidade* ou *eloqüente*, presumo ter sido primitivamente alcunha (3); tem feminino regular e dêle deriva *Facundino*, registado pelo *Ementário*, que tem aspecto de seu deminutivo. Forma popular do mesmo é *Fagundo*, donde

---

(1) No *Onomástico Medieval* encontro apenas *Fava* e *Faveiro* como apelativos de homens.

(2) O *Ementário*, a-par desta, dá a forma *Fabrio*.

(3) Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, 64, dá-o com efeito como cognome romano.

o patronímico *Fagundes*. No Calendário figura a primeira forma, mas dos antigos documentos, a-par dessa e respectivo patronímico *(Facundiz)*, constam igualmente os seus representantes populares. No *Cancioneiro da Vaticana*, cantigas n.os 1.090 e 1.135, fala-se numa povoação chamada *S. Fagundo*, que deve ser o que hoje é conhecida em Espanha por *Sahagun* (1).

Fara, como se chama uma santa que a Igreja comemora em 7 de Dezembro, é nome germânico, representante de uma forma hipocorística, equivalente a qualquer outro que assim comece, como, por exemplo, *Farailde*, que, em virtude dos seus componentes, se deve traduzir por: *a que pugna* ou *combate* (cf. *Hilda*, etc.) *pela sua raça* ou *parentela* (cf. *Faramundo*).

Faramundo ou **Faramonde**, nome germânico, que se interpreta como: *o que protege* ou *ampara (-mundo* de *munt*, pròpriamente *protecção, amparo) a sua raça (fara-)*; outra forma do mesmo é *Feramundo*.

Faroaldo, nome germânico, que quer dizer: *poderoso (-oaldo* de *walt) em raça, família (far-* por *fara)*, e figura no Calendário.

Fastredo, nome germânico, cuja tradução em português é: *firme, constante (fast-) nas deliberações* ou *conselhos (-redo*, por *rat)*; no Calendário faz-se menção de um santo assim chamado.

Fátima, nome de mulher, de origem árabe, que se traduz por: *a que desmama crianças*; agora tornado muito vulgar pela pretendida aparição de Nossa Senhora a uns pastorinhos num sítio assim chamado.

Fausto, **Fausta**, adjectivos usados já pelos Romanos como nomes próprios, com a significação que tinham, e ainda conservam, *de favorável, que traz felicidade* ou *de bom*

(1) Cf. Mendes Pidal, *Gram. Hist. española*, § 63, 2 e 3, e *Orígenes del Español*, § 41, 6. Na segunda das cantigas acima mencionadas cita-se também outra povoação espanhola, *San Felizes*, que provàvelmente é a que ainda hoje se chama *San Felices*, embora a mesma forma se ache representada igualmente por estoutras: *Sahelices* e *Santelices*, segundo o mesmo autor informa.

agoiro (1); dêles derivam *Fáustino*, *Fáustulo*, que formam o feminino regularmente, e, procedente daquele, *Faustiniano*, todos com representação no Calendário, excepto *Fáustulo* e *Fáustula*; nos antigos documentos apenas encontro *Faustro* ou *Frausto (São)*, como designativo de lugar, designação que ainda subsiste com acentuação no *u*, isto é, sem ditongo, e por isso se me afigura representante do latino *Faústulo* ou *Faŭstulo*.

Fé, nome de mulher, que representa o substantivo comum *fide-*, mas, quanto ao sentido, devemos ter por sinónimo de *Fida*, que em certo modo será o feminino de *Fídio* (2) e *Fiel*, donde procedem *Fidélio* com o seu feminino *Fidélia*, o superlativo *Fidelíssimo* e os deminutivos *Fídulo* e *Fidelino* (3); a mesma raiz entra ainda em *Fidêncio* e seu derivado *Fidenciano*, nomes estes todos que poderemos considerar equivalentes na sua significação a *crente* (4); no Calendário figuram o primeiro, os dois últimos e *Fiel*, parece, no entanto, pela omissão dos restantes nos documentos, que os nossos antigos só faziam uso dêste e de *Fidélio*, a ajuizar do patronímico *Fideliz*.

Febo (Phebo), nome grego, que ascende já a mitologia grega, pois assim se chamava o sol, como a lua, *Febe (Phebe)*; em rigor é um adjectivo que se traduz por *puro*, *radiante* (5); no Calendário figuram *Phebo* (6) ou *Phe-*

---

(1) Como derivado da raiz *fau-* (donde o latim *favere*), quer dizer: *o que favorece*, isto é, *traz a salvação* ou *salvador*; Tetzer e o livrinho *Unsere Taufnamen* traduzem por *feliz*.

(2) Assim, isto é, *Fidius* chamavam os Romanos a uma divindade que personicava a santidade e fidelidade.

(3) O *Ementário Luso-Brasileiro* não menciona êste nome, que, embora não vulgar, existe, contudo, como o mostra o distinto escritor e professor Fidelino de Figueiredo.

(4) É, certamente, neste sentido, que a Igreja Católica chama *fieis* aos que seguem ou creem na sua doutrina; demais à ideia de *confiança*, que alguns dos nomes citados teem, como *Fidêncio*, etc., anda ligada a de *crença*.

(5) É escusado advertir que o adjectivo φοῖβος é um derivado de φῶς ou luz.

(6) Phebo Moniz foi, como é notório, um fidalgo que se celebrizou pela energia com que protestou contra a entrega

bádio e *Phebe* ou *Phebes*; o *Ementário* regista a mais *Phebea*, que deve ser uma variante do último.

Fedro (Phedro), nome bem conhecido por ter sido o de um notável fabulista romano; de origem grega quer dizer *brilhante* (φαιδρός).

Felisberto, nome germânico, que significa *muito (felis-* (1) por *feli* de *fili*, hoje *viel) brilhante*; forma o feminino regularmente, mas só o masculino se acha representado no Calendário.

Félix, nome latino, que é o nominativo do adjectivo donde provém *feliz*; a sua forma verdadeiramente popular é o arcaico *Fiiz* (2), que se lê ainda em documentos do século XIV, embora noutros anteriores se encontrem já as duas precedentes e a mais *Felícia*; são dêle derivados *Felicíssimo*, que é o mesmo no grau superlativo, *Felício*, *Feliciano* em ambos os géneros, e *Felicidade* (3), nomes estes todos que, com excepção de *Felício*, figuram no Calendário (4).

---

da coroa portuguesa, por morte do cardial D. Henrique, a Filipe de Espanha em 1580.

(1) É possível que o *-s*, que, como se vê, não é de origem, se tenha introduzido sob influência do nome *Félix*, cujo *-x* se pronuncia com o valor daquela consoante; ainda no *Martyrologio Romano* citado encontra-se a grafia *Philiberto* exclusivamente.

(2) Vive ainda no toponímico *Sanfins*, mas com ressonância nasal comunicada à última sílaba pela que a precede: cf. *adem* do arc. *ãade*; o galego diz igualmente *Fiz* e *Fis*.

(3) No *Martyrologio* lê-se *Felicitas* à latina.

(4) Há também *Felisbela*, que, segundo Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, 462, tem aspecto de nome poético *(=feliz-bela)*, se não é desfiguramento de *Felisberta*. Quanto a *Felismina*, que por vezes se ouve, Leite de Vasconcelos (id., 554) tem êste nome por originário de *Felicíssimo*, ou seja de um derivado dêste **Felicissimino*, donde por haplologia **Felicimino* e por síncope *Feliçmino* = *Felismino*, que também se usa. Ainda por derivado de *Feliz* com o suf. *-ardo* tem o mesmo autor *Felizardo*.

Fernando ([1]), nome germânico, que quer dizer: *o ousado (-nando* de *nand) pela paz (fer-* de *frede:* cf. *Frederico*, etc.); figura no Calendário e ocorre nos nossos antigos textos, ao lado de *Fernam* ou *Fernão*, forma devida a próclise, conjuntamente com o patronimico *Fernandez* e deminutivo *Fernandino* ou *Fernandinho* ([2]); tanto êste como aquele fazem o feminino regularmente, isto é, *Fernanda* e *Fernandina*; outra forma do mesmo, resultante da assimilação regressiva do *n* ao *r* é, *Ferrando* ([3]), donde o apelido *Ferrão*.

Filadelfo (Philadelpho), nome de homem, constante do Calendário, que, em virtude dos elementos de que se compõe, quer dizer *o que ama o seu irmão;* como tantos outros, a princípio deve ter sido alcunha ([4]); o seu uso, se existe, creio ser muito raro.

Filéas (Philéas), nome de homem, constante do Calendário, de proveniência grega, que vale tanto como *amigo*.

Filèmon (Philèmon), nome que tem a mesma origem e significado ([5]) do precedente; entre os santos, há três assim chamados.

([1]) A primeira forma dêste nome deve ter sido *Fredenando*, que, com o feminino *Fredenanda* e patrónimo *Fredenandiz*, ocorre nos velhos diplomas; da metátese freqüente do *r* e queda regular do *d* intervocálico resultou depois *Fernando*. Possuimos também *Ferdinando* e respectivo feminino, mas estes nomes devem ter sido tomados do alemão em época moderna. A tradução dada acima é de Bass; Leite de Vasconcelos, *Antroponimia*, pág. 39, interpreta *ousada na* ou *pela paz*. O primeiro dêste autores diz que dificilmente *Ferdinando* provirá de *Herinand* ou *o ousado no exército*, como pretende Kleinpaul, pág. 32.

([2]) No *Onomástico* lesse *Fernandio*, sem dúvida por *Fernandĩo*.

([3]) Afigura-se-me esta forma oriunda de Espanha, como *Ferrante* de Itália.

([4]) Assim se denomina Ptolemeu II, rei do Egipto.

([5]) Tetzner também assim, isto é, *amante*, o interpreta; o livrinho *Unsere Taufnamen* tradu-lo por *o que está animado de pensamentos amigáveis* ou *benévolos*, porém Fumagalli vê nêle um derivado de φίλημα e dá-lhe portanto o sentido de:

Fileto (Phileto), nome grego também, tomado da língua comum, a princípio talvez como alcunha, pois representa o adjectivo φιλητός, que se traduz por: *amado, digno de ser amado* ou *amável;* consta igualmente do Calendário.

Filide (Phyllide), nome grego de mulher, tomado do rio *Phyllis* na Bithinia, e que, portanto, se deve interpretar como referente ao rio assim chamado; é por êle conhecida a apaixonada de Demofonte, filho de Teseu, cantada pelo poeta Ovídio na primeira das suas *Heroides.*

Filipe, nome grego, que quer dizer *amigo* (*fil-* de φίλος) *de cavalos,* (*-ipe* de ἵππος); figura no Calendário e aparece em documentos antigos já sob a forma citada (1), que se me afigura importada do francês, porém *Felipo* (2), mais em harmonia com o original e o génio da nossa lingua, lê-se na *Crónica da Ordem dos Frades Menores;* do masculino tirou-se o feminino *Filipa,* também em uso.

Filodemo, nome de proveniência grega, que quer dizer: *o que ama o povo;* assim intitulou Camões, como é sabido, uma das suas comédias; outras formas do mesmo são *Demófilo* e *Damófilo.* Quanto ao sentido, cf. *Folquino.*

Filogónio (Philogónio), nome da mesma procedência, que julgo um divergente do adjectivo φιλόγονος e portanto de igual sentido, isto é, *o que ama a sua progenitura;* tem também representação no *Martyrologio.* É escusado advertir que todos estes nomes de idêntica origem foram adoptados pelos Romanos, depois que o seu contacto com os Gregos se tornou mais íntimo, ou seja depois da conquista da Grécia.

Filon (Philon), nome grego também e constante do Calendário, que representa o participio do presente do verbo φιλέω, quer dizer, portanto, *o que ama* ou *amante.* No mesmo re-

---

o que beija e recorda a propósito a formosa lenda dos dois velhos, Filemon e Baucis, que, além de outras, o poeta romano Ovídio acolheu nas suas *Metamorfoses:* veja-se livro VIII, 611 e segs.

(1) *Phelipe* é como se encontra numa *Carta de doação* de 1924: cf. *Rev. Lusitana*, V, pág. 131.

(2) No mesmo texto há igualmente *Phelipo* e *Felipe.*

positório religioso figura uma *Filonila (Philonilla)*, que se me afigura ser o seu feminino

Filólogo (Philologo), nome greco-latino, que quer dizer: *o que ama*)φιλο-) *a língua* (λόγος) ou talvez antes *o que gosta de falar*; tendo provàvelmente sido na sua origem um apelido, tornou-se depois próprio, como tantos outros, chegando a figurar no Calendário.

Filomela (Philomela), nome pelo qual os Gregos designavam o *rouxinol*, pròpriamente *a que ama* (φιλο-) *o canto* (μῆλος por μέλος ?) (1), e pelo qual é conhecida uma personagem mitológica, a irmã de Progne, mulher de Tereu, rei da Trácia (2); se é que se usa, deve sê-lo muito raramente.

Filomeno (Philomeno), nome grego que, na sua origem, é o particípio passado do verbo φιλέω e significa, portanto, *amado*; possue feminino regular, figurando ambos os géneros no Calendário, mas a sua introdução na língua não é antiga.

Filopater (Philopater), nome grego que de alcunha (3) passou a próprio; o seu significado é *o que ama* (φιλο-) *o pai*.

Filoteu (Philotheu), veja se **Teófilo**.

Filóxenes (Philoxenes), nome grego, na sua origem talvez alcunha, como tantos outros; segundo os seus componentes quer dizer: *o que ama o estangeiro* (-ξενης) ou hospitaleiro.

Firmo, originàriamente adjectivo, conservado também pela língua comum, mas hoje sob a forma *firme* (4), e com a primitiva significação; à semelhança de tantos outros, foi já pelos Romanos dado a pessoas, bem como os seus derivados *Firmiano* e *Firmino*, que com o primeiro tem

---

(1) Assim interpreta Tetzner, porém o livrinho *Unsere Taufnamen* traduz por *a que ama a fruta* (de-certo porque dá a μῆλος o seu verdadeiro sentido, pois a grafia da palavra é Φιλομήλα), e também por *rouxinol*.

(2) Encontra-se a respectiva lenda, entre outros livros, na *Mitologia Classica* de Romarino, a pág. 267.

(3) Adverte o *Ementário* que êste nome foi dado por ironia a Ptolomeu, rei do Egipto, que envenenou o pai.

(4) Na antiga língua *fermo*. Note-se que na fala descuidada o *i* átono passa a *e*: assim *Fermiano* (cf. *Ferniana* no *Diário de Notícias* de 25-I-1920), *Fermino* e *Ferminiano*.

feminino regular; dêste deriva *Firminiana* e proveem ainda do tema comum *Firmadó* e *Firmeza*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* regista igualmente, opondo-lhe a nota de antigo; no Calendário acham se representados o penúltimo, o primeiro só no masculino e o segundo em ambos os géneros.

Flávio Flávia, nomes latinos, que indicam a *côr de ouro* ou *loura*, sem dúvida dos cabelos dos seus possuïdores; são seus derivados: *Flaviano*, *Flaviana*, todos com representação no Calendário, mas do *Onomástico Medieval* apenas consta o último no género masculino e respectivo patronímico; que todavia entraram cedo na linguagem popular mostram-no os toponímicos *Chaves*, *Chavião*s (¹), aquele representante do primeiro, no caso ablativo do plural feminino, a concordar com o substantivo oculto *Aquis*, êste do segundo; e talvez ainda *Chavim*, cuja forma postula o genitivo de *Flavino*, da existencia do qual nos dão testemunho as inscrições latinas.

Floberto, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *brilhante* (cf. *Berto*, etc.) *em fama (flo-* por *flodo-)* (²). No Calendário figura um *Floriberto*, que talvez seja outra forma do mesmo nome, se não é antes um híbrido (³).

Flodoardo, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *forte em fama*; suponho-o de introdução moderna e uso escasso. O *Ementário* regista um *Frodoaldo*, que pode muito bem ser outra forma do mesmo.

Flodoveu, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *santuário* (cf. *Clodoveu*) *de fama* ou *afamado* (⁴).

(¹) O *Onomástico Medieval* regista ainda *Chaviam*, que é o seu singular, mas, se ainda persiste tal nome, não o menciona Baptista no seu *Dicionário Corográfico*.

(²) Em alemão há *Flodobert* e *Frodebert*, que divergem entre si no primeiro elemento e, portanto, na significação, interpretando-se o primeiro por *fama* e o segundo por *sabedoria*; qualquer dêles poderia dar o português. No Calendário figura um *Frodoberto*, a que o *Ementário* dá feminino regular.

(³) Neste caso traduzir-se-ia por *flor brilhante*.

(⁴) Assim, Tetzner e Bass; mas também, a meu ver, de sentido idêntico a *Clodoveu*, se é, como parece, o elemento *flodo* de sentido igual a *clot*.

Flodulfo, nome de homem, de proveniência germânica, que interpreto por *afamado lobo*, se não é uma variante de *Fridolfo* (¹).

Flor, chamamos ainda hoje por comparação, que tem seu quê de galantaria, a uma mulher, sobretudo quando formosa. Não admira pois que êsse nome comum, ainda no deminutivo *Flosculo*, como quem diz *flor em botão*, se tenha tornado próprio, aplicado a indivíduos; mesmo sem ser especializado, como em *Rosa*, ajuntou-se-lhe às vezes um qualificativo, criando-se assim os compostos *Florbela* ou *Florisbela* e *Brancaflor*; por êste último é já desde a Idade-Média conhecida a heroína de um lindo conto, espalhado por tôda a parte. Igual comparação já a faziam os Romanos, que na sua antroponímia, além da mitológica *Flora*, tinham mais estes derivados: *Floro*, *Floriano*, *Florente*, *Florêncio*, *Florenciano* e *Florentino*; a êsses vieram ajuntar-se *Flóreo* ou *Flório*, *Flórido*, *Florício* e *Florino*, a que, talvez por imitação de outros, em igualdade de circunstâncias (cf. *Laurina* e *Laurinda*, etc.) se deu como variante *Florindo* (²); os quais todos, com o

---

(¹) O *Ementário* da-o como antigo; não consta, todavia, do *Onomástico Medieval*.

(²) É esta a explicação que se me afigura mais satisfatória, pondo de parte o gerúndio do verbo *florir*, em que também se poderia pensar, mas também me ocorre outra, e é que *Flor linda*, espécie de epíteto, dado a uma mulher em razão da sua beleza (cf. os mencionados compostos *Florbela* e *Brancaflor* e, no *Cancioneiro da Vaticana*, n.° 454, a expressão *bela frol*), depois passaria a ser aplicado a indivíduos do sexo feminino, naturalmente e sem atenção à formosura, porém, juntando os dois vocábulos, isto é, dizendo *Frollinda* ou *Frolinda* (forma que o *Ementário* classifica de antiga, ainda que, a meu ver, poderia ter resultado de *Florinda* por troca mútua das duas consoantes e bem assim o masculino *Frolindo*, que se teria tirado daquela: um e outro nome ainda em uso, segundo o mesmo repositório); daquele, pela passagem do *r* a *l*, sob influência da pronúncia *flor*, que começou a suplantar a antiga e popular *chor*, que todavia o povo continua a manter, se converteria em *Flolinda*, donde por dissimilação *(l... l = l... r)* a actual. Também, em vez de *Flo-*

significado de *florescente*, quer no sentido físico, quer no moral, possuem feminino regular, à excepção de *Florente*, *Flóreo* e *Florício* e, se excluirmos o primeiro destes três últimos, os femininos *Florenciana* e *Flórida*, *Florício* e *Florino* em ambos os géneros, teem representação no Calendário. Tôdas estas formas são literárias, apenas três parece terem penetrado no povo, a julgar dos topónimos *Chorence* (1), *Chorente* (2) e *Chorim* (3). Há ainda *Flores* (4),

---

rino, *Florina*, dizia-se antes *Frolino*, *Frolina*, como informa o já citado *Ementário*, contudo em época posterior, como leva a crer o topónimo *Chorim*. A existência em latim vulgar de um *Florinus* é, julgo eu, confirmada não só pela sua formação regular, isto é, acrescentamento do sufixo deminutivo *-inus* ao primitivo *Florus*, mas também pela moeda chamada *florim*, que em italiano se diz *fiorino*. Note-se ainda que, a-par de *fior*, os poetas dos Cancioneiros trovadorescos, empregavam também a forma *frol*, donde o plural *froles*, que deu o actual apelido *Frois*, existente, pelo menos, desde o século XV, se não se preferir tirá-lo de *Flores* (cf. adiante), mas alterado sob a forma indicada.

(1) Num diploma de 957 encontra-se *Florenzo (=Florenço)*, noutro de 1086 o respectivo patronímico *Florenciz*, mas *Chorenci* ou *Chorinci*, como topónimo, em 1220.

(2) O *Onomástico Medieval* regista o patronímico *Florentiz*, que supõe a existência de um *Florente*, resultante, a meu ver, do acusativo de *Florens*; dele poderá provir *Chorente*, que lá se dá como apelido de homem no século XV, mas o actual topónimo de igual forma aparece lá escrito *Chorenti*, fazendo lembrar um genitivo, e êste não podia ser senão o de *Florentius*; é possível que coexistissem as duas pronúncias *Florentii* e *Florenti*, como se observa noutros nomes: cf. a propósito Madvig, *Gram. Latina*, § 37, obs. I.

(3) Afora estes existe ainda o topónimo *Chorido*, representante do particípio passado de *florir* ou **chorir* (se é que existiu esta forma, como leva a crer o seu incoativo *chorecer*), mas, quanto ao sentido, equivalente a *Flórido*, que, com o respectivo patronímico *Floridiz* e ainda escrito *Florito*, cita o *Onomástico*.

(4) Êste nome tem em antigo francês a forma *Floire* (cf. *Floire et Blancefleur* e *Floire et Jeanne*, outro romance

que já em documento de 937 figura como nome de homem, e assim chamam os trovadores D. Denis e João de Guilhade ao namorado e depois marido da mencionada *Brancaflor*. Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* fala-se de certa D. Flores de Assis. Embora o original latino lhe chame *Flora*, depreende-se daí que o mesmo nome era comum de dois, como diz o *Ementário* a respeito de *Floris*, que julgo ser-lhe idêntico. Num documento de 1273 (*Rev. Lusit.*, IX, 270) figura também uma Flores Gonçalves.

Florimundo, nome que, talvez, pelo processo chamado *etimologia popular*, represente um dos dois germânicos *Frodemundo* ou *Fromundo*, significando, portanto, *o sábio* ou *o magnífico protector*; também poderá ser um híbrido, isto é, um composto do latim *flor* e do germânico *mundo*, que ocorre em grande número.

---

medieval, que eu julgo representar um *Floreus* ou *Florius* latino, hoje diz-se *Flore*; Bocácio, que, como é sabido, tomou para assunto do seu *Filoculo* o primeiro dos dois contos, acabados de mencionar, chama-lhe *Florio*, o que confirma a minha suposição, que aliás, parece-me, tem a comprová-la a fonética francesa: cf. Bourciez, *Phonétique Française*, 555. Que o autor do poema *Floire et Blancefleur* tinha consciência da relação dos nomes dos seus protagonistas com a palavra *flor* vê-se dêstes versos:

«Le jor de la Pasque-florie
. . . .
Vin li terme qu'eles devoient
Enfanter con que pris avoient
. . . .
Li doi enfant, quant furent né,
De la feste furent nomé:
Le crestiene, por l'honor
De la feste, ot nom Blanceflor;
Li rois noma son chier fil Floire».

Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, pág. 323, em face da existência, em português medieval, de *Florez* (em Cortesão *Florit*) e *Flores*, hesita na qualificação das duas formas, inclinando-se, no entanto, a classificá-las de patronímicos.

Folquino ([1]), nome germânico, que se interpreta como *amigo (-uino* de *uim) do povo (folq-* por *folk*, no actual alemão *volk)* ([2]), e figura no Calendário.

Fortunato, forma literária a que corresponde a semi-popular *afortunado*, adjectivo que, tendo provàvelmente sido uma alcunha da sua origem, passou depois, à semelhança de outros, ainda entre os Romanos, a ser usado como pronome, quer no masculino, quer no feminino, *Fortunata*, achando-se hoje representado no Calendário em ambos os géneros; da mesma raiz, isto é, de *fortuna*, e talvez com significação idêntica ou aproximada, procede *Fortúnio* ([3]), que figura em um documento do século XI, porém na qualidade de apelido.

Frambaldo, nome de homem, de procedência germânica, que quer dizer: *o muito audaz;* conta do Calendário. Outra forma do mesmo, segundo o *Ementário*, é *Frambaldo.*

Franco, nome antigo, de pronúncia germânica, do povo que com um derivado do mesmo chamamos actualmente *francês*, e lhe proviera da arma de que principalmente se servia na guerra — *franca* — espécie de lança; idêntica significação ([4]) ou a de *livre, independente*, que o mesmo depois tomou, tem *Francisco*, que na Idade Média se vulgarizou, por ter sido o de um santo penitente muito célebre, o fundador da Ordem dos Menores; são ainda derivados do mesmo, segundo me parece, *Francino* e *Franciano* ou *Francião*, os quais todos, excepto o último que o não tem, fazem regularmente o feminino ([5]); no Calendário

---

([1]) No *Ementário* escrito também *Folchino.*

([2]) Com esta significação deveria escrever-se e pronunciar-se *Folcùino* (em alemão *Folkwim*); escrevendo-se e pronunciando-se *Folquino* por se crer num deminutivo de *Folco* (cf. *Fulco*).

([3]) Segundo o *Ementário Luso Brasileiro*, figura êste nome também entre os próprios, mas na maioria dos casos como sobrenome e apelido.

([4]) É sabido que só modernamente a escrita francesa distingue o adjectivo do substantivo próprio: cf. A. Dauzat, *Histoire de la Langue Française*, pág. 101.

([5]) Usa-se também entre nós a forma *Fanny*, que é inglesa e corresponde à nossa *Francisquinha.*

estão representados apenas os dois primeiros em ambos os géneros, êsses também, à excepção do feminino do primeiro, encontram-se nos nossos antigos documentos, porém o masculino *Franco* só como apelido. Usa-se ainda *Francelina*, que deve provir de *Francelio*, nome poético no qual o sufixo *-isco* de *Francisco* foi substituído por *-élio* e de que se serviu Francisco José Bingre (séculos XVIII e XIX). O *Ementário* cita mais *Francilio* com o respectivo feminino, cuja origem deve ser a mesma (¹).

Fredegário (²), nome germânico, que quer dizer: *lança* (cf. *Gertrudes*, etc.) *da paz*, ou, como interpreto, *o que combate pela paz*. O *Ementário*, que omite êste nome, regista uma forma *Fredegardo* (³), como variante de *Fredegário*, porém o seu segundo componente mostra que não o é; a existir, a sua tradução será: *a protectora da paz* ou antes *a prudente protectora*, se a corrigirmos em *Frodegarda*, correspondente a *Frodegart* do alemão.

Fredegundo, nome germânico, que significa *combatente (-gundo* de *gunt)* ou *o que combate a* (ou talvez antes *pela*, isto é, *em favor da*), *paz (frede-* de *frid*, hoje *friede)*; o seu feminino aparece sob as formas *Fredegunda*, *Fredegundes* (cf. *Aldegundes*), *Fredegonda*; de feição um pouco mais popular e ainda com aspecto alatinado *Fredegundia*, em um documento datado de 1033.

Frederico, nome germânico, que quer dizer: *rei* ou *príncipe (-rico* de *rich*) *da paz (grede-* de *fried)* ou *o pacífico*; tem feminino regular, mas só o masculino figura no Calendário e encontra-se, escrito assim ou *Fraderico*, na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (⁴). A forma

(¹) Cf. Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, pág. 462.

(²) Tetzner regista duas formas: *Fredegar* e *Fridegar*.

(³) O mesmo menciona *Fridegart*, que traduz por: *soberana da paz*.

(⁴) Isto não quer dizer que antes não existisse entre nós, pois nos *Diplomata et Chartae* dos *Portugaliae Monumenta Historica* lá aparece *Fridaricus* e afigura-se-me que o toponímico *Freariz* do século XI, hoje *Freiriz*, assenta antes sôbre o seu genitivo do que sôbre *Fredariz*, patronímico de *Fredario* ou *Fredeiro*, nome de homem em uso pelo mesmo tempo, que difere daquele só no segundo componente, que se interpreta

que o mesmo toma na bôca do povo é *Federico* (1) e *Fedrico*; desta última, parece-me, proveem *Fedrique*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* dá como antigo, donde *Fadrique* e *Fradique*, constantes de documentos do séc. XVI.

Fredesvindo, nome germânico, que quer dizer: *amigo da paz*; o seu feminino, que consta do Calendário, é *Fredesvinda* ou *Fredesuinda*.

Fridolfo, nome de homem, de origem germânica, que significa: *lobo da paz*. Outra forma do mesmo é *Fredulfo* (2).

Fridolino, nome germânico, que representa forma hipocorística dos nomes começados por *frido*, e podemos traduzir por *o pacífico*, tem feminino regular, segundo o *Ementário*, que lhe apõe a nota de antigo, mas só o masculino se acha representado no Calendário.

Fromosindo, nome de proveniência germânica, cuja tradução em português é: *distinto* (cf. *Adosindo*). Outra forma do mesmo, resultante da instabilidade do *r* (3), é *Fremosindo*, (que, como aquele, tem feminino regular, isto é, *Fremosinda*) ou *Fremosendo* (4); na toponímia é esta a que persiste no antigo *Fermosendi* (século XIII), hoje *Formosem*

Frouvino, nome de homem, de procedência germânica, que quer dizer: *o prudente amigo* (cf. *Baldoino*, etc.) (5); figura no Calendário.

---

por *exercito*; quer-me até parecer que, tendo existido antes, o nome *Frederico* caíu em desuso, sendo depois importado.

(1) Assim em espanhol; o italiano, ao lado desta forma, teem igualmente *Federigo*.

(2) O *Ementário* não regista a forma feminina, que todavia existe, pelo menos em alemão, e é *Fridolfa*, *Fredolfa* e *Fridulfa*. Entre os nossos nomes medievais há *Fradiulfus* ou *Fradulfus*, que Meyer-Lübke insere entre os compostos de *frid-*, e, no alemão, *Frodulf*, que Bass e Tetzner traduzem por *o sábio lobo*; de qualquer dêstes dois podia vir o português.

(3) Cf. *formoso*, *fromoso* e *fremoso*.

(4) No *Onomástico Medieval* há *Fremosindo*, *Fremosinda* (séculos X e XI), *Fremosendo*, *Fromosindo* (século XI), e patronímicos *Fremosindiz*, *Fremosendiz* (século XI).

(5) Em alemão há *Frodewin* e *Frowin*, que Bass e Tetzner traduzem, respectivamente, por: *o sábio amigo* e *amigo magnífico*, parecendo ter por diferentes as duas formas, mas o livri-

Fruto, ou à latina *Fructos* ([1]), nome que, como próprio, tem a mesma significação que quando comum; são seus derivados o deminutivo *Frutulo* e *Frutuoso*, que igualmente faz parte da lingua comum e significa *o que dá fruto* ou, consoante se dizia dantes, *fruito*; daí também *Fruitoso*, que é a sua forma popular; no Calendário figuram todos estes nomes e ainda o feminino do último na respectiva feição literária em ambos os géneros (é escusado advertir), mas *Fruitoso* nos antigos documentos.

Fulberto, nome de origem germânica, que quer dizer: *brilhante* (cf. *Berto*, etc.) *povo (ful-* por *folk)* ([2]), tem feminino regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário.

Fulco, nome de homem, de origem germânica, que se interpreta por *povo guerreiro*: pode ser também forma hipocorística dos nomes começados por *Fulc-*; no Calendário há dois santos assim chamados; outra forma do mesmo é *Folco*: cf. *Folquino*.

Fulgêncio, nome latino, que quer dizer: *resplandecente, brilhante*, e tem feminino regular, figurando, porém, no Calendário só no masculino; proveem da mesma raiz, tendo, por isso, significação idêntica, os femininos *Fulgénia* e *Fulgurosa*, que o *Ementário Luso Brasileiro* dá como antigos e talvez ainda *Fulgino, Fulmino* ou *Fulmínio* ([3]) e seu derivado *Fulminina*.

Fulrado, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *conselheiro do* (cf. *Conrado*, etc.) *do povo (ful-* por *fulk)*, e figura no Calendário.

Fulvio, Fulvia, formas divergentes de *Flávio* e *Flávia*.

Fusco, adjectivo latino, que na lingua comum evolucionou em *fosco*; a princípio cognome, passou depois à classe

---

nho *Unsere Taufnamen* julga-as idênticas e assim do mesmo sentido (o que acima dou), explicando que *frod*, em velho alto alemão *frôt, fruot*=*prudente*, got. *frod*, vem de *frathjan*=*pensar*.

([1]) Cf. *Marcos, Pilatos*, formas latinas correntes, e ainda *Cristos* que se lê em vários textos; num de 1523 há *Fruitos*.

([2]) Talvez no sentido de: *o que se distingue no povo pelas suas acções* ou *qualidades*.

([3]) É sabido que o substantivo *fulmen* está por **fulgmen*.

dos nomes próprios; dêle derivam *Fúsculo*, *Fuscoliano* e *Fusculina*; do Calendário constam o deminutivo *Fusculo* e o feminino *Fusca*; na antroponímia romana ocorrem já *Fusco* e *Fuscula*.

G

Gabriel, nome hebraico, que vale tanto como *homem de Deus*; a sua propagação entre o povo, que o alterou em *Graviel*, deve-se atribuir a ter êle sido o do anjo que anunciou à Virgem o mistério da encarnação; o feminino *Gabriela*, também muito usado, foi tirado do masculino.

Gadiel, nome de homem, de proveniência hebraica, que se interpreta por *felicidade de Deus* (1), mas cujo uso desconheço (2).

Galaciano ou **Galacião** (3), como se chama um dos santos do Calendário, deve, na origem, ter designado o *natural da Galácia* (4), região do interior da Ásia-Menor, passando depois a dar-se a homens.

Galba, nome galo-latino, que se traduz por *pança* (5), tendo provàvelmente, na sua origem, sido simples alcunha, como tantos outros; segundo é notório, fazia parte da antroponímia romana, mas não na qualidade de prenome.

Galdrico, nome de homem, de origem germânica, que se traduz por *senhor* (*-rico*; cf. *Frederico*, etc.) ou *príncipe combatente (gald-* (6) por *gar-* ou *ger-)* e consta do Calendário (7).

---

(1) Assim, Tetzner.

(2) O *Ementário* regista *Gaddiel*.

(3) No *Martyrologio*, *Galacion*.

(4) Nos dicionários, como tal se dizia, *galaticus*.

(5) Cf. os nossos apelidos *Barriga* e *Pança*.

(6) Assim, Bass, pág. 110, mas também, a meu ver, poderá ver-se no primeiro componente a raiz *gard*, com troca do *r* por dissimilação: neste caso, o seu sentido seria *príncipe protector*; ainda *gald* será representante de *walt* (cf. *Gualdino*, etc.); neste caso traduzir-se-ia por *príncipe poderoso*.

(7) Assim informa o *Ementário*; tal nome, porém, não consta do *Martyrologio*.

Galicano (**Gallicano**), nome pelo qual os Romanos designavam o *natural da Gália* e figurava já na sua antroponímia; consta também do Calendário (1).

Galo, nome que se dava ao indivíduo pertencente a um povo célebre da antiguidade, e se julga provir de uma raiz *gal-*, que se interpreta por *bravo*; devem ser seus derivados *Galino* ou *Galim* e *Galiano*, mas de todos só o primeiro tem feminino regular, figurando ambos os géneros no Calendário.

Gamaliel, nome de homem, de proveniência hebraica, que quer dizer *recompensa de Deus* (2) e, além da Bíblia, figura no Calendário.

Gangulfo, nome germânico, que quer dizer: *o que corre (gang-*: cf. em alemão o verbo *gehen) como um lobo* (3) (cf. *Adolfo*, etc.); figura no Calendário (4) e ocorre num documento de 1071.

Garibalde ou **Garibaldi**, nome de origem germânica, mas alterado um tanto pelo italiano, donde procede directamente, e que quer dizer: *audaz (-balde* ou *-baldi* por *ball) na lança (gari-* por *ger-)* ou *o que no campo da batalha manuseia a lança com coragem e valentia*; a sua introdução na nossa antroponímia deve ser de data muito recente, como raro é o seu uso. Outra forma do mesmo, igualmente mui pouco freqüente, é *Gerebaldo*.

Gaspar, (5) nome de homem, a que se atribue origem persa e a significação de *tesoureiro*; assim se chamou, segundo a

---

(1) O *Ementário*, registando esta forma, apõe-lhe outra *Galliciano*, que os dicionários latinos não mencionam, e parece ser sinónimo de *galego*; o mesmo informa que o mártir assim chamado, e que a Igreja festeja a 25 de Junho, era natural de Bragança em Portugal. Do *Martyrologio* consta que foi martirizado em Alexandria.

(2) Ou *Deus recompensa*, segundo Tetzner.

(3) Assim, o livrinho *Unsere Taufnaman*, s. v., *Gangolf*, mas Bass e Tetzner interpretam por *companheiro do lobo*.

(4) Regista-o o *Martyrologio* no dia 11 de Maio, o mesmo que o *Ementário* chama *Gandulpho*; note-se que a grafia daquele é *Ganulgpho*.

(5) Parece que a verdadeira forma é *Caspar*, pelo menos é esta a grafia dada por Tetzner.

tradição, um dos reis magos; é seu derivado *Gasparino*, a que se dá feminino regular.

Gastão, nome de origem germânica, que em português quer dizer *hóspede* (cf. *gast* no actual alemão); figura no Calendário. No *Onomástico Medieval* regista-se *Gasto*, mas como apelido, isto é, *Moninho VeegasGasto* (PMH,S, págs. 280 e 316); creio, porém, que se deve corrigir em *Gascó*, isto é, da *Gasconha*, pois no último dos lugares citados lê-se: *Moninho Viegas o Gasto*, *Egas Moniz o Gasto* e *Garcia Moniz o Gasto*.

Gaudêncio, **Gaudência**, nomes latinos, que significam *alegre*, *contente*, e se acham representados no Calendário. Da mesma raiz *gaud-* provém *Gaudioso*, que figura igualmente entre os canonizados pela Igreja Católica, e com o seu feminino *Gaudiosa* se encontra em antigos documentos, devendo notar-se que, como tantos outros, todos estes nomes pertenciam já a antroponimia dos Romanos.

Gaufredo ou **Gaufrido**, nome germânico, que quer dizer: *paz* (cf. *Trederico*, etc.) *do distrito* ou *cantão (gau-)* ou, segundo interpreto, *o pacificador do distrito*; segundo informa o *Ementário*, acha-se representado no Calendário.

Gelásio, adjectivo grego (γελάσιος), que significa *risonho*, e passou à classe dos nomes próprios, figurando no Calendário como tendo sido o de vários santos.

Gelmiro, nome de homem, de procedência germânica, que se traduz por: *o satisfeito* ou *contente com a fama* (1); é seu patronímico *Gelmires* (2), e um outro constam já de documentos do século XI.

Gemelo, veja-se **Gemino**.

Geminiano, veja-se o seguinte.

---

(1) Segundo o livrinho *Unsere Taufnamen*, o nome *Gelimer* (também *Geilamir*, *Gelimar* e *Gelmar*), que julgo ser o representante alemão do português *Gelmiro*, é constituído pelas raízes *geil* do velho alto alemão ou gótico *geiljan*, que significam, respectivamente, *forte*, *soberbo*, *alegre* e *alegrar*, e o conhecido *mâri*: cf. *Baldomiro*, etc. *Geilamir* se chamou o último rei dos Vândalos.

(2) *Diogo Gelmirez* foi um bem conhecido bispo de Santiago de Compostela.

Gémino, que ocorre no Calendário cristão, reproduz o latim *geminus*, que parece ter origem numa raiz **gem-*, que significa *emparelhar*, *unir* (veja-se A. Walde, *Lat. Etymologogisches Wörterbuch*, s. v.) e está representado na forma popular *gémeo*. Derivados do mesmo nome são *Gemelo*, que é um seu deminutivo, estando por *gemin'lus* (cf. *asellus* de *asinus*) e *Geminiano*, que igualmente figuram no referido Calendário.

Generoso, adjectivo latino que, tendo a princípio significado *o de raça, nobre pelo nascimento*, veio depois a tomar o sentido em que hoje mais geralmente se toma; em ambos os géneros figura no Calendário.

Genésio (1), adjectivo grego (γενέσιος), que passou a usar-se também como nome prório, e naquela língua tinha significação idêntica ao latino *Natal* (2) (veja-se êste nome); formas populares do mesmo creio serem *Genjo* (3) e *Gens* (4), ambas galegas, e a última igualmente portuguesa, figurando no Calendário esta e a primeira das citadas, que ocorre já em um documento do século XI.

Genoveva, nome de mulher, de proveniência germânica (5), ao que parece, cuja forma primitiva foi *Genovefa*; a sua significação dizem ser a de *tecedora de coroa* ou *tecedora de grinalda enfeitiçada ou mágica* (6); figura no Calendá-

---

(1) O *Ementário Luso-Brasileiro* menciona, além desta, a forma *Ginésio*, à qual apõe a nota de antiga: cf. o castelhano *Ginés*.

(2) Os Dicionários interpretam ainda por: *o que se refere à* ou *protector da família*. Pape traduz por *criador*.

(3) Deduzo a existência desta forma, que representa o nominativo, de *Sangenjo*, nome de uma povoação na província de Pontevedra (Galiza).

(4) Como se dá com tantos topónimos, *Gens* deve provir do caso genitivo, primitivamente ligado a qualquer *capela* ou *igreja* do santo assim chamado, substantivo êste que com o uso desapareceu, ficando só o nome do personagem em cuja honra fôra levantada.

(5) Bass tem-no por velho saxónio, o livrinho *Unsere Taufnamen* dá-lhe a mesma origem, mas como incerta.

(6) Assim interpretam Bass e Tetzner; o que parece positivo é ignorar-se o significado do primeiro elemento *geno-*;

rio, isso não obstante, o seu uso entre nós julgo ser relativamente moderno.

Gentil ([1]), adjectivo, importado talvez do francês, que, tendo significado a princípio *de raça ou família (gens)* e depois *elegante, de belo aspecto*, se deve ter usado primeiro como apelido, uso que ainda persiste, e, à semelhança de tantos outros, passou também a dar-se a pessoas de ambos os sexos, visto ser uniforme; mas no Calendário, segundo informa o *Ementário*, apenas figura o masculino.

Genuino, adjectivo latino que a língua literária possue com a mesma significação pouco, mais ou menos, que primitivamente teve, isto é, *natural, inato*, e passou a aplicar-se a pessoas, a princípio talvez como alcunha; o seu uso parece restrito ao sexo masculino, figurando como tal no Calendário.

Genulfo, nome germânico, que parece querer significar: *o querido lobo* ([2]); figura já num diploma do século XI. Aparentado com êle, pelo menos no segundo elemento, é *Gendolfo* ou *Gendulfo*, registado pelo *Ementário*.

---

quanto ao segundo, explica-o assim F. Khull (cf. *Deutsches Namenbüchlein*): «*Wefa* no nome *Genovefa* (latinizado em *Genoveva*), que de resto é escuro, devia ser o substantivo feminino, conservado no velho nórdico sob a forma *-vafa*, no anglo-saxónio como *-vaefre*, e que quer dizer *tecedeira*. Em sanscrito chama-se *ūrna-vābhi* (a que tece a lã), no velho nórdico *kongurvāfa*, a aranha, considerada como inexcedível tecedeira. A raiz vive no nosso verbo *weben* (velho nórdico *vefa*, anglo-saxónio *wefan*, velho alto alemão *weban*) e respectivos derivados, relacionando-se com o grego ὑφή e ὕφος, tecido, e ὑφαίνω, eu teço; a raiz indo-europeia é *vebh*»; veja-se também Boisacq, *Dict. étym. de la langue grecque*, s. v. ὑφή.

([1]) Na antiga língua havia o adjectivo *genta* com igual significação, e *Gente* se chama uma das personagens do antigo romance francês em verso, *Galeram de Bretagne*, a mãi de *Frêne* e *Fleurie*.

([2]) Assim interpreta, mas interrogativamente, Tetzner; Meyer-Lübke dá como primeiro componente *gains*, de significação incerta. Não entrará nestes nomes a raiz indo-europeia *gen-*, que aparece, entre outras palavras, no nosso verbo *nascer*? Neste caso, *gen-* e *gend-* traduzir-se-ia por *filho*.

Gerardo, nome de proveniência germânica, que significa *duro (-ardo* por *hart) na lança (ger-)* ou *o que manuseia fortemente a lança*; outras formas do mesmo são *Geraldo*, e, já antigas na língua, *Girardo* e *Giraldo* (¹), qualquer delas com representação no Calendário, o que não acontece aos respectivos femininos; afora os patronímicos *Geraldes* ou *Giraldes*, há ainda deminutivos *Geraldino* ou *Giraldino* e seus femininos *Geraldina* ou *Giraldina* (²).

Gerberto, nome germânico, que quer dizer: *brilhante, ilustre* ou *famoso (-berto) na lança (ger-)*; o seu feminino é *Gerberta*, mas nem de um nem de outro encontro, acusada por documentos, a sua existência entre nós; cf. *Gilberto*.

Gerburga ou **Gerburges**, nome de mulher, constante do Calendário, de proveniência germânica, que se interpreta por *protectora (-burga) da lança* (cf. *Gerturdes*, etc.) ou seja, segundo penso, dos que a trazem.

Geremano, nome germânico, que significa *afamado (-maro* por *-mar) na lança* (cf. *Gerardo)* e figura no Calendário.

Germano, nome que, nesta forma literária ou na popular *Germam* ou *Germão*, representa ou o mesmo donde veio o nosso vocábulo *irmão*, ou outro idêntico com que os Romanos designavam o *habitante da Germânia*, e se julga pertencer à língua dos povos dessa antiga região, significando *homem (-meno* de *man) da lança (ger-)*; o seu feminino é *Germana* e dêle derivam *Germânico* e *Germânia*, todos representados no Calendário; o *Onomástico Medieval* apenas menciona *Germãos*, como designação de um casal, que se me afigura ser o plural da forma citada, mas a que o copista por descuido deixou de pôr o sinal indicativo da nasal, isto é, o til.

Gerôncio, nome de homem, já usado pelos Romanos, que

(¹) Os autores alemães fazem diferença entre *Geraldo* e *Gerardo*, em vista do segundo componente, naquele *-ald*, neste *-hart*, e assim intrepertam-nos, respectivamente, por: *o que manuseia a lança* e *o que é forte nela*; entre nós é possível que as duas formas se tenham confundido. De *Geraldo* ou *Giraldo* existe em antigos documentos *Geral* ou *Giral* (próclise).

(²) No *Ementário* também *Giraldine*, forma certamente francesa.

de-certo o tomaram dos Gregos; o seu significado é *velho* (1) e, como tantos outros, foi a princípio uma alcunha; figura no Calendário e afigura-se-me já conhecido entre nós na Idade-Média, pois nos diplomas do tempo encontra-se, na qualidade de têrmo geográfico, sob as formas *Geroncii*, que parece ser um genitivo, *Gerontio* e *Geronzo*.

Gersão ou **Gerson**, nome hebraico, que quer dizer: o *expulso* ou *proscrito* (2); o seu uso actualmente limita-se, segundo creio, a apelido (3).

Gerta (também **Gerda**), nome de mulher, que se considera hipocorística dos começados por *ger-*, como *Gerarda*.

Gertrudes, nome germânico, que, traduzido em português, quer dizer: *a que ama* ou *a quem é cara* (4) *(-trude) a lança (ger-)*, devendo notar-se que o *-s* está a mais, tendo a sua origem ou no hábito popular (cf. *Aldegundes)* ou em transcrição latina. Embora conste do Calendário, o seu emprêgo não é antigo entre nós, todavia tornou-se vulgar no povo, em cuja bôca perde o *-r-* da sílaba inicial por dissimilação, *donde Getrudes*, a-par-de *Estrudes* (5).

---

(1) É sabido que aos magistrados chamados na Grécia *gerontes* correspondiam os *senatores* romanos, designações de igual sentido.

(2) Assim interpreta Tetzner no seu *Namenbuch*.

(3) D. Augusta Faria Gersão Ventura chama-se uma senhora, espôsa do Dr. C. Simões Ventura, professor da Universidade de Coimbra, e ela também professora do liceu feminino da mesma cidade. É bem conhecido o nome de João Chartier Gerson ou só João Gerson, a quem por muito tempo foi atribuída a *Imitação de Cristo*, mas aqui o apelido Gerson, tirado da terra da sua naturalidade, é possível que tenha origem diferente.

(4) Assim Kleinepaul; Bass também opina pouco mais ou menos da mesma maneira, pois traduz o elemento *trut* por *caro, amado*, quando colocado no principio da palavra, e por *donzela, amada, mulher*, se está em segundo lugar, mas Detter (cf. *Deutsches Wörterbuch*, s. v. *Ger*) interpreta *forte*.

(5) Esta forma ou melhor *Strudes*, como se ouve, deve provir de *Getrudes*, pela queda do *e* da silaba inicial e troca do *j (=g)*, que é sonora, por *x*, surda, como o *t* seguinte, o

Gervásio, nome germânico, que significa *sábio* (*-vasio* de *wis*, hoje *weise*) (1) *na lança* (cf. *Gertrudes*, etc.) ou *experimentado combatente*; forma o feminino regularmente, mas só o masculino figura no Calendário. O *Ementário* regista também *Gervas*, *Geruas* ou *Geruaz*, que diz ser o nome de um antigo santo português e equivaler a *Gervásio*. Efectivamente nos *Scriptores* encontra-se êste nome mas como apelido (*Martim Geruas* ou *Geruaz*). *Gervasio* encontra-se, como nome de homem, num documento de 1237.

Gervino, nome germânico, cuja tradução em português é *amigo* ou *amante da lança* (cf. *Osuino* e *Gontrode*), sendo portanto, quanto ao sentido, o masculino de *Gertrudes*; embora figure no Calendário, o seu uso parece-me ser em extremo raro.

Getúlio (2), adjectivo geográfico, que indica o *habitante da Getúlia*, antigo país da África, ao Sul da Numídia. Segundo o *Dicionário Latino Português* de Saraiva, a palavra *Getúlia* deve ser fenícia e significar talvez *povo de Baal*. No Calendário encontra-se um santo assim chamado, e êste nome é o do actual presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.

Gideão ou **Gedeão**, nome hebraico, que em português quer dizer: *o que racha* e de aí *o mateiro*, *o talhador de pedra*, etc. (3); como se sabe, assim se chamou um dos juízes de Israel.

Gilberto, nome germânico, que quer dizer: *refem ilustre* ou *brilhante* (4), sendo composto do conhecido *-berto* (cf. nomes

---

que é pròpriamente uma assimilação incompleta. Ouve-se também *Jatrudes* de *Jetrudes*, em resultado da freqüente passagem a *a* do *e* átono em silaba inicial dos polissilabos. O *Ementário* regista também a forma *Geltrudes*, a que apõe a nota de antiga.

(1) Ou *vas-*, tema de *vasjan*, vestir, segundo Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, 69.

(2) Pròpriamente esta forma provém de *Gétulo*, que é a indicada pelos escritores latinos, isto é *Gaetulus*, e o *Ementário* cita, a-par-de *Getúlio*.

(3) Ou, segundo Tetzner, *herói*, *o que abate árvores*.

(4) Assim o livrinho *Unsere Taufnamen*, que tem *gil* (e também *gis*) por encurtamento de *gisal* nos nomes pró-

assim terminados e *(gil-)* (que está por *gisal* do velho alto alemão); tem feminino regular, mas só no masculino figura no Calendário.

Gildardo (¹), nome germânico, que quer dizer: *o senhor* ou *o presidente (-ardo,* por *-art) do sacrifício (gild-)* e figura no Calendário; é seu hipocorístico *Gildo*, que outrora se usou entre nós, como consta de um diploma do século x, e vive ainda no topónimo *Gilde*, ao contrário do respectivo feminino *Gilda*, que só modernamente se adoptou.

Gilduino, nome germânico, cuja tradução em português é: *amigo do sacrifício.*

Gisberto, nome de procedência germânica, cujo sentido é: *brilhante* (cf. *Berto*) ou *ilustre combatente* (pròpriamente *lança*, cf. *Giselo*); deve ser de introdução moderna (²).

Giselo, Gisela (³), nomes germânicos, de forma hipocorística, que originàriamente devem ter sido dados a quem sabia manejar a *lança (gisel* de *gisal*, que é um derivado de

---

prios, com o sentido de *refem, filho de homem nobre;* Tetzner, porém, vê em *gil* um divergente *ger* e faz, portanto, *Gilberto* equivalente a *Gerberto*; regista ainda *Giselberto*, que interpreta como acima, e dá por seu divergente *Girbello*, mas F. Khull (*Deutsches Namenbrüchlein*, pág. 39) diz que «em *Gilberto* parece haver um tema *gil* ou *gila*, pois no velho alto-alemão há *Gilaberto*, que depois se tornou em *Gilberto*. Êste tema coincide talvez com o irlandês *gael* (parentesco) através da raiz básica *ghoil*; neste caso a palavra *gil* relacionar-se-ia com o adjectivo *geil* (sadio, forte, exuberante) e o substantivo norueguês *gil* (fermentação)».

(¹) O *Ementário* menciona, como santo da Bretanha, *Gildas* ou *Gildario*, mas no *Martyrologio* só há *Gildardo*; é possível que sejam formas várias do mesmo nome.

(²) Meyer-Lübke cita o nome *Gisebertus* como ocorrente em actas do concílio e entre os nomes cujo primeiro elemento é *gais (=gis=geisala*, do velho alto-alemão, e *geisel*, do médio alto-alemão: cf. Detter, *Deutsches Wörterbuch)* enumera o antigo *Gismondus* ou *Gesmundus*, donde, segundo êle, procede o topónimo *Germunde*.

(³) Segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, também *Gisilo*, *Gisila*. No *Onomástico Medieval* há um *Gesillus*, que parece ser o mesmo nome.

ger: cf. *Gertrudes*) e, portanto, era *forte*; o feminino, que, embora raro, é o mais usado, figura no Calendário.

Gisfredo ou **Gisfrido**, nome germânico igualmente, que quanto à sua significação, é sinónimo de *Frederico*, do qual diverge só no primeiro elemento, que aliás se toma no sentido translato de *príncipe* ou *soberano*.

Gismaro, nome da mesma procedência e significação que *Gisberto*, do qual se diferença só no segundo elemento, aliás sinónimo de idêntico dêste.

Glicério (**Glycerio**), adjectivo grego, que, como outros, passou a nome próprio, provàvelmente a princípio na qualidade de apelido, segundo deduzo do seu sentido, que é: *doce, agradável*; tem feminino regular, figurando no Calendário ambos os géneros. A-par de *Glyceria* existe também *Glycera*, forma que reproduz inteiramente o adjectivo γλυκερά. Note-se que na antroponímia romana figurou já êste nome e *Glycerius*.

Glória, nome comum que passou, como outros, a próprio, por ser um dos vários títulos sob que é invocada Nossa Senhora; em geral usa-se depois de *Maria*, a que se liga por *da*, mas há também quem o tenha como primeiro nome ou de baptismo. Faz parte da língua culta, que o tomou do latim; nos escritos, por vezes aparece com o *l* mudado em *r*, de certo por assimilação ou por tendência popular a formar o grupo *gr-*, mais corrente que *gl-*; na antroponímia deve ter entrado modernamente, a julgar da sua omissão em antigos documentos.

Goberto, nome germânico, que, pelos elementos de que se compõe, se deve traduzir por: *brilho* ou *glória de Deus* (pròpriamente: *o brilhante por Deus*) [1]; tem feminino regular, que figura no Calendário. Outras formas do mesmo, nos dois géneros, são *Godoberto*, *Godoberta* ou *Godeberto*, *Godeberta* (em alemão: *Gotbert*, *Gotberta*).

Godardo, nome de origem germânica, que quer dizer: *o forte* (*-ardo* por *hart*) *por Deus* [2] (cf. *Godofredo*, etc.); tem

---

(1) Assim me parece dever interpretar-se, mas Tetzner, que traduz *Gotbert* por *brilho de Deus*, explica o feminino: *a que brilha divinamente* ou *a deusa brilhante*.

(2) Ou *piedoso*, *virtuoso*, segundo outra interpretação, isto é, não literal.

feminino regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário; outras formas do mesmo são, segundo o *Ementário*, *Godarto* ou *Godehardo*.

Godefredo ou **Godofredo**, o mesmo é que *paz* (cf. *Frederico*, etc.) *de Deus* (*godo-* ou *gode-* de *got-*, hoje *gott-*). Um pouco mais aproximada, no seu segundo elemento, do arcaico *-fridu* é a forma *Godefrido*, pela qual é designado no Calendário um santo bispo de Amiens (França). Das formas citadas proveem a mais: *Geofredo* ou *Geofrido*, esta com feminino regular, isto é, *Geofrida*, segundo o *Ementário* que lhe apõe a nota de antiga, *Gofredo* ou *Gofrido*, e ainda o nome alemão *Goethe*, tornado imortal pelo poeta que o usou. Tem igual origem, mas é forma peculiar à Provença, o nome *Joffre*, celebrizado pelo marechal francês que papel tão brilhante desempenhou na guerra europeia, e muitos séculos antes o poeta da mesma região chamado *Jaufre* ou *Jaufré Rudel*.

Goderico ou **Godrico**, nome de homem, de proveniência germânica, que, em vista dos seus componentes, se deverá traduzir por *príncipe* ou *rei* (cf. *Frederico*, etc.) *divino*; segundo o *Ementário*, figura no Calendário. Outra forma do mesmo talvez seja *Goerico*, registada pelo mesmo repositório, que lhe apõe a nota de antiga.

Godesendo, nome germânico, que quer dizer: *bom* ou *divino* (1) (*gode-*) *senhor* ou *soberano* (cf. *Adosindo*); tem feminino regular. A-par desta forma, existiu, ou antes precedeu a outra, *Godesindo*, citada pelo *Ementário*, ambas evolução provável de *Golesendo*, que se lê num documento de 995. Das mesmas resultaram a meu ver, estas: *Goesendo*, *Gosendo*, ainda subsistente nos toponimos *Gozendo* e respectivo deminutivo *Gozendinho*, *Gozende* (do caso genitivo) (2) e patronímico *Gozendes* (3), *Goisenda* e *Gosenda* (4) (também escrito *Gossenda*).

---

(1) Cf. Meyer-Lübke, págs. 32 e 33, ou ainda *godo*, segundo o mesmo.

(2) Em documento do século XIII *Goesendi*.

(3) Em diplomas dos séculos XI e XV lê-se *Gosendit* ou *Gosendiz*, e *Gosendes*.

(4) Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, págs. 320 e 574, seguindo a Meyer-Lübke, tem *Godesendo* por nome diferente

Godo, nome de origem germânica, que se pode traduzir por *bom* ou *divino*, conforme representar o gotico *goths* ou *guths* (1); é seu deminutivo *Godino* ou *Godinho* (2); tanto aquele como êste teem feminino regular (3) e, nos dois géneros, constam de antigos documentos, e a mais o patronímico do último ou seja *Godiniz* ou *Godiiz* ou *Godiz*; hoje tôdas estas formas estão fora do uso, apenas existindo *Godinho*, mas como apelido. O *Ementário* regista *Godim*, que provém de *Godino* (cf. *Bernardim* e *Bernardino*), e *Godins*, o patrónimo citado.

Goduvino, nome germânico, que quer dizer *amigo de Deus*; outra forma do mesmo é *Goduino*, como se chamou um bispo de Leão (França), que viveu nos fins do século VII.

Goesto ou **Guesto**, nome de um lendário cavaleiro português (4), a quem se atribue a façanha narrada na *Canção do Figueiral* (5), cuja forma anterior deve ter sido *Gudesto* (6), citado pelo *Ementário Luso-Brasileiro* com a nota de antigo; talvez um hipocorístico de *Goesteo*, que por sua vez foi precedido por *Gudesteo* ou *Gudesteu* (6), vivo ainda na

---

de *Goisenda* ou *Guisenda*, em cujo primeiro elemento êle vê o tema gotico *gawi*, que traduz por *comarca*. O mesmo Meyer-Lübke lembra que *Goisuintha* se chamou a filha do rei Atanagildo.

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Antroponimia*, pág. 32, s. v. *Gudilolfus*.

(2) Informa o *Ementário* que *Godino* se chamou um antigo bispo de Lamego, e *Godinha* foi o nome de uma santa portuguesa, abadessa do convento de Vieira, tia de Santa Senhorinha.

(3) No *Onomástico*, diploma de 1220, há *Godīs*.

(4) O seu nome completo é *Guesto Ansur* (ou *Ansures*); com êste título publicou o visconde de Figanière um romance histórico, no qual tomou para base a conhecida lenda.

(5) Como é sabido, figura esta composição entre as chamadas *relíquias da poesia portuguesa*; na sua *Geschichte der Portg. Litteratur*, pág. 161, mostra D. Carolina Michaëlis a sua falsidade.

(6) O *Ementário* dá como existente *Gudestino*, que tem tôda a aparência de ser seu deminutivo.

toponimia, segundo parece ([1]), no qual entram, na opinião de Meyer-Lübke, os vocábulos germânicos *godes* e *teu*, que êle traduz por *deus* e *servo*, equivalendo portanto a *servo de Deus*. No *Onomástico Medieval* figuram os seus respectivos patronímicos, a saber: *Goestez* ou *Goestiz*, *Godesteizi* ou *Godesteiz*, depois *Goesteiz*. Também lá se encontra *Godestena*, que tem a aparência de ser o feminino de *Gudesteu*, todavia o autor acabado de citar põe em dúvida esta forma.

Gomaro ou **Gumaro** (**Gommaro** ou **Gummaro**), nome que suponho ser divergente de *Gondemaro* ([2]); sob a segunda das formas, consta do Calendário ([3]).

Gomesindo ou **Gumesindo**, nome germânico, que em português quer dizer: *homem (guma-) poderoso* ou *excelente* (cf. *Adosindo*); na primeira das formas, figura em um documento dos séculos IX e X, e na segunda no Calendário; no *Ementário* regista-se a forma *Gomersindo* e ainda *Gurmesindo*, *Gumersindo* e *Gurmensindo* como deturpações da verdadeira *Gumesindo*; tôdas estas formas devem ser divergentes da última, provenientes de nomes parecidos.

Gondebaldo, como se chamou rei dos Borguinhões, é um nome de proveniência germânica, que em português significa *valente, corajoso* (cf. *Baldo*) *na guerra (gonde-* de *gunt)* e, a meu ver, persiste ainda no topónimo *Gondevai*, cujas formas anteriores foram *Gundivadi*, *Gondivadi*, *Gundivai* e *Gondivai*.

Gondeberto, nome germânico, que em português quer dizer: *ilustre, brilhante* (cf. *Berto*) *no combate (gonde-* de *gunt)*.

([1]) Do respectivo caso genitivo deriva Pedro de Azevedo (cf. *Rev. Lusit.*, XII, 324) *Agostem* e *Gostei*. No *Onomástico Medieval* encontro *Godestedeo* e respectivo patronímico *Godested[e]ziz*; não será o primitivo de *Goesteo* e, portanto, de *Goesto*?

([2]) Bähnisch, no seu livro *Deutschen Personennamen*, a pág. 33, ao lado de *gund* regista *Gum-*, como uma das várias raízes designativas de *guerra*, e Bass inclue nas suas listas de nomes *Gundomar* e *Guntmar* com o mesmo sentido.

([3]) O *Ementário* regista também *Gomero*, forma que diz ser antiga e eu suponho variante de *Gomaro*.

Gonderedo, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *o que aconselha* (*-redo*: cf. *Aldredo*, etc.) *a guerra* (*gonde-*); usou-se antigamente, como se vê de um documento do século XI, e persiste no topónimo *Gondarem*, cujas anteriores formas foram *Gonderei* e *Gonderem*.

Gondicário, latinização do nome germânico *Gundicar*, que significa *lança* (*-car* por *ger*) *de guerra* (*gundi-*) (¹): assim se chamou o rei dos Borgonhões, que morreu numa batalha contra os hunos no ano de 437.

Gondino (²), nome de procedência germânica, que se pode traduzir por *guerreiro*; tem feminino regular, isto é, *Gondina* e também *Gundina*; além destas formas, outras constam dos documentos medievos, tais são: *Guntino*, *Guntina*, *Gontino*, *Gontina* e *Gontinha*; na toponímia há *Gondim*, *Gontim*, *Gontinho* e *Gontinha*. Sentido idêntico deve ter o antigo nome *Guntello* ou *Gondello* (²), cujo deminutivo vive no topónimo *Gondelim*.

Gontran ou **Gontrano**, nome germânico, que em português quer dizer: *prudente*, *perspicaz*, qualidades que a lenda dos animais atribue ao *corvo*, que é pròpriamente a significação de *ran* (cf. *Beltrão*), *na guerra* (*gont* por *gunt*);

(¹) Assim explica Kleinpaul; como, porém, segundo Detter (*Deutsches Wörterbuch*, s. v., *Guntram*), a forma dêste nome é em velho alto alemão *Gundihari*, afigura-se-me que, ao latinizarem-no, representaram por *ch* a aspiração; sendo assim, êle não passa de uma variante de *Guntero*. Veja-se êste nome.

(²) Ambas estas formas são deminutivas de *Gondo* ou *Gonto*, hipocorístico dos nomes assim começados; variante da primeira deve ser *Gundia*, constante de um documento do século XI, donde julgo provir *Gonça*, cujo deminutivo eu vejo em *Goncina* de um diploma do mesmo século, ou *Goncinha* de outro do XIV, como traz Leite de Vasconcelos, a pág. 105 do III vol. dos seus *Opúsculos*. Note-se que *Gonça* ou *Gunza* e *Goncina* ou *Gunzina* são, no *Onomástico Medieval*, dados, aquele como têrmo geográfico, êste como nome de homem. É escusado advertir que *Gonta* vive na toponímia. Tetzner e Bass, nos seus vocabulários, mencionam *Gundo*, que traduzem por *combate* e dão como hipocorístico dos nomes assim começados, tais *Gundobaldo*, *Gundoberto*, etc.

outra forma do mesmo, e aquela de que êle provém, é *Guntramno*.

Gontrode (1) ou **Guntrode**, nome de mulher, de procedência germânica, muito usado entre nós nos séculos X e XI, ao que parece dos documentos dêsse tempo, onde, além das formas citadas, há mais estas: *Gunterote*, *Guntrote*, *Gontrede*; a sua tradução em português é: *a que aconselha (-rode) a guerra* ou *peleja* (cf. *Gondebaldo*, etc.): cf. *Gonderedo*, quanto ao sentido.

Gorgonio, nome de procedência grega, que quererá talvez dizer: *o pôsto sob a protecção das Górgones* (2); tem feminino regular e ambos os géneros figuram já na antroponímia dos Romanos, porém do Calendário só consta o masculino.

Gotardo (3), nome germânico, que quer dizer: *fôrça (-ardo de hart) divina* ou *forte por graça de Deus*, como interpreto (4).

Gracilio, nome que deve ser divergente do adjectivo *gracilis* ou *grácil*, e de-certo a princípio foi alcunha posta ao indivíduo de constituïção *magra*, e como tal de corpo *esguio*; são seus derivados *Gracilino* (5) e *Graciliano*; segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, teem todos feminino regular, mas só o último, e no masculino, figura no Calendário (6).

---

(1) Assim e *Guntrodaou Gontrodo*, informa o *Ementário*, se chamou uma «célebremonja de Santos Tirso». O mesmo repositório, cita, com nota de antigo, *Gontrôdo* ou *Gontrode*, mas no *Onomástico Medieval*, como nome de homem, *Gunterodis*, que, a estar no genitivo, segundo se me afigura, faria no nominativo *Gunterode*; em alemão há *Guntrat* no masculino e *Guntrata* ou *Guntrade* no feminino.

(2) Quem estas fôssem pode ver-se na *Mitologia classica illustrata*, de Ramorino, a pág. 255. Note-se que o adj. γοργός, donde provàvelmente veem as *Górgones*, significa: *espantoso, terrível, de olhar vivo* ou *penetrante*, etc.

(3) Ou *Gothardo*, como escreve o *Ementário*.

(4) *Deus forte* é a tradução de Fumagalli.

(5) Também *Gracelino*, como faz supor *Gracelina*, citado pelo mesmo *Ementário*.

(6) O *Dicionário Latino* de Santos Saraiva dá como constante de inscrições *Gracilla*, que diz ser sobrenome romano.

Grato, outro adjectivo que passou a nome próprio e na sua origem se aplicaria a indivíduo de aspecto *agradável;* são seus derivados *Graciano* e *Graciosa* e pertencem à mesma raiz *Graça* ou *Grácia* (1); dêstes teem feminino regular os dois primeiros e só se usam no feminino os dois últimos; no Calendário acham-se representados o primeiro, nos dois géneros, o segundo, mas só no masculino, e o último; deminutivo dêste, porém, de proveniência italiana é *Graziela*, e oriundo do mesmo julgo ser *Gracindo*, que também possue feminino regular e deve ter-se originado, à imitação de outros, de um **Gracino*, cuja existência deduzo de *Graciniano*, registado pelo *Ementário*.

Gregório, nome grego, que quer dizer *vigilante;* são seus dirivados *Gregorino* e *Gregoriano*, tendo feminino regular sòmente os dois primeiros, e figurando no Calendário apenas *Gregório*, que aparece já em documentos do século X; na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* aparece também esta forma, a-par de *Grigório*, que se ouve ainda ao povo.

(Continua).

J. J. NUNES.

(1) Em geral a primeira destas duas formas vem precedida do nome de *Maria*, ao qual se une pela preposição *de* e se refere a um dos muitos títulos por que a Virgem é invocada, a segunda pertence à língua castelhana; é possível que à mesma pertença *Engrácia* e que o *en-* seja um prefixo de sentido intensivo (cf. o espanhol *engraciar* e o nosso *engraçar*); dêste, que se acha representado no Calendário, tirou-se o masculino, cuja existência o *Ementário Luso-Brasileiro* acusa, mas que julgo de uso muito restrito. Afigura-se-me que poderá talvez explicar-se *Engrácia* também como nome optativo ou de bênção, resultante, à semelhança de outros, da frase *in gratia*, pela qual se desejaria que vivesse sempre *em graça* (com Deus), isto é, que nunca o ofendesse o indivíduo a quem era dado. Leite de Vasconcelos, nos seus *Opúsculos*, III, 57, dá como existente também a forma *Engracinda*.

"Sortes" amorosas no "S. João"

---

1. O «S. João» é, na essência, Festa do Sol, do Fogo, da Vida, da Fecundidade, — do Amor.

2. Essa festa do Solstício do verão não se restringe, é certo, ao «S. João». — «Santo António» e «S. Pedro» participam dela; lugares há, até, em que «Santo António» leva a primazia, — mas, pelo geral, é S. João o «santo» preferido.

1

Não há homem como Deus,
nem mulher como Maria,
nem santo como João,
nem luz como a do dia (¹).

2

Duas noites há no ano
que alegram o coração:
é a noite de Natal
e a noite de S. João (²).

3

S. João é festejado
por todo o mundo em geral;
entre todos os mais santos
nenhum há que seja igual (³).

4

Até os moiros da Moirama
festejam o S. João,
com pandeiras e violas,
com canas verdes na mão (⁴).

(¹) José Diogo Ribeiro, *Turquel Folclórico*, parte III, Espòsende, 1931, pág. 54.

(²) *Ibidem*, págs. 54-55, e F. X. de Ataíde Oliveira, *Monografia de Luz de Tavira*, Pôrto, 1913, pág. 205.

(³) *Cantigas populares a S. João (Recolhidas da Tradição oral)*, Figueira-da-Foz (Imprensa Lusitana), 1905, pág. I.

(⁴) J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos*, vol. II, Espòsende, 1903, pág. 185. — No *Romanceiro* de Garrett, vem, com indicação de *cantig. popul.* (vol. I, 5.ª ed., Lisboa, 1875, pág. 119):

Té os moiros da Moirama
Festejam a San'João:
San'João, San'João, San'João!
Dae-me peras do vosso balcão.

G. Paris refere em *Poèmes et légendes* (Paris, s. d., pág. 52), na análise do *Huon de Bordeaux*: «c'était le jour de la Saint-Jean d'été, — grande fête aussi bien pour les Sarrasins que

3. Sendo o «S. João» Festa do Amor, — o amor ascende naturalmente a lugar preponderante nas tradições desta época do ano, as quais, de muito longe, chegaram até nós, e entre nós perduram enraïzadas.

1

S. João é milagroso,
é santo casamenteiro;
vamos hoje à sua festa
a ver quem casa primeiro (1).

2

S. João me prometeu
de me dar um bom marido;
vou-lhe lembrar a promessa,
pois o santo é esquecido (2).

3

Vamos ver nascer o Sol
na manhã de S. João,
e então verás, meu Amor,
se eu te quero bem ou não (3).

4

Casai, rapazes, casai,
que as noivas baratas são:
cada três por um vintém
na noite de S. João (4).

5

Ó meu rico S. João,
casai-me, que bem sabeis:
o casar é de catorze
e já vou nos dezasseis (5).

6

S. João, casai-me cedo,
enquanto sou rapariga,
que o trigo mondado tarde
não tem palha nem espiga (6).

---

pour les chrétiens dans les croyances du moyen âge...» Cit. por J. Leite de Vasconcelos in *Lusa*, II, pág. 2. — De um vélho romance mourisco:

La mañana de San Juan,
á punto que alboreava,
grande fiesta hacen los moros
por la vega de Granada,
revolviendo los caballos
y jugando con las lanzas...

Cit. por J. Cuvera Bachiller, num seu trabalho acêrca das *verbenas*.

(1) *Cantigas pop. a S. João*, Figueira-da-Foz, 1905, pág. VI.
(2) *Ibidem*, pág. III.
(3) *Ibidem*, pág. VII.
(4) *Ibidem*, pág. III.
(5) Espòsende.
(6) Covilhã. — Variante do Pôrto, Figueira-da-Foz (*Fol-*

7

O S. João da Figueira
não tem velas no altar;
se o santo me casar cedo
sou eu que lhas vou levar (¹).

8

Quem inventou os folguedos
na manhã de S. João
quis bem saber os segredos
do meu pobre coração (²).

9

Na noute de S. João
é que é tomar amores,
que estão os trigos nos campos
todos com as suas flores (³).

10

Na manhã de S. João
se sabe quem tem amores:
dá o noivo à sua noiva
um ramilhete de flores (⁴).

11. S. João, S. João, S. João,
não deixeis êste verão passar,
dai-me noivo, S. João, dai-me noivo
dai-me noivo, quero-me casar (⁵).

---

clore da Figueira da Foz, de M. Cardoso Marta e Augusto Pinto, vol. I, Espòsende 1911, pág. 180), etc.:

S. João, casai-me cedo,
enquanto sou rapariga,
que o milho sachado tarde
não dá palha nem espiga.

Na Galiza:

Casaime, meus pais, casaime,
namentras son rapariga,
que o millo sachado tarde
non da pondón nin espiga.

Cancioneiro das ribeiras do Tea, por Fermín Bouza Brey e Luís Brey Bouza, Corunha, 1929, pág. 16.

(¹) *Folclore da Figueira da Foz*, vol. I, pág. 174.

(²) Alberto V. Braga, *De Guimarães — Tradições e usanças populares*, I, Espòsende, 1924, pág. 187.

(³) J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos*, vol. II, pág. 185. Variante (*Revista do Minho*, XIX ano, 1911, coluna 63):

Só no mês de S. João
se podem tomar amores,
que estão os trigos com rama
e os craveiros com flores.

(⁴) Covilhã. — Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. II, 1927, pág. 129.

(⁵) Figueira-da-Foz. — *Revista do Minho*, ano XVIII (1909), coluna 137.

12. Já meu Amor me deixou,
dêle não tenho paixão;
pus outro no seu lugar
na noite de S. João (¹).

4. Não faltam, evidentemente, as cantigas maliciosas. Exemplos:

1

Se as silveiras fôssem penas
na noite de S. João,
quantas coisas escreviam
essas penas pelo chão... (²).

2

Se os ramos tivessem língua
e uma bôca p'ra falar,
dos amores desta noite
muito tinham que contar (³).

3

¿Não te recordas, Maria,
da noite de S. João?
Tu vias só as estrêlas,
eu as areias do chão (⁴).

4

Ó meu rico S. João,
abaixai-me esta barriga,
que não sei que trago nela:
se é rapaz, se é rapariga (⁵).

5. O *casamento* é o *S. João* das raparigas. Da rapariga que está solteira, diz-se que *ainda não chegou o seu «S. João»*.

6. Entre as superstições amorosas do «S. João» sobrelevam as que dizem respeito a augúrios, — as consultas, de várias maneiras efectuadas, para se saber o futuro, e a que o

---

(¹) *Revista do Minho*, ano X (1895), pág. 44.

(²) *Ibidem*, ano XVI (1902), coluna 156.

(³) *Ibidem, id.*

(⁴) Cit. por A. R. Gonçalves Viana, n-*O Positivismo*, IV, pág. 71. Aí é a quadra confrontada com a seguinte de Espanha:

Á muchas conozco yo
Que se tienen por doncellas,
Y de espaldas en el suelo
Han contado las estrellas.

(⁵) Espòsende. — Variante (Tôrres-Novas):

Santo António de Riba-mar,
abaixai-me esta barriga,
que eu não sei o que traz dentro,
se é rapaz ou rapariga.

Teófilo Braga, o *Povo Portuguez*, II, pág. 138.

povo, de maneira geral, chama «sortes». A estas «sortes» amorosas me vou referir (1).

7. **Alcachofra.** À meia noite da véspera de S. João, chamusca-se (2) uma alcachofra, e deixa-se ao relento o resto da noite; se de madrugada se encontra reflorescida, é certo o casamento; se não, fica-se solteira.

8. Se o reflorescimento fôr grande, o marido será homem solteiro; se fôr pequeno será viúvo (3).

9. Em algumas partes (Figueira-da-Foz (4), Setúbal (5), se a alcachofra reverdece, a rapariga casará êsse ano.

---

(1) A indicação de lugares, na notícia das tradições, não quere dizer que elas sejam privativas dêsses lugares, mas que aí foram colhidas. Também não quere dizer que, nos referidos lugares, não haja variantes das tradições registadas, — podendo até suceder haverem algumas destas desaparecido, pois grande parte das superstições foi recolhida entre gente idosa. Quando as tradições são respigadas em livros, revistas ou jornais, tal se declara, assim como se declaram os nomes dos especialistas que tiveram a gentileza de me prestar informações.

(2) Cfr.: Un botaniste polonais du XVIe siècle (1506) accuse ses compatriotes de «sacrifier aux démons en brûlant certaines plantes avec du feu obtenu par le frottement de deux pièces de bois (l'Arani védique).» André Lefèvre, *Germains et Slaves — Origines et croyances*, Paris, 1903, pág. 228.

(3) *A Tradição*, de Serpa, vol. I, pág. 139. — Nota desta revista: «A alcachofra usada nas experiências é a do cardo de coalho *(cinara cardunculus sylvestris)*, a que chamam aqui «cardo de pencas» ou simplesmente «penqueira», em razão das abundantes fôlhas, compridas e carnudas, que acompanham o caule. É comestivel o talo desta variedade do cardo». — Há várias espécies de alcachofra (gén. *Cynara*, L.). Além do *Cardo do coalho* ou *C. hortense* (*Cynara cardunculus*, L.), de Estremadura, Alentejo e Algarve, há, entre outras, a *alcachofra brava* ou *do S. João (Cynara humilis*, L.), do Centro e Sul do país. Vid. A. X. Pereira Coutinho, *A Flora de Portugal*, Lisboa 1913, pág. 650.

(4) «Folk-lore da Figueira — Superstições referentes ao S. João», folhetim in *Esposendense*, n.º 279, de 15 de Agôsto de 1912.

(5) *A Tradição*, III, pág. 24.

10. Quando se chamusca a alcachofra, tem-se na ideia a pessoa por quem se deita (Tôrres-Vedras, Lisboa [1], etc.).

11. Umas vezes, deixam a alcachofra pousada à janela [2], no telhado, ou em qualquer parte, ao ar livre; outras vezes, metem-na na terra, podendo servir um vaso (Lisboa) [3]; há quem na chamusque e a pendure, ao contrário (isto é: com o pé para cima), ao relento ou dentro de casa (Lisboa) [4].

12. O vaso em que se mete a alcachofra pode ser de manjerico (Elvas, Lisboa).

13. Em *O Positivismo*, diz-se que a alcachofra deve recolher-se de madrugada antes do sol nascer; e acrescenta-se: «se floriu de novo durante a noite é um sinal de felicidade e que o namorado ou namorada corresponde ao afecto que lhe é dedicado; no caso contrário, isto é, se se conserva queimada é o presago indicio de um amor infeliz. A fôrça com que florece, representa além disso a intensidade da paixão» [5].

14. Em Portalegre, chamuscam a alcachofra na chama de uma candeia, besuntando-a com o azeite da mesma candeia, e colocam-na atrás dos cântaros da água. Se refloresce, a rapariga é amada pelo rapaz por quem a deita; se não, não.

15. O mais vulgar é a alcachofra ser chamuscada na fogueira do S. João.

---

(1) Cfr. *O Positivismo*, II, 330.

(2) Cfr. Fr. João Pacheco, *Divertimento erudito*, Lisboa, 1734, I, pág. 275, apud *Rev. d'Ethnologia e de Glottologia*, pág. 79.

(3) Cfr.: «les personnes désireuses de connaître si elles seront heureuses en ménage, doivent se procurer un pied d'herbe de la Saint-Jean, ou herbe vierge, et le transporter dans un pot qu'elles mettront dans l'intérieur de leur appartement; si elle prend et pousse, le bonheur conjugal sera constant.» P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, III, 507.

(4) Cfr.: «Lorsqu'un marin de Plouër (Côtes-du-Nord) s'embarque pour Terre-Neuve, on suspend un brind de joubarbe, la tête en bas, aux solives du plafond; s'il y en a qui poussent et même fleurissent, c'est bon signe pour l'absent; si la plante se dessèche et périt, c'est l'annonce de sa mort». *Ibidem*.

(5) Vol. II, págs. 330-331.

16. Ao chamuscá-la, há quem diga:

Em louvor de S. João
a ver se o meu Amor
me quer bem ou não (1);

ou:

Em louvor de S. João,
para saber se Fulano [o nome do namorado]
me quer bem ou não (2).

17. Regista-se em *A Tradição* (3), de Serpa, que a flor da alcachofra, antes de passada pela chama, é despontada à tesoura (4).

18. Referentemente ao Alentejo, lê-se em *Modas & Bordados*, de Lisboa (5): «... tradicional queima das alcachofras floridas que se despontam com uma tesoura, em seguida passam-se pela fogueira; se no outro dia estão floridas, quem as queimou casa cedo; se, porém, estão murchas, é sinal de casamento demorado ou que não se realiza».

19. Em Beja, é assim: as alcachofras são colhidas em flor e tosquiadas rentes às brácteas, passadas em cruz pela fogueira de alecrim, depois um pouco tostadas pela chama na parte do corte, e por fim colocadas atrás das quartas ou bilhas de barro que contêm a água de beber. Se no dia seguinte as alcachofras estão floridas, o amor *é firme e cons-*

---

(1) Cfr. J. Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, pág. 110, e *O Positivismo*, II, pág. 330.

(2) *Revista d'Ethnologia e de Glottologia*, pág. 79. Cfr. o seguinte, nessa página arquivado: «recitare orationes in die sancti Joannis ad divinandum, cum quo ineundum est matrimonium.» Valle de Moura, *De incantationibus*, I, 6, 7.

(3) Vol. I, pág. 139.

(4) Cfr.: «La notte di S. Giovanni, gli sposi espongono all'aria aperta *(sirena)* un cardo rasato e bruciacchiato tre volte: se non lo trovano rifiorito, pensano a cattivi auguri e sventure». — Antonio d'Amato, «Un'antica colonia Dalmatina nell'Irpinia: Villanova del Battista (Folklore)», in *Il Folklore Italiano*, ano IV, pág. 235.

(5) Artigo «Noites de S. João», de Luísa Teresa, in *Modas & Bordados*, n.º 963, de 23 de Julho de 1930.

tante; se não florirem, é porque os namorados *não querem bem às raparigas*. Isto pode-se fazer tanto no S. João, como no Santo António ou no S. Pedro, pois em as noites das vésperas e dos dias dos três santos se fazem fogueiras, em que se gastam enormes quantidades de alecrim (¹).

20. As raparigas deitam as alcachofras para verificar se são amadas, se casam, e quando. Quando têm vários pretendentes, para averiguar qual dêles lhes trará a felicidade.

21. Há cantigas alusivas às experiências das alcachofras; por exemplo:

1. Na noute de S. João,
muita pancada apanhei,
por via das alcachofras
que por ti, Amor, deitei (²).

Variantes:

a)

Na manhã do S. João,
muita pancada levei,
por causa das alcachofras
que pelo Amor deitei.

(Covilhã).

b)

Na noite de S. João,
muita pancada levei,
por via duma alcachofra
que por ti, meu Bem, queimei.

(Lisboa).

c) Na noite de S. João,
muita pancada levei,
por via duma alcachofra
que por ti, Amor, deitei.

(Portalegre).

(¹) Informação do Sr. Dr. José M. de Mira Galvão. Em o norte do país, as fogueiras são de pinheiro. Em Viana-do-Castelo, vão ao monte buscar pinheiros, e cravam-nos, erectos, na via pública; à noite, acendem as fogueiras por baixo, e estas duram até se consumirem os pinheiros. Assim era dantes em Coimbra (Vid. *Rev. d'Ethnolog. e de Glottol.*, pág. 74), com o pinheiro todo enfeitado de louro (Vid. *O Positivismo*, II, 329); hoje nas *fogueiras* de Coimbra, não há fogueiras: apenas bailes e descantes. Noutras partes, como em Portalegre, as fogueiras são de rosmaninho.

(²) J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos*, II, 184. — Em Azueira (Estremadura), dizem a mesma cantiga com a variante no primeiro verso: *Na noute de S. António*. *Id.*, *Tradições pop. de Portugal*, 111.

22. Mais algumas quadras:

2

Hei de levantar-me bem cedo
na manhã de S. João,
a ver se a minha alcachofra
está florida ou não (1)

3

Alcachofras mentirosas
não dizem segredos, não:
meu futuro hei de sabê-lo
rezando ao meu S. João (2).

4

S. João disse às cachopas
cá da nossa freguesia
que não gastem alcachofras,
que êle cedo as casaria (3).

5

Rapazes, por alcachofras
não vos torneis a guiar;
por causa duma alcachofra
ando eu aqui a penar (4).

6. Alcachofra ontem queimada,
meu Bem, por tua intenção,
achei-a de madrugada
mais negra do que um tição (5).

23. Garrett, no *Romanceiro* (6), assim alude à superstição da alcachofra:

Como eu queimo ésta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Amor queime a saudade
Que no peito me rebenta.

Como arde ésta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

---

(1) *Cantigas populares a S. João*, Figueira-da-Foz, 1905, pág. VIII.

(2) *Revista do Minho*, ano XXI (1913), coluna 47.

(3) *Ibidem*, mesma coluna.

(4) *Ibidem*, ano XVIII (1909), coluna 48.

(5) Lisboa.

(6) Vol. I, 5.ª ed., Lisboa, 1875, pág. 120.

Como ésta fogueira abrasa
  A minha alcachofa benta,
Ao meu cavalleiro abrase
  A chamma de amor violenta.

E ainda:

Sacudi do alto do céo
  Vossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
  Renasçam por meus amores.

24. Garrett diz que a «superstição da alcachofa é toda do Sul, toda lisboeta» (1). Em o Norte do país, a alcachofra nem conhecida é do povo; ela é planta do Centro e do Sul (2), e é, portanto, no Centro e no Sul que a superstição vive.

25. À sub-tribo a que pertence a alcachofra pertence o cardo-santo que, com a bela-luz e a murta, se colhe na véspera do S. João, em Vinhais, dizendo-se:

Meia-noite está a dar,
e eu a bela-luz a cortar,
para ver a sorte
que Deus tem p'ra me dar,
Em honra... (3).

Cardo-santo é *Cnicus benedictus*, L.; *bela-luz* é *Thymus Mastichina*, L., e *murta* é *Myrtus communis*, L.

26. Na Ilha de S. Miguel, para saberem se se casam ou não, se o noivo (ou noiva) é rico ou pobre, etc., tesouram as flores de um cardo (*Carduus tenuiflorus*, Curt.), e queimam levemente o carolo assim tesourado. Nos pés das flores atam *sortes* (onde se escreve o que se deseja saber), e ex-

(1) Nota a *A noite de San'João*, no vol. I do *Romanceiro*, ed. cit., pág. 265.

(2) Cfr. *A Flora de Portugal*, de A. X. Pereira Coutinho, Lisboa, 1913, págs. 650-651.

(3) Firmino A. Martins, *Folklore do concelho de Vinhais*, Coimbra, 1928, pág. 93. A tradição não está colhida com nitidez.

põem o cardo ao sereno da noite. As flores que rebentarem respondem que sim às respectivas «sortes» (¹).

27. Erva-pinheira. — Em vez da alcachofra, usam em algumas partes a erva-pinheira. Queima-se na fogueira, na véspera de S. João, leva-se depois para casa e pendura-se no quarto de dormir à cabeceira da cama. Se reverdece, é a rapariga ou rapaz correspondido no seu amor; se não rever-

---

(¹) Cfr., a propósito da alcachofra etc., e de «consultas» a que me referirei, o seguinte: «Plusieurs pratiques sont fondées sur la façon dont poussent les plantes: en voici une du XVIIe siècle: Pour connoistre entre trois ou quatre personnes celle qui nous aime le plus, il faut prendre trois ou quatre testes de chardons, en couper les pointes, donner à chaque chardon le nom de chacune de ces personnes, et les mettre ensuite sur le chevet de son lit; celuy des chardons qui marquera la personne qui aura le plus d'amitié poussera un nouveau jet et de nouvelles pointes. En Lorraine, le commencement de cette épreuve était le même au milieu du siècle dernier; le lendemain, celle des têtes qui avait poussé pendant la nuit le plus beau fleuron, indiquait celle des trois personnes qui, par la constance de son affection, avait le plus de droits à un tendre retour. En Poitou on coupe les fleurons un peu au-dessous du limbe de la corolle et on porte le bouton dans sa poche; si au bout d'un ou deux jours les fleurs ont poussé, on est aimé de la personne que l'on a eu l'intention de désigner; cette expérience peut être faite pour un tiers. En Anjou, les jeunes filles mettent dans leur poche un capitule de centaurée des près, dont elles ont coupé les fleurs roses à la hauteur des écailles de l'involucre; si dans le délai de trois jours de nouveaux fleurons apparaissent, elles seront mariées dans l'année. Dans la Vienne, elles choisissent dans les champs un certain nombre de chardons, attribuent à chacun le nom d'un de leurs amoureux ou des jeunes gens qu'elles connaissent, puis leur coupent la barbe: la première barbe qui repousse donne le nom de leur futur mari. En Wallonie, on coupe à chaque tige de centaurée jacée les feuilles épanouies en ne laissant que les boutons, puis on assigne un nom à chacune d'elles; celle dont les boutons fleurissent indique l'amoureux qu'il faut prendre». P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, III, 506. — «Tambien en la

dece, não é (Alenquer) (1). Ou então o reverdecer é presságio de próximo casamento (Setúbal) (2). *Erva-pinheira* é, segundo A. X. Pereira Coutinho, *Sedum altissimum*, Poir. (3).

28. Rabo-de-gato. — Semelhantemente se procede com o rabo-de-gato. Lê-se em *A Tradição* (4): «Sacode-se a inflorescencia d'um pedunculo, o qual, depois da sacramental passagem pelo fogo santo, vae depositar-se, a noite inteira, junto a uma infusa cheia d'agoa. A reflorescencia produziu-se? não se produziu? No primeiro caso, vulgarissimo sempre que ficou algum botão prestes a desabrochar, a rapariga póde crer que é amada pelo rapaz que namora; que ella é a preferida, se porventura tem alguma rival; que ha-de casar, indubitavelmente, com o escolhido do seu coração, etc., etc. No segundo caso... adeus ricas esperanças! adeus sonhos d'amor!» (Serpa).

29. Esta experiência, como aliás outras, também se pratica — diz a mesma revista — sem ser na noite do S. João; por Março e Abril especialmente, como o *rabo-de-gato* vegeta em abundância nas searas, as camponesas não deixam de fazer a consulta amorosa (Serpa) (5).

30. Variante: «O pedunculo préviamente despojado de

---

noche de.... S. Juan cogen el cardo silvestre, quitanle la flor, y del renaçer de esta, arguyen su buena, ó mala fortuna». M. L. Wagner, *Sopra alcune pratiche magiche in Sardegna* (Separata de *Il Folklore Italiano*, II, 1926), pág. 9.

(1) *O Positivismo*, II, 331.

(2) *A Tradição*, III, 24. — N-*O Positivismo*, III, pág. 4, vem ainda a respeito da erva-pinheira: No dia de Santo António deve apanhar-se um raminho de erva-pinheira, e pendurar-se em casa. Se reverdece, é sinal de fortuna. — Cfr. o que vem em *Le Folk-Lore de France*, de P. Sébillot, vol. III, pág. 477, a respeito da «herbe de la Vierge *(sedum* ou *sempervivum)*». — N-*A Tradição* (III, 24), diz-se que a *erva-pinheira* é *Sedum album*, L. — Todavia, A. X. Pereira Coutinho dá aquele nome à espécie *Sedum altissimum*, Poir., e a *S. album* dá os nomes populares *arroz-dos-telhados* e *pinhões--de-rato* (a planta existe em muros, telhados, rochedos, sebes).

(3) *A Flora Portuguesa*, pág. 278.

(4) Vol. I, pág. 139.

(5) *A Tradição*, vol. I, pág. 139.

suas flores, é humedecido no lábio e em seguida introduzido no seio das raparigas, cujo calor substitue... a chamma das fogueiras» (Serpa) [1].

31. Mais bem contado: As raparigas apanham a espiga da planta, passam-na pelos lábios, molhando-a com saliva, e metem-na no seio. Passado algum tempo, se a espiga floriu, isto é, se emitiu as anteras devido ao calor úmido do seio, o namorado é fiel. Compreende-se que a fidelidade do namorado depende de a rapariga apanhar uma espiga tenra, antes de florir, ou uma espiga após a floração, depois de ter perdido as anteras — o que elas não sabem distinguir [2].

32. Versos populares alusivos a êste facto, ouvidos a uma mulher do campo:

«Duas flores (de) perfeição
Ás tenças d'um bem-querer,
Foram ambas a fazer
No seio a experimentação.

D'estas duas que aqui estão,
Uma era a que experimentava.
Em se ver tão recolhido,
Saíu das moças florido...
Entre as duas rabeava!» [3]

33. *Rabo-de-gato*, no Baixo-Alentejo, é pròpriamente a espiga de duas plantas de géneros diferentes, mas com parecença na forma: *Phleum pratense*, L., e *Alopecurus pratensis*, L., dando-se, por extensão, o mesmo nome às plantas completas. A espiga é que se assemelha ao rabo do gato.

---

(1) *Ibidem*.

(2) Informação do Sr. Dr. José M. de Mira Galvão, Engenheiro-agrónomo em Beja. — Cfr.: «No tempo em que o centeio floresce, as raparigas colhem uma espiga, tiram-lhe a flor, e mettem-na no seio. Passados momentos, se a espiga estiver outra vez com flor, é porque a pessôa por quem ella foi deitada quer bem ás raparigas; se não, não (Freixo-de-Espada-Cinta)». J. Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, pág. 115.

(3) *A Tradição*, vol. I, pág. 139.

Paulo de Morais, na ed. mais antiga do seu *Manual de Agricultura*, chamava *rabo-de-gato* à primeira espécie, e *barba-de-bode* à segunda; na última ed. da obra, porém, chama à segunda *vulpino* ou *rabo-de-raposa* (1). Os franceses chamam a esta espécie *vulpin*, e os italianos *coda di volpe* (rabo-de-raposa). A outra espécie — *Phleum prat.* — é denominada *coda di topo* (rabo-de-rato) pelos italianos. Algumas espécies de *Phleum*, pelo menos, têm caule rizomatoso ou tuberculiforme, que forma aglomerados ou moitas, com o nome de *touticeiras*, de onde saem os *rabos de gato* (espigas) em grande quantidade. Em *A Flora de Portugal*, A. X. Pereira Coutinho menciona *rabo-de-raposa* (*Alopecurus*, L.), (2) mas não menciona qualquer nome popular para o gén. *Phleum*, L. (3). Ora, a gente do campo, no Baixo-Alentejo, chama indistintamente *rabo-de-gato*, por extensão, às duas espécies referidas e suas variedades. Estas plantas espigam nos meses da primavera, e é então que as raparigas costumam deitar as sortes quando andam à monda, ou quando passeiam (1.º de Maio, Dia da espiga, Cruz de Maio, etc.), brincando umas com as outras, ou com os rapazes que as acompanham (4).

34. Não vem a despropósito outra experiência, com o *balanco* (*Avena fatua*, L. e outras espécies de aveias espontâneas), para indagar os anos que as raparigas ou os rapazes estão solteiros, ou para averiguar se êles têm mais de um namôro. Faz-se do seguinte modo: corre-se a espiga de balanco com a mão meio fechada, da base para a extremidade, e de forma que o ráquis passe entre o indicador e o polegar. As espiguetas, assim, são ripadas e ficam tôdas juntas dentro da mão, com as aristas para o mesmo lado. Atira-se esta mão-cheia de espiguetas às costas da pessoa a quem diz respeito a experiência, dizendo-se, ao mesmo tempo, o que se pretende saber: *¿Quantos são os seus amores?*, ou: *¿Quantos anos viverá solteira?* Em regra, ficam muitas espiguetas penduradas da roupa da pessoa a quem foram atiradas, e o

---

(1) Vid. Paulo de Morais, *Manual Prático de Agricultura*, tômo I, Lisboa, 1896, pág. 316. — Vem estampa, com o rabo-de-gato *(Phleum prat.)* na pág. 318.

(2) Pág. 71.

(3) *Ibidem.*

(4) Amáveis informações do Sr. Dr. Mira Galvão.

número delas será o número de amores, ou de anos de solteira (1).

35. Véu-de-noiva. — No dia de S. João, ao meio-dia, transplanta-se o *véu-de-noiva*, dizendo:

Véu-de-noiva, te planto,	que me dês felicidade
no dia de S. João,	dentro do meu coração.

Se a planta pegar, ser-se-á bem sucedido no amor (Âncora, concelho de Caminha).

36. Erva-da-fortuna. — No dia de S. João, de madrugada, na cidade do Pôrto, vão aos mercados comprar *erva-da-fortuna*, também chamada *erva-de-Nossa Senhora*; levam-na para casa, e penduram-na. Se reverdece, é sinal de felicidade. E a felicidade, para as raparigas, está no amor..., tanto mais que elas penduram a planta com o pensamento em certo rapaz. Também se relaciona a vitalidade da erva com a saúde da pessoa (2).

37. Variante: A erva de Nossa Senhora apanha-se no dia de S. João ao meio-dia ou à meia-noite [naturalmente a «meia noite» é da véspera], e depois quando se quere saber se uma pessoa é feliz ou não (é apanhada em atenção a essa pessoa) reza-se-lhe e pendura-se à cabeceira. Se a pessoa é feliz, a erva conserva-se verde; se pelo contrário não é, a erva murcha e seca (3).

---

(1) Informação do Sr. Dr. Mira Galvão. — Cfr.: «La consultation par le lancement est assez rarement pratiquée — diz P. Sébillot — : en Wallonie, après avoir effeuillé la marguerite, on détache les étamines, on les jette trois fois en l'air et on les fait retomber sur le dos de la main; ce qu'il en reste à la troisième fois indique le nombre d'enfants qu'on aura; à Baugé (Maine-et-Loire) un seul jet suffit». *Le Folk-Lore de France*, III, 504. Vid. também *ibid.*, págs. 504-505.

(2) A planta a que, em o Norte do país, dão o nome de *erva-da-fortuna* ou *erva-de-Nossa Senhora* é, segundo o Sr. Dr. Gonçalo Sampaio, *Sedum Telephium* de Lineu.

(3) *O Positivismo*, IV, pág. 222. — Cfr.: «A herva de Nossa Senhora deve colher-se no dia de S. João e guardar-se em casa, suspensa por uma linha. Se não vegetar nesta posição até o dia de S. João do ano seguinte, é indício de que

38. Já se registou (vid. **27**, nota 2) tradição idêntica, em a noite de Santo António, com a erva-pinheira. O paralelismo da vitalidade ou do reverdecimento de plantas (ou partes de plantas), e da vida, da boa sorte ou felicidade das pessoas, é bem conhecido e bem fácil de explicar. Outros exemplos: *a)* Em a noite de S. João, borrifa-se o azevinho com vinho, que se leva numa garrafa; depois, à meia-noite, vai-se colhêr, dizendo:

Azevinho, meu menino,
aqui te venho colhêr,
para que me dês boa fortuna
no comprar e no vender.

Em seguida, leva-se para casa, para se ter boa fortuna (Lavadores, perto do Pôrto) [1]. *b)* A boa-fortuna pode estar na escolha do «Amor»: Em Grijó, em a noite de S. João, as raparigas vão ao monte buscar um ramo de azevinheiro, cortando-o com os dentes, — e, sem tocarem com êle em nada, levam-no para casa. Os versos que dizem são:

Meu ramo de azevinheiro,
aqui te venho colhêr,
para me dares fortuna
no Amor que eu escolher.

c) Colhe-se uma laranja, na véspera de S. João, à meia-noite, dizendo:

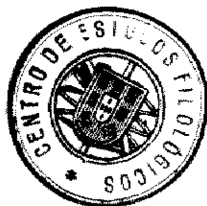
Minha rica laranjinha,
à meia-noite te vou colhêr,
p'ra que S. João me dê sorte
no comprar e no vender.

---

alguém está para morrer nessa casa» (Arcos-de-Valdevez). *Lusa*, I, pág. 65. Artigo do Sr. Dr. F. Alves Pereira. — «A Ecurie, Roclincourt, Saint-Laurent-Blangy et dans plusieurs autres villages des environs d'Arras, il y a aussi des feux de joie et des rondes; mais, coutume particulière, on fait, à cette date [S. João], un bouquet de fleurs ou de plantes dites de Saint-Jean, bouquet qu'on accroche au plafond de la chambre. On le garde le plus longtemps possible et même d'une année à l'autre, car il porte bonheur. Beaucoup d'habitants auraient dans leur jardin un pied de cette plante, auquel ils donneraient tous leurs soins». *Revue de Folklore Français et de Folklore Colonial*, Paris, IV, 248.

[1] *O Positivismo*, IV, págs. 224-225. — Vid. variante nas *Trad. pop. de Portugal*, do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, pág. 119.

Depois, guarda-se durante um ano. Se, ao fim dêsse tempo, aparecer com bolor, é sinal de maus negócios; no caso contrário, é sinal de felicidade (Vila-Pouca, Coimbra). *d)* Com a erva-moliana, que tem grande virtude: Planta-se num vaso, e deita-se nêle um bocadinho de oiro, de prata e de cobre. Depois, salva-se (saúda-se) todos os dias, ao levantar da cama, com esta oração:



Deus te salve, moliana,
onde Nosso Senhor Jesus Cristo
pôs os pés e fêz a cama.
Assim como Nosso Senhor
te encheu de verdura,
assim tu me enchas de fortuna,
no comprar e no vender
e em todos os negócios
que eu pretender fazer;
assim como te eu dei prata e cobre,
assim tu me dês ouro
para eu dar esmola ao pobre.

Emquanto a erva está verde, a casa está feliz, mas, se alguém adoece, a erva começa a murchar e depois seca. O mesmo acontece se a casa anda para trás (Lavadores) (1). *e)* A propósito dos versos segundo e terceiro da oração transcrita, note-se a variante da superstição: «A herva moliana (planta), onde Nosso Senhor poz os pés e fez a cama (sic), quando uma pessoa a tem não a deve dar a ninguém, senão perde a fortuna» (2). *f)* Quando as belotas ou as cebolas grelam em casa, aumenta a fortuna (3). Etc. — *g)* Mais um exemplo, agora de paralelismo entre o destino de planta e o de parte do corpo humano: Em a noite da véspera de S. João, as raparigas de alguns lugares nos arredores de Lisboa e nas Caldas-da-Rainha cortam as pontas do cabelo, arrancam um ôlho de cana verde e põem o cabelo dentro, plantando-o depois. Se criar raízes a cana, e crescer, cresce o cabelo (4).

(1) Vid. *O Positivismo*, IV, pág. 223.
(2) *Ibidem*, pág. 222.
(3) *Ibidem*, III, pág. 18.
(4) *Ibidem*, II, pág. 336.

h) Variante: O cabelo é metido numa silva aberta ao meio, à meia-noite de S. João (Guimarães) [1]. *i)* Outra variante: Na manhã de S. João, antes de o Sol nascer, a mulher corta as pontas do cabelo e põe-nas sôbre o rebentão de uma silva. Se alguém cortar a silva, o cabelo nunca mais cresce (Sinfães) [2]. Etc., etc. — Ao paralelismo entre a sorte de plantas e a de pessoas, me referi já em *Medicina popular — Quebradura*, Pôrto, 1916, págs. 20 e 24-25.

39. Figueira. — No *Almanach de Lembranças* para 1868 lê-se [3]: «Quem tem amores, e quer saber se o objecto amado lhe é afeiçoado, colhe, na noite de S. João, uma folha de figueira, passa-a três vezes pela chamma, dizendo certa oração ao mesmo tempo, e vai colocal-a no quintal ou no telhado; se de manhã está orvalhada (o que é muito natural), tem amante fiel; se não está, trata de procurar novos amores» (Beira).

40. Diz a cantiga:

Hei de deixar ao relento
uma fôlha de figueira:
se S. João a orvalhar,
hei de encontrar quem me queira [4].

41. Fava. — Tomam-se três favas; tira-se a uma a pele tôda; a outra, só metade, deixando a terceira intacta. Colocam-se as três debaixo do travesseiro. Ao acordar, a rapariga, sem ver nem escolher, tira uma; se tira a que não tem pele, o futuro noivo será pobre; se tira a que tem metade da pele, será êle remediado, e, se tira a intacta, será rico [5].

---

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, pág. 109.

(2) *Id., ibidem.*

(3) Págs. 244-245. — Já cit. na *Rev. d'Ethnologia e de Glottologia*, pág. 79, e n-*O Positivismo*, II, pág. 331.

(4) *Cantigas populares a S. João*, Figueira-da-Foz, 1905, pág. IV.

(5) Cfr. *O Positivismo*, II, pág. 339; *Almanach de Lembranças Luso-brasileiro* para 1862, págs. 346-347. É tradição de uso geral.

42. Em Setúbal, para a experiência, colhe-se uma vagem que tenha cinco favas, e destas escolhem-se três (1).

43. Noutras partes, escolhe-se uma vagem com três favas.

44. Nas Caldas-da-Rainha, colocam as três favas debaixo do travesseiro, ao toque das Ave-Marias, pelo Santo António.

45. Na Madeira, colocam as três favas debaixo do travesseiro, nas vésperas de Santo António, S. João, ou S. Pedro. À última badalada da meia-noite, toma-se uma ao acaso (2).

46. Cingindo-se ao estado das favas, em Serpa dizem que chegará à extrema pobreza da nudez quem tirar a fava nua; que vestirá mal quem tirar a fava meio despida, e que vestirá bem quem tirar a fava intacta (3).

47. Nas Taipas, na manhã de S. João introduzem duas favas numa saca, — uma com o *casaco* todo, e outra sem êle; a seguir, metem a mão na saca, e tiram à sorte uma das favas: se sai a vestida, a rapariga será rica; se não, será pobre.

48. Em Barroso, põem as três favas atrás do cântaro. De manhã, vão com os olhos fechados tirar uma à sorte: se vier a que tem tôda a pele, casam bem; se vier a que tiver metade da pele, nem bem nem mal; se calhar a que não tem pele, casam mal (4).

49. Dizem-me que no Alentejo saltam a fogueira à meia-noite, três vezes em cruz, com as três favas na mão, uma com tôda a pele, outra com metade, e outra sem ela; depois metem-nas debaixo do travesseiro.

50. Outra experiência alentejana: Tira-se a uma fava tôda a pele; a outra, metade; deixa-se a outra intacta. Passam-se pela fogueira, e atiram-se ao ar. A pessoa que as joga ficará sabendo que será pobre se fôr a fava sem pele que lhe cair mais perto; que será remediada, se fôr a meio despida, e que será rica se fôr a intacta (5).

---

(1) *A Tradição*, vol. III, pág. 25.

(2) Visconde do Pôrto da Cruz, «Crendices, Superstições e Costumes do Arquipélago da Madeira», in *Arqueologia e História*, vol. VIII, pág. 97.

(3) *A Tradição*, vol. I, pág. 157.

(4) *Rev. Lusit.*, XIX, pág. 88.

(5) Luísa Teresa, «Noites de S. João», in *Modas & Bordados*, de 23 de Julho de 1930.

51. **Amêndoa.** — Na Figueira-da-Foz, faz-se a mesma experiência com amêndoas: «Para saber da fortuna do futuro noivo, a pretendente toma três amêndoas de casca, à primeira das quais a conserva, tirando metade dela à segunda, e deixando a terceira completamente descascada. Mete-as em seguida sob o travesseiro no momento em que se deite, e de manhã, apenas acorda, tira uma à sorte. Se porventura acerta de tirar a primeira, o homem com quem casar será rico, se a segunda, remediado, mas a terceira denunciará ausência absoluta de cabedais» (1).

52. **Cereja.** — Também se procede idênticamente com três cerejas. Tira-se a uma a pele tôda; a outra, metade; deixando a terceira intacta. Na vespera de S. João à meia-noite, enterram-se essas três cerejas num vaso que se deixa ao relento. A rapariga que pretende um noivo vai de madrugada, antes de nascer o Sol, tirar do vaso uma das cerejas, à sorte. Se lhe vier à mão a cereja que não tem pele, casará com um homem pobre, etc. (Vila-Flor e Moncorvo).

53. **Alho.** — No Pôrto, usam favas, ou dentes de alho.

54. Por se tratar do «alho», aqui meto a seguinte crença, um pouco destoante das tradições acabadas de referir: Em Guimarães, para alguém saber se casa, semeia, em a noite de S. João, um dente de alho; se êle brotar no dia seguinte, é certo o casamento (2).

55. **Calçado.** — As raparigas solteiras, à meia-noite, na véspera de S. João, desde o cimo das escadas da casa, arremessam o chinelo, ou sapato, de um dos pés; contam depois os degraus desde a base das escadas até àquele em que o calçado ficou, e êsse número é o dos anos que faltam para casarem (Caldas-da-Raínha, Viana-do-Castelo, etc.).

56. Também há quem conte os degraus desde o cimo das escadas até ao degrau em que ficou o sapato (Covilhã).

---

(1) «Folk-lore da Figueira», in *Esposendense* de 15 de Agôsto de 1912, ou *Folclore da Figueira da Foz*, vol. II, Espòsende, 1912 (1913 na capa), pág. 79. O várias vezes citado artigo «Folk-lore da Figueira», inserto no *Esposendense*, é extracto do livro acabado de mencionar, publicado mais tarde, em 1913.

(2) Alberto V. Braga, *De Guimarães — Tradições e Usanças pop.*, I, Espòsende, 1924, pág. 183.

57. Em vez de atirarem o sapato, ou chinelo, para a frente, em algumas partes atiram-no para trás das costas. As raparigas sobem a escada, com o sapato, ou chinelo, na ponta do pé, e, quando chegam ao último degrau, atiram-no para trás das costas (Lisboa) (1).

58. Noutros sítios, é forçoso fazer a experiência com o pé esquerdo (Setúbal) (2).

59. Além do número de anos que faltam para o casamento, ainda o sapato indicará que o enlace não será por amor, mas por interêsse, se descer para o lado direito, e que será a gôsto, se fôr para o lado esquerdo (Setúbal) (3).

60. Em vez de o sapato, ou chinelo, ser lançado do cimo das escadas, atiram-no, em algumas terras, desde o fundo, de baixo para cima, para a frente, e contam os degraus desde o tôpo até àquele em que o sapato ficou (4), ou desde aqui até baixo (5).

61. Na Ilha Terceira, atiram o chinelo, no dia do S. João, da base das escadas para cima, e contam os degraus do cimo até ao degrau (exclusivè) onde êle ficou.

62. Em Amarante, a rapariga atira o tamanco (ou qualquer peça de calçado) do fundo das escadas para cima, e com as costas voltadas para elas. A rapariga sustém o tamanco com a ponta do pé direito e atira-o com fôrça para a retaguarda. O número de degraus, desde aquele em que o tamanco ficou até ao cimo das escadas, é o número de anos que a rapariga ainda tem de estar solteira (6).

63. Ainda o sapato pode ser atirado por sôbre a cabeça, para trás das costas (e também com o próprio pé) (Lamego).

64. O sapato também pode ser arremessado com a mão, de baixo para cima, e para trás das costas (Algarve) (7).

---

(1) Cfr. *O Positivismo*, II, pág. 339.

(2) *A Tradição*, III, pág. 25.

(3) *Ibidem, loc. cit.*

(4) Informação de senhora do Algarve. Assim se faz nas Caldas-da-Raínha, no Santo António.

(5) Castelo-Branco.

(6) Informação do Sr. José de Pinho, a quem devo as tradições que menciono relativas a Amarante.

(7) Cfr.: «Para averiguar una doncella si se casará ó nó

65. Papelinhos. — Cortam-se três pedaços de papel, quadrados, e escreve-se em cada um deles o nome de um rapaz pretendido, ou pretendente. Baralham-se os papelinhos, enrolados, — *sortes* lhes chamam —, e colocam-se ao acaso, à meia-noite da véspera de S. João, um debaixo do travesseiro, e outro atrás da porta do quarto, lançando-se o terceiro à rua. Na manhã seguinte, desenrola-se a sorte que ficou debaixo do travesseiro, e encontra-se o nome do futuro marido (conc. do Cadaval [1], Tôrres-Vedras, etc.).

66. Na Meadela (conc. de Viana-do-Castelo), procedem idênticamente, mas no dia de S. Pedro, ao meio-dia.

67. Em Viana-do-Castelo, faz-se a mesma coisa, mas não é forçoso enrolar os bilhetinhos; podem ser dobrados em quatro.

68. Em Moncorvo e Vila-Flor, colocam, à meia-noite, um papelinho debaixo do travesseiro, outro atrás da porta do quarto, e outro debaixo da cama.

69. Na Covilhã, deita-se um para a fogueira do S. João, outro para a rua, e coloca-se o outro debaixo do travesseiro. Quando se faz a experiência na véspera de Santo António, põe-se um papelinho atrás da porta, em substituïção de o que se atira à fogueira do S. João.

70. Também há quem fique com um na mão (isto é, em casa), ponha outro à porta de entrada, e atire o terceiro para a rua [2].

71. Em S. Tiago de Cacém, Covilhã, etc., põem os três papelinhos debaixo do travesseiro e de manhã tiram um à sorte.

---

con su novio, á las doce del dia de la víspera de San Juan, arrojará hácia arriba una babucha por tres veces, si en la última cae boca-arriba contraerá matrimonio; si lo contrario, no se casará» (Andaluzia) (*Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, vol. I, Madrid, 1884, pág. 253, e «Supersticiones pop. andaluzas», in *El Folk-Lore Andaluz*, pág. 297). — «Si se desea saber cuál ha de ser nuestra suerte durante un año próximo, se cuidará el dia primero de tirar un zapato y observar su caida: si al caer en el suelo queda derecho, la suerte será buena; si queda de lado, será regular; y si queda boca-abajo será adversa» (*El Folk-Lore Andaluz*, pág. 412).

(1) *Rev. Lusit.*, VI, pág. 98, n.° 2.

(2) Informação de senhora do Algarve.

72. Em Amarante, a rapariga escreve os nomes dos rapazes em qualquer número de papelinhos, que dobra. Ao dar a meia-noite, depois de misturar êsses papelinhos, mete um debaixo do travesseiro, atira outro para trás da porta do quarto, e deita os restantes da janela abaixo. De manhã, vai ver: o nome que estiver sob o travesseiro é o do noivo; o que estiver atrás da porta é o do imediato (se o primeiro faltar); os outros rapazes ficam postos à margem.

73. Na Ilha Terceira, colocam debaixo do travesseiro vários papelinhos com nomes, enrolados.

74. Na Figueira-da-Foz também colocam debaixo do travesseiro diversos papelinhos, com os nomes de rapazes conhecidos, ou quaisquer outros que venham à ideia. Os papelinhos são dobrados (1).

75. No Algarve, também usam meter três papelinhos, com os nomes de rapazes, e enrolados, no livro de missa; quando o padre levanta a custódia, tira-se um papelinho à sorte, e o nome que lá estiver é o do futuro marido.

76. Em vários papelinhos escrevem-se os nomes de rapazes (um nome em cada um); deitam-se, enrolados, num vaso com água, que se põe ao relento. Na manhã seguinte, o que estiver desenrolado (ou mais aberto, se mais do que um se desenrolou), indicará o nome do noivo; se estiverem todos fechados, o casamento não se realizará êsse ano (Setúbal) (2).

77. Em Areias (conc. de Santo Tirso), deitam-se os bilhetinhos num copo de água, e se nenhum se encontrar aberto de manhã, antes do nascer do Sol, não se efectuará o casamento com nenhuma das pessoas cujos nomes se escreveram. Na *Rev. Lusit.*, XX, 9, onde vem registada a experiência, dão-se como consulentes os rapazes, mas, sem dúvida, não a deixam de fazer as raparigas.

78. Os papelinhos, que se deitam no copo de água, nem sempre são em número arbitrário. No concelho do Cadaval (3), em Portalegre, em Viana-do-Castelo, no Algarve, etc.,

(1) «Folk-lore da Figueira», in *Esposendense* de 15 de Agôsto de 1912.

(2) Vid. *A Tradição*, III, 25. — Na Ilha Terceira, no Pôrto, etc., coisa idêntica.

(3) *Rev. Lusit.*, VI, pág. 98.

os papelinhos devem ser *três* e, portanto, três os nomes de rapazes. No Pôrto, os papelinhos são em número *ímpar*, geralmente 5, 7, ou 9, ou então 6 (3 + 3).

79. Em vez de copo de água, pode usar-se uma bacia com água (Vila-Flor, Moncorvo, Lisboa, Elvas, etc.) ou um prato (Amarante, Bragança, etc.).

80. Na Ilha de S. Miguel (Açôres), escrevem-se os nomes em papéis que se dobram e se deitam num prato com pouca água, deixando tudo ao sereno da noite de S. João. A «sorte» que, antes do nascer do Sol, aparecer aberta e voltada para cima, é a que vale. Note-se que o primeiro nome que se deve escrever é *João* (ou *Joana*, se fôr homem quem faça a consulta).

81. Na mesma Ilha, há pessoas que, em vez de deitarem as «sortes» num prato, as deitam entre a verdura, no quintal, depois do toque das Trindades, indo vê-las antes de nascer o Sol (1).

82. Na Madeira, deitam as «sortes», nas vésperas de Santo António, S. João e S. Pedro, ao toque das Ave-Marias. Os nomes dos rapazes são escritos em papelinhos que se enrolam e se lançam num copo com água fresca da fonte, a qual se benze rezando o «Credo-em-cruz»; ao romper do dia, vai-se observar (2).

83. Muitas vezes, não estão à espera da manhã, para observar os papelinhos; vão observá-los passada uma hora (Covilhã), e até há quem não arrede pé sem que abra um (Pôrto).

84. Na Meadela (conc. de Viana-do-Castelo), deitam, ao mesmo tempo, três bilhetinhos, ao meio-dia do dia de S. João, e deixam o copo ao Sol durante uma hora. Deitam os bilhetinhos, e dizem três vezes:

Meu rico S. Joãozinho,
p'lo vosso santo poder,
dizei neste bilhetinho
o nome do meu marido que há de ser.

---

(1) As informações relativas à Ilha de S. Miguel (Açôres), devo-as ao Sr. Dr. Armando Côrtes-Rodrigues.

(2) Visconde do Pôrto da Cruz, «Crendices, Superstições e Costumes do Arquipélago da Madeira», in *Arqueologia e História*, VIII, pág. 92.

85. Na Ilha Terceira, dobram papelinhos com nomes de rapazes, e põem-nos ao relento, em a noite de S. João; o que abrir tem o nome do futuro noivo (1).

86. Em Serpa, as raparigas escrevem nomes de rapazes nuns tantos papelinhos, deixando em branco igual número deles. Tiram à sorte um papelinho: ficarão solteiras as que tirarem os brancos; casarão as que tirarem os escritos, nos quais vêm os nomes dos futuros maridos (2).

87. Escrevem-se em três papelinhos três nomes de rapazes; dobram-se, e deitam-se a uma caixa; mexe-se com a caixa (para os misturar), e, ao meio-dia (do dia de S. João, é claro), diz-se:

S. João, de Deus amado,
das môças muito querido,
dizei-me nestes bilhetes
o nome do meu marido,

e tira-se um bilhete, à sorte; nêle virá o nome pedido (S. Martinho-da-Gandra, conc. de Ponte-de-Lima).

88. Quem quiser saber como hão de casar várias raparigas e rapazes, escreve em certo número de papelinhos os nomes delas (e o seu próprio, da consulente), e em igual número de papelinhos os nomes deles; deitam-se os das raparigas num receptáculo, e os dos rapazes noutro; depois, vão-se tirando os papelinhos de um e de outro receptáculo, aos pares, e assim se adivinham os futuros casais (Figueira-da-Foz (3), Algarve).

89. Outro processo de obter casais, — por meio do «rosário de namorados»: Enfiam-se numa linha papelinhos dobrados, com nomes de raparigas, e noutra linha, papelinhos, igualmente dobrados, com nomes de rapazes. Expõem-se ao sereno da noite de S. João. No dia seguinte, antes de nascer o Sol, vão-se tirando as «sortes» abertas, juntando as de um rosário com as do outro rosário, e formando assim os casais (Ilha de S. Miguel, Açôres).

90. Cantigas alusivas aos papelinhos:

---

(1) *Rev. Lusit.*, XXX, pág. 278. Artigo «Etnografia jurídica da Ilha Terceira (Açôres)», de Luís da Silva Ribeiro.

(2) *A Tradição*, I, pág. 140.

(3) Cfr. «Folk-lore da Figueira», in *Esposendense* de 15 de Agôsto de 1912.

Esta noite deito sortes,
S. João vai declarar
o nome do namorado
que comigo há de casar (1).

O nome do meu Amor,
escrevi-o num papel;
deitei-o n'água, apagou-se,
logo vi que era infiel (2).

91. Também se deitam no copo de água três bilhetinhos com as palavras *casada*, *viúva*, *solteira*; o que estiver aberto de manhã dirá a sorte da rapariga (Viana-do-Castelo).

92. Ou três bilhetinhos com as palavras *felicidade*, *desgraça*, *amor*; o que vier ao de cima dirá o que acontece (Algarve).

93. Lembre-se, para simples comparação, esta prática das Taipas: Para se saber qual é o santo da devoção, deitam-se, à meia-noite da véspera de S. João, vários papelinhos com nomes de santos: o que estiver mais desenrolado na manhã seguinte designa êsse santo. A informadora declarou que «Santa Bárbara» era a santa da sua devoção, achada por êste processo. Reza-se todos os anos, pelo S. João, um Padre-Nosso e uma Ave-Maria ao santo protector.

94. Os papelinhos ainda servem para dar resposta a preguntas que se façam a respeito do namorado. Escreve-se cada pregunta em seu papel; enrolam-se os papéis, e deitam-se no copo de água; na manhã seguinte, o papel desenrolado responde afirmativamente à pregunta nêle escrita. Exemplos de preguntas: *F. gosta de mim?*; *F. casa comigo?*; *Serei feliz com F.?*; etc. (Vila-Nova-de-Gaia).

94-a. Experiência de outra arte: Acende-se a vela e corta-se um bocado de papel, que pode ser bem pequenino. Ao dar a primeira badalada da meia-noite, na véspera do S. João, escreve-se no papelinho o maior desejo que se tem, e queima-se na chama da vela. Se estiver todo queimado quando der a última badalada, o desejo é satisfeito; se não, não (Beja). Sortes destas, feitas por gente nova, por milagre deixarão de ser amorosas... (3).

---

(1) *Cant. popul. a S. João*, Figueira-da-Foz, 1905, pág. VI.

(2) *Ibidem*, pág. III.

(3) Ainda a respeito de *papelinhos*, note-se a tradição: «Cortam-se três pequenos quadrados de papel, e dobram-se ao meio, colocando dentro pequenas hastes de alecrim, e acaba-se de enrolar, deitando-os em seguida num vaso qual-

95. Vestido de noiva. — Na Madeira, quando sucede haver casamento próximo do «S. João», costumam escrever nomes de raparigas e rapazes solteiros na bainha do vestido da noiva, para que já no «Santo António» algum casamento se aproxime (¹).

96. Agulhas. — À meia-noite da noite de S. João, a rapariga deita num prato com água tantas agulhas (de coser) quantos os pretendentes que ela tem, representando cada agulha um pretendente determinado, e deita mais uma que a representa a ela própria. Isto faz-se com muito jeito, de modo que as agulhas não vão ao fundo. De manhã, vai ver: a agulha, que estiver mais próxima da que a representa a ela, rapariga, indica o seu futuro marido (Covilhã).

97. Também se podem deitar duas agulhas, — uma mais pequena, que representa a rapariga, representando a outra o seu escolhido. Se as agulhas se juntam, efectua-se o casamento; se não, não (Covilhã) (²).

98. Com as agulhas, ainda se faz outra experiência: Entram várias raparigas numa sala às escuras, com agulha e linha; a que primeiro conseguir enfiar a agulha é a que primeiro casa (Castelo-Branco).

99. Ôvo. — À meia-noite da véspera de S. João, parte-se um ôvo de galinha e deita-se o conteúdo, jeitosamente (como se fôsse para o estrelar), num copo com água. Deixa-se ao

---

quer cheio de água. No dia imediato, tira-se um e puxa-se por uma das pontas. Se ao desdobrar-se, a haste de alecrim fica livre, nada se deve temer; mas se fica prêsa na dobra do papel, é sinal de que a pessoa ausente está em perigo» (Setúbal). *A Tradição*, III, pág. 24. — Cfr. *O Verdadeiro e último Livro de S. Cypriano*, «única ed. completa», Pôrto, 1881, pág. 92: «Para adivinhar com seis paus de alecrim».

(¹) Visconde do Pôrto da Cruz, «Crendices, Superst. e Costumes do Arquipél. da Madeira», in *Arqueologia e Hist.*, VIII, 93.

(²) Embora não de todo concordante, Vid. a tradição mencionada em *Schweizer Volkskunde*, Ano II, n.° 2, pág. 9. Vid. também em *le Folk-Lore de France*, de P. Sébillot (Vol. II, págs. 165 e 248-251), tradições com alfinêtes, etc., nomeadamente a de dois bocados de pão lançados na fonte de Saint-Efflam (pág. 251).

relento. Na manhã seguinte, observa-se o aspecto da clara na água: se o aspecto fôr de âncora, o futuro marido será marinheiro; se de arado, enxada, vara (1) ou bosque (2), será lavrador; se de árvores, será proprietário ou lavrador (Algarve), ou rico em terras de lavoura (Madeira) (3); se de martelo, será pedreiro (4); se de edifício, será pedreiro ou arquitecto; se de serra, será carpinteiro; se de pórticos e colunas, será operário (5); se de cavalo, será cavaleiro (Tôrres-Vedras); se de espada, espingarda ou corneta, será militar; se de livro, será letrado; se de caneta ou tinteiro, será tabelião ou homem-de-letras (6); se de mesa, será empregado de escritório (Tôrres-Vedras); se de agulha, será alfaiate; se aparece a forma de carruagem (7) ou de palácio (8), a rapariga será muito rica. Quando aparece um navio (ou mastros) (9), são diversas as interpretações: uns dizem que o futuro marido será marinheiro, ou pescador; outros, que a rapariga casará e, a seguir, embarcará para o Brasil:

Ó meu S. João Bàtista,
ó meu belo marinheiro,
levai-me na vossa barca
para o Rio-de-Janeiro (10);

---

(1) Santo-Tirso. — *Rev. Lusit.*, XX, pág. 8.

(2) Setúbal. — Cfr. *A Tradição*, III, pág. 24, artigo de Arronches Junqueiro, incluído nos seus *Estudos Setubalenses* — 1.ª Parte — *Superstições e usos tradicionaes*, Setúbal, 1906; Vid. pág. 23.

(3) *Arqueologia e História*, VIII, pág. 93.

(4) Santo-Tirso (*Rev. Lusit.*, XX, pág. 8), Viana-do-Castelo.

(5) Arronches Junqueiro, *Estudos Setubalenses*, cit., págs. 22-23.

(6) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, 1926, pág. 168.

(7) Cfr. *O Positivismo*, II, pág. 340.

(8) *Revista do Minho*, ano I, pág. 35.

(9) Cfr. *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, vol. I, pág. 255, e vol. VIII, págs. 243 e 245.

(10) Espòsende. — Variantes:

Ó meu rico S. João,
ó meu rico marinheiro,
levai-me na vossa barca
para o Rio-de-Janeiro.

Cfr. Luís Chaves, *O Amor Português*, pág. 27.

outros dizem que a rapariga, depois do casamento, fará qualquer viagem por mar, «terá de passar por águas do mar» (1); outros, que o navio «com todos os seus *trabalhos*» indica ser *brasileiro* o futuro marido (2); na Ilha de S. Miguel, dizem que o navio significa ter a pessoa de «embarcar», isto é, fazer viagens por mar, ou emigrar; na Madeira, indica viagem próxima (3). Quando o aspecto da clara é de igreja (ou tôrre), de véu de noiva, ou de leito (Açôres (4), o casamento não tarda, mas se fôr de cruz, a rapariga fica para tia (5); na Madeira, se aparece igreja, é a vida religiosa que não tarda (6). Quando aparece uma tumba, é sinal de morte: de a rapariga morrer solteira e muito breve (Vila-Flor e Moncorvo), havendo quem assevere que a morte se dará antes de um ano (7). Também indica morte o aparecimento de cemitério (Pôrto) ou de *luzes* (velas) (Viana-do-Castelo). Ainda pode aparecer uma letra, que será a inicial do nome do futuro marido (Viana-do-Castelo) (8). Um saco significa dinheiro, e

---

Ó meu S. João da Ponte,
ó meu Santo marinheiro,
levai-me na vossa barca
para o Rio-de-Janeiro.

J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnogr.*, I, 2.ª ed., pág. 67, e II, pág. 179.

(1) *Revista do Minho*, ano I, coluna 35.

(2) Santo-Tirso. — *Rev. Lusit.*, XX, pág. 8.

(3) *Arqueologia e História*, VIII, pág. 93.

(4) T. Braga, *O Povo Portuguez*, II, pág. 307.

(5) Cfr. «Folk-lore da Figueira», in *Esposendense* de 15 de Agôsto de 1912.

(6) *Arqueologia e História*, VIII, pág. 93.

(7) Cfr. *O Positivismo*, II, pág. 340.

(8) Cfr. as tradições seguintes, em que também aparece a inicial do nome do futuro marido: «Une jeune fille veut-elle savoir le nom de son futur? Il suffit qu'à Noël elle jette de la main gauche, par dessus son épaule droite, la pelure entière d'une pomme ou d'un autre fruit. En tombant sur le plancher, cette pelure formera une lettre qui sera précisément l'initiale du «bon ami». (A. Rossat, *Quelques anciens usages de Noël et de Nouvel-An, à Delémont*, in *Schweizer Volkskunde*, Ano II (1912), n.º 2, pág. 9). — «La consultation par la pelure est très usitée: En Wallonie, le soir de la Saint-

um pau presagia pancadas (Madeira) (¹). Etc. Quando nada se possa deduzir da configuração da clara, a rapariga fica solteira, — mas isto é raridade: a ânsia e a fantasia femininas vêem sempre qualquer coisa, e, quando alguma rapariga não

---

-André, les jeunes filles pèlent avec précaution une pomme, de façon que la peau reste entière, et la jettent, sans se détourner, derrière le chef du lit; le lendemain elle montrera un dessin dans lequel la jeune fille s'efforcera de retrouver l'initiale de son futur mari». (P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, III, 398). Vid. também pág. 509 do mesmo vol. — «A Liége, la jeune fille qui désire voir en rêve son futur mari, doit, le jour de Saint-André, 30 novembre, à minuit, s'asseoir sur son lit, enlever ses bas et les jeter, sans se retourner, derrière le chef du lit, en même temps qu'elle achève de se coucher et qu'elle dit en wallon ou en français la formullette:

Sin-t'Andri,
Bon batlî,
Fé m' vèyi è m' dwèrman
L' si k' dj'ârè-st è m' vikan *

Saint André,
Bon batelier,
Faites-moi voir en mon dormant
Celui que j'aurai en mon vivant.
Qu'il tienne dans sa main
L'outil de quoi gagner son pain.

Le lendemain, au saut du lit, elle va examiner ses bas qui doivent, étant à terre, former la lettre initiale du nom de son futur mari.» (Eugène Monseur, *Le Folklore Wallon*, Bruxelas s. d., pág. 33). — Também as raparigas, quando encontram uma linha, a enrolam no dedo indicador; as voltas que a linha der indicam a inicial do nome de quem pensa nelas, por ex.: uma volta, *A*; duas voltas, *B*; três voltas, *C*, etc. (Pôrto).

* «Le wallon est ici traduction du français, ce que prouve notamment l'absence des deus derniers vers, rejetés parce qu'ils n'auraient pas donné de rime *(min-pan)*.»

(¹) *Arqueologia e História*, VIII, pág. 93.

vê, procura outra que veja. Há especialistas na matéria... As interpretações acompanham até o progresso: já há quem veja na clara um «volante», sinal de que o futuro marido será condutor de automóveis (Pôrto).

100. A consulta pode também ser feita pelos rapazes, evidentemente, — como tôdas as outras. As «sortes» amorosas são, porém, mais das raparigas, quási só das raparigas... Se um rapaz deita o ôvo, e aparece uma foicinha, casará com lavradeira; se aparece tear, casará com tecedeira, etc. (1).

101. Há quem deite sal na água (Viana-do-Castelo).

102. Na Beira, o ôvo deve ser de galinha preta (2). No *Verdadeiro e último livro de S. Cypriano*, «única ed. completa», também se diz que o ôvo deve ser de galinha preta (3).

103. Há quem exija que o ôvo seja de galinha preta e pôsto no mesmo dia (Viana-do-Castelo).

104. Antes de deitar o ôvo, podem passar o copo com água pela fogueira em cruz (Alentejo) (4).

105. Na Ilha de S. Miguel (Açôres), deita-se a clara do ôvo e reza-se o Credo, sendo coberto o copo com um guardanapo, sôbre o qual se põem dois galhos de alecrim em cruz. Expõe-se o copo ao sereno da noite. No dia seguinte, antes de nascer o Sol, vai-se examinar o aspecto da clara.

106. As pessoas mais exigentes, na mesma Ilha, praticam êste ritual: No copo de água, quási cheio, deitam três pingos da clara do ôvo; põem em cima do copo, em cruz, as pontas da toalha ou guardanapo (onde o copo está pousado), com dois galhos de alecrim verde também em cruz; depois, colocando as mãos em cima, em cruz também, rezam o Credo.

---

(1) Santo-Tirso. — *Rev. Lusit.*, XX, pág. 8.

(2) Jaime Lopes Dias, *Ethnographia da Beira*, I, pág. 168. — Cfr.: «Quand on emploie des œufs dans une bouillie ou un beignet destiné à combatre le mauvais sort, il faut qu'ils aient été pondus par une poule noire». E. Coulon, «Sorciers et Sortilèges au Pays de Montbéliard», in *Revue de Folklore Français et de Folklore Colonial*, Paris, tômo IV, pág. 123.

(3) Pôrto, 1881, pág. 194.

(4) Luísa Teresa, «Noites de S. João», in *Modas & Bordados*, de 23 de Julho de 1930.

107. Na Madeira, deitam o ôvo todo, fresco, da véspera, no copo com água, benzida com ramo de alecrim (1).

108. O costume é deitar o ôvo à meia-noite da véspera de S. João e ir observar o efeito na manhã seguinte ao nascer do Sol, ou antes do nascer do Sol. Há, todavia, quem deite o ôvo ao meio-dia do dia de S. João, ao Sol (Algarve, Viana-do-Castelo, etc.). Sabe-se como a meia-noite e o meio-dia se equivalem: tudo o que sucede à hora da meia-noite — dizem — sucede à hora do meio-dia (2).

109. Nas *Tradições populares de Portugal*, o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos regista que se expõe o copo desde o anoitecer até ao amanhecer (Paços-de-Ferreira) (3).

110. Em Guimarães, deitam o ôvo à meia-noite ou ao meio-dia, põem a mão direita por baixo do copo e a esquerda por cima, e dizem:

Ó meu rico S. João, destinai-me a minha sorte
santinho, de Deus querido, neste còpinho de vidro.

Rezam uma Salve-Raínha, e olham logo a sorte (4).

111. Em Monção, colocam o copo de água à janela, e, ao dar o meio-dia, deitam-lhe o ôvo, e tapam-no com a mão durante meia hora. Dizem:

S. João, de Deus amado, destinai a minha sorte
S. João, de Deus querido, neste còpinho de vidro.

Rezam um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

---

(1) *Arqueologia e História*, VIII, págs. 92-93.

(2) Cfr. *O Positivismo*, IV, pág. 293. — No entanto, como diz a cantiga:

S. João é festejado, na Espanha, no Algarve,
mais na vésp'ra que no dia, em Portugal, na Turquia.

Revista do Minho, Ano XII (1897), coluna 98.

(3) Pág. 155, § *l*.

(4) Alberto V. Braga, *De Guimarães — Tradições e usanças pop.*, I, Espòsende, 1924, pág. 186. — Acêrca do ôvo deitado em água, vid. P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*,

112. Variantes dos versos, ao deitar o ôvo:

1. S. João, de Deus amado, deparai-me a minha sorte
S. João, de Deus querido, neste còpinho de vidro (1),

ou a mesma quadra acrescentada dos dois versos:

se eu tiver de ser casada,
amostrai-me o meu marido (2).

2. S. João de Deus amado, dai-me a minha boa sorte,
S. João de Deus querido, neste copinho de vidro (3).

3

S. João, de Deus amado,
meu santo, de Deus querido,
despachai a minha sorte
neste còpinho de vidro (4).

4

Ó meu S. João amado,
ó meu S. João querido,
deparai a minha sorte
neste còpinho de vidro (5).

5. S. João, S. Joãozinho,
deparai-me a minha sorte
neste còpinho de vidro (6).

113. Em Barroso, ou dizem da forma que em primeiro lugar citei, ou então:

6. S. João, de Deus amado, deparai-me a minha sorte
S. João, de Deus querido, que Deus me tem prometido;

---

vol. III, Paris, 1906, págs. 234-235; «à Guernesey — diz-se aí, pág. 235 — cette pratique se fait à Noël ou à la Saint-Jean».

(1) Santo-Tirso. *Rev. Lusit.*, XX, pág. 8.

(2) Santo-Tirso. *Rev. Lusit.*, XXII, pág. 81.

(3) J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos*, II, pág. 183.

(4) *Cantigas populares a S. João*, Figueira-da-Foz, 1905, pág. V. — Mudei a pontuação.

(5) Viana-do Castelo. — Nesta cidade também dizem como já se mencionou em **111** (Monção).

(6) Pôrto.

ou:

7. Está meia-noite a dar,
e eu a minha sorte a deitar
para ver o que Deus tem
para me dar (1).

114. Variante curiosa: Uma rapariga chamada *Maria* — a interessada, ou outra por ela — passa o ôvo por cima de nove fogueiras, dizendo: *em louvor de S. João!* Depois a interessada leva-o para casa, e à meia-noite deita-o no copo de água (2).

115. Cera. — Em vez de ôvo, pode-se lançar no copo de água cera derretida, aos pingos (3).

116. Tanto faz empregar o copo como a bacia de água (4).

117. Na *Rev. Lusit.*, IV, 206, lê-se (do séc. XV): «Dom Joham, etc. saude. Sabede que Bryatiz Eanes, molher solteyra, morador na Ilha da Madeyra, nos emujou [aliás *enuiou*] dizer que algũas pesoas, que lhe bem nõ queriam, a culparam em hũas emqueryçoões deuassas Jeraees, dizendo em sseus testemunhos que ella era feyticeyra e que fazia feytiços em lançar sortes com çera em auga, e que via por ella ho que lhe rrequeryam que vise, e que adeuinhaua outras cousas».... (Chancelaria de D. João II; XI, 14 v.°).

118. Chumbo. — Faz-se a mesma experiência com chumbo derretido (Setúbal (5), Portalegre, Lisboa (6), Viana-do-Castelo, etc.).

---

(1) *Rev. Lusit.*, XIX, pág. 88. — Os versos apontados não se usam só ao deitar o ôvo; também se dizem ao deitar os papelinhos no copo de água ou ao fazer qualquer outra experiência em copo.

(2) Informação de senhora de Espòsende.

(3) *O Positivismo*, II, págs. 339-340; *Rev. d'Ethnol. e de Glott.*, págs. 79-80.

(4) Cfr. *A Tradição*, I, pág. 140.

(5) Vid. *A Tradição*, III, pág. 24.

(6) Cfr. *O Positivismo*, II, pág. 341, nota IV, onde se frisa que esta e muitas outras tradições populares do S. João são comuns a Portugal e Sicília, tendo em vista as obras de Pitrè: *Usi popolari siciliani nella festa di S. Giovanni Battista* e *Antichi usi e tradizioni popolari siciliane nella festa di S. Giovanni Battista.*

119. Se o chumbo fica negro no copo, é sinal de morte (Viana-do-Castelo).

120. Pode derreter-se o chumbo ao calor da fogueira e vertê-lo no chão (Alentejo) (1).

121. No processo de Luís de la Penha (2), feiticeiro de Évora (auto de 1626), estão arquivadas as seguintes *Sortes do chumbo:* «Tomarão hum gral de pedra ou outro vaso, emcheloam de agoa limpa e nella deitaram huma pouqua de agoa benta, antam dereteram o chumbo que quiserem deretido, diram primeiro sobre a agoa estas [palavras] seguintes abaixo tres veses benzendo a agoa, amtam despois de ditas tres veses deitaram o chumbo deretido na ditta agoa polla cousa que querem e verão em figuras o que desejam saber e ver, e ade ser feito isto em quarta feira ou em sesta feira as onze horas do dia, as palavras são estas: Em nome de Deos padre que criou o mundo, e o ceo, e a terra, e todas as cousas nacidas criou com sua santa palavra, Deos filho nos remio com seu precioso sangue, Deos espirito santo que alumiou a virgem e aos apostolos na casa da escuridade me alumiai meu entendimento pera que vos saiba servir, padre, filho, espirito santo, tres pessoas e hum soo Deos e hum soo Deos, fim» (3).

---

(1) Luísa Teresa, «Noites de S. João», in *Modas & Bordados*, de 23-Julho-1930.

(2) Publicado por Z. Consiglieri Pedroso n-*O Positivismo*, III, pág. 184 e segs.

(3) *Loc. cit.*, pág. 205. — Cfr.: «Je ne parlerai pas de la coutume si universellement répandue de «*fondre les plombs*» la veille de Noël; tout le monde l'a vu pratiquer. Il y a encore des personnes qui savent «expliquer les plombs» et prédire à chacun ce qui lui arrivera d'heureux ou de malheureux pendant l'année, suivant la forme qu'a prise le lingot jeté dans l'eau froide.» (A. Rossat, *Quelques anciens usages de Noël et de Nouvel-An, à Delémont*, in *Schweizer Volkskunde*, Korrespondenzblatt der Schweiz. Gesellschaft für Volkskunde, Ano II (1912), n.º 2, pág. 9). — Em *Sopra alcune pratiche magiche in Sardegna*, já cit., reproduz o Dr. M. L. Wagner parte de um livro espanhol, publicado em Cagliari em 1715, que contém práticas supersticiosas da Sardenha. Aí se alude a «la supersticion maliciosa de echar el *caliz, y plomo* para saber

122. Estanho. — Com estanho derretido obtém-se o mesmo resultado.

123. A propósito destas experiências em vaso de água, é curioso lembrar o seguinte passo das *Décadas* de João de Barros, relativo à consulta dos mouros de Calecute, acêrca da ida de Vasco da Gama (já lembrado pelo Sr. Dr. A. C. Pires de Lima na *Rev. Lusit.*, XX, 8): «. . . hum delles, dizendo, que o anno passado sobre duas náos de Méca que tardavam, em que lhe vinha fazenda, fizera pergunta a algumas pessoas, que usam do officio de Astrologia, e d'outras artes, que daqui dependem, huma das quaes pessoas, que elle daria por testemunha, como autor da obra, em hum vaso d'agua lhe mostrára as náos perdidas, e mais outras á véla, que dizia partirem de mui longe pera vir á India, que a gente dellas seria total destruição dos Mouros daquellas partes» (1).

124. Na Colecção de Viagens de Astley traz Faira: «Quando Vasco da Gama descobriu a India, alguns feiticeiros de Kalekût mostraram em bacias cheias de agua os trez galeões que elle trazia» (2).

125. Farinha. — Expondo ao relento farinha num prato, e analisando de manhã os arabescos que aparecem nessa farinha, tiram-se as mesmas conclusões que do ôvo, da cera, etc. (Portalegre).

126. Cinza. — O mesmo se obtém com cinza, peneirada numa tábua (Serpa) (3).

127. Objectos simbólicos. — Para a rapariga saber a profissão do futuro marido há ainda outra experiência. Colocam-se numa mesa vários objectos, atribuindo-se a cada um determinada profissão: espingarda quere dizer militar; vassoura, varredor; monte de sal, pessoa má [aqui, trata-se não da profis-

---

le prosperidad, que han de tener en suo negocios» (pág. 9). No mesmo trabalho de Wagner, se lê: «un superstizioso digiuno nelle Vigilie di S. Giov. Batt.ª e di S. Nicola di Bari, per verificare se devon prendere moglie la tale, con mille altre coglionerie. . . . Usano altresì il digiuno delli *Angeli bianchi*, ... del *Calice di piombo* . . . .» (pág. 12).

(1) *Década* I, Liv. IV, Cap. IX, pág. 341 da ed. de 1778.

(2) Vid. *O Positivismo*, III, pág. 404. Citado por Teófilo Braga, no artigo «Superstições populares portuguezas».

(3) *A Tradição*, I, pág. 140.

são, mas do carácter]; monte de farelos, proprietário; livro, doutor; pena, escrivão, etc. Vendam-se os olhos à rapariga e trocam-se os lugares dos objectos. Depois ela põe a mão, ao acaso, num dos objectos, o qual indicará o que se deseja saber. (Algarve). Na Ilha Terceira, faz-se coisa idêntica.

128. As raparigas também se servem de objectos, a que aliam determinadas significações, para saber o futuro, quanto a casamento.

129. Esconde-se a rapariga e pede a outrem que ponha em quatro pratos, separadamente, um cravo, uma chave, um rosário (1) e uma mão-cheia de terra, e que tape os pratos para se não ver o conteúdo. Depois, vem a rapariga e descobre um dos pratos: se destapa o cravo, não fica por casar; se destapa a chave, casa rica; se destapa o rosário, vai para freira; mas se descobre a terra, morre fatalmente naquele ano e solteira (conc. do Cadaval) (2).

130. Nas Caldas-da-Rainha, pelo Santo António, colocam numa mesa três pratos: um com terra; outro com chaves; e outro com um rosário. À meia-noite, a rapariga dirige-se, de olhos vendados, para a mesa e procura tocar com a mão em um dos pratos. Se tocar no das chaves, casará breve e será boa dona de casa; se tocar no das contas, irá para freira, e se tocar no da terra, morrerá solteira.

131. Põe-se debaixo do travesseiro, na noite de S. João, uma chave, um rosário e uma mão-cheia de terra. Quando a rapariga, de madrugada, acordar, procura a «sorte»: se primeiro toca na chave, casa nesse ano; se toca no rosário, fica para freira; se põe a mão na terra, morre antes de chegar o outro dia de S. João (Caldas-da-Rainha) (3).

132. Êste prazo não é forçoso; o pôr a mão na terra indica todavia que a morte se não fará esperar (4).

133. Vendam-se os olhos à rapariga que deseja saber se casa ou não, e colocam-se em cima da mesa uma chave, um livro e umas *contas* (rosário). Encaminha-se a rapariga para a mesa e diz-se-lhe que ponha a mão num dos objectos. Se

---

(1) *Rosário*, no sentido de «enfiada de contas», seja «rosário», pròpriamente dito, ou «têrço».

(2) *Rev. Lusit.*, VI, pág. 98.

(3) *O Positivismo*, II, pág. 339.

(4) Cfr. *Rev. Lusit.*, VI, pág. 124.

toca na chave, casa; se no livro, fica solteira; se nas contas, vai para freira (Setúbal) [1].

134. Em Âncora (conc. de Caminha), põem em cima da mesa um livro, uma manada de terra, e um têrço. A rapariga, com os olhos fechados, aproxima-se da mesa e apalpa, dizendo:

Ó meu S. João de Deus
ó meu S. João querido,
destinai a minha sorte
ou no têrço, ou na terra, ou no livro.

Se toca no livro, casa; se toca na terra, morre; e se toca no têrço, vai para freira.

135. Outra variante: Colocam-se em cima duma mesa, ou nos quatro cantos de uma sala, um livro, um pão, uma cana verde e um molho de chaves. Uma, duas, três ou quatro raparigas entram, às escuras, e cada qual procura encontrar seu objecto. Aquela a quem tocar o livro, morre donzela; a do pão, casa com um viúvo; a da cana verde, casa com um rapaz solteiro; o molho de chaves significa que a rapariga é boa dona de casa, mas que morre solteira (Serpa [2]).

136. Outra experiência: Colocam-se na mesa um copo de água, um pão e mais metade. Conduzem-se três raparigas, de olhos vendados, até à mesa, e cada uma delas logo procura apossar-se de um dos objectos. A que pegar no pão inteiro viverá sempre na abundância; a que tomar a metade, terá com que alimentar-se; aquela a quem tocou o copo de água, só miséria e lágrimas a esperam [3]. Escusado seria dizer que o futuro depende, regra geral, do casamento...

137. Na Ilha de S. Miguel (Açôres), na véspera do S. João, colocam-se, ao sereno da noite, sete pratos com terra, cinza, bonecos, flores, água, chaves, e dinheiro. Cada prato com sua coisa, é claro. No dia seguinte, antes de nascer o Sol, recolhem-se os pratos e põem-se numa mesa. Quem quiser saber a sua sorte aproxima-se da mesa, com os olhos vendados, e toca num dos pratos. Se toca no prato da terra, terá muitas terras; se no prato da cinza, morrerá cedo; se no

---

(1) *A Tradição*, III, pág. 25.
(2) *A Tradição*, I, págs. 140-141.
(3) *Ibidem*, I, pág. 157.

dos bonecos, casará e terá muitos filhos; se no das flores, morrerá solteira; se no da água, embarcará; se no das chaves, será dona de casa, com muito que guardar; se no do dinheiro, será rica.

138. Na Madeira, nas vésperas de Santo António, S. João, ou S. Pedro, ao toque das Ave-Marias, coloca-se debaixo da cama um prato com terra, outro com um cordão de oiro, e outro com água; se antes da alvorada, indo a tatear com a mão, se tocar na terra, é porque não tarda a morte; se se agarra o oiro, é a riqueza; se se toca a água, é viagem (1).

139. Pelo S. Pedro, na Madeira, também costumam fazer o seguinte: Colocam três pires numa bandeja: um com água, outro com cinza, e o terceiro com a chave. Logo que a noite cai, vão tateando até encontrarem um dos pires: se fôr o da água, é viagem; se fôr o da chave, é casamento; se fôr o da cinza, morte breve (2).

140. Outra maneira de desvendar o futuro: Ao dar a meia-noite, na véspera do S. João, mete-se debaixo do travesseiro oiro, prata e cobre (moedas), dizendo-se:

Ó meu S. João de Deus,
amigo da brincadeira,
destinai minha fortuna
debaixo da travesseira.

De manhã, ao levantar, tira-se à sorte: se sair o oiro, a rapariga há de ser muitíssimo rica, milionária; se sair a prata, há de ser rica; se sair o cobre, há de ser pobre (Âncora, conc. de Caminha).

141. Bochecho de água. — Pouco antes da meia-noite da véspera de S. João, a rapariga toma um bochecho de água, e vai para a janela. Ao dar a meia-noite, lança o bochecho à rua, e o primeiro nome de homem que a rapariga ouça é o do seu futuro marido (Figueira-da-Foz (3), etc.).

142. Enche-se a bôca de água, para se não poder falar.

(1) Visconde do Pôrto da Cruz, «Crendices, Superst. e Costumes do Arquip. da Madeira», in *Arqueologia e Hist.*, VIII, pág. 97.

(2) *Idem, ibid.*, pág. 98.

(3) Cfr. «Folk-lore da Figueira», in *Esposendense*, de 15-Agôsto-1912. — Nas Caldas-da-Rainha fazem o mesmo, no Santo António.

143. Terras há em que a rapariga não lança o bochecho à rua senão logo depois de ouvir um nome de homem (Covilhã, Coimbra, Lisboa [1], etc.).

144. Em Âncora (conc. de Caminha), a rapariga, antes de encher a bôca de água, diz:

Ó meu rico S. João,
tenho a bôca com água;
declarai o meu destino
por quem hei de ser amada.

Põe-se à janela, e espera que dentro de cinco minutos se chame por algum homem. Êsse nome será o do futuro marido. Se não ouvir nome nenhum, ficará solteira.

145. Se aparecer indivíduo do sexo masculino de quem se saiba o nome, êsse nome será o do futuro marido (Ilha Terceira).

146. Em vez de ir para a janela, a rapariga vai, nalguns sítios, com o bochecho para fora de casa (Espòsende, Amarante, Pôrto). É *ir às vozes* (Amarante).

147. A rapariga sai de casa, à meia-noite da véspera do S. João, com o bochecho na bôca. Faz-se acompanhar de outra rapariga, para não ter de falar; se alguém a salva (saúda), é a companheira que responde por ela. O primeiro nome de homem que ouvir é o do futuro marido. Ao ouvi-lo, deita o bochecho fora (Pôrto).

148. Em Portalegre, a rapariga toma o bochecho de água, e, quando começam a soar as badaladas da meia-noite, deita um gole à porta de três casas em que haja nome de *Maria*, que é o da Virgem, e mentalmente suplica a esta que, emquanto batem as horas, ouça um nome de homem. Êsse nome será o do futuro marido.

149. Em Tôrres-Vedras, a rapariga, um pouco antes da meia-noite, toma o bochecho, passa sete portas, e vai para a janela. Deita fora o bochecho ao primeiro nome de homem que ouça depois de dar a meia-noite.

150. Em Castelo-Branco, a rapariga, com o bochecho, passa sete portas, e vai para a janela. Ao primeiro homem que apareça, pregunta o nome: será o do futuro marido.

151. Com o nome de «experiência *dos credos*», narra

---

(1) Cfr. *Rev. d'Ethnol. e de Glottol.*, pág. 80; *O Positivismo*, II, pág. 339.

A Tradição (1) o seguinte: «Com um bochecho d'agoa, reza-se o credo *in mente* três vezes successivas, percorrendo o espaço comprehendido entre três portados que estejam na mesma direcção e dos quaes o ultimo deite para a rua. Á rua se deita o bochecho d'agoa logo que a experiente chegou ao portado *terminus*, perto do qual se quêda «a escutar as vozes do mundo». O primeiro nome masculino que a rapariga ouvir, é o nome do homem que virá a esposal-a» (Serpa).

152. No Pôrto, a rapariga toma o bochecho e coloca-se atrás de uma porta, à meia-noite; o primeiro nome de homem que ouvir será o do futuro marido.

153. Na *Marília de Dirceu*, de Tomás António Gonzaga, vêm (Parte II, Lira XIII) uns versos (2) relativos às superstições da alcachofra, do ôvo, e do bochecho (séc. XVIII). Os do bochecho são:

Mas, ah! eu bem me lembro; eu tenho ouvido
Que na boca um bochecho d'agoa tome,
E atràs de qualquer porta attento esteja,
    Até ouvir um nome:

Que o nome que primeiro ouvir, he esse
O nome, que ha de ter a minha amada:
. . . .
Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a boca:.....

154. Em Barroso, na noite de S. João (e na de S. Pedro), as raparigas batem às portas de nove casas diferentes, mas sem falar com ninguém. No dia seguinte, antes do nascer do Sol, põem-se à janela, e é com o primeiro rapaz que virem que devem casar, ou com pessoa parecida (3). Nesta tradição não há bochecho, mas ela deve relacionar-se com aquelas em que o há.

155. Embora também sem bochecho, aqui registo o que

(1) Vol. I, págs. 139-140.

(2) Estão arquivados nos *Ensaios Ethnogr.*, de J. Leite de Vasconcelos, II, págs. 250-251.

(3) *Rev. Lusit.*, XIX, pág. 88.

as raparigas sem noivo fazem na Ilha Terceira: escondem-se ao pé da rua, e o primeiro nome que ouvirem na manhã de S. João, é o do noivo que há de vir (1).

156. Rapariga que nunca tenha namorado, e deseje saber o nome do primeiro *derriço*, toma o bochecho e vai para a janela, ou para a porta da rua de sua casa. O primeiro nome que ouvir é o do namôro (Ladoeiro) (2).

157. Se em vez de nome, a rapariga ouvir uma frase, nessa frase se buscará a revelação do futuro em que se pensava ao ouvi-la (Setúbal) (3).

158. Se a rapariga não ouvir nome nenhum, não se casa (Lisboa) (4).

159. Copo de água. — Enche-se de água um copo, e cobre-se com papel *pardo* (só serve o papel de embrulho

---

(1) *Ibidem*, XXX, pág. 278.

(2) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, I, págs. 167-168.

(3) *A Tradição*, III, pág. 25.

(4) Tomé Pinheiro da Veiga (Turpin) refere-se, in *Fastigimia*, às «superstições das desejosas de casar». Alargo um pouco a transcrição, para se ajuizar da festa joanina em Valladolid:

«... dia de S. João, nos levantamos ante manhã e nos fômos ao Prado, por vêr os bailetes e geringonças do sol; e, sendo tres horas, era já manhã clara, que em tam poucos graus he muyto haver tão notavel differença como ha em verão e inverno. A esta hora, e ainda toda a noite atraz, está o Prado cheio de magotes e manadas de homens e mulheres, cantando, tangendo e bailando; e assim passam toda a noite, occupando toda aquella lameda com festas, como celebrando outras orgias das Bachides sacerdotizas da Deusa Syria de Apuleio, Flora de Roma, e galciphanaticos da Deusa Cybele...... Não usam os castelhanos fogueiras nem capellas, mas en seu logar ramilhetes, e achamos esta manhã muitas portas enramilhadas, e com arcos de ramos, e mastos ás portas, que são festas que os namorados fazem ás damas, e principalmente os mechanicos ás com que tractam de casar:..... Tambem lá chegam as superstições das desejosas de casar, de se porem ás janellas, depois de certas orações, a ouvir o que falla o primeiro que passa e tomar bom agouro de casamento»..... (Pôrto, 1911, págs. 179 e 181).

chamado *pardo*), dobrado em quatro. Inverte-se o copo sôbre a palma da mão. Se a água fizer bòlinhas, ser-se-á feliz nos amores; se não, ser-se-á infeliz (Caminha).

160. Bacia de água. — Deita-se água numa bacia, passa-se pela fogueira ao dar a meia-noite, na véspera de S. João. No dia seguinte, entre meio-dia e uma hora, lança-se a água à rua. O nome do homem que primeiro atravessar o lugar molhado será o do futuro espôso (Serpa) (1).

161. Atira-se a água para a rua, ao meio-dia, e pergunta-se o nome ao primeiro homem que passar por cima do molhado; êsse nome será o do futuro marido. Se, em vez de homem, passar primeiro uma mulher, a consulente não casa (Algarve) (2).

162. Maçã. — Mordisca-se, no dia de S. João, uma maçã e atira-se para a rua. O nome do homem que a apanhar é o do futuro espôso; se a apanha uma mulher, a rapariga não casa (Covilhã).

163. Entre meio-dia e uma hora atiram-se à rua três maçãs. Se um homem apanhar alguma delas, a rapariga casará e o nome do marido será o do transeunte. Se ninguém fizer caso das maçãs, a rapariga morrerá sem casar (Serpa) (3).

164. Moeda. — Atira-se à fogueira do S. João uma moeda de cinco réis. Ao romper do dia, procura-se a moeda nas cinzas e dá-se ao primeiro pobre que aparecer. O nome do pobre será o do noivo (Serpa (4) Alandroal (5), Tôrres-Vedras, etc.).

165. Em Viana-do-Castelo, passa-se, à meia-noite da vés

---

(1) *A Tradição*, I, pág. 140.

(2) Cfr.: «La víspera del dia de San Juan, á las doce de la noche, tendrán cuidado las muchachas de arrojar, del balcon á la calle, cubos llenos de agua; y si preguntan respectivamente el nombre al primer varon que pise el agua, sabrá [*sic*] que su futuro esposo se llamará como el preguntado» (Andaluzia) (*Biblioteca de las Trad. pop. españolas*, vol. I, pág. 254, e «Supersticiones pop. andaluzas», in *El Folk-Lore Andaluz*, pág. 297).

(3) *A Tradição*, I, pág. 140.

(4) *A Tradição*, I, pág. 140.

(5) *Rev. Lusit.*, VI, pág. 253.

pera de S. João, por uma fogueira, e deita-se meio-tostão (=5 centavos; dantes, deitavam-se 5 réis); antes de nascer o Sol, apanha-se a moeda, e espera-se que apareça um pobre; dá-se a moeda ao pobre, e pregunta-se-lhe o nome; êsse nome será o do futuro marido.

166. Antes de atirar a moeda à fogueira, há quem reze um Padre-Nosso (Setúbal) (1).

167. Às vezes, esperam que se extingam as últimas labaredas da fogueira e é no borralho que metem a moeda (Lisboa e arredores) (2).

168. Na Covilhã e em Castelo-Branco, salta-se a fogueira à meia-noite, e atira-se a moeda para ela (ao saltar).

169. Na Madeira, a rapariga salta a fogueira de Santo António, três vezes, em três direcções diferentes, e, no último salto, deixa cair a moeda no lume; de manhã, antes de romper o Sol, vai procurar a moeda, etc. (3).

170. Um rapaz solteiro dá cinco réis à rapariga que deseja fazer a consulta. E ela passa-os nove vezes pela fogueira, ou, com êles na mão, salta nove vezes por cima do lume. No dia seguinte, dá a moeda ao primeiro pobre que surja; o nome dêle será o do futuro marido (4).

171. Pode-se fazer a mesma consulta, deixando a moeda nas cinzas de uma fogueirinha de alecrim feita em casa (5).

172. Em Beja, a rapariga pede a qualquer pessoa «5 réis (hoje, 5 centavos, naturalmente) pelo amor de Deus»; passa a moeda pela fogueira, e enterra-a na cinza da mesma. No dia de S. João, pela manhã, retira a moeda, e dá-a ao primeiro pobre que apareça a pedir, e pregunta a êste o nome. Será o nome do noivo. Se o primeiro pobre que apareça a pedir fôr mulher, a rapariga não casa (6).

---

(1) *A Tradição*, III, pág. 24, e Arronches Junqueiro, *Estudos Setubalenses*, pág. 23.

(2) *O Positivismo*, II, pág. 330.

(3) Visconde do Pôrto da Cruz, «Crendices, Superstições e Costumes do Arquipélago da Madeira», in *Arqueologia e História*, vol. VIII, pág. 87.

(4) Informação de senhora do Algarve.

(5) Informação da mesma senhora.

(6) Informação do Sr. Dr. Mira Galvão.

173. À meia noite da véspera de S. João, põe-se uma moeda de cinco réis ao relento; no dia seguinte, ao meio-dia, atira-se à rua; o nome do pobre que a apanhar é o do futuro marido (Elvas).

174. Pode-se esperar com a moeda na mão que passe um pobre; dá-se-lhe a moeda e pregunta-se-lhe o nome (Elvas).

175. Outra maneira: a rapariga sai de casa na véspera de S. João à noite, e leva cinco réis na mão. Logo que ouça um nome de homem mete a moeda ao bôlso. De manhã, dá-a ao primeiro pobre que aparecer, e pregunta-lhe o nome. Se fôr o mesmo que ouviu de noite, casará e o marido terá êsse nome; se não fôr o mesmo, fica solteira (Espòsende).

176. Em vez de cinco réis, podia-se empregar a moeda de dé-réis (1).

177. Lança-se numa bacia de água meio-tostão (2), à meia-noite da véspera do S. João, e deixa-se ao relento. De madrugada, vai-se buscar a moeda, sai-se de casa, e dá-se ao primeiro pobre que se encontrar. O nome dêle será o do futuro marido (Pôrto).

178. Galo. — Sentam-se as pessoas em volta da mesa, ou mesmo no chão, formando uma circunferência. Em frente de cada pessoa, põe-se um montinho de trigo. Depois, pega-se num galo, passa-se pela fogueira, e coloca-se no meio da mesa ou da roda de pessoas. O galo deambula, meio entontecido pelo fumo da fogueira, até reparar no trigo, e começa a comer. A pessoa correspondente ao montinho de trigo onde o galo come, é quem casa primeiro (Beja) (3).

179. Flores. — No dia do S. João, ao meio-dia, atira-se

---

(1) Cfr. *Rev. do Minho*, Ano XIX (1911), coluna 164. — Com a república, desapareceram os «réis» e vieram os «escudos» e os «centavos». A experiência tem de se fazer agora com as moedas de menos valor que existem: cinco, ou dez centavos (*meio-tostão* e *tostão*, como o povo continúa a dizer). O valor das moedas não tem importância para o caso; usam-se, nestas experiências, as moedas de menos valor, porque são essas que é costume dar aos pobres.

(2) Isto é: cinco centavos. A informadora, como nasceu muito depois da implantação da república, já não fala em «réis».

(3) Informação do Sr. Dr. Mira Galvão.

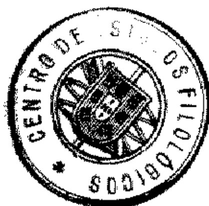
qualquer flor para a rua. O nome do homem que a apanhar é o do futuro marido. Se a apanhar uma pessoa do sexo feminino, a rapariga não casa (Algarve, Viana-do-Castelo, etc.).

180. Na Ilha Terceira, as raparigas deitam na rua raminhos de flores. Os nomes dos homens que os apanharem serão os dos respectivos futuros maridos.

181. Na Ilha de S. Miguel (também dos Açôres), faz-se um ramo de flores na véspera de S. João e põe-se ao relento. De manhã cedo, atira-se o ramo à rua e espera-se à janela, até ouvir o primeiro nome de homem (ou de mulher, se fôr homem quem faça a experiência).

182. Cravo.—Entre as flores, o cravo ocupa lugar especial no S. João (1). Tem significação amorosa, e, como tal, não podia deixar de ser preferido numa festa de amor.

1. O cravo, depois de sêco,
senefica amor perdido:
indas qu'eu queira não posso
tirar de ti o sentido (2).



2. Cravo roxo,—*sentimento*,
que eu bem sentida estou,
por amar quem me não ama,
q'rer bem a quem me deixou (3).

3. Cravo roxo à janela
é sinal de *casamento*;
menina, recolha o cravo,
que o casar tem muito tempo (4);

---

(1) Cfr. Alberto V. Braga, *O culto da alfádiga e dos cravos — No amor e na crença — Esbôço etnográfico*, Corunha, (Separata de *Nós*), pág. 28; *Lusa*, I, pág. 43 (artigo de F. Alves Pereira); etc.

(2) Narciso C. Alves da Cunha, *No Alto Minho — Paredes de Coura*, Pôrto, 1909, pág. 356.

(3) J. Leite de Vasconcelos, *Tradições pop. de Portugal*, pág. 118.

(4) *Ibidem, id.*

ou:

4. Cravo branco à janela,
é sinal de *casamento;*
menina, recolha o cravo,
que o casar inda tem tempo (¹).

183. Às raparigas, os rapazes chamam «rosas», e aquelas a estes chamam «cravos». A «rosa» simboliza a môça, a namorada, — e o cravo, o mêço, o namorado. Se o rapaz saúda a rapariga com um *adeus, minha rosa!*, ela responde logo com um *adeus, meu cravo!*

184. Cantigas:

1

O cravo junto da rosa
mete bonita figura;
o rapaz sem rapariga
é como uma noite escura (²).

2

Se quereis, rosa, ser rosa,
fugi do cravo, fugi!
No tempo em que eu era rosa,
por um cravo me perdi (³).

3

A água do rio Minho
corre por baixo da ponte;
quem quiser o cravo doido,
ponha-lhe a rosa defronte (⁴).

4

A giesta fêz-se branca
em dar a flor amarela;
mais branca se faz a rosa
se o cravo se chega a ela (⁵).

5. As rosas também namoram,
levam vida bem ditosa;
maroto do cravo branco,
'scolhe sempre a mais cheirosa (⁶).

(1) *Rev. Lusit.*, XIV, pág. 285. — N-*O Livro de Alportel*, de Estanco Louro (2.º vol., Lisboa, 1929, pág. 290), vem a quadra com os dois últimos versos assim: «Ó menina recolha o cravo; p'ra casar tem muito tempo». — Cfr. P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, III, pág. 517.

(2) A. C. Pires de Lima, *Cancioneiro pop. de Vila-Real*, Pôrto, 1928; pág. 150.

(3) Alberto V. Braga, *O culto da alfádiga e dos cravos — No amor e na crença — Esbôço etnográfico*, pág. 14.

(4) *Ibidem, id.*

(5) *Ibidem, id.*

(6) *Ibidem, id.*

6

O cravo, por simpatia,
à linda rosa se uniu:
foram laços tam estreitos
que amor perfeito saiu [1].

7

Ó rosa, nunca consintas
que o cravo te ponha a mão;
fica a rosa enxovalhada
não mais tem aceitação [2].

185. Na véspera de S. João, à meia-noite, a rapariga deita da janela à rua um cravo. Casará, se fôr um rapaz que o apanhe; se não, não (Lisboa).

186. Em Portalegre, atira-se o cravo à rua, no dia de S. João, ao meio-dia. Se a pessoa que o apanha é homem, o nome dêle será o do futuro marido; se é mulher, o masculino do seu nome será o nome do futuro marido (por ex.: *Júlia* —▸ *Júlio; Joaquina* —▸ *Joaquim*, etc.). Às vezes, dá disparate, como é fácil calcular.

187. Em Elvas, colhem o cravo, branco, à meia-noite da véspera de S. João, e atiram-no à rua no dia seguinte, ao meio-dia. O nome do homem que o apanhar será o do futuro marido; se aparecer uma mulher, pedem-lhe que o não apanhe.

188. Em Travanca (Lamego), no dia de S. João, de manhã, em jejum, atira-se à rua um cravo vermelho, quando fôr a passar um homem. O nome dêle será o do futuro marido.

189. À meia-noite, em Viana-do-Castelo, lança-se à fogueira do S. João, ao passar por ela, um cravo, e continua-se a andar. O primeiro nome de homem que se ouvir será o do futuro marido.

190. Na véspera de S. João, ornamenta-se a imagem do Santo com cravos vermelhos, e, no dia seguinte, a rapariga, ao levantar-se da cama, vai, em jejum e sem falar, roubar um dêsses cravos, e guarda-o no fundo da mala. Ao aparecer-lhe noivo, deve deitar êsse cravo fora (Pôrto).

191. Em Vila-de-Conde, ao passar o andor de S. João,

---

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Tradições pop. de Portugal*, pág. 116.

(2) Estanco Louro, *O Livro de Alportel*, 2.° vol., pág. 295. — Acêrca de *rosa* e *cravo*, vid. também Luis Chaves, *Páginas Folclóricas* — III. *A rosa na lírica popular*, Pôrto, 1931 (Separata da *Rev. Lusit.*, XXIX).

atiram-lhe cravos, das janelas e da rua. Se ficam em cima do andor, quem os atirou não tarda a casar (1).

192. Cantigas alusivas:

1. Olha o cravinho
que atiraste ao S. João;
caiu lá, tam direitinho,
que par'ceu combinação.

2. Se o cravo cai no andor,
a gente fica a pensar:
ó meu Santo Precursor,
não tardarei a casar.

193. Rosa. — Na Madeira, os rapazes, para saberem o nome das raparigas que lhes reserva o Santo, colhem alguns botões de rosa, fechados, e a cada qual dão um nome de rapariga; juntam os botões, enleando os pedúnculos, e deixam o ramilhete ao relento; ao alvorecer, vão ver qual dos botões abriu mais as pétalas, e assim conhecem a rapariga que virá a ser a espôsa (2). Esta consulta, por intermédio de *rosas*, feita por homens, emparelha eloqüentemente com a consulta, por intermédio de *cravos*, feita pelas raparigas.

194. Oliveira. — À meia noite da véspera de S. João, colhe-se uma galha de oliveira, dizendo:

Ó meu S. João Bàtista,
protector das solteiras,
desvendai a minha sorte
neste ramo de oliveira.

Se aparecerem duas fôlhas juntas, significa amor da parte da pessoa por quem se fêz a experiência; no caso contrário, não se é correspondido (S. Martinho-da-Gandra).

195. Ao dar a meia-noite, atiram-se à lareira três fôlhas de oliveira, atribuindo a cada qual um nome de rapaz. E diz-se:

Ó meu S. João de Deus,
ouvi-me, que eu sou solteira:
destinai o meu marido
nestas fôlhas de oliveira.

---

(1) É muito curiosa a procissão em que vai o andor do Santo, o orago da freguesia da vila. Tomam parte nela dezenas de crianças de 3 a 5 anos, nuas, apenas com capela de flores na cabeça e samarra. Informações do meu Amigo Dr. Artur da Cunha Araújo.

(2) Visconde do Pôrto da Cruz, «Crendices, Superstições e Costumes do Arquipélago da Madeira», in *Arqueologia e História*, VIII, pág. 93.

A fôlha que primeiro estalar indicará o nome do futuro marido. Se nenhuma estalar, a rapariga não casa (Âncora) (1).

196. Tomam-se três fôlhas de oliveira, em a noite de S. João, e deitam-se a uma fogueira. Depois de elas estalarem, a rapariga, sem falar, põe-se à escuta. O primeiro nome de homem por que ouvir chamar é o do futuro marido (Braga).

197. Loureiro. — Em vez de fôlhas de oliveira, podem empregar-se fôlhas de loureiro (Braga) (2).

198. Chá. — Tem-se uma chávena com fôlhas de chá da Índia, e deita-se-lhe água a ferver. Isto ao dar a meia-noite, na véspera de S. João, e ao relento. Ao deitar a água, diz-se:

Meu S. João Bàtista,
meu rico S. João,
destinai a minha sorte
nestas fôlhas do Japão.

Noite de S. João,
noite de tocar pandeiro,

Destinai a minha sorte,
nesta chávena de chá:
se a fôlha fôr comprida,
casarei co'um militar.

se as fôlhas forem redondas,
casarei com um caixeiro.

Se acima não vier folheira (3),
ficarei solteira.

Da inspecção das fôlhas, tiram-se, como se vê, os prognósticos. Depois, toma-se a infusão. Esta sorte — declara a infor-

---

(1) Cfr. «En Corse, pour savoir si une fille ou un garçon se marieront dans le courant de l'année, on lance des feuilles d'olivier dans le feu, une, deux, trois, les unes après les autres; si la feuille danse et se retourne, le mariage est certain; si elles brûlent, il n'aura pas lieu». (P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, III, 396). — Vid., no mesmo lugar, outras consultas com fôlhas de buxo, e com nozes.

(2) Em Ille-et-Vilaine, as raparigas, para que lhes apareça em sonho o futuro marido, colocam sob o travesseiro uma fôlha de loureiro; em alguns lugares, três fôlhas. (Vid. Sébillot, *op. cit.*, III, 398).

(3) A propósito de *folheira*, vid. o meu trabalho *Formação popular de «nomes-de-unidade»*, in *Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, Coimbra, 1933, págs. 374-384 (de que se fêz Separata [2.ª edição]).

madora — é muito bonita, quando feita por muitas raparigas e rapazes (Monção).

199. Rosmaninho. — A rapariga vai ao monte colhêr rosmaninho, à meia-noite da véspera de S. João:

Vou ao meio dêste monte,
vou colhêr o rosmaninho;
pode ser que eu encontre
o meu Amor p'lo caminho;

leva o rosmaninho para casa, e, no caminho, há de encontrar o Amor (namôro) (Grijó).

200. Corre ainda, em Grijó, esta cantiga, alusiva ao facto:

O meu primeiro Amor,
mandei-o ao rosmaninho;
estes que agora tenho
vão pelo mesmo caminho.

Entendo: *mandei-o ao rosmaninho*, mandei-o colhêr o rosmaninho, para arranjar outro namôro, isto é, para me ver livre dêle.

201. Estrêlas. — Na véspera de S. João, escolhem-se três nomes de rapazes (ou mais), e, ao dar da meia-noite, a cada badalada, olha-se uma estrêla e diz-se um nome. O nome que corresponder à última badalada é o do futuro marido. Os nomes podem dizer-se salteados (Viana-do-Castelo) (1).

202. Pedras. — Em Vila-de-Conde, as raparigas, no fim dos folguedos da noite de S. João, já de madrugada, dirigem-se à Fonte de S. João, e atiram-lhe pedrinhas. Se a pedrinha cair dentro do nicho do Santo (hoje já lá não existe a imagem), quem na atirou casa êsse ano. Para a pedra cair no nicho, ainda é preciso perícia, ou sorte, porque a posição da fonte, entre dois muros altos e uma escada de pedra que a separa do caminho, torna difícil a operação (2).

203. Cantigas a propósito:

1. Fui atirar a pedrinha
à Fonte de S. João;
como tu não queres ser minha,
a pedra caiu no chão (3).

(1) Tradições amorosas com estrêlas, na Bélgica: Vid. E. Monseur, *Le Folklore Wallon*, pág. 34, n.os 658 e 661.
(2) Informação do Dr. Artur da Cunha Araújo.
(3) *Idem.*

2. Vamos raparigas tôdas
à Fonte de S. João,
vamos atirar a pedra,
ver se casamos ou não [1].

204. O arremêsso de pedras, relacionado com o casamento, com a fecundidade, é de largo uso [2]. Alguns exemplos mais.

205. Noutros tempos, havia no monte de Santa Luzia, em Viana-do-Castelo, um «Santo Eliseu». As raparigas iam atirar-lhe pedras, com a mira em que ficassem no nicho do Santo, dizendo:

Ó meu Santo Eliseu,
casar quero eu [3].

206. Na capela de Santo Amaro, do Loreto (Lisboa), há por cima da entrada o nicho onde esteve a imagem daquele Santo. No dia em que êste se festeja, rapazes e raparigas, à saída da missa, atiram três pedras ao nicho, dizendo, a cada pedra, um nome (de mulher, para os rapazes, e de homem, para as raparigas); o nome correspondente à pedra que ficar em o nicho é o da futura espôsa, ou o do futuro marido.

207. Em Bragança, as raparigas atiram pedras ao frontão da igreja das Beatas, até uma ficar nêle; o número de pedras anteriormente arremessadas indica os anos que estarão solteiras [4].

---

[1] Rocha Peixoto, «O S. João». Sirvo-me da transcrição do artigo encontrada entre os papéis que Alfredo Ferreira de Faria († 1930) me legou.

[2] A êste facto me referi já no *Determinismo e previsão do sexo*, Pôrto, 1923, pág. 6. No arremêsso de pedras, deve-se considerar a «pedra» e o «arremêsso». Ao carácter fecundo das pedras, refere-se o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos nas *Tradições pop. do Port.*, pág. 92, nota; P. Sébillot no *Folk-Lore de France*, etc., etc.

[3] Cfr. Leite de Vasconcelos, *Vanguarda*, n.º 34, apud Teófilo Braga, *O Povo Portuguez*, II, pág. 117, e Luis Chaves, *O Amor Português*, pág. 34, lugar êste onde vêm outras práticas casamenteiras, de «arremêsso».

[4] Informação do Sr. P.ᵉ Francisco Manuel Alves, Reitor de Baçal. — A respeito do arremêsso de pedras, cfr.: «Les jeunes filles s'efforcent de faire pénétrer une pierre dans une

208. Massa e miolo de pão. — Em a noite de S. João, as raparigas fazem três bolas de massa e metem numa delas um grão de pimenta. Misturam-nas, e deitam uma da janela abaixo, metem outra debaixo do travesseiro e colocam a outra

---

sorte de niche au dessus du portail d'une chapelle voisine de Saint-Brieuc. À Jodoigne, une statuette très ancienne, aujourd'hui dans une chapelle, était autrefois contenue dans une niche fixée à un arbre séculaire: à une hauteur d'environ cinq mètres les maîtresses branches formaient une autre niche où les amoureux tâchaient de faire tenir une pierre lancée; si elle restait le vœu était exaucé, si elle retombait, la jeune fille n'avait pas son galant». (P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, IV, pág. 140). — «Les jeunes filles qui désirent se marier dans l'année lancent une pierre dans un trou du mur au-dessus du portail de la chapelle de Bon-Repos sur la route de Saint-Brieuc à Plérin..... Les jeunes gens de Bréhat qui veulent entrer en ménage se rendent près du rocher du Paon, à l'extrémité de la falaise; ils jettent de petites pierres dans la fente, et si celles-ci tombent droitement dans le gouffre sans toucher les parois, ils doivent se marier de suite; dans le cas contraire, ils ont autant d'années à attendre que la pierre a frappé de coups». (*Ibid.*, I, pág. 348). — Cfr. ainda: «On a relevé dans plusieurs régions du Midi, des exemples d'une coutume où le jet des pierres est en rapport avec les choses du cœur. Un proverbe du Béarn y fait allusion: *Qui peyroutaye — Amoureye.* Qui lance de petites pierres — Fait l'amour...... Au Beausset, dans l'arrondissement de Toulon, les jeunes gens vont s'asseoir, le jour de la fête ou un dimanche d'été, auprès des jeunes filles qui leur plaisent, et dévoilent leur amour en leur lançant de petites pierres. Si la jeune fille n'est pas d'humeur favorable aux désirs du galant, elle change de place, et va s'asseoir un peu plus loin. Si au contraire, elle veut encourager l'amoureux, elle prend à son tour de petites pierres qu'elle lui renvoie, en plaisantant, acte dont la signification est parfaitement claire dans le pays. Dans le Mentonnais, à la procession de Saint Michel, les garçons jettent aussi de petits cailloux aux jeunes filles pour déclarer leur affection». (*Ibid.*, I, 347-348). — Acêrca de arremêsso de moeda, e de alfinête, em relação com casamento, Vid. *obra cit.*, IV, págs. 139-140.

atrás da porta. Ao outro dia, verificam qual é a que tem o grão de pimenta; se é a que ficou debaixo do travesseiro, casam breve; se é a que ficou atrás da porta, casam tarde; se é a que atiraram à rua, não casam nunca (Lisboa e arredores) (¹).

209. Fazem-se três bolinhas de miolo de pão e introduz-se um grãozinho de trigo numa delas. Misturam-se bem, e colocam-se uma debaixo do travesseiro, outra na escada e a terceira atrás da porta da rua. Na manhã de S. João, verifica-se qual das bolinhas contém o grão de trigo. Se a do travesseiro, o casamento será breve; se a das escadas, tarda algum tempo, e se a da porta de entrada, ainda vem muito longe (Ladoeiro) (²).

210. Trevo. — Durante o dia de S. João, procura-se o trevo de quatro fôlhas. Se se encontrar, faz-se bom casamento; se não, não se faz bom casamento (Meadela, conc. de Viana-do-Castelo).

211. À meia-noite da véspera de S. João, em Viana-do-Castelo, vai-se a um lugar onde haja trevos. Desenha-se aí um sino-saimão *(signum Salomonis)*, de maneira que dentro dêle caiba uma pessoa. Se nesse espaço, limitado pelo signo, a rapariga encontrar o trevo de quatro fôlhas, deve guardá-lo

---

(¹) *O Positivismo*, II, pág. 339.

(²) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, págs. 168-169. — Cfr.: «Para averiguar una muchacha si su novio se casará ó no con ella, hará lo siguiente: la vispera del dia de San Juan, á las doce de la noche, formará una bolita de migajon de pan y pondrá dentro de ella un grano de trigo ó de arroz, partirá la bolita en otras tres más pequeñas, procurando ignorar en cuál de ellas ha quedado el grano, y colocará una bajo la almohada, otra en el brocal del pozo, y la tercera en la puerta de la calle. A la mañana siguiente partirá las tres bolitas y verá en cuál se encuentra el grano; si lo tiene la que ha estado bajo la almohada, el novio se casará con ella, si es la del pozo el novio *está entre dos aguas* (frase que significa *indeciso*) y si es la de la puerta, el novio no se casará con la muchacha» (Andaluzia). (*Biblioteca de las trad. pop. españolas*, vol. I, págs. 253-254, e «Supersticiones pop. Andaluzas», in *El Folk-Lore Andaluz*, pág. 340).

sem dizer nada, para ser feliz. Enquanto se procura o trevo, dança-se e canta-se (1).

212. No *Verdadeiro e último Livro de S. Cypriano*, vem assim: «Na véspera de S. João procurai pelos campos uma febra de trevo que tenha quatro folhas. Logo que a encontrardes fazei um signo-samão em volta d'ella e deixai-a ficar até á noite. Quando, porém, os sinos tocarem á Santissima Trindade, voltai junto d'ella e dizei a oração seguinte. Começai por fazer o credo em cruz sobre o trevo, isto é, a dizer o credo e a fazer cruzes com a mão sobre o dito, etc.». Segue-se a «Oração» e uma «Prevenção» (2).

213. À meia-noite da véspera de S. João, ou ao meio-dia do dia de S. João, colhe-se, ao acaso, um punhado de trevos. Se entre êles vier o de quatro fôlhas, é sinal de felicidade (Viana-do-Castelo).

214. Quem encontrar um trevo de quatro fôlhas, na manhã de S. João, é afortunado (3). Lá diz a cantiga:

O trevo das quatro fôlhas
quem o encontrar tem fortuna;
eu já o encontrei uma vez,
não vi fortuna nenhuma (4).

A fortuna, para as raparigas, está no casamento, — bom, é de ver, e o achado do trevo de quatro fôlhas vale todo o ano,

---

(1) Para apanhar a «semente do feto», na noite de S. João, diz-se no *Livro de S. Cipriano*, que se risca, debaixo da planta, um signo-samão, dentro do qual hão de caber as pessoas que assistam à operação. Vid. *O Verdadeiro e último Livro de S. Cypriano*, «única ed. completa», Pôrto, 1881, págs. 135-136. Cfr. **245, 247, 248** e **251.**

(2) *Obra cit.*, págs. 139-140. As virtudes do trevo são as da «semente do feto», diz o mesmo *Livro* (pág. 138), as quais vêm lá exaradas (págs. 137-138). — Vid. **251** e **252.** — A propósito do signo de Salomão traçado no chão, vid. J. Leite de Vasconcelos, *Signvm Salomonis*, Lisboa, 1918, pág. 41.

(3) Cfr. Alberto V. Braga, *De Guimarães — Tradições e Usanças pop.*, I, Espòsende, 1924, pág. 182.

(4) Informação do Sr. Alberto V. Braga.

embora pelo S. João valha mais. «Quem achar o trevo de quatro fôlhas, casa nesse ano» (Arcos-de-Valdevez) (1).

215. O trevo de quatro fôlhas, colhido em a noite de S. João e colocado sôbre a pedra de ara, faz que se despose a pessoa desejada (2).

216. Nas *Tradições populares de Portugal*, do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, vem assim: «Qem quiser casar com a pessoa desejada, deve pedir isso ao levantar a Deus, pondo primeiro debaixo da *pedra d'era* (pedra d'ara) o trevo de quatro fôlhas colhido na manhã de S. João» (3).

217. Como é sabido, a fôlha do trevo é de três folíolos (género *Trifolium*, *L.*), e só excepcionalmente apresenta quatro *folíolos*, aos quais o povo chama «fôlhas».

---

(1) *Lusa*, I, pág. 65. Artigo de F. Alves Pereira.

(2) Rocha Peixoto, «O S. João». (Vid. **203**, nota 1). Cfr.: ... «m'a dit un croyant de Surister, on peut avec ce talisman [trevo de quatro fôlhas] se faire aimer d'une jeune fille. Il faut pour y arriver mettre la plante dans le missel qui doit servir au prêtre pour dire la messe. L'office divin célébré sur la plante lui donne des propriétés nouvelles. Il suffit de la passer un instant sous les narines d'une jeune fille pour qu'elle devienne amoureuse de l'heureus possesseur du trèfle à quatre feuilles». Jules Feller, «Flore populaire wallonne», in *Bulletin de Folklore*, órgão da «Société du Folklore Wallon», tômo II, pág. 218.

(3) Pág. 213, *e)*. — A respeito do trevo, cfr.: «En Wallonie, le trèfle à quatre feuilles trouvé à la Sainte-Jean par une jeune fille lui assure un époux dans l'année». (P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, vol. III, Paris, 1906, pág. 477). «La croyance à des présages de la trouvaille des trèfles à quatre feuilles, partagée par des civilisés, est fort répandue. Elle était courante au XV[e] siècle: Celui ou celle qui trouve le trèfle à quatre feuilles, s'il le garde en reverence, sachiez qu'il sera heureux et riche toute sa vie. En Lorraine, comme dans le Valois, celui qui le cueille à l'heure de minuit sera bientôt marié. La jeune bretonne qui cherchant des primevères pour savoir si elle se mariera dans l'année, en rencontre une à sept pétales, est assurée de trouver un époux avant l'an révolu». (*Id.*, *ibidem*, III, 513). — Àcêrca da acção amorosa do trevo de quatro fôlhas, vid. ainda a mesma *obra*, III, 488.

218. Maria (malmequer). — Colhe-se uma *maria*, isto é, um malmequer, à meia-noite da véspera de S. João, e vai-se esfolhando, e dizendo sucessivamente por cada «fôlha» (1) que se arranca: *Bem me quer — mal me quer — muito — pouco — nada — amor — amizade — indiferença — ódio*. A expressão que tocar à última «fôlha» responde ao que se deseja saber àcêrca do sentimento do namorado (Viana-do-Castelo). É prática geral, de todo o ano, com variantes nos dizeres, — mas no S. João tem valor especial (2).

218-a. Também se diz ao esfolhar o malmequer, à meia-noite do S. João: *Eu te amo — e tu me amas — eu sou firme — e tu me enganas* (Algarve).

219. Milho. — Na véspera do S. João, à meia-noite, põe-se ao *rol* (relento) uma espiga de milho. De manhã, vai-se ver: se estiver murcha, ainda faltam muitos anos para o casamento; se estiver direita, o casamento não tarda (Pôrto).

220. Junco. — Serve para experimentar o amor de dois *conversados* (namorados), em Vila-Cova-de-Carros, no concelho de Paredes. Cortam-se, em a noite de S. João, dois pedaços de junco verde, o mais iguais possível, representando um o *conversado* e o outro a *conversada*. Depois, unem-se com uma

---

(1) O que o vulgo chama «fôlha» (e os letrados «pétala») é aqui «uma flor», pois o malmequer é conjunto de flores, chamado cientìficamente «capítulo».

(2) Cfr.: «Actuellement la formulette: «Il m'aime un peu, beaucoup, passionnément, point du tout», est usitée en ville comme à la campagne: en Normandie, les filles la récitent en arrachant une à une, les pétales de la grande pâquerette, qui y porte le nom gracieux de: «Il m'aime»; en Poitou, la phrase adressée à la pâquerette est «Elle m'aime un peu, beaucoup, par fantaisie, par jalousie, pas du tout». Certains en Wallonie effeuillent le bouton d'or, ou les épillets de l'ivraie. A Genève on interroge ainsi la «franche marguerite»: M'aimes tu? — Je t'aime — Un peu — Beaucoup — Passablement — Tendrement — Passionnément — Rien du tout......». P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, III, 503, — página em que há mais para ver sôbre o assunto. — «Dans la Gironde, on effeuille une feuille d'acacia en disant: «Elle m'aime, — Un peu, — Beaucoup, — Passionnément, — A la folie, — Pas du tout». *Id.*, *ibidem*, 395-396.

linha. O junco que de manhã estiver mais crescido é o que denota maior amor [1].

221. Na Covilhã e em Castelo-Branco também se faz esta experiência.

222. Quadras alusivas:

1

Dizem que me queres bem,
inda o hei de 'sp'rimentar:
na noite de S. João
junco verde hei de cortar.

2

Não corte-lo junco verde
que não é 'sp'rimentação:
se tu queres 'sp'rimentar,
'sp'rimenta o meu coração [2].

223. Fogueiras.—Já se têm registado diversas tradições em que entram fogueiras. Outras, agora, em que o lume, representativo do Sol fecundante, toma parte, para assim dizer, exclusiva.

---

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos*, I, págs. 70-71, e *Tradições populares de Portugal*, pág. 111, *e)*.

(2) Vila-Cova-de-Carros. J. Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Port.*, *loc. cit.*—Cfr.: «Vers le milieu du siècle dernier les jeunes liégeoises se réunissaient le premier mai, au lever du soleil, pour «lier le jonc»; elles cheminaient vers les confins d'une prairie, du côté où un buisson d'églantier abritait le mieux un gazon frais et touffu; chacune d'elles choisissait trois brins d'herbe dont elle coupait les extrémités pour leur donner la même longueur, puis elle attachait à chacun d'eux un fil de soie de couleur différente. Le noir représentait le célibat, le rouge l'amant inconnu, le vert l'objet secret des vœux; après dix jours d'attente, l'oracle se prononçait par celui des trois brins qui avait surpassé les deux autres en hauteur. Cette pratique avait lieu aussi la veille de l'Ascension, et les trois brins d'herbe étaient liés par des cordons de couleur différente. Ces couleurs représentaient trois amoureux (ou amoureuses) de la personne qui liait le jonc. Le lendemain, le brin d'herbe qui avait grandi plus que les autres designait le futur mari ou la future femme; si les trois brins étaient restés de la même longueur, aucune des trois personnes ne devait épouser l'opérateur». P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, III, 506-507.

224. Em Portalegre, em a noite de S. João, as raparigas solteiras, quando vão visitar os *altares*, saltam três fogueiras, para serem felizes. No que elas pensam é no casamento. Os *altares (tronos*, ou *cascatas)* são ao ar livre.

225. Na Galiza, as fogueiras *(fogueiras, lumes, lumeiradas*, ou *cachelas)* de S. João «fan qu'as rapazas casen dentro do ano», cumprindo «choutar por riba»; «âs veces din que compre choutar certo número de veces, sempre impar, unha vez pra un lado, outra vez pra outro». «As rapazas, pra casaren no ano, teñen que choutar sen tocaren na flama» (1).

226. Pròpriamente, o «saltar as fogueiras» é para melhor se transmitir ao corpo — aos órgãos da geração — o poder fecundante do fogo. Hoje, porém, obliterada essa ideia primitiva, o saltar das fogueiras relaciona-se com o *casamento*, é certo, mas sem intenção genésica.

227. Imagem do Santo. — Compra-se um S. João de barro, e no dia dêsse santo, ao meio-dia, ata-se-lhe um fio ao pescoço e deita-se ao poço, deixando fora dêste a extremidade livre do fio, — isto para que o Santo consiga um

---

(1) Vicente Risco, «Notas en col do culto do lume na Galiza», in *Homenagem a Martins Sarmento*, ed. da Sociedade de «Martins Sarmento», de Guimarães, 1933, pág. 347. — Cfr.: «*Les feux des Brandons*.... Entre Loire et Allier, les jeunes gens se contentent de confectionner un énorme bonhomme en paille représentant Carnaval, de lui poser un masque sur la tête, de le promener ensuite dans toutes les rues du village et, le soir venu, de le brûler sur la place publique. Lorsque le feu commence à s'éteindre, les jeunes filles qui désirent se marier dans l'année doivent sauter par-dessus le brasier». A. Desforges, «Notes de Folklore nivernais», in *Revue de Folklore Français et de Folklore Colonial*, tômo IV, pág. 225. — ... «dans la plupart des localités, allumer des feux de joie, danser autour en chantant et sauter par-dessus, ce dernier rite donnant, dit-on, à un jeune homme ou à une jeune fille l'espoir de se marier dans l'année, ou tout au moins le plaisir de compter sur l'amour de la fiancée ou du fiancé qu'ils ont choisis, c'est à cela seulement qu'on se borne, aujourd'hui, lorsqu'on fête la Saint-Jean ou la Saint-Pierre (29 juin)». A. Demont, «La Saint-Jean et la Saint-Pierre en Artois», in *Revue de Folklore Français*...., IV, págs. 244-245.

noivo. Logo que apareça o noivo, retira-se a imagem da água (Chaves).

228. Coisas destas praticam-se todo o ano. Maltratam-se os «santos», para os obrigar a atenderem os pedidos que lhes fazem.

229. Para questões de casamento, o «Santo António» é o mais procurado. «Namorada que se apega com Santo António e que do Santo não obtem o ser-lhe propicio nos seus amôres, tem um meio muito facil de o tornar favoravel; pol-o á chuva, apeal-o do oratorio, ou voltar-lhe a cara para a parede» (1). Etc.

230. Aparição do futuro marido. — A rapariga que deseje saber com quem há de casar, deve em a noite de S. João pôr uma mesa numa divisão da casa às escuras, e aí ficar sem dizer nada a ninguém e sem ninguém saber. Na mesa haverá ceia para duas pessoas, e dois talheres. Ao dar a meia-noite, a rapariga começa a comer, e nessa ocasião aparece no lugar vazio, a comer também, a figura do homem que há de casar com ela (Lisboa) (2).

231. Deita-se a rapariga, em a noite do S. João, e deixa a vela acesa. Quando acordar do primeiro sono, pica-se num dedo, e verte o sangue na luz da vela. A luz apaga-se, e vê-se no espelho o homem com quem se há de casar (Pôrto) (3).

---

(1) F. X. d'Ataíde Oliveira, *Monografia de Paderna ou Paderne do concelho de Albufeira*, Pôrto, 1910, pág. 199. — Cfr.: «Para que salgan novios á una mujer, ésta encenderá dos luces á San Antonio, ó meterá una imágen del mismo Santo en un pozo, amarrada con una soga. Copla popular:

Fuiste tú la que metiste
Á San Antonio en el pozo
Y lo *jartaste* de agua
Pá que te saliera un novio».

«Supersticiones pop. andaluzas», por Alejandro Guichot y Sierra, in *El Folk-Lore Andaluz*, pág. 201. — Àcêrca de tais meios de coacção, vid., por ex.: *Rev. d'Ethnol. e de Glottol.*, págs. 149-150.

(2) *O Positivismo*, II, pág. 340.

(3) Em Sevilha: «A las doce de la noche de la víspera de San Juan la jóven que desee averiguar quién será su novio pondrá al sereno un lebrillo de agua clara, mirará dentro y verá el rostro de su futuro novio» (*Biblioteca de las trad.*

232. Peneira. — Eis a consulta à *Peneira da Divindade:* Ao meio do aro da peneira espeta-se uma tesoura, com as alavancas em X, de maneira que, por ela, se possa suspender a peneira. Dentro desta, coloca-se um têrço (de contas), um bocado de pão e uma moeda com cruz (cruzado antigo, ou qualquer moeda que tenha a cruz de Cristo). A peneira, assim preparada, passa-se, em cruz, pelo fumo da fogueira, dizendo-se: «Em louvor de S. João, S. Pedro e S. Paulo». Duas pessoas, colocadas por trás da peneira, suspendem-na com os dedos indicadores, postos por baixo das asas da tesoura, conservando-se a peneira em equilíbrio. Então, a pessoa, que pretende interrogar a peneira, coloca-se em frente dela, pensa no que deseja saber, sem dizer nada aos circunstantes, e faz duas cruzes com a mão, diante da peneira, exclamando ao mesmo tempo: «Peneira da Divindade, diz-me lá se isto é verdade». Sendo verdade o que se pensou, a peneira gira com lentidão no sentido do eixo vertical, às vezes tam acentuadamente, que tem de se segurar, para não cair dos dedos das pessoas que a suspendem. Não sendo verdade o que mentalmente se desejou saber, a peneira fica imóvel. As consultas que se fazem à peneira são, em geral, de natureza amorosa, — mas muitas outras, de vária espécie, se podem fazer (Beja) (¹).

233. Variante, que transcrevo de *A Tradição:* Dos bicos de uma tesoura, que duas raparigas seguram ao de leve com

---

pop. españolas, vol. I, pág. 254, e «Supersticiones pop. andaluzas», in *El Folk-Lore Andaluz*, pág. 411). — Em Burgos (Espanha), a rapariga coloca-se em frente ao espelho com uma vela na mão, e chama por diversos rapazes; o que há de ser o futuro marido aparece no espelho. — Àcêrca do aparecimento do futuro marido na água das fontes, vid. P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, vol. II, Paris, 1905, pág. 252. — No Franco-Condado, na véspera de Santo André, a rapariga, para ver o futuro marido em sonho, coloca, antes de se deitar, um espelho debaixo do travesseiro; em Délémont, a rapariga também coloca o espelho debaixo do travesseiro (vid. *Revue d'Ethnographie et des Traditions populaires*, Paris, Ano IX, 1928, pág. 23). Vid., êste ano da mesma revista, pág. 24. — Cfr. **Sonho** e **197**, nota.

(¹) Informação do Sr. Dr. Mira Galvão.

dois únicos dedos, está suspensa pelo aro, verticalmente, a misteriosa peneira contendo um rosário, uma fatia de pão e uma mão-cheia de sal. Acabada de soar a última badalada da meia-noite, fala assim uma das raparigas, a mais interessada na operação: — Em louvor de S. Pedro e S. Paulo, e Jesus Sacramentado, e as Ondas do Mar Salgado, diz-me Peneira, sim ou não: (e aqui se formula expressamente a pregunta do que se deseja). Uma volta arrebatada da peneira, que por si só se move *(sic)*, é resposta afirmativa; a imobilidade importa negação. Há quem interrogue a peneira, para se informar da boa ou má sorte, que espera determinada criatura; para averiguar se sim ou não aparecerá certa cousa perdida, etc. A diferença está meramente na pregunta (Serpa) (1).

234. Cfr. com as seguintes *Sortes da tisoura e pineira*, que vêm no processo do feiticeiro de Évora, Luis de la Penha (2): «Tomarão huma tisoura e metellaam crusada numa jueira ou pineira e dirão: por sam pedro e por sam paullo, e por sam pullão e por sam pero pullaõ e pollos sinquo planetas do mundo que se he tal cousa anomeiāndo-a o que querem saber que tu andes para a parte direita, e se não he tal cousa que estejas queda, isto ditto sinquo vezes sôbre a tisoura tomarão pelos ellos a tisoura com os dedos» (3).

235. No *Livro do S. Cipriano*, não falta o *Modo de preparar uma peneira para adivinhar, como fazia S. Cypriano depois que era santo.* Ei-lo: «Pegai n'uma peneira, cravai-lhe uma tesoura no arco que fique bastante aberta, depois peguem com os dedos (isto é, um de cada lado) cada um com seu dedo, depois dizei o credo em cruz sobre ella, ambos os que querem adivinhar, depois dizei: Peneira que peneiras todo o pão da christandade, peço-vos eu, Senhor, pelas tres pessoas distinctas da Santissima Trindade que me não faltes á verdade para gelão traga matão vaes do pauto a chião a molitão, possa esperar para entregar ao principe Lucifer. Depois de ter dito estas palavras, fallai para a peneira d'esta maneira: Quero que me digas se isto é verdade ou se eu tenho de ser casado, se tenho vira-te para acolá, se não tenho vira-te para

(1) *A Tradição*, I, pág. 140.
(2) Já cit. Vid. **121.**
(3) *O Positivismo*, III, pág. 205.

alli; em fim perguntai o que desejaes saber; só não adivinha o que está para acontecer» [1].

236. Lê-se n-*Os Fastos*, de Ovídio e Castilho [2]: «*Coscinomancia*, arte de adivinhar por uma joeira, crivo, ou peneira encantada, a qual atavam a uma tenaz e alevantavam ao ar com dois dedos para descobrir algum delicto; se emquanto se proferiam alguns nomes, a joeira acenava, esse era o criminoso; como notam Bulengero [Liv. III *de divisut*, cap. XXXI], e Cuvasrubias [*de fals. proph.*]».

237. Consulta semelhante, mas com calçado: Pega-se numa chinelo (ou num sapato) e dependura-se do palhetão de uma chave, sustida verticalmente pelos dedos indicadores, que a comprimem, pelas pôlpas, abaixo da asa. E diz-se:

Chinelinha da verdade
e chavinha da virgindade,
pelas três pessoas divinas
da Santissima Trindade,
declarai-me esta verdade...

Declara-se então o que se deseja, e termina-se: Se tiver de acontecer o que se deseja, que o sapato se desvie para a direita; se não tiver de acontecer, que se desvie para a esquerda (Vila-Nova-de-Gaia).

238. Sonho. — Deita-se a pessoa de costas, a rezar a qualquer santo da sua devoção, e deixa-se adormecer, sem nunca se voltar e conservando os braços cruzados sôbre o peito. O sonho que tiver será a revelação do futuro (Setúbal) [3]. — ¿Em que desejarão sonhar as raparigas?

239. No que desejam sonhar as raparigas, declara-o a seguinte quadra, que, na Madeira, elas dizem, em a noite de Santo António, antes de adormecer:

Ó Sant'Antoninho,
fazei-me sonhar,
num doce soninho,
com quem vou casar [4].

---

[1] *O Verdadeiro e último Livro de S. Cypriano*, «única ed. completa», Pôrto, 1881, pág. 91.

[2] Tômo III, Parte I, Lisboa, 1862, pág. 322.

[3] *A Tradição*, III, pág. 25.

[4] Visconde do Pôrto da Cruz, «Crendices, Superstições

240. Boliana, moliana.—No dia de S. João, ao meio-dia, a rapariga vai ao campo, corta uma haste de *boliana*, e planta-a em casa, num vaso, dizendo:

Deus te salve, *boliana*,
no dia de S. João,
que dentro dum ano esteja rica
com um belo coração.

Salva-a (saúda-a) durante nove dias com estes dizeres. Ao fim de um ano, qualquer rapaz que se chame *João* cortará com os dentes a *boliana*, e dirá:

Pena colhida
na noite de S. João,
dai-me felicidade
e *tem* de mim compaixão (1).

Faz-se da cana cortada uma pena, e sempre que se deseje obter boa resposta, é com ela que se deve escrever a carta (Viana-do-Castelo).

241. Em a noite de S. João, a rapariga planta um pé de

---

e Costumes do Arquipélago da Madeira», in *Arqueologia e História*, VIII, pág. 88.—Àcêrca da aparição do futuro marido em sonho, vid. P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, I, págs. 57-59; II, pág. 252; e III, págs. 235, 350 e 514.—Cfr.: «.... [Na véspera de S. João] ceremonias escandalosas para saber si casarán en el lugar, ó fuera de él; executando otros lo mismo en la Vigilia de San Nicolas Obispo. Para el mismo fin practican el ayuno, que llaman de los *Angeles blancos* hincandose de rodillas en un barreño de agua, y diziendo ciertas oraciones, creen se les revela en sueños lo que desean saber;».... M. L. Wagner, *Sopra alcune pratiche magiche in Sardegna*, pág. 8.—Cfr. ainda: A. van Gennep, «Le Cycle préhivernal dans les Croyances et Coutumes populaires de la Savoie», in *Revue d'Ethnographie et des Traditions populaires*, Paris, Ano IX (1928), págs. 23-24. —Vid. **231**, última parte da nota 3, e **197**, nota.

(1) Nesta quadra coexistem os tratamentos de *vós* e *tu*, o que por vezes sucede nas cantigas populares. Ao facto aludi nas *Flores de Portugal—Colecção de cem das mais lindas cantigas do Povo Português*, Pôrto, 1926, pág. 17.

boliana num caco, ou num vaso qualquer, onde prèviamente tenha deitado uma moeda com cruz. Se, mais tarde, fizer uma caneta com a haste dessa planta, terá sorte em tudo que tratar, servindo-se dela (escrevendo) (Amarante).

242. Variante n-*O Positivismo*: A erva moliana dá flor a que chamam *pena da moliana*. Corta-se em a noite de S. João, entre as onze e a meia-noite, e deve sair-se, com ela, a barra do Pôrto três vezes (sair e entrar), àquela mesma hora. Depois, leva-se a uma igreja e mete-se debaixo da pedra da *era* (ara) no altar, para o padre sôbre ela dizer a missa. Então, escrevendo com aquela pena (flor) uma carta a qualquer pessoa, tem-se tudo quanto se quere e nessa carta se pede (Lavadores) [1].

243. *Boliana*, ou *moliana*, é, salvo êrro, adulteração de *valeriana*.

244. **Feto.** — Para se saber o que se deseja, pode-se empregar o feto-real: «Na noite de San João, segundo a crença popular, o «feto real» (planta) larga a flôr á meia noite. É costume estender-se um lenço por baixo da planta para a flôr, que tem grandes virtudes, cair n'elle. Mas é muito difficil depois ir buscar o lenço, por causa das bruxas que o não consentem. No entretanto se lá se pode chegar, apanha-se a flôr, mette-se dentro de um canudo de lata, e quando se quer saber alguma cousa, vae-se ao canudo porque se sabe logo» (Oliveira-do-Hospital) [2].

245. Variantes citadas nas *Tradições pop. de Portugal*, do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos: «*c)* Quem na noute do S. João, á meia-noute em ponto, apanhar a semente do feto real (*Osmunda regalis* Lin.), alcançará tudo o que quizer. Nessa noute reunem-se junto do feto-real o Diabo e varias sombras a dançar, e é muito perigoso passar por alli nessa occasião (Maia). *d)* Segundo uma versão de Gondifellos só na noute de S. João é que cae a semente á *feitelha*, á meia-noute, porque vae o Diabo sacudi-la. A pessoa que quizer apanhar a semente, estende um lenço debaixo da *feitêlha*, prêso não sei como, para o Diabo o não levar; ao lado risca-se no chão um *sanselimão* (signo-samão), e a pessoa

---

(1) *O Positivismo*, IV, pág. 224. — Cfr., adiante (**244** e segs.), o uso da «flor» do feto real.

(2) *O Positivismo*, II, pág. 337.

mette-se dentro para o Diabo não empècer.—Segundo uma variante de Gaia, o lenço é posto dentro do sanselimão» ([1]).

246. Variantes em que a «semente» do feto possui fôrça atractiva:—Há quem diga em algumas terras do Minho que o feto.... deita semente invisível, que só na noite de S. João cai com as sacudidelas do diabo. Como é à meia-noite que o espírito maléfico faz aquela diabrura, alguém mais animoso vai, antes da hora fatal, pôr debaixo de qualquer feto um guardanapo com 120 réis em prata em cada ponta; leva espada à cinta, que depois tira para com ela fazer cruzes na retirada, pois a não ser assim, ai dêle! seria agarrado e feito em quartos por Satanaz. E como não é bom esperdiçar, e seja agradável, por outro lado, possuir um objecto com fôrça atractiva, no dia imediato vai o mesmo atrevido mortal, mas já sem susto, apanhar outra vez o guardanapo e dinheiro, trazendo de mais a mais a semente, a que ficou a virtude de atrair para o dono dela quem lhe esteja próximo ([2]).

247. Em Avintes, na noite de S. João, à meia-noite, as raparigas vão colhêr a *semente do feito* (feto). Põem debaixo do *feito* um guardanapo de olhos com uma moeda de doze vinténs, de prata, em cada ponta, e um *sino-saimão* no meio. Depois, à meia-noite, sente-se um grande barulho e uma voz, que é o demónio, dizer:—«¿Colhes tu, ou colho eu?» Se a rapariga disser: «Colhes tu», nunca mais aparece, mas se disser: «Colho eu», então cai uma *semente*, e com ela encontram-se as pessoas que se querem, as quais vão para onde a gente desejar. A esta tradição se refere, com certeza, a seguinte quadra, ouvida em Lavadores (perto do Pôrto):

Meu Amor, não vás a Avintes,
nem p'ra lá tomes o jeito;
olha que as môças de lá
trazem a semente do feito! ([3])

([1]) Pág. 110. Cfr. a nota aposta nesta mesma página.—Acêrca do signo de Salomão traçado no chão, vid., como já notei (**212**, nota), *Signvum Salomonis*, do mesmo Autor, Lisboa, 1918, pág. 41.

([2]) *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1861, pág. 181.

([3]) *O Positivismo*, IV, pág. 114. Artigo «Tradições populares portuguesas», de Z. Consiglieri Pedroso.—No *Folclóre*

248. Outra variante: Na véspera de S. João, em certa povoação do concelho da Feira, dois indivíduos de espada em punho dirigem-se a um bosque, estendem uma toalha no chão, e colocam-lhe em cada ponta uma moeda de doze vinténs em prata; depois desenham na terra um sino samão e colocam-se em cima dêle. Quando dá meia-noite, dizem, passa pelo ar um cardume de demónios, seguidos de um vento impetuoso, e clamam: — «Colheis vós, ou colhemos nós?» Ao que respondem imediatamente os dois indivíduos: «Colhemos nós», enrolando ao mesmo tempo a toalha e dando às de viladiogo. Sendo dia, desenrolam a toalha, e encontram certa semente, que denominam do feto. Esta semente tem uma virtude maravilhosa, porque, tocando com èla em alguma rapariga, não deixa esta de ceder aos malévolos intentos do que a persegue.... (1).

249. Quando uma rapariga não quere bem a um rapaz, êle atira-lhe com a semente [do feto], e ela «fica logo tôla» (2).

250. A semente do feto (ou *feitelho*) colhida na noite de S. João torna amado aquele que a possui (Figueira-da-Foz) (3).

251. O *Livro de S. Cipriano* traz um capítulo àcêrca de «Encantos e mágica da semente do feto e suas propriedades». Aí se lê: «Eis-aqui o que se ha-de fazer para se apanhar a semente do feto na noite de S. João: Na noite de S. João, ao bater da meia-noite em ponto, poreis uma toalha debaixo d'um feto onde deveis já ter um signo-samão, riscado debaixo do feto, o qual deveis abençoar em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, para que o demonio não possa lá entrar dentro do dito risco. Depois de feita a mesma operação, met-

---

da Figueira da Foz, de M. Cardoso Martha e Augusto Pinto, vem esta variante da quadra (tômo II, pág. 80):

Não vás à feira de Avintes
nem pra lá botes o jeito;
olha que as môças de Avintes
têm-na semente do feito.

(1) *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1876, págs. 204-205.

(2) J. Leite de Vasconcelos, *Signvm Salomonis*, Lisboa, 1918, pág. 41, nota 3.

(3) M. Cardoso Martha e Augusto Pinto, *Folclóre da Figueira da Foz*, II, pág. 80.

tereis dentro do risco, o qual deve ser da largura precisa, as pessoas que assistirem a esta ceremonia. De modo que as pessoas que pretenderem a dita semente devem dizer a Ladainha dos Santos em voz alta para fazerem retirar o demonio, que vos virá assustar para que não consigaes o que quereis, porém cantando a dita Ladainha dos Santos todos os demonios se retirarão. No fim d'esta operação reparti a dita semente sem que haja soberba nem contendas, do contrario fica a semente sem virtude alguma» (1). Seguem-se as *Palavras que todos devem dizer com o rosto sôbre a semente do feto* (2).

252. E depois vem a *Explicação das virtudes e maravilhas de que é dotada a dita semente*. Transcrevo estas: 1.ª — Tôda a criatura que obtiver esta semente, se tocar com ela uma outra pessoa com má intenção, pecará mortalmente pelo motivo de se servir com um mistério divino para contrair ofensas contra a humanidade, como tocar uma qualquer mulher casada ou solteira, para a levar para qualquer parte com má intenção.... 6.ª — A semente tem uma virtude oculta e que obra por um poder quási divino e vem a ser da maneira seguinte: suponhamos que há uma menina com a qual um qualquer indivíduo simpatiza, mas a jovem menina não simpatiza com êle. É muito simples fazer com que a dita menina fique simpatizando com o indivíduo de quem ela não gosta. Faça da maneira seguinte: Quando estiver a conversar com ela, atire-lhe com três grãos de semente de feto, que daí em diante jamais a dita menina o largará.... 8.ª — A semente do feto tem tantas propriedades que se não podem explicar. Só quem possuír a dita semente é que pode dar informações. Entendo eu, leitores, que basta de explicações sôbre a dita semente, e rematarei em duas palavras: A semente tem virtude sôbre tudo que o possuïdor desejar (3).

253. Os fetos, como é sabido, não dão flores, nem sementes portanto. Reproduzem-se por «esporos». Estes caem no solo, depois de abertos os «esporângios», saquinhos onde êles se formam. — No género *Osmunda*, L. (o feto-real é a espécie *Osmunda regalis*, L.), os «soros», agrupamentos de espo-

(1) *O Verdadeiro e último Livro de S. Cypriano*, «única edição completa», Pôrto, 1881, págs. 135-136.

(2) Págs. 136-137. — Cfr. **211** e **212**, notas.

(3) *Loc. cit.*, págs. 137-138. — Cfr. **212** e respectiva nota.

rângios, dispõem-se nos segmentos superiores das fôlhas, reduzidos às nervuras, —tomando essa parte superior esporífera a forma de panícula (X. Coutinho, *A Flora de Portugal*, pág. 44), isto é, de cacho com os ramos decrescentes a partir da base. Disto virá dizer o povo que o feto possui «flor» (¹).

254. Fontes. —Fêz-se referência à «Fonte de S. João», de Vila-de-Conde, em **202-203**, mas trata-se, aí, especialmente do arremêsso de pedras. Devem, porém, existir superstições àcêrca de consultas amorosas às fontes, pelo S. João. É o que se infere dos seguintes romances trasmontanos:

MANHANINHAS DE S. JOÃO

Manhaninhas de S. João,
pelas manhãs da alvorada,
Jesus Cristo se passeia
ò redor da fonte clara.
Por sua bôca dizia,
por sua bôca falava:
—«Bem ditosa da donzela
que à fonte fôr buscar água!»
Ouvira a filha de el-rei
d'altas tôrres donde estava.
Pegou em cântaro de ouro
e à fonte foi buscar água;
atreveu-se e *prèguntou-lhe*
se havia de ser casada.
—«Casadinha haveis de ser,
muito bem afortunada;
três filhos haveis de ter,
todos de banda e espada:
um será bispo em Roma,
outro cardeal em Braga;
o mais novinho de todos,
servo da Virgem Sagrada.

(Vinhais) (²).

MANHÃ DE S. JOÃO

Na manhã de S. João,
levantou-se a Virgem Sagrada,
pegou no seu cantarinho,
foi à fonte benzer água.
Ouviu-a a filha do rei,
nas altas tôrres onde estava;
vestiu vestidos de sêda,
calçou chinelas de prata;
pegou no cantarinho de ouro,
foi à fonte buscar água.

(¹) Cfr. ainda a seguinte superstição brasileira: «A arruda dá flor no dia de S. João, mas o diabo vem buscá-la na hora em que desabrocha, e por isso é que a não achamos». *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1864, pág. 284.

(²) Abade José Augusto Tavares, «Romanceiro trasmontano», in *Rev. Lusit.*, IX, 308. A variante, lá citada, pertence ao romance que, a seguir, transcrevo.

Lá no meio do caminho
com a Virgem se encontrava:
— «Diga-me aqui, Senhora,
se tenho de ser casada».
— «Casadinha hás de ser,
muito bem afortunada;
quatro filhos hás de ter
todos de capa e espada:
um, bispo; outro, *cebispo*;
outro, cardeal em Braga;
o mais novinho de todos
ficará para tua garda.

(Poiares) (1).

255. Como é sabido, as águas das fontes, no S. João, têm a virtude de aformosear as raparigas, mas estas superstições, embora relacionadas com o amor e o casamento (as raparigas querem ser bonitas para agradar aos homens), já não estão no programa dêste trabalho (2).

*
* *

256. Àcêrca do «S. João», tem-se escrito com abundância extraordinária, por tôda a parte. Os paralelos de tradições populares de Portugal e de tradições correntes em países estranjeiros poderiam, por isso, multiplicar-se com facilidade, copiosamente.

257. Limitei-me a alguns paralelos, apenas, — no âmbito a que se restringe o presente trabalho, claro é —, para amostra e confirmação da semelhança ou equivalência de tradições em lugares diversos, e, sôbre isso, para: 1.° se verificar que, grande parte das tradições, consideradas como do «S. João» em determinados lugares, são de todo o ano noutros lugares, ou até naqueles mesmos, atribuindo-se-lhes *valor* especial naquela ocasião; 2.° acentuar a correspondência do «S. João» e do «Natal», ou, melhor, dos solstícios do Verão

(1) *Idem*, *ibid.*, pág. 313. Êste romance, afinal, é variante do antecedente. — Já em **231**, nota 3, citei *le Folk-Lore de France*, de Sébillot, vol. II, pág. 252, onde se trata do aparecimento do futuro marido na água das fontes, pelo S. João.

(2) Muito agradecerei aos Leitores quaisquer informações para ampliação e melhoria dêste meu artigo, que tenciono reproduzir, brevemente, em livro. Essas informações, peço que mas enviem para a *Avenida de Camilo, 309 — Pôrto.*

e do Inverno, — as duas épocas do ano em que o Sol, pelas suas posições no curso aparente, mais impressiona a atenção do homem.

258. Em ambas as épocas, portanto, se festeja o Sol, com solenidade particular, e, por conseguinte, o Fogo — que representa na Terra o fogo do Sol, o próprio Sol, afinal (1).

259. Deve-se notar que as épocas solsticiais, etnogràficamente, são amplas, e se estendem para trás e para diante dos solstícios pròpriamente ditos.

260. Acentue-se — como acima disse — a correspondência das duas épocas solsticiais. Isso é comprovado por paralelos feitos no correr dêste meu trabalho: factos praticados aqui numa época solsticial são praticados além na época do outro solstício.

261. O culto do Fogo, no solstício do Inverno, realiza-se especialmente dentro de casa, no conchêgo do lar, — longe do frio, das intempéries; mas o culto ao ar livre também existiu, e existe.

262. Dantes, na Covilhã, em a noite da véspera do Natal, o povo acendia uma fogueira no adro da igreja onde se celebrava a missa em honra do nascimento de Jesus (2).

263. Deve-se incluir na época solsticial do Inverno a curiosa festa do fogo de Castro de Caldelas, na Galiza, em 19 de Janeiro (véspera de S. Sebastião), e a que se refere o Sr. Dr. Vicente Risco: ...«pol-a noite, todo-los mozos e rapaces, co gaiteiro diante, van con fachós de palla acesos, atados a uns lareiros grandes, e dan volta á vila.... e no Prado xuntan todol-os fachós e fan un gran lume, e xun-

---

(1) A extensão do culto do Fogo é conhecida, quer se mantenha puro, ou mascarado por santificação ou por qualquer outra forma. Recorde-se, para exemplo, o seguinte, relativo a eslavos: «A Koupalo, dieu des moissons, qui symbolisait le solstice d'été, on offrait des grains et des fruits; en son honneur, on jetait dans l'eau des couronnes de fleurs, on allumait des bûchers et l'on dansait autour des flammes. Ces fêtes se sont perpétuées sons la religion chrétienne, et saint Jean en est naturellement devenu le héros». André Lefèvre, *Germains et Slaves — Origines et Croyances*, Paris, 1903, pág. 221 (Cap. «Mythologie des Slaves»).

(2) Vid. *Rev. d'Ethnologia e de Glottologia*, pág. 9.

tase toda xente, e o gaiteiro, que tén que estar tocando todo o tempo onde o lume, e, rapaces, mozos e vellas, bailan arredor do lume»... Quando êste começa a «baixar, entón *lareiran* o lume, erguéndoo cos lareiros e botándoo pol-o aire, e cando vai acabado, que non o poden lareirar, entón bárreno pol-o piso todo»... [1].

264. Para não estar a demorar-me no assunto, citarei apenas mais as «Candeias», no comêço de Fevereiro, as quais, como noutro lugar disse já [2], deverão ser consideradas da época solsticial do Inverno.

265. No solstício do Verão, a Natureza empurra a gente para fora de casa, — e é fora de casa que o Fogo tem o seu culto. Não, absolutamente, no entanto. Também dentro de casa se poderá acender a fogueirinha na lareira (Vid. **171**).

266. Entre os eslavos, acendiam-se também fogueiras nos dois solstícios [3].

267. Enfim, as duas épocas solsticiais equivalem-se, — manifestando-se a equivalência quer nos processos de culto do fogo, quer nas tradições populares: correspondentes as praticadas em certos lugares, numa das épocas solsticiais, a outras praticadas noutros lugares, na outra época.

268. O Amor ganha vulto brilhante no solstício do Verão, — mas é a própria Natureza, o calor, a poesia das noites e das madrugadas que então mais convidam à sensualidade. Persiste o sensualismo pagão dos tempos antigos, — de todos os tempos... As divindades sensuais são eternas.

269. Por outro lado, perscrutar o futuro é do ser humano. O homem procura sempre, a cada passo, adivinhar o que virá, — e a sua fantasia tem buscado meios inúmeros para penetrar no porvir. Esses meios — na essência, con-

---

(1) Vicente Risco, *O Castro de Caldelas — Monografía xeográfica i-etnográfica d'unha vila da nosa terra*, Corunha, s. d. (Separata dos «Arquivos do Seminario de Estudos Galegos»), pág. 27.

(2) *Lusa*, II (1918-1919), pág. 22.

(3) Cfr. André Lefèvre, *Germains et Slaves*, cit., págs. 221 228. — Àcêrca do fogo nos dois solstícios, vid. também P. Saintyves, *Essais de Folklore Biblique*, Paris, 1922 (1923 na capa), pág. 38 e outros lugares do cap. I.

sultas à «sorte» (1) —, repetidos, fixados, transmitidos, tornam-se tradicionais.

270. Mas o Fogo, além das suas virtudes purificantes, terapêuticas e profilácticas (contra doenças e tôda a qualidade de malefícios); além das suas virtudes fecundantes (o que não passa, afinal, de outro aspecto das virtudes *vitais*), tem poder divinatório (2), — representante como é do Sol, o deus máximo, árbitro da Vida.

271. Ora, quando o Fogo se festeja em especial, tôdas as suas virtudes melhor sobressaem, — e adquire, portanto, singular valor a sua potência divinatória.

272. Certo, foi-se perdendo a noção primitiva de que era do *fogo* que se tiravam os oráculos, e relacionaram-se estes com a *época*, — e é por isso que na época do solstício do Verão as «sortes» se multiplicam, abstraindo-se até completamente do lume (3).

273. No solstício do Verão, em que tudo excita ao amor, as consultas amorosas adquiriram natural preponderância. E era a esta conclusão que eu desejava chegar.

Pôrto, Julho de 1934.

CLÁUDIO BASTO.

---

(1) Notei-o já em *Determinismo e previsão do sexo*, Pôrto, 1923, pág. 5, n.º 22.

(2) Cfr., por exemplo, P. Saintyves, *Essais de Folklore Biblique*, cit., págs. 3-7 e 35.

(3) Para a época solsticial do Inverno, lembrem-se, por exemplo, os prognósticos da Candelária, restos das primitivas previsões tiradas do fogo, como notei já na *Lusa*, vol. II, (1918-1919), pág. 22.

Considerações gerais sôbre a denominação, as espécies, os domínios e os processos da interjeição.

1. — Denominação da interjeição

A palavra *interjeição*, provinda do latim *interjectione-*, que significa interrupção ou interposição, indica que êsse elemento expressivo, trazido pelos romanos para o campo das categorias gramaticais, foi concebido como uma explosão afectiva intercalar, um parentese abalador do sereno discurso lógico. A designação provém, assim, da observação da língua escrita, que apresenta êsse elemento essencialmente sentimental de ordinário em meio dos essencialmente intelectuais, talqual se dá no seguinte passo literário de Aquilino Ribeiro: «Deu-me na fantasia para pôr-lhe campainhas castelhanas na barbela, cornachas de côres acima das orelhas, franjas na retranca, eh! parecia mesmo a cavalgadura dum bispo!» (1).

Muito embora, porém, essa proveniência implique de algum modo a consideração do elemento interjeccional como uma parte do discurso, não deve ser isso motivo para a sua rejeição formal. Não está certo pôr de lado a palavra *interjeição*, só porque a coisa significada não se ajusta rigorosamente ao nome significante. Não se pode pretender que no mundo gramatical as palavras tenham virtudes de rigorismo etimológico que nas outras esferas do saber humano lhes falecem. No que respeita à interjeição, como no que respeita a tantos outros problemas científicos, não é a mudança de palavra que importa, mas sim o precisar bem os fenómenos que ela titula ou simboliza.

A interjeição é uma profrase, — dando nesta palavra ao elemento *pro* o sentido que êle tem em *ponome* —, ou seja um sinal lingüístico equivalente a uma frase. Não é uma parte da oração porque vale como uma oração inteira. Assim

---

(1) *Estrada de Santiago*, pág. 75.

diz Rodolfo Lenz em *La oración y sus partes*: «As interjeições, e as primitivas como as secundárias, não são partes de oração, nem orações: devem classificar-se como equivalentes de oração» (1).

A profrase, que é a interjeição, apresenta-se sob formas diversas, que vamos procurar seriar, partindo das mais primitivas, e quási esvasiadas de conteúdo lógico, para as mais modernas e de bem visiviveis relações intelectuais, e surge em domínios diversos da actividade espiritual, que igualmente vamos focar, enumerando dentro de cada um dêles as modalidades exclamativas maiores. Devemos, porém, desde já notar que as classificações que passamos a fazer estão longe de ser rigorosas. Há categorias que naturalmente se penetram. Se a linguagem do pensamento é já cheia de complexidades e subtilezas, a do sentimento—coisa bem mais pessoal e incoercível—tem de sê-lo ainda mais. Resta-nos, no entanto, a consolação de que não é o rotular factos sòmente o que importa nos estudos lingüísticos. Ao lado dêste trabalho há outro, de mais valia ainda, que é o de lhes explicar a vida. Isto já Brunot o disse em *La pensée et la langue*: «O que verdadeiramente importa não é pôr etiquetas ou rótulos, mas compreender e ensinar a compreender não só os estados como os movimentos» (2).

2.—Espécies de interjeições

Podemos considerar os seguintes tipos interjeccionais:

1) *Formas primitivas ou puras*, como *ah! ih!*, na origem reflexos involuntários de prazer e de dôr, que tomaram depois um valor simbólico no campo afectivo: o espírito acabou por associar tais formas à representação de sentimentos, como ligou vocábulos concretos e abstractos à representação de objectos e ideias. As interjeições dêste tipo podem considerar-se os protozoários da glótica: constituem, por assim dizer, o ponto de intersecção dos processos da linguagem da animalidade inferior e dos processos verdadeiramente humanos.

---

(1) Pág. 42.
(2) Pág. 6.

A propósito da criação das interjeições primárias *s* e *x* diz Said Ali: «São a sibilante *s* e a chiante *x*, quando pronunciadas isoladamente e com certa energia, os sons da nossa linguagem mais adequados a infundir respeito e fazer emmudecer as pessoas a quem nos dirigimos. Imitam, ou antes, lembram ruidos da natureza, que, ora fracos, ora estrondosos, tantas vezes surprehendem o homem, e, pelo inesperado, o fazem parar e lhe tolhem a voz. E o homem, que aprendeu por experiencia propria, querendo por sua vez produzir effeito análogo em seus semelhantes, valeu-se desses phonemas ruidosos e creou a interjeição jussiva» (1).

Êste tipo de interjeições — em que a prehistória dos idiomas se reflecte com nitidez particular — não se limita só a formas constituídas por sons vocálicos, como a que se topa no seguinte passo do conto *O malhadinhas*, de Aquilino Ribeiro: «Pileca! Eh, haveis ainda de comer muita rasa de sal para saber o que é um cavalo?» (2).

Devem incorporar-se nêste tipo tôdas as seguintes classes de interjeições:

a) as constituídas por vogais únicas, como *oh!*; *uh!*

b) as constituídas por vogais aliadas, como *ui!*; *ai!*

c) as constituídas por consoantes uniformes, como *ss!*; *ff!*

d) as constituídas por consoantes aliadas, como *kss!*; *tch!*

e) as constituídas por sons vocálicos e consonânticos, como *uff!*; *upa!*

Deve advertir-se que, inda que originàriamente reflexos involuntários, as interjeições primárias estão longe de ser soidos naturais: as várias línguas atribuem aos mesmos fonemas valores diferentíssimos; e até dentro de cada idioma a mesma forma interjectiva é capaz dos mais diversos — e até opostos — significados. Enquanto *ai!* em português é habitualmente expressão de dôr em alemão é normalmente expressão de alegria. E *hui!* que indica no geral terror pode traduzir também a cólera — ou seja um sentimento de algum modo destruidor do mêdo, como no passo da *Farsa quem tem farelos*, de Gil Vicente, em que a velha, ouvindo a deshoras o escudeiro Aires Rosado fazer cantorias amorosas para a filha, exclama:

---

(1) Pág. 20.
(2) *Estrada de Santiago*, pág. 180.

Hui, Hui, que mao lavor!
Quem he este rouxinol,
Picanço ou papagaio? (1).

2) *Formas imitativas:*

Estas interjeições são na origem onomatopeias — o que quere dizer que são meras aproximações imitativas, não tradução exacta dos sons e ruídos naturais. Esta tradução exacta seria impossível para o homem, e por deficiência, tanto dos órgãos transmissores como dos órgãos receptores da palavra: o aparelho vocal faz uma tradução à sua maneira, conformemente à modéstia dos seus recursos, e por isso mesmo imperfeita, dos sons que o ouvido aprende; e êste, pelas insuficiências intrínsecas, tão bem postas em relêvo pela fonética experimental, e pela acção extrínseca de ideias que se imiscuem perturbadoramente, e a que os estudos de etimologia popular feitos pelos dialectologistas vieram dar vulto, falseia à entrada as impressões que vão até êle. Por outro lado êsses sons e ruídos variam com as circunstâncias: a voz do animal varia com a idade, o sexo, as espécies, os estados físicos e psíquicos. Deu por isto, o apurado ouvido de Gil Vicente. No *Clerigo da Beira*, um cão ladra *hão* e uma cadela *hau;* e o cão que ladra *hão* no *Auto da India*, depois de apanhar uma pedrada ladra *hâi*.

Estas interjeições de carácter onomatópico admitem tipos numerosos:

a) São formas simples:

já monossilábicas, como: *trus!;*
já polissilábicas, como: *catrapús!*

b) São formas repetidas:

já binárias, como: *tique, tique!*
já ternárias, como: *toque, toque, toque!*

c) São formas rimadas:

já binárias, como: *zás, pás;*
já ternárias, como: *zás, trás, catrapás.*

---

(1) Hamburgo, III, pág. 19.

e ainda:

equissílabas, como: *zape, trape*;
e de diferente número silábico, como: *zus, catrapús!*

Cumpre notar que as formas equissilábicas apresentam reversibilidade: ao lado de *zape, trape* há *trape, zape*.

d) São formas gradativas:

já binárias, como: *tique, taque*;
já ternárias, como: *pim, pam, pum*.

Estas formas gradativas são equissílabas, mas irreversíveis.

Um exemplo literário destas formações interjectivas está no seguinte passo de *O malhadinhas*, de Aquilino Ribeiro: «Eu de riba dêle, e tepe, tepe, por aqueles povos de Cristo, mais veloz que um raio, ouvia vozear das portas: «Lá vai o Diabo para fora da terra» (1).

3) *Formas desviadas da sua categoria gramatical:*

É o caso das palavras ordinárias que passaram a funcionar exclamativamente, chegando, pela infiltração progressiva do elemento emocional, a ser verdadeiras interjeições. Logo que habitualmente empregues como formas exclamativas os semantemas começam a perder conteúdo lógico: a interjeição — *safa!*, inda que provindo da forma de imperativo verbal que se vê numa frase como: *safa-te antes de te virem procurar*, a verdade é que tem com tal forma já, por assim dizer, interrompido o contacto significativo. O seu verdadeiro equivalente em função exclamativa é outra interjeição como, por exemplo, *irra!*

Estas interjeições por desvio categórico provêm principalmente:

a) de substantivos:

Atenção!
Silêncio!

b) de adjectivos:

---

(1) *Estrada de Santiago*, pág. 75.

Optimo!
Coitado!

c) de verbos, e estes essencialmente nas seguintes formas, tôdas de valor imperativo:

1) infinito: *Andar!*
2) indicativo: *Basta!*
3) pretérito perfeito: *Calou!*
4) futuro: *Jejuarás!*
5) imperativo: *Olha!*
6) conjuntivo: *Vá!*

Algumas destas formas verbais usam-se repetidas formalmente: *olha! olha!*, ou ideològicamente: *Olha! Vê!*, e por vezes atingem a combinação íntima da verdadeira interjeição, que se vê no francês *da*, dos imperativos *di* e *va*, através de *dia*.

d) de advérbios:

Bem!
Ora! Bis!

e) de conjunções:

Como!

É possível assinalar nas interjeições por desvio de categoria gramatical três fases distintas:

a) a que está na esfera habitual da manifestação dos juízos — mas a que o tom de voz imprime tons afectivos ou activos, como é o caso do imperativo-proposição:

Saia!

b) a que está a meia distância das formas primitivas e do aspecto normal de enunciação dos juízos — e é constituída pelo elemento essencial de uma frase fàcilmente completável, como:

Cuidado!

— interjeição de ordem ou de conselho equivalente a: *tenha cuidado!*

c) a que está mais perto das interjeições primárias — e em que o sentido das palavras que funcionam exclamativa-

mente se aproxima da impenetrabilidade. Tal é o caso de formações eufémicas como o francês *diantre* e o espanhol *caramba!*

Certos gramáticos tem tido repugnância em contar no número das formas interjeccionais, os vocábulos desviados de categoria. Diz Jerónimo Soares Barbosa, na *Gramatica philosophica da lingua portuguesa*: «Alguns contam no numero das interjeições tambem estas palavras *alto! animo! fora! Jesu! a Deus!* Mas ellas são discursivas, e se algumas vezes se empregam sós interjectivamente é porque são umas orações ellipticas, que com o supplemento de um verbo se completam facilmente e se reduzem ao que são» (1).

4) *Formas mixtas*:

A distinção desta categoria interjeccional é essencialmente histórica. A função das exclamações de tipo mixto é idêntica à das formas primárias, inda que na sua constituição entre um elemento desviado das categorias lógicas. Um exemplo portuguễs destas formações está em *ólá!*, que provém da interjeição primitiva *Oh!* e do advérbio interjeccionado *lá!*, e outro francês está em *Hélas!*, que provém de *Hé!*, interjeição primitiva, e de *las!* adjectivo interjeccionado.

A fase anterior, ou de elementos separados, está ainda, para o caso de *olá*, atestada por formas em que entram interjeições primitivas paralelas e o mesmo advérbio *lá*. Um exemplo é *hou! lá!*, que aparece no primeiro verso do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente:

À barca, à barca hou la!

Outro é *Eh! lá!* que aparece no seguinte passo do conto — *O malhadinhas*, de Aquilino Ribeiro: «Eh lá gentes!, — gritei desatinado para a quadrilha que me tolhia o passo, apontando-me, paus e espingardas — se alguém se atravessa está aqui está no inferno» (2).

Estas formas mixtas podem produzir outros por gradação vocálica — uma vez fusionados os elementos. É, por gradação de *Olá!* que em nosso entender deverá explicar-se *Olé*, muito em voga em Lisboa.

---

(1) *Estrada de Santiago*, pág. 71.
(2) *Estrada de Santiago*, pág. 129.

5) *Locuções — interjeições:*

Há-as muito variadas. As mais curiosas, e que são interjeições perfeitas, são as que apresentam os elementos da frase fusionados; tal o caso de *Homessa!*, elipse de *homem essa é boa!* Aparecem muitas destas formações no domínio dos eufemismos de superstição. Assim a palavra *Deus* é alterada, sempre que se considera perigoso pronunciar tão santo nome. Esta alteração surge sòmente em combinação com outros elementos lingüísticos, preposições muito em especial. Gil Vicente apresenta-nos, ao lado de *pardeos*, de *per Deus* — o *e* do elemento prepositivo passou a *a* por influência do *r* seguinte, — e que aparece, por exemplo, neste verso do *Auto da Barca do Inferno:*

Pardeos, essa seria ella? (1)

as formas alteradas:

a) pardelhas, que aparece no seguinte passo da *Farsa de Inês Pereira:*

Soma vós casais comigo
E eu comvosco, *pardelhas* (2).

b) e *pardicas*, que aparece no seguinte verso do *Auto da Barca do Purgatório:*

Pardicas, não pode al ser (3).

Deformações similares destas locuções exclamativas portuguesas surgem noutros idiomas: o galego tem *pardiola*, o espanhol *parbriós*, o italiano *perdino*, o provençal *pardinche*, o francês *parbleu*.

Outras exclamações aglutinadas, em que entra a deformação da palavra correspondente ao latim *Deus*, estão no espanhol *Sandilez*, e no francês *corbleu*, *sangbleu*, *ventrebleu*, *morbleu*.

Também no campo das coisas sagradas, como as pragas e os juramentos, as exclamações aglutinativas e deformadas

---

(1) *Idem*, I, pág. 228.
(2) *Idem*, III, pág. 154.
(3) *Idem*, I, pág. 262.

surgem. *Almanegra* altera-se em *almanicha*; e *horamala* produziu *oxamala*, forma registada por Bluteau no *Vocabulário português e latino*, e que em português — dada a manutenção do *l* intervocálico — deve ser importação do castelhano.

A verdadeira correspondente lusa é *maochas*, com a mesma alteração da vibrante para *ch*, e *s* paragógico, interjeição que aparece no seguinte passo da comédia *Ulisipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos:

Ai maochas todo vós estaes cortado (1).

Também, para tirar a *bofé*, de *boa fé*, o carácter obrigante, se deforma esta locução exclamativa em *bofá*, *bofás* e *bofelhas*. Aparecem em Gil Vicente as três formas:

a) Bofá hum bom escudeiro (2).

e:

b) Bofas samicas não sei (3)

são versos do *Auto Pastoril Português*, em que entram as duas primeiras; a terceira está nestoutro verso do *Auto da Festa*:

Bofelhas, filho, não são (4).

Formas que estão entre as formas aglutinadas perfeitas e as locuções exclamativas soltas são, por exemplo: *A d'el rei!*, ou *Qual o quê!*, que Aquilino Ribeiro apresenta nos dois seguintes passos da *Estrada de Santiago*:

Primeiro: «À del-rei, mais à del-rei! pariu ali a galega» (5).

Segundo: «Estive dois dias na cama, a água de cântaro, cozido em febre, uma cantilena zaranza nos lábios, nos ouvidos os zun-zuns das comadres de cara encapuchada: está a passar! está a passar! Qual o quê! Na manhã do terceiro dia, quando já ninguém me julgava, dou um pulo da cama» (6).

---

(1) Lisboa, 1757, pág. 120.
(2) *Idem*, I, pág. 130.
(3) *Idem*, I, pág. 132.
(4) Ed. do C. de Sabugosa, pág. 118.
(5) *Idem*, pág. 132.
(6) *Idem*, pág. 226.

Locuções de elementos soltos, que podem funcionar interjectivamente, há-as muito variadas. São das principais as formas constituídas por:

a) adjectivo e substantivo, como: *Santo Deus!*

b) dois substantivos ligados por preposição, como: *Deus do Ceu!*

c) substantivo precedido de preposição, como: *Para a frente!*

d) advérbio e pronome: *Ora esta!*

e) duas preposições: *Para trás!*

Há ainda outros tipos destas locuções interjeccionadas. Um é, por exemplo, o seguinte de forma rimada:

Ai, pai!

que aparece no seguinte passo do conto popular alentejano *Fezes e postémas*: «E conforme podia, lá ia buscar bocados de pano debaixo do Manto de Nossa Senhora e comia-os. Até que o marido salta da cama, agarra num pau, e ai pai!» (1).

6) *Frases — interjeições:*

Há-as que são interjeições perfeitas, como o português *tarrenecho!*, deformação de *t'arrenego*, elipse, de *eu t'arrenego, diabo!*, ou o francês *jarnibleu*, deformação de *je renie Dieu*.

Há depois outras frases que não sendo interjeições perfeitas se aproximam já bastante dessa modalidade, porque o segundo elemento funciona elipticamente. Um exemplo: *Eh! Aqui!*, com o sentido de: *Olhe lá; venha para aqui!*

Formas intermédias entre as interjeições perfeitas e as meras frases interjeccionadas são as começam por uma interjeição primária, muitas vezes seguida de um vocábulo tradutor de um sentimento intenso:

Ai que horror!

Deve notar-se que o elemento interjectivo puro pode em certos casos ser substituível por vocábulo carregado de afectividade. Em vez de *ai dêle!* diz-se *coitado dêle!*, com pequeno sacrifício sentimental.

Inda são incluíveis neste tipo interjeccional intermédio

---

(1) Tomás Pires, *Contos populares*, Elvas, 1919, pág. 67.

frases do tipo *ala que se faz tarde!* e em que *ala!*, forma de imperativo de um verbo morto, só tem, por assim dizer, vida interjectiva.

As formas mais freqüentes dentro desta espécie interjeccional são as que se vasam nos moldes da lingua lógica, bastando a imprimir-lhes carácter afectivo ou voluntário o tom de voz, o gesto e as demais circunstâncias ambientes. Há, no entanto, graus diversos neste campo. Uma frase como o francês *fouette cocher!* é perfeitamente equivalente à interjeição gradativa *flic-flac!*

Em português uma frase como a citada: *ala que se faz tarde!*, — que se emprega, por exemplo, em casos como o seguinte: *deu meio dia — e logo êle, ala que se faz tarde, desatou a correr para casa*, — equivale a uma interjeição onomatópica como: *trupe, trupe. Diabos te levem!* é exclamação de cólera já menos reductível a uma forma interjectiva pura: *irra!*, por exemplo, dando muito embora o estado de alma, não traduz o carácter praguento da frase inicial. E num caso como o da exclamação *Que se lhe há-de fazer?!* com que se procura consolar o irremediável desespêro de outrem, tanto importa para a tradução do sentimento de quem a proferiu a unidade de impressão que o seu sentido provoca, como o tom de voz e os gestos que lhe são auxiliares expressivos.

Nesta classe das frases exclamativas podem incorporar-se as formas que apresentam repetição de elementos, e tem carácter claramente onomatopaico. Um exemplo está em *dá-lhe que dá-lhe* — forma em que o *que* medial tem valor expletivo particular.

3. — Domínios da interjeição

As interjeições repartem-se por dois domínios psíquicos — o do sentimento e o da vontade. E dentro de cada domínio revestem ainda inúmeras modalidades. Esta classificação segundo os aspectos sentimentais e voluntários, embora necessária para o estudo dos fenómenos exclamativos, não está no entanto isenta de artificialidade. Também há algo de natureza lógica na interjeição: inteligência, sentimento, vontade são aspectos do espírito que continuamente se interpenetram e confundem. Pôr aqui em foco os dois últimos não significa negar o primeiro, mas apenas mostrar que o papel dêste é subsidiário enquanto o daquêles é essencial.

No campo das interjeições afectivas as espécies mais importantes são as seguintes:

a) *Interjeições de esperança*, como: *Deus não há-de querer! Assim o espero!*

b) *Interjeições de satisfação*, como: *Ah! Bem!*

c) *Interjeições de admiração*, como: *Bravo! Sublime!*

d) *Interjeições de espanto*, como: *Eia! Quê!*

e) *Interjeições de temor*, como: *Hi! Ceus!*

f) *Interjeições de aborrecimento*, como: *Oh! Que massada!*

g) *Interjeições de dôr*, como: *Ai! meu Deus!*

h) *Interjeições de mofa*, como: *Há! Há! Hi! Hi!*

i) *Interjeições de desprêso*, como: *Puh! Que nojo!*

j) *Interjeições de cólera*, como: *Rrr! Raios o partam!*

No campo das interjeições activas as espécies mais importantes são as seguintes:

a) *Interjeições de desejo*, como: *Oxalá!*, *Deus queira!* — e que são, no domínio da vontade, o que as interjeições de esperança são no domínio do sentimento.

b) *Interjeições de rogo*, como: *Perdão! Socôrro!*

c) *Interjeições de conselho*, como: *Cuidado! Olho!*

d) *Interjeições de ordem*, como: *Chut! Silêncio!*

Entre as interjeições de sentimento e as de vontade há várias circunstâncias diferenciantes. As duas principais são as seguintes, uma de natureza léxical, outra de natureza sintática:

a) É ao campo sentimental que pertencem quási tôdas as interjeições primárias — o que significa que êle é o verdadeiro domínio da formação exclamativa.

b) O sentimento tem como modo característico o conjuntivo, enquanto a vontade — que também utiliza êste nas formas atenuadas ou indirectas — tem como modo típico o imperativo.

4. — Processos interjectivos

A interjeição realiza-se por vários processos que, longe de se excluírem, se aliam mais ou menos largamente. Eis alguns essenciais, já fonéticos, já sintáticos:

a) *Tom de voz:*

É o mais importante dos processos — tão importante que por assim dizer dispensa outros na interjeição primária e é aos outros indispensável nos tipos interjectivos secundários

ou mais intelectualizados. *Senhor!* é, conforme o tom de voz, interjeição de súplica, de indignação ou de ameaça.

Merece relêvo particular o tom de voz interrogador, que basta para dar a certas frases o carácter exclamativo. Estas exclamações por interrogação surgem no campo da vontade — como no caso da frase imperativa:

Tu calas-te?

e no do sentimento — como no caso da frase de espanto:

Isto pode ser?

b) Intensidade articular:

A intensidade das exclamações é, por vezes, tal que o acento normal da palavra pode deslocar-se. O facto é visível principalmente no campo das interjeições de carácter admirativo e ordenativo. Naquelas porém o acento retrai-se, como no caso de:

Espan... toso!

e nestas protrai-se, como nas vozes de comando militar:

Ordinàrió!... Màrchê!

c) Duração dos sons:

A duração dos sons exclamativos é, por vezes, considerável, e pode afectar fonemas insulados ou sílabas.

A cada passo surgem interjeições de aviso, de apêlo, ou de espanto com o fonema tónico demorado ou desenvolvido:

Partiiida!
Ó Manoeeel!
Enooorme!

O mesmo alongamento se nota nos fonemas iniciais de certas formas interjeccionadas admirativas, como:

Ffortíssimo!

E é igualmente freqüente a pausa ou demora silabar em casos interjeccionais admirativos ou coléricos:

Dis- tin- tí- ssi- mo!
Ma- ro- to!

d) Elipse de elementos:

A elipse é característica sintáctica da interjeição por desvio categórico, da locução e da frase exclamativas.

Inda que haja tipos interjeccionais plenários, como:

Que linda coisa!

o normal, mercê da violência da impressão, é o processo elíptico, que se topa em exclamações de ordem, como:

Silêncio!
Esquerda, rodar!

ou em exclamações de admiração, como:

É duma energia!
É dum cómico!

Nestas últimas formas exclamativas falta aos substantivos ou aos neutros adjectivais a qualificação: a pessoa que fala, no auge da impressão, sente-se incapaz de encontrar o qualificativo apropriado e deixa que o interlocutor, graças aos elementos auxiliares da transmissão oral, crie no seu espírito o epíteto indicador da qualidade no mais elevado grau. E deve dizer-se que esta ausência de epíteto é mais impressiva que a presença — que também, embora mais raramente, se verifica, como no caso da exclamação:

É duma lentidão horrível!

e) Repetição vocabular:

Êste processo — aliás antipodal da elipse, pois os extremos tocam-se sempre — é também característico da exclamação. Tomados de admiração ou fulminados de espanto a emoção fica por muito tempo a dominar-nos e nós transmitimos essa permanência dela por meio da repetição do mesmo têrmo ou de um seu sinónimo.

A repetição do mesmo têrmo pode ter carácter assindético — e é o caso mais corrente:

Velho, velho!
Longe, longe!

ou carácter sindético:

Rico e rico!

Estas repetições tomam às vezes o aspecto extremamente pitoresco do redobro silábico inicial. Victor Henry apresenta, nas *Antinomies linguistiques*, o seguinte exemplo extraído de um diálogo: «Oh! Madame! Voyez- vous, c'est magni- magni-magnifique!» (1).

O elemento repetido vem às vezes munido de sufixo:

Verdade, verdadinha!

Há também locuções exclamativas em que o elemento repetido vem precedido:

1) já de conjunção, como no caso de:

estúpido, mas estúpido!,

em que a adversativa refuta a ideia de um grau ordinário da qualidade, para indicar que ela intervém de maneira excepcional.

2) já de advérbio, como no caso de:

longe, muito longe!

em que a circunstância do segundo membro da locução estar precedido de um elemento designador de quantidade imprime à exclamação carácter gradativo.

As locuções exclamativas em que há certa sinonimia nos elementos são também de vasto emprêgo. E porque escolhem um segundo têrmo, que apresenta em certa medida um aspecto novo da qualidade indicada pelo primeiro, tem indiscutível colorido e pitoresco. Em muitos casos as palavras associadas formam combinações fixas, que a rima ainda ajuda não raro a soldar:

---

(1) Pág. 73.

Bom e bonito!
Nu e cru!

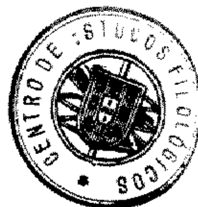
f) Deslocamento da ordem vocabular:

A palavra que traduz melhor a emoção — ou funciona interjectivamente — vai para o lugar de relêvo. Aparece assim, por exemplo, o advérbio antes do adjectivo:

É rico... Muito!

JOÃO DA SILVA CORREIA.

Notas de etnografia da ilha Terceira (Açôres)



SUPERSTIÇÕES E CRENDICES

O povo da Ilha Terceira é muito supersticioso. Daí o cuidado com que evita a prática de certo número de actos que lhe traria desgosto, e a freqüência com que recorre a benzedeiras, bruxas e mulheres de virtude para conjurar os males que o afligem ou para conhecer o futuro.

Já nas Constituïções do Bispado de 1559 se lia: — «Muito grande ofensa fazem a Deus as pessoas que usam de reprovada arte de feitiçaria e de adivinhação e de agoiros, o que fazem em diversos modos e maneiras, umas aplicando coisas sagradas e dizendo palavras da Escritura, e às vezes da missa e da Sacra, misturando-as com palavras vãs e do demónio para seus damnados intentos, as quais as ditas pessoas enganadas do demónio chamam devoções. Outras fazendo fervedouros com vinagre e marroios e outras ervas e coisas com palavras e ceremónias inventadas pelo demónio e indo a encruzilhadas a buscar e fazer coisas para suas feitiçarias. Outras fazendo bôlos e beberragens feitas de confeições e com certas ceremónias. Outras com palavras e ceremónias cozendo carne quebrada e nervo tôrto, ou cortando o baço a pessoas doentes. Outras deitando a joeira com certas palavras para saber o que lhes não é lícito. Outras deitando sortes de chumbo ou de estanho ou de cêra derretida para suas malditas adivinhações. Outras fazendo damnados legamentos como ovos e atacas, e outras, inventadas pelo demónio ou seus ministros. Outras atravesando corações de aves com agulhas para reprovados efeitos. E outras fazendo encantamentos em diversas maneiras. E, o que pior é, que algumas invocam o demónio a quem fazem a vontade, e que as há-de levar, se se não emendarem» (1).

---

(1) «Constituições Synodaes do Bispado de Angra» feitas pelo Ex.mo Snr. Bispo D. Jorge de Santyago e approvadas em Synodo Episcopal na Sé Cathedral no anno de 1559,

Como se vê do que diziam os teólogos do Sinodo Diocesano, não eram novas as práticas da gente da Terceira. As Constituïções, neste ponto são apenas um resumo das Ordenações do Reino, e ainda hoje pouco mais se encontra, excepto o que é aprendido no Livro de São Cipriano, tratado máximo da magia entre o povo, cuja leitura está bastante generalizada.

Nem sempre é fácil colher informações sôbre tais práticas e menos ainda observá-las, porque, quem as usa, procura escondê-las aos olhos dos profanos.

Modos de adivinhar o futuro

Os mais triviais são a peneira ou joeira, os legamentos com ovos e atacas, de que falam as Constituïções do Bispado, e as cartas.

Para consultar a peneira, espetam uma tesoura no arco por forma que fiquem os bicos bem afastados. Sentam-se duas pessoas, uma em frente da outra, e cada uma delas apoia a falangeta do dedo indicador da mão direita numa das argolas da tesoura, dizendo: — «Peneira, por São Pedro e São Paulo e os Apóstolos, São Gonçalo, descobre-me aqui uma verdade».

A seguir preguntam, por exemplo: — «Se eu me casar êste ano, peneirinha, volta-te para mim, se não volta-te para lá».

A cada nova pregunta repete-se a reza.

A peneira deita-se em qualquer ocasião, mas os dias mais próprios para isso são os de São João e São Pedro, 24 e 29 de Junho.

Os legamentos com ovos fazem-se do seguinte modo:

Parte-se um ôvo dentro de um copo com água entre as onze horas e o meio dia, cobre-se o copo com uma toalha de olhos (toalha com círculos ou losangulos bordados), reza-se três vezes o Credo e expõe-se ao Sol durante meia hora. Se depois o ôvo dentro de água toma a forma de uma igreja é casamento, de um navio embarque, de um caixão morte, de uma montanha riqueza em terras. As imagens nem sempre

---

publicadas pela redacção do Catholico segundo a edição de 1560. Angra do Heroismo. Typographia do Correio da Terceira, 1881.

primam pela nitidez, mas é fácil vêr nelas aquilo que se deseja.

O modo de deitar as cartas em nada difere do ensinado no Livro de São Cipriano.

Bruxêdos e feitiçarias

O povo crê na existência de bruxas e feiticeiras, e faz certa distinção entre ambas.

As bruxas são mulheres de virtude versadas em magia, que sabem benzer, fazer esconjuros, deitar as cartas e a peneira, dar certos remédios para querer bem, para separar pessoas que se estimam, etc.

Feiticeiras são mulheres que nascem com poderes mágicos, sobrenaturais, em regra malfazejos, que dão mau olhado e *cobranto*, causam desavenças, moléstias, e fazem encantamentos.

O seu poder é enorme. Deslocam-se com a velocidade do pensamento para os lugares mais distantes. Invocadas com a fórmula «por baixo dos telhados e por riba (por cima) dos silvados», vão ao Brasil ou à Índia e voltam numa noite pelo ar ou mesmo pelo fundo do mar. Reünem-se de noite nos areais e escondem os seus feitiços nas costas junto ao mar (calhau); por isso há íntima relação entre os males que provocam e as marés.

Quando se reünem, manifestam-se ao longe como luzes dançantes, e não há pescador que não jure tê-las já visto do mar mais de uma vez.

Ninguém é feiticeira por querer. Sê-lo é uma sina a que se não foge.

Se um casal tem, seguidamente, sete filhas, a última é feiticeira; excepto se os pais lhe põem o nome de Jerónima e lhe dêem a beber o sangue tirado do dedo médio da mão esquerda da irmã mais velha.

Tôda a feiticeira possue um novelo de lã de bode, que é o seu talisman, onde reside parte do seu poder.

O número de feiticeiras parece ser limitado, porque nenhuma pode morrer sem que outra pessoa lhe pegue na sina.

Além das bruxas e feiticeiras, há ainda as pessoas que *vêem em aberto*, isto é, que possuem dons proféticos ou vêem nos doentes as causas dos seus males; as pessoas que têm mau olhado, e são quási sempre as pessoas invejosas, que causam,

sem querer, o *cobranto;* pessoas que têm o poder de curar certas moléstias só com os olhos.

O feitiço, como o *cobranto*, manifesta-se por bocejos freqüentes, falta de apetite, emmagrecimento e fraqueza da pessoa ou animal enfeitiçado. A êle são quási sempre refractárias as pessoas que tem o cabelo em cruz no peito.

Para o prevenir há o uso dos amulêtos, a figa, uma rodela de chifre de veado, o *sino saimão* (signo de Salomão) e ainda um galhinho de massa ou coral com duas pontas que livra do mau olhado.

Um amulêto muito estimado, que o povo julga de especial virtude e se guarda religiosamente nalgumas casas, passando de geração em geração, é uma pata de lebre mumificada, dentro de um saquinho de algodão. Esta crença veio, porém, de fora da ilha, porque nela não existe a lebre.

Também o osso de defunto num saquinho, guardado sem que ninguém o saiba, livra dos feitiços e dá fortuna.

Para curar os feitiços e o cobranto, o único remédio é a benzedura, que também se pratica nas casas quando estão enfeitiçadas.

Traça-se com terebintina um *sino saimão* sôbre a pessoa ou animal enfeitiçado e diz-se a seguinte reza entremeada de persinação: — «corunguena + santa cruz + mechiconto + jéque + demenada + domenatatada + subistisanto + ». A pessoa que benze deve ter a roupa vestida do avesso e, se é uma casa que se benze, o signo de Salomão faz-se na porta de entrada pelo lado de dentro.

Se a benzedura é bem feita e por quem tenha poder para isso, o paciente desata a vomitar um verdadeiro arsenal de coisas esquisitas, rolos de cabelo, ganchos, pregos, alfinetes, pedaços de osso; mas no geral morre antes de curar o feitiço porque êste *mexeu muito com êle.*

Se o mal é o cobranto, que se manifesta como o feitiço, mas mais levemente, o remédio está no defumadouro, a que já noutro lugar nos referimos [1], se o doente é uma criança; o remédio está na benzedura com a cruz de um rosário e um ramo de alecrim molhado em água, se é adulto, ou com a seguinte fórmula se é um animal: — «Animal tu és meu, quero-te criar, se tens cobranto ou ramo de inveja eu t'o quero

---

(1) *Revista Lusitana*, vol. XXX, pág. 258.

tirar, em nome de Deus. Santo Antão que o tire com a sua mão».

As bruxas usam de certas fórmulas mágicas para produzirem os efeitos desejados.

Para alguém aborrecer outrem e lhe não procurar a casa, fazem um cozimento de azeite de peixe, sal de sardinha, terra do cemitério, penas de galinha preta e fôlhas de trovisco macho numa púcara de barro nova, e, com as costas voltadas para a casa onde não querem que entre a pessoa invocada, deitam a mistura à porta, dizendo: — «Quando êste azeite alumiar, êste sal salgar, esta galinha cantar e êste trovisco pegar, é que hás-de aqui voltar».

Filtro amoroso infalível é a raspa de osso de defunto deitado em vinho e dado a beber.

Duas fôlhas de trovisco postas em cruz debaixo do colchão de uma cama de casal provocam a desarmonia entre os que nela dormem.

Para certas enfermidades é usada como tratamento a benzedura, cuja fórmula varía conforme a doença.

A erezipela benze-se passando em cruz por tôda a região atacada, um ramo de alecrim molhado em azeite com farinha de trigo, ou só em azeite, em quanto se diz: — «São Pedro e Paulo pelo caminho fora, encontraram meu Senhor Jesus Cristo. De onde vens Pedro e Paulo? Senhor vimos de Roma. O que há por lá? Muita erezipela, doença má. Tornai atrás Pedro e Paulo, benzei e atalhai com azeite da oliveira e essa doença parará». O melhor azeite para êste efeito é o da lâmpada de um altar de Nossa Senhora.

Para benzer o côbro usa-se da seguinte fórmula: — «Ia a mãi pelo caminho fora preguntando a seu filho o que era aquilo que lhe ardia. É o côbro, cobrêlo, rabêlo. Com que o curaremos? Com o ramo do monte, a água da fonte, o pó da guia, em nome de Deus e da Virgem Maria, secarás, secarás». Em quanto isto se diz três vezes vai-se passando sôbre o côbro um raminho verde molhado em água e depois passa-se uma faca em volta do lugar atacado, dizendo: — «Côbro, lôbo, zag, zag, eu te corto a cabeça e o rabo, para que não cresças nem fogueças cavaleiro. São Lombinho». É preciso benzer o côbro antes dêle dar a volta ao corpo, isto é, unir a cabeça com o rabo, porque então já não tem cura.

O rebate de leite benze-se passando no peito um pente de cima para baixo e dizendo: — «Homem bom, mulher má,

casa aguada, cama de palha, cabeceira de albarda, mal por onde entraste por aí sairás».

SUPERSTIÇÕES

A maior parte das superstições do povo terceirense existem também noutras localidades do continente e ilhas dos Açôres.

Animais

A galinha quando canta como galo agoira desgraça, por isso diz o ditado: «À galinha que canta como galo corta-se-lhe o gargalo».

Cantar o galo antes da meia noite é navio de Lisboa que está a chegar; mas se é próximo da casa onde está um doente, é pronúncio de morte próxima.

O uivar do cão é sempre péssimo agoiro, que se conjura pondo um sapato no chão com a sola para cima.

Quem cria pombas em casa deve conservá las sempre, por que se elas a abandonam é desgraça certa.

Matar um gato é ter sete anos de vida atribulada.

Quando uma borboleta se queima na luz, se é branca anuncia notícias alegres, se é negra notícias tristes.

O boi é tido geralmente como animal abençoado, a que se não deve fazer mal e que o lavrador estima quási como uma pessoa da família. É isto reconhecimento pelos serviços que lhe presta no cultivo dos campos e talvez também restos de uma antiga concepção mitológica que fazia dêle e da vaca animais sagrados.

Outro animal sagrado é a arvéola (labandeira), que o povo diz ser o passarinho de Nossa Senhora.

Beber

Beber água com uma luz na mão tira o juizo a quem a bebe e provoca ataques de gôta coral.

Bebê-la entre portas é mau agoiro.

Quando alguém vê outrém beber água deve descobrir-se, porque, se o não fizer, ficará em perigo.

Quem bebe o resto da água de um copo de onde outro bebeu, fica sabendo os segrêdos do primeiro.

Cama

Os pés da cama não devem ficar voltados para a porta de saída para não morrer cêdo quem nela dorme.

Sendo feita por mais de uma pessoa terá noite aflita quem nela dormir, e por três pessoas morrerá a do meio.

Não se deve estar deitado quando passa pela porta um enterro para não adoecer.

Quem está doente na cama deve sentar-se nela se sentir tocar a finados, pois, se o não fizer, morrerá da doença.

No primeiro de Maio é bom levantar cêdo para o Maio não entrar connosco.

Casa de habitação

Ninguém deve principiar a construir uma casa numa terça nem numa sexta-feira, ou no dia treze do mês, para não ser desafortunado quem nela viver.

Nos alicerces é bom deitar algumas moedas para que a casa seja farta.

A primeira vez que se entra numa casa deve ser com o pé direito e, à segunda-feira, deve-se evitar que a primeira pessoa que nela entre seja uma mulher, porque, se fôr, tôda a semana correrá mal.

Quando alguém muda de casa, antes de ir para ela deve mandar lá pôr sal, fermento e azeite, para que nada depois lhe falte.

Para afugentar o perigo dos raios e das tempestades há diversos meios: Esfarela-se um pedaço de pão do bôdo do Espírito Santo ou de Santo António que para tanto se guarde todo o ano amarrada um cordel e suspenso de um prego no frontal de um dos quartos; e deita-se o farelo no ar dizendo, se o pão é do bôdo de Santo António: — «Santo António pedi, Santo António rogai, Santo António alcançai, por alma de vosso pai»; queima-se um pedacinho de uma palma benta no Domingo de Ramos e espalha-se a cinza no ar; acende-se um círio bento na Candelária.

Voar na casa um zangão ou as borboletas andarem à roda do dono da casa é anúncio de visitas e, se estas se demoram muito ou são importunas, para as fazer sair, põe-se um sapato no chão com a boca para baixo, volta-se uma ca-

deira com os pés para o ar, abre-se uma tesoura de trás de uma porta ou deita-se sal no lume.

Não se devem ter as janelas abertas e as luzes acesas quando faz trovoada, por que isso atrai os raios.

Nunca se deve varrer a casa de noite; mas quando se torne indispensável fazê-lo, não se deve deitar fora o cisco senão no dia seguinte de manhã, para êle não levar a fortuna consigo.

Se numa casa aparecem aranhas é sinal de vir dinheiro em tanto maior quantidade quanto mais pequenas forem; e se há muitas baratas é porque há dinheiro escondido.

Também é sinal de dinheiro urinar um cão contra a porta de entrada.

Para dar fortuna à casa prega-se na porta, pelo lado de dentro, uma ferradura que o dono da casa tenha achado na rua, e para a livrar do mau olhado prega-se uma ponta de chifre de carneiro por cima da porta ou por baixo do relógio, que, em geral, está colocado num pequeno prateleiro preso numa das paredes.

Entornar azeite no chão é sinal de prejuízo grave, que se evita espalhando sal à porta da rua.

Para livrar uma casa de formigas põe-se em lugar escondido um papel com estes dizeres: — «Senhor São Bento, livrai das formigas êste aposento».

É prenúncio de tristeza entornar tinta no sobrado.

Comer

Se treze pessoas comerem juntas, uma delas morrerá nesse ano.

A mesa é um lugar santo em quanto nela se come, por isso não se deve pôr dinheiro em cima da toalha, e se isso fôr indispensável deve-se levantá-la é pôr o dinheiro sôbre a madeira.

Caindo um pedaço de pão no chão, deve-se levantar e beijar e pôr sôbre a mesa.

Não se deixem pedaços de pão mastigado, porque com êles as feiticeiras preparam mais fácilmente os seus feitiços.

Entornar vinho na toalha é sinal de alegria, espalhar sal é mau agoiro.

Comer muito queijo faz perder a memória.

Dobrar distraìdamente o guardanapo depois de comer em casa alheia, é ficar em condições de não poder lá voltar.

Lua, sol e estrêlas

O luar causa doenças às crianças de tenra idade, sôbre tudo se o apanham em quanto dormem. Se tal sucede, o remédio é esperar que êle penetre no quarto da criança e com uma faca fazer menção de cortar o ponto onde fôr incidir.

A carne de porco exposta ao luar fica verde e apodrece.

Mostrar dinheiro à lua acrescenta os haveres.

Em todos os sabados há sempre sol, ainda que seja durante um minuto, por ser dia de Nossa Senhora.

Contar as estrêlas ou apontar para elas com o dedo indicador faz nascer verrugas.

Quando as estrêlas correm é bom dizer-lhes: — «Deus te guie», ou abaixar-se, pegar na primeira coisa que vem à mão e metê-la na algibeira, porque isso dá fortuna.

Luz e lume

Despedir ou beijar alguém com uma luz na mão e acarretar-lhe desgraça.

A luz que estala prognóstica presentes ao dono da casa.

Cuspir no lume provoca a tísica, e deitar nele cabelos chama desgraças.

Pão

No fabríco de pão há certas práticas supersticiosas.

O fermento é feito no dia de São João com farinha de milho amassada com água que ficou num copo ao relento nessa noite, e que azeda ràpidamente.

Quando está a acabar, vai-se-lhe juntando mais massa pelo ano adiante.

Ao pôr a massa a levedar abafa-se e diz-se: — «São Mamede te levede, São Vicente te acrescente».

Se não quer levedar, deita-se por cima do abafo umas calças de homem com a braguilha para baixo e, se leveda em excesso, fazem-se na massa dois golpes em cruz com uma faca.

Ao deitar o pão no fôrno benze-se e diz-se: — «Em nome

do Padre, do Filho e do Espírito Santo; Deus te acrescente como a sua graça por esse mundo todo».

Ao dizer isto, nalgumas localidades, sacodem uma toalha à boca do fôrno e deitam sal na borralha.

Sonhos

Os maus sonhos devem-se dizer antes que o sol nasça para que se não realisem, os bons devem-se guardar até ser dia.

Os sonhos da noite do sabado para o domingo realisam-se sempre.

Sonhar com figos brancos é esperar cartas com boas notícias; sonhar com figos pretos é esperá-las com más novas.

Sonhar que cai um dente é morte próxima de pessoa de familia.

Sonhar com galinhas ou outras aves significa dissabores, com uvas brancas lágrimas de alegria, com uvas pretas lágrimas de tristeza.

Quem sonha três noites a seguir com dinheiro escondido, se o procurar antes de contar o sonho a alguém, encontra-o com certeza no lugar indicado no sonho; mas, para que se não converta logo em carvão, deve lançar sôbre êle uma moeda sua, uma cruz ou um pingo de sangue.

Tempo

As gaivotas, voando sôbre a terra, advinham chuva e mau tempo.

Se os bois cheiram muito a terra e depois olham para o ar é sinal de chuva próxima, como é também os gatos levarem muito tempo a esfregar o focinho.

Os pescadores têm como certos alguns sinais do tempo.

Apresentar-se o céu avermelhado a oeste à hora do poente, ou a leste ao romper do dia é sinal de bom tempo. Quando a lua, ou o sol, rompe as nuvens com dificuldade (sol afogado ou lua afogada), se apresentam um circulo colorido em volta (sol ou lua com eira) ou a lua está deitada haverá mau tempo. «Lua deitada, marinheiro em pé», diz um ditado. Os cirrus (céu enramado ou enramalhetado) anunciam vento, os nimbus (pampeiros) chuva, as nuvens brancas bom tempo, as fosforescências do mar (ardentia) vento rijo.

Também é sinal de mau tempo o céu apresentar-se avermelhado ao nascente na hora do poente, ou ao poente na hora do nascente.

O arco-iris (arco da velha) que o povo tem como sinal de aliança entre Deus e os homens, se aparece com bom tempo anuncia chuva, e com chuva bom tempo.

Para fazer bom tempo as raparigas dizem por brincadeira: — «Santa Clara esclareai, Santo Estio esteai, Santo António mandai sol, para a gente enxugar o nosso lençol». Também penduram da janela, sôbre um poço ou cisterna, uma imagem de Santo António amarrada pelo pescoço. Êste meio é igualmente empregado para o obrigarem a fazer qualquer milagre.

Diversas superstições

Achar um trevo de quatro fôlhas dá felicidade.

Vêr um corcunda logo de manhã traz alegria, vêr um preto tristeza.

Quando um ouvido chia, é sinal de alguém estar a falar de nós, bem se é o ouvido esquerdo, mal se é o direito; neste caso morde-se a língua para que o maldizente trinque a sua.

A dádiva de um objecto de ferro provoca desavenças, por isso é bom que quem o recebe dê em troca uma pequena moeda; a de alfinetes é amor de um ano.

Não se deve pesar uma criança numa balança, porque isso a impede de crescer, salvo se fôr a sal.

Quando duas pessoas se encontram duas vezes dentro de curto espaço de tempo nenhuma delas morrerá nesse ano.

LENDAS MARÍTIMAS

As Sereias

Os pescadores acreditam na existência desses sêres, meio peixes, meio mulheres, que atráem os maritimos com o seu canto e os levam a perder-se. A êles alude uma quadra popular:

A Sereia, quando canta
Canta no pégo do mar.
Tanto navio que se perde!
Ó que tão dôce cantar!

Diabretes

São sêres demoníacos, que vivem no mar uma parte do ano e outra parte em terra, cuja função é embravecer as águas e enfurecer os ventos.

Em geral não atacam directamente as pessoas, a não ser quando vem para terra ou voltam para o mar. Só no momento da passagem podem fazer mal a quem encontrarem no caminho, pois são dotados de um poder muito limitado.

Como em fins de Outubro é que o mar começa nos Açôres a embravecer, e se produzem os primeiros temporais do Inverno, o povo fixou a ida dos Diabretes para o mar no dia 28 em que a Igreja reza dos Santos Simão e Judas. Não é fácil atinar com a razão que presidis à escolha desse dia, mas talvez não fôsse estranha a ela a lenda dos dois santos, segundo a qual se desencadeou uma tão forte tempestade, quando foram martirizados numa cidade da Pérsia, que os templos pagãos ficaram destruídos e os idolos feitos em pedaços (1).

Por ser Outubro um mês de mau tempo é que a gente da ilha do Pico diz: — «Em Outubro manda o boi para o palheiro e o barco para o muro», e o pescador terceirense não esquece o aviso: — «Em dia de São Simão vara o barco para o portão».

A Candelária, a 2 de Fevereiro, é que tem a missão de anunciar o tempo que há-de fazer nos meses seguintes: — «Se a Candelária rir, o Inverno está para vir; se a Candelária chora, o Inverno está fora». Por isso é que, nesse dia, os Diabretes sáem do mar e se metem por terra dentro onde são inofensivos. «Na festa das Candeias arria o barco prás areias», diz um ditado popular.

Todo o cuidado deve haver, porém, com os Diabretes nas noites desses dois dias. Por isso se fecham nelas as portas e as janelas das casas nas povoações de marítimos, e as mulheres não fazem serão, não suceda como em certa vez, segundo o povo conta: — «Uma mulher, na noite de 28 para 29 de Outubro, estava em casa a fiar, sentiu bater à porta e,

---

(1) P.e Croisset, *O Ano Cristão*, tradução portuguesa.

indo vêr quem era, encontrou um homem que lhe pediu para guardar umas botas, o que a mulher fêz. Passaram-se os meses sem o homem aparecer, até que uma noite voltou a pedir as botas, que a mulher lhe entregou, e foi então que lhe disse que ela nunca mais fizesse serão na noite do dia de São Simão Judas, porque os Diabretes, que passavam para o mar, se podiam meter com ela, conselho êste que, dai em diante, tôdas as mulheres seguiram».

Quando os Diabretes regressam a terra, caminham pelo leito das ribeiras ou grutas, por isso é mau nessa ocasião, estar perto delas.

Os pescadores que vão à pesca na noite do dia dos Santos Simão e Judas, para evitarem os Diabretes ao entrarem no mar, comem alho e metem alguns dentes dêle na algibeira, e para os afugentar das casas na passagem, traçam na porta da rua uma cruz com um dente de alho esmagado. O alho, que figura na medicina popular terceirense como remédio contra a febre, a tosse e os ataques de vermes nas crianças, e também no Continente onde até o empregam nos casos de raiva (1), já era usado pelos marítimos gregos como meio de evitar os perigos das tempestades, para o que dependuravam nos barcos resteas de alhos (2).

Os pescadores da Terceira, para comproverem a eficácia do alho contra a acção dos Diabretes, contam o seguinte caso que afirmam convictamente ser verdadeiro: — «No dia de São Simão Judas (3) um homem foi pescar para a ponta do Tôpo na ilha de São Jorge. O peixe não aparecia e o homem sentia-se a modos que cada vez mais indiferente, quando ouviu uma voz preguntar por trás dêle: «Então não o deitas ao mar?», ao que outra voz respondeu: — «Não, porque êste homem comeu alho com bugalho e tem uma restea dêles ao pescoço». Eram dois diabretes que falavam e que o homem não viu, mas ouviu falar».

---

(1) Sr. Cláudio Basto, in *Revista Lusitana*, vol. XXII, pág. 33.

(2) Sebillot, *Folcklore*, pág. 302.

(3) O povo faz dos dois srntos, Simão e Judas, um só a que chama São Simão Judas.

As noivas de São Pedro

A lenda do desfloramento, além túmulo, das mulheres que morrem virgens existe na ilha Terceira, se bem que já quási esquecida pela maioria da gente.

O que subsiste é o costume de amortalharem com o trage de noiva as virgens quando morrem novas, porque de certa idade por diante são amortalhadas como as mulheres casadas ou viúvas.

A lenda, porém, não se refere a Santo Hilário, como em certas povoações do Continente, mas sim a São Pedro, pelo que chamam às virgens que morrem as *noivas de São Pedro.*

ALIMENTAÇÃO POPULAR

A alimentação da gente do campo é essencialmente vegetal. A carne só se come em dias de festa.

O pão de maior consumo é o de milho, cozido em casa ao sabado para tôda a semana. O pão de trigo (pão alvo) só se cose nos dias de festa, por ocasião de casamento ou bàtizado na família, pelo Natal ou pelo Espírito Santo. Nestas ocasiões fazem também pão de leite e pão com farinha de trigo, ovos, leite e açucar, a que chamam *massa sovada*, e a que dão, geralmente a forma de uma argola (rosquinha).

Em regra, só uma vez ao dia, à ceia que se toma ao anoitecer, comem comida quente (comer de panela). O homem leva consigo para o trabalho o almôço, que se compõe de pão de milho e leite, ou fruta, ou ainda um pedaço de queijo, bebendo então água; e o jantar que consiste igualmente em pão de milho e peixe, queijo, ou fruta, ou o que arranja para conduto.

Na refeição da noite é que come caldo com sopas de pão de milho, em casa, com a família, junto do *estrado.*

Nos dias de festa e aos domingos, o jantar, entre o meio-dia e a uma hora da tarde, é também comido em casa, porque os homens, nesses dias, não vão ao trabalho.

Pescado

Come-se fresco ou salgado (peixe escalado), cosido com batatas, frito, assado nas brasas ou guisado com batatas.

A forma de o preparar varía com a espécie do peixe e as espécies que mais se salgam são o chicarro e a cavala.

A lapa, molusco muito abundante nas costas da Ilha, come-se crúa com pão, e é um manjar muito apreciado, principalmente a maior, chamada lapa burra.

Também comem o polvo fresco, guisado, e a moreia frita.

A lagosta e o caranguejo cosido são especialmente usados nas romarias e touradas à corda como aperitivo para beber vinho.

O peixe frito ou cozido é temperado com molho crú, — água, vinagre, salsa, cebola e alho picados, a que adicionam azeite, se o tem, pois, como se não produz na ilha, o seu consumo é quási exclusivo das classes abastadas.

Carne de vaca

Além do caldo, de que falaremos, a carne de vaca come-se, geralmente, de *alcatra*; mas só nos dias de grande festa, como a do Espírito Santo.

A *alcatra* faz-se deitando a carne num alguidar de barro, com vinho, cebola, às rodas, pedaços de toucinho de fumo, pimenta, sal, melagueta, e metendo tudo no fôrno, a coser durante algumas horas.

Também comem a carne cozida com arroz, toucinho e batatas, mas só quando fazem o caldo de carne.

Carne de porco

O porco é a fartura da casa do camponês, e a matança a verdadeira festa de família do Terceirense.

Nada se desperdiça do porco.

Derretem parte do toucinho para fazer a banha (gordura) com que temperam a comida durante o ano, e salgam ou defumam a outra parte para o mesmo efeito.

A carne que está presa a êle e se solta depois de derretido, constitui os torresmos, que se comem logo ou se conservam algum tempo metidos na gordura.

Da outra carne fazem presuntos, chouriços delgados a que chamam *lingüiça*, paios, salchichas, etc.

A cabeça é salgada para depois guisar com feijão.

O sangue serve para fazer o sarapatel, as salchichas e as *morcelas*, espécie de chouriço muito condimentado, com

cebola, pimenta, cravinho fino, sal, canela, a que alguns ainda adicionam arroz, e que se comem fritas ou assadas nas brazas.

O fígado come-se assado e com o bofe e as miudezas fazem uma sopa.

O caldo

O caldo mais vulgar é o de vegetais.

Há o caldo de couves, de nabos, de funcho, de repôlho e até de saramagos, com feijão, batata, favas, abóbora ou mogango, temperado com sal e com toucinho ou gordura, (pingo).

Há a açorda que se faz com água, vinagre, toucinho e cebola, ou só com água, gordura, um dente de alho e um raminho de hortelã, e o caldo de peixe.

O caldo de carne de vaca pode ser simples, para doentes, ou muito temperado com chouriço, presunto, toucinho de fumo, pimenta, fôlhas de nabo e repôlho, batatas, levando uma grande porção de carne, fígado e sangue cosido, a chamada *sopa do Espírito Santo*, soculenta e indigesta.

O caldo de galinha só se faz para o jantar do Natal com arroz ou feijão branco.

Caso curioso, o povo que hoje tanto consumo faz da batata, chamada inglesa ou *da terra*, para a distinguir da batata dôce, que come assada, ou cozida no caldo, só principiou a cultivá-la em fins do século XVIII, porque à sua cultura foi obrigado pelas medidas do capitão general Dinis Gregório de Melo ([1]).

Doçaria

É muito reduzida a doçaria popular.

A bem dizer, resume-se no arroz dôce, feito com ovos, leite, açúcar e canela, e no alfenim, massa de açúcar e água.

Alguma casa mais abastada coze, uma vez ou outra, biscoitos, melindres, que são pequenos bolos de farinha de trigo com açúcar e ovos, e os *suspiros*, claras de ovos batidos com açúcar e farinha com que fazem pequenos cones sêcos no fôrno.

([1]) Ferreira Drumond, *Anais da Ilha Terceira*, vol. III, pág. 66.

No Carnaval fazem as filez e coscurões fritos em gordura que adoçam com calda, ou mel, e também as *sopas fritas*, fatias de pão embrulhadas em ôvo, com açúcar e canela ou mel.

Na Quaresma, no dia da procissão da frèguesia, comem confeitos e amendoas que vendilhões ambulantes compram nas mercearias da cidade e vão vender ao campo.

Durante todo o ano o povo come nos arraias e touradas, ou aos domingos de tarde no terreiro da frèguesia, favas e milho torradas. O milho é torrado inteiro ou o deixam rebentar no lume (freirinhas).

Ùltimamente tem-se generalizado o uso do amendoim, a que hoje chamam *pinotes* (do inglês *peanuts*), neologismo introduzido por via americana.

O figo passado, que se importa do Algarve, come-se nas matanças e no Espirito Santo.

A HABITAÇÃO

Há sessenta anos a casa do camponês na ilha Terceira era uma choupana coberta de colmo (palheiro) ou de telha, com janelas cerradas por grossas portas de madeira apenas com um pequeno vidro numa das portadas (1).

Hoje, graças ao dinheiro da emigração, em especial ao que tem vindo da América do Norte, não há uma casa de

---

(1) A palavra *cafua*, que se usa em São Miguel para designar o tecto de colmo, existe na linguagem popular terceirense e até na toponímia (Pico da Cafua, Cafua da Freira) mas para significar gruta, escondrijo, furna. Também noutras ilhas existiram casas de colmo. Numa postura da Câmara da Horta de 1719 (*O Instituto*, vol. LXIII, pág. 272) faz-se referência a elas.

Segundo uma tradição referida por Frei Diogo das Chagas no «Espêlho Cristalino» (*O Instituto*, vol. LXVI, pág. 648), os Flamengos, quando pretenderam povoar a ilha das Flôres, talharam na rocha as suas primeiras habitações. De habitações trogloditicas, que existem na ilha da Madeira (*Boletim de Etnografia*, n.° 2, pág. 9), nenhum outro caso conhecemos nos Açôres, além do referido por Frei Diogo das Chagas.

colmo habitada; as que existem servem de casa de despejo ou arrumação de alfaia agrícola. Tôdas as casas de moradia são de telha com vidraças nas janelas, e não há frèguesia rural que não as tenha altas, com rez-do-chão e primeiro andar, se bem que muitas conservem ainda vestígios de velhas usanças, cada vez mais abandonadas nas modernas construções.

A fachada principal tem, nas casas mais pequenas e pobres, uma porta e uma ou duas janelas de peito, às vezes de desigual tamanho.

A empena é, por via de regra, voltada para o caminho ou estrada pública, umas vezes com janela, outras com uma estreita porta ou um pequeno postigo no alto, modo por que os moradores se defendem da poeira da estrada, que o vento, às vezes forte, levanta quando há longa estiagem. Só modernamente se têm construído casas com a frente para o caminho.

Por diante da fachada principal da casa há sempre uma facha de terreno (a rua da casa). Se junto à casa há uma pequena courela ou sobra nela plantam, em geral, uma figueira e põem a *burra do milho*, pirâmide de base quadrângular formada por quatro grossas varas de pinheiro (pernas da burra) atravessadas por outras varas mais delgadas (travessas) das quais dependuram os molhos de maçarocas de milho (cambulhões) a secar. Para que os ratos não vão ao milho enrolam na parte inferior das pernas da burra fôlhas de zinco e enfiam uma rodela de madeira a certa altura.

Ao costume de plantar uma figueira próximo da casa alude a seguinte quadra popular:

Tendes figueira à porta
Tendes sombra regalada,
Tendes fama de bonita,
Haveis de ser procurada.

Tanto por dentro como por fora as paredes são rebocadas, e caiadas, pelo menos, uma vez cada ano, no Verão, no tempo da festa mais importante que se realisa na freguesia.

Há dois sistemas de construção de tecto. O mais antigo é o *telhado de tesoura*, formado por grossas traves (tirantes) apoiadas sôbre as paredes, pelos barrotes (pernas de asna) unidos no cume, entre os quais se prega uma régua de madeira (livél). No sistema mais moderno, *telhado à francesa*, as pernas de asna apoiam-se sôbre os barrotes assentes em todo o comprimento das paredes maiores, (fechal), e, entre estes e o cume (cumicera) há paralelamento outros barrotes (trouxas).

No interior o aposento principal é a sala de entrada *meio da casa*, para a qual dão as janelas da frente ou pelo menos uma delas, e que constitui uma espécie de *hael* com pequenos quartos de um e outro lado, divididos por frontais de madeira, formados por tábuas sôbre postas (capa e camisa). No tipo de casas mais antigo os quartos são apenas dois, o quarto de cama e a cosinha, um de cada lado do meio da casa.

O quarto de cama é assobradado e forrado; o meio da casa e a cosinha são de telha vã, isto é, não têm fôrro, e o pavimento é de terra batida (entejolado). Nos dias de festa atapetam o meio da casa com rama de pinheiro (feno de pinheiro ou frança).

A porta de entrada tem por fora uma ou duas meias portas baixas e mais moderna e raramente um postigo de vidraça.

No *meio da casa* há o estrado junto à janela, que é uma espécie de sobrado de 5 ou 6 metros quadrados de superfície, levantado do chão cêrca de 60 centímetros, sôbre o qual as mulheres trabalham encruzadas numa esteira e se servem as refeições familiares.

Na parede do fundo, em frente da porta, há a *copeira*.

A copeira é um nicho metido na parede com duas partes, a *copeira de baixo*, rectângular, onde se põe o pote com água para beber, rolhado com uma borla de camisas de milho (fôlha de milho), para se não sujar com a poeira, e por cima dela a *copeira de cima*, fechada superiormente em arco, onde se guardam objectos de vidro ou louça mais fina.

Atravessadas no tecto e apoiadas nos frontais, que não passam da altura da parede, ou nos tirantes, há varas delgadas de madeira de onde dependuram a secar os cambulhões de milho já descamisados, que vão retirando da burra.

No *meio da casa* guardam-se às vezes sacas de trigo, se o dono o tem para seu consumo, certos instrumentos de lavoura, medidas de secos e o berço do filho mais novo, que a mãi quer ter junto de si, para tomar conta nêle enquanto anda na lida da casa ou costura no estrado.

A mobília é simples. Velhas arcas de cédro ou teca (*caixa de açúcar*, assim chamada por ser a madeira em que se faziam as caixas que vinham do Brasil com o louro açúcar de cana), poisadas sôbre pés volantes, nas quais se guarda a roupa entre a qual metem maçãs para *dar cheiro*; cadeiras de pau com costas altas (tamboretes); uma pequena mesa com uma só gaveta,

e mais modernamente uma cómoda. Se o dono da casa é algum *americano*, quer dizer, se esteve na América e de lá trouxe alguns *pesos*, as velhas arcas são substituídas por malas e baús forrados de lata pintada e os tamboretes por cadeiras de *aduela* que êle trouxe consigo.

O *meio da casa* é profusamente ornamentado. Nas paredes há sempre estampas devotas emmolduradas (enfaiscadas) cortinas nas janelas, e sôbre a mesa, ou a cómoda, cobertas de *crochet* ou ponto de crivo, jarras, castiçais de vidro, um pequeno oratório com algumas imagens, um espêlho, bonecos, etc., (galantarias).

As antigas camas eram altas com largas costas de madeira, o colchão de camisas de milho desfiadas, as cobertas de lã e a colcha grossa de variados e polícromos ornatos (de tear), lençois de linho ou estôpa, tudo tecido na ilha (cama de estado). Hoje abundam já os leitos de ferro trazidos da América e os colchões de arame, *isprin*, do inglês *spring*.

Na parede há sempre um quadro devoto, muitas vezes em gravura que representa o Senhor Santo Cristo de São Miguel, e entalada nêle uma palma benta no Domingo de Ramos.

O espaço entre o fôrro do quarto de cama e o tecto *(falsa)* é utilisado para arrumação ou para nêle dormirem os pequenos em camas no chão (a lastro), se a família é numerosa. Dá acesso à falsa uma escada de mão encostada ao frontal pelo lado do meio da casa que não tem fôrro (de telha vã).

Na cozinha há a chaminé alta e ampla, de forma de cunha, com uma abertura no ângulo por onde se escapa o fumo, defendida da chuva por tijolos engaiolado (cáfuas). A chaminé abriga o lar alto, onde arde o lume e se colocam as panelas e chaleiras sôbre trempes de ferro, e o fôrno aberto na parede e construído no exterior da casa.

O fôrno é constituído por uma grande pedra em parábola que lhe forma a abóbada (ar do fôrno) e tem por baixo uma caixa rectângular aberta na parede (borraleira) que serve para deitar as brasas e a cinza quando, depois da cosedura, se varre o fôrno.

Na chaminé há ainda, de lado a lado, grossos vergalhões de ferro onde se penduram os chouriços e as mantas de toucinho a defumar.

Fora da chaminé há na cozinha a *amassaria*, mesa de pedra onde se tende o pão, as prateleiras para a louça de uso (louceiro) e o talhão de barro com água.

Na construção da casa, quando os carpinteiros acabam de deitar o tecto, enfeitam-no com ramos de faia e bandeiras, e abandonam o trabalho para irem comer e beber com o dono da obra que lhes oferece um festim.

A iluminação tradicional é a candeia de lata com azeite de baleia (azeite de peixe) que se dependura de um prego na parede, mas hoje abundam os candieiros de petróleo e até muitas freguesias rurais já têm iluminação eléctrica.

Na rua da casa ou nalguma sobra de terreno há sempre flores que a dona da casa ou as filhas cultivam com esmêro, e numa janela, plantado num velho vaso de barro rachado, um viçoso manjaricão objecto de particulares cuidados:

Manjaricão à janela,
Menina, não o apanhais;
Dá-lhe o vento, bole a pança,
Cuido que me chamais...

diz uma quadra popular.

MEDICINA POPULAR

Nas doenças o povo, antes de recorrer ao médico, tenta recuperar a saúde com o emprego de remédios caseiros, além de práticas supersticiosas de que já falámos.

Às vezes, se a doença não cede ao tratamento que o médico prescreve, e os remédios receitados (remédios da botica) não produzem efeito, cooperam com êles os remédios caseiros, e as benzedeiras e mulheres de virtude vão tratando ao mesmo tempo do enfermo.

A maior parte dos remédios caseiros é preparada com ervas ou fôlhas de certas árvores em cosimentos, em chás, e infusões, e muitas têm múltiplas virtudes curativas.

As moléstias têm designações populares que às vezes abrangem um grupo delas.

A um ataque de qualquer proveniência o povo chama *um mal*, mas se é de paralisia é *um mal da Avè-Maria*. A um tumor chama *uma enfermidade*, às doenças de olhos *gôta serena*, à apoplexia *gôta-coral*, a qualquer doença das vísceras um *mal de dentro*.

As febres são *maleitas*, e a hernia diz-se *quebradura* ou *rendedura*. Se o doente está fraco, é porque tem a *espinhela* ou as *arcas caídas* ou então porque lhe deram *cobranto*.

As doenças dos pés dizem-se *manqueiras* e os ataques de nervos *flatos*.

Para desfazer abcessos, frunculos, adenites, empregam as fricções de enxundia de galinha quente, papas de rolão, mel, vinho e azeite de oliveira.

Se com isso se não desfazem recorrem às papas de linhaça, a uma sopa de pão de trigo em leite quente, a um unguento feito com sabão, açúcar ou mel e gêma de ôvo. Nos casos extremos usam também rodas de cebola passadas na certã aplicadas o mais quente possível sôbre o ponto tumefacto, remédio êste que se emprega até em casos de peste bubónica benigna.

Contra as doenças de garganta usam gargarejos de cosimento de flores de malva e capsulas de papoula (dormideiras), chá ou cosimento de flores de sabugueiro e também água com vinagre e sal das cosinhas. Se há rouquidão tomam o chá de salva ou de perpétua roxa e envolvem o pescoço num pano molhado em vinagre quente. As rodas de limão com açúcar também se ministram nalgumas afecções de garganta.

As constipações, catarros, bronquites e gripes tratam-se com o chá de salva ou cambará bem açucarado, vinho quente ou aguardente queimada, com açúcar, chá de fôlhas de larangeira azeda, de flores de sabugueiro, fôlhas de eucalipto, leite quente com aguardente ou fervido com alho. Exteriormente usam as fricções com vinagre quente e as cataplasmas no peito com farinha de linhaça e mostarda, os escalda-pés com mostarda. O chá de casca de limão é também empregado como anti-febrifugo.

Nas perturbações menstruais e cólicas uterinas o remédio é o licôr de arruda, ou ainda o chá de sabina e o cosimento de cravagem de centeio.

A queda do cabelo combate-se com a fricção no couro cabeludo com pedaços de carne de vaca macerada em aguardente e uma mistura de azeite e rolha de cortiça queimada reduzida a pó.

Para a diarreia há uma série de remédios: — o chá da fôlha da goiabeira ou do araça vermelho, de concelos; o cosimento de pão, a farinha de trigo torrada comida às colheres, e, se há cólicas, o chá da casca de pepino ou a infusão de amoras de silva em aguardente.

Nas feridas e golpes, para estancar o sangue, põem uma

teia de aranha sôbre êles ou um pano molhado em aguardente com alhos de carvalho nela macedos, e nas queimaduras aplicam o sabão, a clara de ôvo, o óleo de linhaça e as lavagens com urina.

O pepino de São Gregório de infusão em álcool é remédio contra o reumatismo friccionando a região atacada, bem como a ingestão do chá de alho pôrro.

Nas moléstias de olhos fazem lavagens com chá preto ou chá de sabugueiro.

Com o diurético há na medicina popular terceirense o chá de barbas de milho, de fôlhas de morangueiro ou de erva cavalinha, que também se usam nas cólicas nefríticas.

Os banhos de cosimento de alfavaca ou de malvas usam-se contra o hemorroidal, mas contra êle emprega-se ainda a ingestão do pó da melagueta ou a aplicação sôbre as hemorridas do vapor de água deitada a ferver nas melaguetas pisadas.

O óleo de trigo que os ferreiros preparam deitando os grãos sôbre uma chapa de ferro aquecida ao rubro é remédio para o côbro.

O chá de cidreira usa-se contra os *flatos*, o chá de macela ou de fel da terra nas doenças do estômago, o chá ou xarope de agrião nas tosses.

Para dar fôrça às crianças de tenra idade aplicam-lhes no peito e nas costas ou nas solas dos pés as duas partes de um frango partido ou meio.

Os remédios estercorários estão hoje quási completamente postos de parte, mas ainda restam alguns, como sejam o emplasto de escremento de recem-nascido posto no peito, para os rebates de leite, o emplasto de escremento humano nos fleimões, a urina ingerida quente nas febres renitentes e a cataplasma de escremento de rês (bosta) na manqueira.

Alguns adágios ou provérbios relacionados com a medicina e a higiene

Ande eu quente, ria-se a gente.
Barriga vasia não tem alegria.
Quem se deita sem ceia tôda a noite rabeia.
A última sardinha é que abate o burro.
À mesa não se envelhece.
Formosura e pernas quebradas não se pegam a ninguém.
Mesa feita companhia desfeita.

Peixe de couro faz mal à saúde.

Quem ceia da pipa almoça da bica.

Os meus parentes são os meus dentes.

Mais vale pão sêco com gosto do que galinha com desgosto.

Comer e coçar está em começar.

Perdôo o mal que me faz pelo bem que me sabe.

O que apetece não faz mal.

Caldo requentado, comido assoprado.

Quando Deus quer água fria é remédio.

O que não mata engorda.

A mulher e a sardinha querem-se da mais pequeninha.

Ano de bonitos ano de doenças (1).

Bodeão em Janeiro vale um carneiro.

Quem sai aos seus não degenera.

Mulher barbuda de longe a saúda.

Cautela e caldo de galinha não fazem mal a doentes.

Deus que o assinalou algum defeito lhe achou.

Quem tôrto nasce tarde ou nunca se endireita.

O que o berço dá a cova o tira.

Preto que pinta três vezes trinta.

Quem não tem barba não tem vergonha.

O mal e o bem à face vem.

Tal pai tal filho.

O que arde cura.

Mulher doente mulher para sempre.

Viva a galinha com a sua pevide.

Para a morte não há remédio.

Para a morte o remédio é morrer.

Se queres ver marido morto dá-lhe lapas em Maio e couves em Agosto (2).

Sarampo, sarampinho e sarampêlo corre três vezes pelo pêlo.

---

(1) O *bonito* é uma espécie de peixe, *thinnus pelamys*, segundo Alfredo da Silva Sampaio na *Memória sôbre a ilha Terceira*, pág. 130, que sendo geralmente raro, aparece em certos anos em grande abundância.

(2) A lapa é um molusco de genero *Patella*, muito abundante nas costas da ilha, de que há diversas espécies segundo Sampaio na *Memória citada*, pág. 161.

Laranja de manhã é ouro, à tarde prata e à noite mata.
Incho o menino para nascer e o velho para morrer.
Maio quente traz o Diabo no ventre.
Sol de Maio mata pintos.
Sangue na boca nem dos dentes.
Pouco dura quem com água se cura.
Pés quentes, cabeça fresca e ventre desembaraçado.
Mãos frias coração quente.
Comer para viver e não viver para comer.
Das grandes ceias estão as sepulturas cheias.
Deitar cêdo e cêdo erguer, dá saúde e faz crescer.
Doença de olhos coça-se com o cotovelo.
Em riba de melão de vinho um tostão (1).

Angra do Heroismo, Maio de 1934.

LUÍS DA SILVA RIBEIRO.

---

(1) A quási totalidade destes ditados populares já está registada nos adagiários, ainda que com variantes de forma, mas como as colhemos directamente do povo da Terceira aqui os inserimos.

EMENTAS GRAMATICAIS

PARA A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Pôsto que eu publicasse várias obras inteiras, isto é, elaboradas segundo planos metódicos, para outras não reüni senão apontamentos avulsos: e supondo eu que não me seria fácil, por falta de tempo, coordenar quanto imaginei escrever, resolvi ir dando a lume soltamente, e de onde em onde, para não se perderem de todo, alguns d'esses apontamentos, e quando muito apôr-lhes índices que mostrem como eu faria as respectivas obras, se *começasse no princípio e acabasse no fim*. Compus assim, por exemplo, as *Lições de Filologia Portuguesa*, e as *Memorias de Mondim da Beira*.

Cabe agora a vez entregar ao prélo, de igual moda, os elementos que tenho juntado para a *Gramatica portuguesa historica*, que um dia, nos verdes anos da mocidade, pensei organizar, mas de cujo têrmo estou muito afastado, quer porque novos estudos se meteram de per meio, quer porque às necessidades mais imperiosas do ensino gramatical já acudiram, vai para vinte anos, dois filólogos muito notáveis, hoje falecidos, o S.or Epiphanio Dias, meu venerando Mestre, e J. J. Nunes, meu apreciado colega, um com a *Syntaxe historica portuguesa* (1918), o outro com a *Gramatica historica portuguesa*, Fonologia e Morfogia (1919). Tais livros tornam dispensável interromper eu a feitura de obras urgentes que trago entre mãos (urgentes, sobretudo, por causa da minha idade), para me ocupar activamente da Gramática. — Nem eu, se chegasse a redigi-la, poderia ombrear com os autores referidos!

Os apontamentos gramaticais, ou *ementas*, a que aludi, vão pois seguir-se adiante, destituídos de ordem, à tôa, sem nexo, e por assim dizer, à proporção que os retirar das pastas em que os meti; apenas, por evitar maior disseminação, formarei aqui e além, agrupamentos maiores ou menores, subordinados a temas e títulos comuns (1). Talvez, a-pesar-de esparsos, e seródios (relativamente aos dois tratados do S.or Epi-

---

(1) Se eu dispusesse de vagar para classificar, limar, e completar, prepararia a Gramática logo de uma vez!

phanio e Nunes), o público encontre nêles certa curiosidade, senão em todos, ao menos em parte. Isso me compensaria de canseiras; e eu de qualquer modo ficarei bem com a consciência, patenteando que não engeito estes pobres filhos do meu labor.

Atribue-se aqui à expressão *Ementas gramaticais* sentido lato. A ela se subordinam, com efeito, como agregadas à sintaxe, várias notas estilísticas, que no decorrer das minhas leituras e observações filológicas e etnográficas me aconteceu tomar. Não valeria a pena formar com isso um agrupamento à parte.

Algumas abreviaturas:

AHP = *Arquivo Histórico Português.*

AP = *Archoógo Português*, jornal do Museu Etnológico.

CC = *Corpus codicum*, da Câmara Municipal do Pôrto.

EP = *Etnografia Portuguesa*, do autor d'estas *Ementas.*

CG ou CR = *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rèsende.

DC = *Diplomata et chartae.*

Inq. ou *Inquisitiones*: uma das divisões dos *Portugaliae Monumenta Historica.*

Lições = *Lições de Filologia*, 2.ª ed.: título de uma obra do autor d'estas *Ementas.*

Opusculos, título de outra obra do mesmo autor.

REW = *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, de Meyer Lübke.

RL = *Revista Lusitana.*

VMH = *Vimaranis Monumenta Historica.*

Campolide (Lisboa), 1 de Outubro de 1934.

1. Conjuntivo com valor de imperativo.

Na 2.ª pessoa do presente.

Uma cantiga popular de Monchique (Algarve) diz:

Se me vires 'star chorando,
Não te rias, *tenhas dó*...

e outra de Trás-os-Montes (Moncôrvo):

Saibas que levei 'ma espiga,
Por ter ido ao botequim...

Estes exemplares ampliam o que diz o Sor Epiphanio Dias na *Syntaxe hist. portuguesa*, § n.º 267, *a*, obs. 1.ª.

2. Nome predicativo.

Quem me dera ser elle! Barros, *Asia*, II, III, 6, ed. de 1553, fl. 42, liv. 12.

Hoje pode dizer-se *quem me dera ser a êle*, por analogia com *quem te dera ser a mim*, porque na lingua moderna não se admite *mim* sem *a*.

3. Plural = singular.

«Ah! que *ricas meninas!*» Frase apanhada em flagrante a uma mulher que se dirigia a uma criança (menino) só. Tenho ouvido mais vezes. Plural de afecto.

4. A expressão *tomar leites*.

Neste caso o plural não denota quantidade grande, mas repetição do acto de *tomar*. É como noutro exemplo (algures): «habituado *aos soes* daquele clima», por apanhar muitas vezes sol, andar hoje e amanhã ao sol, e sol ardente.

5. *Deus me livre se*...

Frase que ouvi a uma pessoa do povo: «Deus me livre, *se eu* me casar», onde *Deus me livre* corresponde a *mal de mim*.

6. Numeral.

Num texto de 1304, na *Rev. Lusit.*, XXI, 257: *primo dia de Abril*. Latinismo. — Cf. *Lições de Filologia*, pág. 299.

7. Repetição de *não*.

— *Hoje não está calor.*

— *Não está tanto como ontem*, **não.**

O segundo *não* significa «efectivamente», «de facto». Confirma e reforça o que se diz com o primeiro. Também poderia dizer-se, com menos fôrça, *não, não está*, etc.

8. Sintaxe popular.

Êles custam a atinar, por «custa-lhes a atinar».

9. Atracção.

Pêssego careco, por *careca*. É como chamam em Melgaço a certa qualidade de pêssego, sem penugem.

10. Artigo partitivo.

Falando-se de uma leira, diz-se num documento do século XIII: *e dela* (= d'ela) *levou, e dela leixou*. Vid. *Inquisitiones*, pág. 315. Isto é: levou parte, e deixou outra parte.

11. Assimilação de *a-i*.

Exemplos: *Famelicão*, *Deniel* (passim), *Metildes* (Matilde).

12. Flexões verbais tornadas substantivos.

Considerando («com os seus *considerandos*); cheio de *mão-presta*» (incapaz); *deve & haver* (no comércio); um *acórdão*; um *prazme* (vid. um exemplo antigo no *Elucidário*, do P.^e^ Viterbo, s. v.).

13. Formação de palavras.

Adjectivos derivados de nomes de meses: *janeirinho*: «devassa *janeirinha*»; substantivado: *janeirinha* «nome popular de uma manifestação pública, que deu origem a uma mudança de govêrno em Janeiro de 1868» (vid. *Dic. contempor.*, feito sôbre o plano de C. Aulete, 4.ª ed.); *junhal*, de Junho; *maiozinho*, por exemplo, «ameixa *maiozinha*» *(Dic. contempor.)*.

Palavras formadas segundo o tipo de *farinha-milha* (vid. *Opusculos*, I, 438 segs.): *unha-gata*, planta, em Brotero, *Flora*, II, 557); *herva pinheira*, *herva pessegueira*.

Com redôbro: *bule-bule* (de verbo de movimento, repetição da acção); *atrepa-atrepa*, ave (idem); *fede-fede*, insecto; e nesta quadra, que ouvi algures:

Saramago verde,
Criado na areia,
Veio o *chuve-chuve*,
Levou-o na cheia ..

Está aqui *chuve-chuve*, no imperativo, como nos exemplos anteriores (não me lembro de ter encontrado esta forma noutra parte): isto é, «veio a chuva».

14. *ph* = *p*.

Em *purpura*, de porphyra. D. Carolina Michaëlis, *Notas vicentinas*, IV, 18, n. 2.

Cfr. *espera* nos meus *Opusculos*, I, 520-521 (artigo de 1897).

15. *ô* dialutal < *ou, do séc. XVII.*

Num cruzeiro de Lisboa, de 1669, lê-se: «.. se *love* o Re-

dentor». Vid. Mgr. Couto, *Hist. da igreja de Santo Estevam de Lisboa*, Lisboa, 1927, pág. 13.

16. *mór* na língua viva.

Da história de *mór* falou-se nas *Lições de Filolog.*, págs. 155-156: uso arcaico, ou simplesmente antiquado. Mas na língua hodierna usa-se *mór* com sentido depreciativo em expressões como: Fulano é um mariola *mor!* um brèjeiro *mor!* um *caloteiro* mor! Menos parecem arcaismos, do que imitações de formas arcaizantes.

17. Soletração de *ão*.

Costumamos soletrar *á ó til: ão*. Diz-se assim, e não, como se esperaria, *à til ó*, porque antigamente, por exemplo, no século XVII, se escrevia *aõ* e não *ão*. Há professores primários que hoje ensinam a pronunciar *á-til-ó*.

18. Nasalamento por *m-*.

Em Gil Vicente, I, 278, ed. de Hamburgo, num auto em castelhano: *mensar* las greñas. Do lat. messare (REW, 3.ª ed., n.º 5541).

Nas *Lendas da India*, II, 9, 12, etc.: Francisco de Sousa *Mancyas*: de *Macias*, nome de um poeta galego antigo, bem conhecido. Sempre assim no CG. De Mathias.

No Alandroal (campo) ouvi *mançaroca* por *maçaroca*. No Algarve diz-se *p'r'amônde* (informação de J. J. Nunes), de *por amor de* «por causa de»); e creio ter já ouvido noutras partes.

19. *ser d'esses*.

Na expressão «é d'esses vendilhões que por aí andam» *é d'esses* corresponde a *é um d'esses*, mas *é* não tem nome predicativo, que está substituído por *d'esses*.

20. Tempos subordinados ao presente histórico.

Êle escreve que em seu tempo já não existia isso. Empregou-se na 2.ª oração o imperfeito, porque na 1.ª o presente é histórico, isto é, com valor de pretérito. Cf.: Madvig, *Gram. Lat.*, § 382, obs. 1.ª; e Epiphanio Dias, *Synt. hist.*, § n.º 252, *b*.

Êle diz que lêra aquilo havia muito tempo. Na 2.ª oração o mais que perfeito pelo mesmo motivo.

21. Pretéritos contemporâneos.

Quem lhe deu a informação enganou-se. Isto é: *enganou-se ao dar-lh'a.*

22. *Haver* em perifrase, sem *de.*

Algures falei d'este fenómeno, mas o que se observa na seguinte cantiga popular é mais curioso, por ser em pausa e em rima:

Se te fôres, também eu,
Se ficares, ficarei;
Quando não, tira-me a vida,
Que apartar-me não *hei.*

Cantiga de Muscorvo, colhida pelo S.[or] Ab.[e] Tavares.

23. Aumento e deminuïção:

a) Aumentativos estereotipados (¹): *bancão* (Beira, por exemplo), *cabrão, cadeirão, caixão, ceirão* ou *seirão, cidrão, cifrão, carroção, gavetão, montão, papelão, portão, rabecão, roupão, vespão,* etc. — Há outros que, embora aparentemente formada em português, por corresponderem a nomes de aspecto primitivo, têm contudo carácter internacional: *violão* (cf. fr. *violon* «rabeca»), *dobrão* (moeda: cf. hesp. *doblón*), *pulgão* (cf. hesp. *pulgón*), *cartão* (cf. ital. *cartone*).

b) Deminutivos estereotipados: no feminino, *carrinho,* (instrumento de dobar, e instrumento de transporte), *cadeirinha, palhinha, travesseirinha;* no masculino, *paninho.* Há inúmeros outros, de uma e de outra classe, sobretudo femininos. — Alguns vêm já do latim vulgar, por exemplo, *campaínha* < campanina, *murtinho* (REW, 3.ª ed., n.º 5803). Àcêrca de *cebolinho* cf. *Etnografia Portuguesa,* II, 88. *Lobinho* (*quisto* = kysto) talvez seja do latim médico, isto é, lupinus, e derive de *lupus* em alguma das suas acepções patológicas.

c) Deminutivos de nomes de santos: vid. *Antroponimia,* págs. 503-504, e 623. Outros exemplos: Se fôres a S. Lourenço, ‖ trazei-me um *S. Lourencinho,* etc. (cantiga popular dos Arcos de Valdevez). Cf. *Santantoninho de Lisboa* na *Musa entretenida,* pág. 249.

(¹) Isto é, que perderam a significação aumentativa, e são considerados substantivos simples ou no estado positivo. Analogamente se dirá adiante *deminutivos estereotipados.*

d) Deminutivos em -ão: *pontão*, *feirão* (mercado = feira pequena), *rio Sadão* (na parte mais deminuta do seu curso). Cf. o que diz Gonçalves Viana, *Apostilas*, I, 217, a propósito de *carreirão* (outro deminutivo). Estes deminutivos devem ter tido na origem carácter depreciativo, igual ao de alguns aumentativos, por exemplo, *abadão* (abbadão) (¹).

e) Um deminutivo, além da sua significação própria, tem outras (afecto, etc.), e entre elas a de superlativo: *árvore carregadinha de fruto*, por «muito carregada»; *pôça cheiinha de água até cima.*

24. Conceito popular da lingua portuguesa.

O povo tem a consciência de que a língua portuguesa é muito rica de sinónimos. A cada passo, quando pergunto o nome de um objecto, ouço expressões como a seguinte: «em Portugal cada coisa tem mais de trinta nomes. Não é como em Hespanha, onde cada coisa tem seu nome» (Alentejo).

Também ouvi no Alentejo (Tolosa): «a língua portuguesa é muito manhosa; cada qual fala como quer», isto é, dando vários nomes a cada objecto. Por *manhosas* entende-se aqui, que é uma coisa e parece outra: quem ouve denominar um objecto, cuida que só tem o nome que ouviu, e não é assim.

Outra expressão: «O português é a língua mais má de compreender, porque a uma coisa damos uns poucos de nomes» (Paredes de Coura).

25. Erros do falar comum.

Num anúncio distribuído por uma casa comercial de Lisboa, lê-se:

«Tem V. Ex.ª: — Lindas *parures* para fazer? — Roupa de cama ou de mesa para *confeccionar* ou bordar? — Algum enxoval *a comprar*? — Roupas diversas *a transformar*? A preços *reduzidos*».

Outras expressões arrevesadas: *auto gazo*, *auto-mecânica.*

Títulos de hotéis: *Avenida Palace Hotel* (nenhuma das palavras é portuguesa, nem a ordem sintática), *Bragança-Hotel*, *Avis-Hotel.*

Título de um club: *Casa-Pia Atletico Club.*

(¹) Com outro sufixo, temos *caracoleta*, maior que *caracol*. Cf. EP, II, 178, n. 2.

O mais curioso é que as pessoas que escreveram tôdas estas expressões não têm nenhuma consciência de quantos disparates aqui acumularam.

Às vezes os desconchaves são graciosos, pois, por exemplo, *Avis Hotel* significaria em bom português «Avis, que é hotel!», quando o dono quis dizer: «*Hotel* chamado *Avis*».

26. *Rio de...*

Aos exemplos arquivados na *Rev. Lusit.*, XXVIII, 283, juntem-se estes:

rrio de Fêveras, século XIV, *Corpus Codicum*, da Câmara do Pôrto, I, 177;

rrio de Doyro, ibidem, pág. 179;

rrio do Tejo, em F. Lopes, nos *Ined. de Hist. Port.*, IV, 301, repetidamente;

rio de Barosa, século XV, nas minhas *Memorias de Mondim da Beira*, págs. 89, 90.

Num texto de 1530, no AHP, tômo VII:

rio do Douro, págs. 251 e 252;

rio de Tamega, pág. 243;

rio de Tuela, pág. 282;

rio de Moas, pág. 282.

A uma pessoa de Oleiros, da classe popular, ouvi em conversa: *rio de Zêzaro* (Zêzere). Conservantismo de sintaxe antiga.

27. *Ir a cavalo...*

É muito corrente dizer-se, por metáfora, *ir a cavalo num pau, numa cana*, etc.; mas sòmente no Algarve foi que ouvi: *ir a cavalo num carro*.

28. Etimologia popular.

Exemplos vários:

pagar a cinza por *pagar a sisa* (ouvi em Lisboa);

sistema metro por *metrico* (ouvi em Chelas);

«o rei da *Devina Marca*» por Diviamarca, em José Daniel, *Theatro*, 1798, pág. 199 (já algures citei como ainda popular esta expressão);

pão asno por *ásimo*, isto é, *asmo (ouvi no Peral);

marcela por *macela* (planta): influência de *Março*;

rompe-saias (planta) por *repassage* (em A. de Vasconcelos, *Dicionar. de plantas*, pág. 72. (Algures ouvi *rapa-saias*);

toura por *Tora*, o Pentateuco, onde se tomava o juramento aos Judeus tolerados no reino (Bluteau e Morais); entenda-se que aquele texto sagrado estava aqui escrito numa pele. Temos aqui a mesma concepção psicológica que fêz que os Hespanhois chamassem *becerro* ao «libro en que en las iglesias y monasterios antiguos copiaban sus privilegios», etc. *(Dicc. de la Acad.)*;

mente castro por *mentecapto*, no *Theatro* de M. de Figueiredo, I, 170, etc. (da *Eschola da mocidade*);

poleirinho por *pelourinho* (passim), sob influência de *poleiro*;

arqueduto por aqueduto (Coimbra): influência de *arco*, que um aqueduto pode ter;

Rua de João da Vila por *João Tavira* (Funchal);

Póvoa do Brasil por *Póvoa de Varzim* (ouvi em Trás-os-Montes e noutras partes);

em Lisboa um indivíduo do povo perguntou-me uma vez onde era *Rua do Casquilho* (R. de Castillo);

nas farmácias é vulgar pedir o povo *pastilhas de S. Antoninho* ou *Sant'Antantonina*, etc., por *de santonina* (Lisboa);

mandonguim por *amendoim* (na Ilha Terceira); mas *amendoim* é também já de si etimologia popular, por *mendubi* (vid. A. Nascentes, *Dic. etim. da ling. portug.*);

tife por *tifo*, sob influência de *patife*;

nas farmácias o povo pede *pomada Vitorina* por *pomada de veratrina* (Lisboa);

Odiaxo (= o Diacho) por *Odiáxere*, rio (ouvi algures). Os de Lagos dizem *Diaxe*;

Ai-Jesus e *Al-Jesus* por *Aljezur* (Sul do Tejo);

coralina por < cornalina, sob influência de *coral*;

praia-mar por *prea-mar*, sob influência de *praia*.

29. Imperativo negativo (conjuntivo).

Com valor de oração impessoal. Neste adágio: *A boda nem bautizado | não vás sem ser convidado*, onde *não vás* está por *não se vai*. Cf. em latim: Madvig., *Gram. lat.*, § 370. — Aquele adágio vem em Bluteau, II (1712); e tomou formas diferente noutras colecções: *a boda nem a batizado, | não vás sem seres chamado*, ou *sem ser convidado* (D. Carolina Michaëlis, *Tausend portug. Sprichw.*, n.° 40); *a boda e a batizado, | não vás sem ser convidado* (P. Chaves, *Rifoneiro*, n.° 15). A última forma foi modernizada, ou pelo povo, ou por quem a reco-

lheu: *a boda e a batizado*, com supressão do *nem*. A expressão *a boda nem bàtizado* (ou *bautizado*), mantendo-se *nem*, está contudo perfeitamente normal: corresponde a *não vás a boda nem bàtizado* (ou *bautizado*); na forma actual quis dar-se a primazia às palavras que representam as ideias mais importantes, *boda* e *bàtizado*. Pleo menos, também conheço da Beira, desde criança: *a boda nem bàtizado* | *não vás sem ser convidado* (como em Bluteau, só com a evolução fonética de *bautizado* em *bàtizado*), e de Barcelos: *a boda nem a bàtisado não se vai sem ser rogado*, onde *sem ser* está certamente por *sem s'ser*.

30. *Namorar com*.

O verbo *namorar* é transitivo: *Manuel namora Maria*. E até dizem as cantigas populares:

Não *me namora* o teu ter,
Nem o teu andar à moda;
Namoram-me esses teus olhos,
Meios dentro, meios fora ([1])

Não *me namora* o teu ter,
Nem o teu ter *me namora*;
Namora-me o teu geitinho,
Com que te prantas cá fora ([2]).

Não me namora o teu ter,
Nem a tua formosura:
Namoram-me esses teus olhos,
Coração de pedra dura ([3]).

Na linguagem de Lisboa, porém, sobretudo na de gente de pouca cultura, é vulgar ouvir-se dizer: «Fulano *namora com* Fulana», «Fulana *namorou com* Fulano». Por analogia com expressões como *ter* ou *andar de amores com*.

31. Expressões adverbiais:
ir às recúas por *a recúas*;
ir às cavaleiras por *a cavaleiras*;
ir às cegas por *a cegas*. (Cf. hesp. *a ciegas*);
às furtadelas por *a furtadelas*. (Cf. hesp. *a hurtadillas*).
O *-s* adverbial provocou o plural *as*, *às* do começo.

([1]) A. C. Pires de Lima, *Cancion. pop. de V. Real* (1928), n.º 630.
([2]) Afonso do Paço, *Cancion. de Viana do Castelo* (1928), n.º 795.
([3]) Cantiga que tenho de memória.

port. ant. *aosadas*, em Gil Vicente, III, 6, de *osar* «ousar», por «ousadamente», «certamente» (cf. Mendes dos Remédios, ed. de Gil Vicente, III, 389). — Hespanholismo: *a osadas*.

32. Eufemismo.

Exemplos, alguns graciosos:

co'a branca! em vez de *co'a breca!*;

julho pela minha saúde em vez de *juro*;

juro pela saúde da minha meia em vez de *da minha mâi*.

Nestes três exemplos, a-pesar-de graciosos, a base é mágica ou mágico-religiosa: no primeiro, evita-se uma palavra de mau agouro, a qual, em expressões como, *com a breca! só pela breca!* equivale a Diabo; no segundo, seria pecado *jurar* (de modo geral); no terceiro, além do pecado, cometer-se-hia grande irreverência, jurando pela saúde da mâi.

Dizer *palavra de ontem* em vez de *palavra d'honra* toca as raias do eufemismo, mas como que se quer iludir a quem ouve essa expressão, substituindo *ontem* por *honra*. Dá-se caso análogo, quando os negociantes, introduzindo um dedo numa casa-de-botão do vestuário, exclamam: juro por esta *casa* (como se fôsse a casa de habitação), se esta mercadoria me não custou tanto (a quantia de que se trata)... (1).

33. Assimilação:

a) Entrando nasal. Diz-se em pronúncia rápida: *sou'm'-muto bem* por *soube-me muito bem*, isto é: *sou b(e) m(e)*, etc., com assimilação de *b* a *m* (ou absorpção). Tenho ouvido *ũ menêno* por *um beneno (veneno)*. Também se ouvirá com freqüência *cõ'm'niente* por *conbeniente (conveniente)*, *cõm'niencia* por *combeniencia* (conveniencia).

b) De *s* a *n*: em *mai'nada*. O que corresponde a dizer que *s* se suprimiu. É a mesma pronúncia que se observa em *vemo'-nos*, em linguagem culta.

c) A distância: *Jambuja (Azambuja)* num texto do século XV, que não tenho agora à mão; *jambujêro)* no Algarve

(1) Êste exemplo, lembro-me agora, ao rever as provas do presente parágrafo, que já o citei no meu livro *A figa*, Pôrto, 1925, pág. 57, a outro propósito, e por outras palavras. — Conheço muitos exemplos de enganar o Destino, entidades sobrenaturais, etc., que não vem a propósito citar aqui.

(na *Rev. Lusit.*, VII, 245). Se *Zuzarte* está por *Jusarte* ou *Jusardy* (século XV, no *Onomastico* de Cortesão), e não aconteceu o inverso, temos aí um exemplo de *J* assimilado a *-s-* (= z): cf. *Antroponímia port.*, págs. 524-525.

34. Próclise.

Na Estremadura ouve-se muito ao povo: *mêm'assim*... por *mesmo assim*. Em Nelas (Vilar Sêco) ouvi: *pã-trigo* por *pão-trigo (pão de trigo)*. A supressão de *de* é muito vulgar, não só em palavras da língua comum, mas na toponímia, relativamente a nomes de antigos donos de propriedades, por exemplo, *Casal-Paio*, *Casal-Sandinho*, e noutros casos. Cf. *Lições de Filologia*, 2.ª ed., pág. 125, nota 1.

35. *oo* por *ou-o*.

Num texto dos comêços do século XIV: *enforcoo* e *deitoo*, no *Corpus Codicum* da Câmara do Pôrto, I, 156 e 162.

36. -N- intervocálico:

a) Nas *Inquirições* de 1220 vêm *Oorio* e *Ooiro* (no *Onomastico* de Cortesão), por Honoriu-. Num texto galego do mesmo século encontrei também *Oeiro*. Talvez com esta palavra se ligue *Montedor* (Alto-Minho), como creio que Figueiredo da Guerra já algures lembrou, mais ou menos; mas deve entender-se que na idade-média se disse ou diria *Honori* ou *Honorii (villa)*, d'onde *Oor*, *Or*, a que depois se juntou a expressão portuguesa *Monte d'*.

b) No *Elucidario* do P.^e^ Viterbo, s. v. «fetto», lê-se *permaesca* em um texto de 1273, do mosteiro de Salredas: conjuntivo de *permaecer*, ou fôsse assim mesmo, ou com *a* nasalado (permãecer); cf. *mãer* na *Rev. Lusit.*, XXX, 51, artigo da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, e o que de *maer* já havia dito a mesma ilustre Senhora, *ibidem*, III, 171-173.

37. Metátese.

Vários exemplos da linguagem popular:

brido, por *vidro*, isto é, *bidro* (Nelas);

de *caspacho* (o mesmo que *gaspacho*) fêz-se *scapacho* ou *escapacho*, no deminutivo *escapachinho*. A metátese seria provocada por *escapar*;

fédito, por *fétido*: ouvi em Estómbar. Influência de *feder*, *fedor*;

I'valho por *Ilhavo*. É como o povo diz *in loco*;

pouchana por *choupana*. Diz-se algures, talvez em Rèsende.

No Peral (Cadaval) há tendência para se dizer *ragafa* (garrafa), *ragafão* (garrafão), *réga* (guerra), *regueiro* (guerreiro), *ritaga* (guitarra), palavras em que há *r-g*. O professor primário, na sua aula, tem muita dificuldade para corrigir as crianças.

Em Fronteira dizem *Sancha* em vez de *Chança* (Vila de), povoação que fica próxima da estação ferroviária do Crato.

38. Formas divergentes:

donadio «o que foi doado»: lê-se num documento de 1297, em Benevides, *Rainhas de Portugal*, I, 170, onde concorre com *doaçam*, o que mostra ser forma semi-culta. — Forma actual, inteiramente culta: *donativo*;

leedimar «legitimar»: lê-se no mesmo documento da citada obra de Benevides, *ibidem*. De *legetimare < legitimare, e parece que ascende pois ao latim vulgar da Lusitânia. Forma culta moderna: *legitimar*;

sainha «salina», num documento de 1377, citado na mencionada obra e volume, pág. 233. O documento tem repetidamente *saiinha*, mas os *ii* são puramente ortográficos, isto é, não etimológicos, pois a palavra tem como etimo o lat. sa(l)ina. Outro documento com *sainha*, do século XV, vêm em G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 592, nota. Forma culta moderna: *salina*.

39. Suarabacti:

Brèchor <* *Blechor* <* *Belechior* por *Belchior*;

Cravalho <* *Caravalho* por *Carvalho*. Vulgar;

meramelo por *marmelo*. Lisboa.

40. -r > -l.

Algures dei exemplos d'esta correspondência fonética, citei nomes germânicos em *-ir* tornados *-il* (*Creximir* ou *Creysimir*, no século XI, já *Creyximil* no século XII, etc.), e bem assim *Xaviel*, *Cistel*. Acrescente-se: *segrel* <> *segrer* (fr. *segrier*), *pichel* (fr. ant. *pichier*); *aluguel* <> *aluguer* (e cf. REW, n.º 5094 *a*).

41. Adjectivos em *-el* átono.

O povo diz *fácel* e *útel*, não por influência de adjectivos

em *-vel* (como eu talvez dissesse algures), mas por influência de *facelidade* e *utelidade*, que são formas dissimiladas de *facilidade* e *utilidade*.

42. -L-.

Conservado até o século XI: cf. *Etnografia Portuguesa*, II, 72, nota 2. Em 1157 os VMH, 87 e 96, B, dão-nos *Fafiaz* a-par-de *Fafilaz* em 1176. Já se vê que a síncope não podia acontecer repentinamente.

43. Ditongos *ou* e *ôi*.

É conhecida a alternativa que existe entre estes dois ditongos. De AV originário veio *ou*, e de *ou* por dissimilação veio *oi*, que também tem outras origens. Não admira, por conseguinte, que o falar corrente confunda *oi* com *ou*.

1. Casos em que *ou* e *oi* se empregam indiferentemente na língua culta, ainda que o segundo tem certo ressaibo de plebeismo: *mouro*, *ouro*, *touro*. Até nos casos em que *oi* é originário se faz a troca: *Doiro*, *corredoira*, pronunciados também *-ouro*, *-oura*.

2. Na terminação *-ou* dos verbos, correspondente a -AVT *(amou)* e -ADO *(vou)*, e na conjunção *ou*, de aut, não se emprega *oi*.

3. Casos em que só se emprega *oi*: *foi* < fuit, *boi* < boue-, e não *-ou*.

4. Casos em que só raramente se emprega *oi* por *ou*: *doitor*, *pôico* (plebeismos puros), ou *ou* por *oi*: *outo*, *outenta*, por exemplo, no *Livro da fundação de Salzedas*, de *Fr. Baltasar dos Reis*, do século XVII (publicado pelo autor d'estas *Ementas*), 1934, *passim*. Não é tão raro *dous* por *dois*.

44. *ssi* > *xi*.

«Vinda do *Mexias*» por *Messias*, no *Cancioneiro Geral*, II, 433 e 475.

45. Trocado de palavras.

Come como uma frieira ou *que nem uma frieira*. A frieira *come*, isto é, causa *comichão* ou prurido.

Trocadilho de *logico* e *loja* em Camões, *El-Rei Seleuco*, ed. da *Actualidade* (jornal portuense).

Diz-se na Beira-Baixa que quem vai de Castelo-Branco para a Guarda vai *por Caria acima* e vem *por Caria abaixo*;

em qualquer dos casos houve trocadilho com *porcaria*. *Caria* é nome de povoação. Fenómeno análogo: *ir para Caminha*, a que já me referi algures, ou *para Caminha por val de lençois*.

46. Tratamento.

Quando um individuo fala consigo próprio, emprega o tratamento da 2.ª pessoa do singular, como que desdobrando a personalidade: *cala-te, rapaz! não sejas tôlo, Fulano!* Uma vez ouvi contar que certo Alentejano, de nome *Pedro*, costumava dizer com os seus botões:

— Ó Pedro, tu és môço, boa figura, e tens com que viver; porque é que não hades encontrar uma boa rapariga que case contigo?

47. Aliteração.

...quer que lhe encham de cada vez a *bôlsa* e a *barriga*. *Comedia Bristo* de António Ferreira, I, III.

Quando mal, nunca maleitas! expressão vulgar. - Neste caso o povo pretende estabelecer relação etimológica, o que também acontece em *ir aos arames*, por ir aos *ares*.

48. Arredondamento de estilo.

Há expressões que por associação de ideias provocam na memória o aparecimento de outras de uso muito conhecido, que no todo, ou em alguns dos seus elementos, completam ou arredondam ideològicamente aquelas, e por isso se lhes agregam, podendo porém o conjunto ficar incongruente às vezes. Exemplos:

Chamava-se antigamente *carreira da India, do Brasil*, etc., a derrota ou caminho ordinário d'estes e outros lugares maritimos: Bluteau, *Vocab.*, I, 163. Cf. em hespanhol *carrera de Indias*. D'ai vem o dizer-se de alguém, afadigado, que faz correrias, para qualquer negócio, etc., que *anda na carreira da India*.

Idem... na mesma data. Alusão epistolar. Queria dizer-se apenas *idem*.

São restos... de maior quantia. Alusão aritmética. Desejava apenas dizer-se *restos*.

Veremos!... como dizia o cego, ‖ e cada vez via menos!

Está salva... a pátria! por está resolvido qualquer negócio, que estava duvidoso de comêço = está salva a situação.

A vêr se pegam... as bichas... Primeiro devia ser: a vêr se péga, a vêr se isto influe no ânimo de um contraditor, opositor, adversário. Como referência ao uso terapêutico de aplicar sanguessugas, outrora mais em voga que hoje.

A final... de contas ou *por fim... de contas*. Ideia comercial. Queria dizer-se *por fim*.

Senhor ou *senhora... do seu nariz*. Ironia, por não ter nada de seu a pessoa de quem se fala, ou ao menos não ter o título de «senhora», e ser pirrónica, ou senhora de si.

Alto vareta!... comigo ninguém se meta! Variante: *quem não sabe, não prometa!* Talvez da linguagem militar, de quando as armas se carregavam pela bôca, empregando-se uma vareta. Isto é: *alto* ou *para o alto a vareta!* A linguagem militar é freqüentemente elíptica: cf. *ombro armas!* Primeiro quereria dizer-se interjeccionalmente *alto!* ou *alto lá!*

Mistura... salina! Querendo falar-se apenas de «mistura». Até ouvi uma vez a um campónio da Estremadura, em flagrante: «a vida é uma *mistura salina!*», por «trapalhada».

A tempo... e a horas! Bastaria dizer *a tempo*, mas arredondou-se aquela expressão pleonàsticamente.

Um par... de galhetas (Beira), *um par... de jarras* ou *que lindo par... de jarras!* (Algarve). Diz-se de duas pessoas que vão a par, ou costumam andar juntas. Cf. *um par de França*.

Morar nos Altos... Pireneus diz-se de alguém que habita nos altos de uma casa, ou em andares altos. *Les Hautes Pyrénées* são um *département* de França.

Está o Diabo feito vaca! diz-se quando há uma contrariedade, e acrescenta-se: *à porta do açougue*. Uma mulher da Mexilhoeira Grande em vez d'este acrescento, dizia: *à porta de Alcoutim*. A vila de Alcoutim foi acastelada e muralhada, do que ainda há restos, e por isso tinha portas. Desconheço, porém, a razão de figurar aqui Alcoutim.

Para indicar a vulgaridade de uma cousa acrescenta-se-lhe *de Linneu*, por exemplo: *é um chapéu vulgar... de Linneu*. As obras do grande naturalista sueco eram outrora adoptadas nas aulas da Universidade, e tornaram-se por isso muito conhecidas. Além d'isso nos livros de Botânica e Zoologia lê-se, por exemplo: *Beta vulgaris*, de Linneu (acelga), *Lutra vulgaris*, de Linneu (lontra).

Calça de bôca de sino... saimão, porque *sino-saimão* é o

nome de um amuleto. Aqui há apenas homofonia, porque *de bóca de sino* quer dizer de abertura como a de um «sino», ao passo que *sino* em *sino saimão* quer dizer «sêlo», «sinete»: vid. o meu *Signum Salomonis*, pág. 37.

Em Ourique usa-se muito a frase seguinte, que se diz, por graça, para que se arredem pessoas que impedem o trânsito: *largueza... que é Campo d'Ourique*. A ideia de *largo* provocou a de *campo* (cf. *campo largo!*), e esta a de *Campo d'Ourique*.

Falando-se de uma cousa única: *é... filho único*.

Cai o Carmo... e a Trindade, expressão referida a certas igrejas. Primeiro deve ter-se dito aliteradamente: *cai o Carmo* = arrasa-se a terra! (a igreja do Carmo de Lisboa? derruída pelo terremoto de 1755). Depois arredondou-se a frase, juntando-se *e a Trindade* (outra igreja de Lisboa? que não ficava longe da primeira, e agora destruída de todo).

Alguns dos arredondamentos, como vimos, são rimados. Também os há numéricos:

Ter nariz de palmo... e meio. O palmo era medida linear ordinária, antes da introdução do sistema métrico, e ainda agora tem muito uso, e até figura noutras frases, v. g.: *ha-de pagar com lingua de palmo* (cf. *Infermidades da lingua*, Lisboa, 1759, pág. 142), a qual frase pode referir-se a uma antiga punição legal de *puxar pela lingua*, ou *arrancar a lingua*, a um criminoso, como no Direito germânico arcaico: W. Grimm, *Deutsche Rechtsaltertümer*, II (1922), 297, § 9.º. Há expressões semelhantes, que reflectem leis penais: cf. *Opusculos*, I, 473. De tais expressões e de rudes castigos medievais falarei na *Etnografia Portuguesa*, Liv. III. — Para explicar a *língua de palmo* poderia igualmente pensar-se em que o condenado à morte na fôrca projectava a lingua, quando estava pendurado do baraço que lhe cingia o pescoço, o que devia impressionar fundamente os espectadores; mas maior seria a impressão causada pelo acto geral do enforcamento, do que pelo episódio da projecção da lingua, para que êste, quanto ao espectáculo, suplantasse aquele.

Tôda a vida... e mais seis meses! Absurdo gracioso.

Por tôdas as razões... e mais uma! Idem.

Ou oito... ou oitenta. Por causa da aliteração. Expressão já consignada no *Dicc. Contemporaneo* = «ou tudo ou nada».

Abaixo de Braga... três leguas. A expressão *abaixo de Braga* expliquei-a noutro lugar: vid. *Opusculos*, I, 470.

Estes arredondamentos numéricos fazem lembrar a antiga expressão jurídica *ano e dia*, pôsto que nada tenham talvez com ela.

Referi-me já, por alto, a arredondamentos de estilo na *Rev. Lusit.*, XIV, 187; no *Archologo Portug.*, XVIII, 253, 254; nos *Opusculos*, I, 391.

*

Os fenómenos estudados no presente capítulo assemelham-se um pouco às *rèplicas populares*, a que me referi nos *Ensaios Etnograficos*, IV, 189, e depois Júlio Moreira nos *Estudos da lingua portug.*, II, 92-93; mas diferençam-se d'estas, que são dialogadas, e têm intuito sempre gracioso e rítmico.

49. Relação etimológica em cantigas populares.

Canta o povo em Querença (Algarve) a seguinte quadra:

As môças *d'Amendoeira*
São bonitas e laivosas:
Andam enganando os môços
Com *amêndoas* amargosas...

onde se estabelece clara relação etimológica de *Amendoeira* com *amêndoas*, fenómeno que vulgarmente se observa na poesia popular. — Na presente cantiga *môças* é palavra muito do Algarve, por «meninas» ou «raparigas»; do mesmo modo *môços* em vez de «rapazes». — O adjectivo *laivosas* provém de **labiosas*, e quer dizer que têm *lábia*. — Note-se a grande ironia que se esconde em *amêndoas amargosas*, que os môços, quando as recebem, suporão serem de bom sabor...

Análoga relação etimológica se encontra numa quadra do concelho de Moncôrvo, colhida em Maçôres pelo Rev.° Abade Tavares, de Carviçais:

Em *Ligares* me *ligaram*,
Triste foi a minha sorte;
Que desgraça e desventura,
'Star *ligada* até à morte!

Na cantiga anterior a relação etimológica é verdadeira; na de agora não, porque *Ligares* deriva do lat. ilex «azinheira» (1). A falsa interpretação é natural que apareça muitas vezes, visto que o povo se regula sòmente pelo ouvido.

(1) Vid. *Lições de Filologia*, 2.ª ed., pág. 331.

A êste carácter das cantigas já aludi nos *Ensaios Etnograficos*, IV, 145-146.

50. Dissimilação de N-M > l-m.

Em Gil Vicente, I, 373: *astrolomia*, por *astronomia*.

Na linguagem popular de Coura: *lamite* por * *denamite* < *dinamite*. A silabe *de* apocopou-se por confusão com a preposição do mesmo valor fonético.

No *Elucidário* do P.e Viterbo, século XV: *icólimo* < *ecónomo*.

51. *-eio* do lat. -eius:

plebeio assim vem em Morais, e assim devia ser, e não *plebeo* nem *plebeu*. A Sr.ª D. Carolina Michaëlis escreveu justamente *plebeio* nos *Autos Portugueses* (Madrid), pág. 52.

Cf. *Pompeio* (não *Pompeo*, nem *Pompeu*) nas *Religiões da Lusitania*, III, 137, n. 3, e 145; e já algures mostrei que devia dizer-se e escrever-se *Pompeios* (e não *Pompeia* !), nome de uma cidade romana (na Campania), sepultada em lavas do Vesuvio no ano de 78 da era cristã.

52. Lat. -aticu- > *átego*.

Êste fenómeno deu-se até tarde, em palavras de origem culta: *gramátego*: «era homem *gramátego* e bem entendido», século XV, na *Nova Malta*, I, 185.

Ainda agora dialectalmente: *Opusculos*, II, 190 (Minho).

J. Leite de Vasconcellos.

PÁGINAS FOLCLÓRICAS

(Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXXI, págs. 275 e ss.)

VI

Neste número da série das *Páginas Folclóricas* pretendo arquivar algumas *notas etnográficas*, que publiquei dispersamente aqui e ali, por jornais e revistas. Ficarão reünidas e encorporadas assim na série.

O capítulo parecerá retalhado. Todavia, como estas *páginas* tem o destino de agregar apontamentos, o assunto integra-se no conjunto, para se oferecer ao estudo e ampliação ou rectificação.

1) Cantigas profissionais ou as profissões no folclore (1)

Porque na poesia popular se reflecte o viver do povo, era lógico esperar que nela se encontrasse o reflexo das profissões. O folclore estuda objectivamente as manifestações do espírito étnico, tanto directamente nessas exterioridades como na fôrça agente que as ditou, motivo êsse pelo qual Pitré deu à etnografia o nome de demopsicologia, psicologia popular, comum aos seus seguidores italianos.

A ocupação profissional, o ambiente espiritual em que se desenvolve, com seus anseios, suas esperanças, suas queixas e revoltas, perpassam nos quatro versos das quadras populares, ora de envolta com vislumbres amorosos, ora com o cenário onde a profissão é exercida.

Nesta quadra há queixumes:

Vou-me embora do meu amo,
Não lhe devo nem um dia;
Antes me êle deve a mim
As noites que eu não dormia (2).

---

(1) Esta *nota etnográfica* saiu em o jornal de Lisboa *A Voz*, de 11 de Maio de 1930.

(2) Barcelos, A. Gomes Pereira, *Tradições populares de*

Noutras há orgulho de principiante do ofício, arvorado a mais altos pensamentos, o ajudante novo que se vangloria do seu trabalho, e almeja o dia de oficial no seu ofício, como êste, de Barcelos também:

Sou um pedreirinho novo,
Ainda não ganho dinheiro;
Boto barro nas paredes,
Levo os picos ao ferreiro (1).

Noutras brilha a conformação com a sorte, consolando-se o trabalhador na perspectiva dos prazeres, que o exercício da profissão lhe dá.

É um regalo na vida
Cá na terra pastorar;
Quem tem sêde, vai beber.
Quem tem calma, vai nadar (2).

E, facto curioso, é talvez no folclore pastoril que mais se encontram quadras dêste tipo, o que define o estado de espírito dos pastores, já nestas notas apontado.

Exemplos concordantes, todos alentejanos, ignoro se todos inéditos.

Ao romper da bela aurora,
Sai o pastor da cabana,
Gritando em altas vozes
Esta não é do rebanho (3).

Sou porqueiro, guardo porcos,
Sou ajuda da corrida:
À noite *ençarro-os* todos,
Vou-me a vêr a rapariga.

Tôda a vida fui pastor,
Tôda a vida guardei gado,
Tenho uma nódoa no peito,
De me encostar ao cajado (4).

Barcellos, Espozende, 1916, pág. 87, n.º 266, e F. C. Pires de Lima, *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, sep. da «Revista de Guimarães», 1928, pág. 34, n.º 460 (1.ª Série).

(1) Barcelos, *idem*, pág. 98, n.º 324.

(2) Vária no Baixo-Alentejo.

(3) Santo-Aleixo (Estremoz).

(4) Santo-Aleixo e Baixo-Alentejo.

Brasão de ofício representam as quadras em que o cantador dá por nobreza as obras do seu mister.

Recorde-se a do aprendiz, pedreirinho novo, que diz:

Boto barro nas paredes,
Levo os picos ao ferreiro.

E no entanto proclama o adágio, que António Delicado recolheu nos *Adágios Portugueses*: — aprende chorando, e rirás ganhando. Irmão êste de outro da mesma mãi: — aprende por arte, e irás por diante (1).

Já fui ganhão em Revêlhos,
Criado do Água-abaixo;
Lavrei com dois bois vermelhos,
O Penacho e o Cartaxo (2).

*

Não são apenas os oficiais que se queixam do seu ofício ou o proclamam com satisfação. A escolha de amores norteia as môças no interêsse utilitário da profissão do noivo escolhido. O amor e a cabana são dos romances idílicos. Antes que cases, vê o que fazes, — aconselha o anexim. Ela aí está a dourar a profissão do seu «mais que tudo».

O meu amor é cesteiro
É chegado à grandeza;
Trabalha com facas de ouro,
Que de prata é baixeza.

O meu amor é ourives,
Já me deu uma aliança:
Agora dá-me um cordão
P'ra comprar a confiança (3).

Se houver de tomar amores,
Ha-de ser c'um carpinteiro,
Que me faça uma caixinha
P'ra guardar o meu dinheiro (4).

---

(1) António Delicado, *Adágios Portugueses*, Lisboa, 1924, pág. 224.

(2) Santo-Aleixo.

(3) S. Simão-de-Novais, *idem*, 2.ª Série, 1929, pág. 36, n.os 885 e 887.

(4) Vila Real, A. Gomes Pereira, *Revista Lusitana*, IX, 139, n.º 570.

Mas também as mulheres, como os homens, cantam a sua profissão.

O pedreiro pica a pedra,
Carpinteiro serra a madeira,
Cada um c'o seu ofício,
Eu também sou lavadeira (1).

É nos cantares das môças que aparecem os desgostos da profissão escolhida.

Aprendi a costureira,
E já 'stou arrependida;
Passa meu amor à porta,
Eu na costura metida (2).

Aprendi a tecedeira,
Donde estou arrependida;
Passa o amor na rua,
E eu na prisão metida (3).

E elas cantam ou delas se cantam alusões a indústrias domésticas:

A môça que é tecedeira,
Usa-se de muitas ideias:
Mete estôpa e tomentos,
Para lhe render as teias (4).

Como em Viana do Castelo se canta da tecedeira, também:

Mariquinhas tecedeira,
Tem o tear à janela;
Se lhe lembram os amores,
Todo o fiado se lhe quebra (5).

*

Metodizando as quadras profissionais pelas bandeiras e ofícios da *Casa dos Vinte e quatro*, e seus grémios (legalizada por D. João I, regulamentada por D. João III, em 1539, e confirmada por D. José em *Nova Regulação* de 3 de Dezembro de 1771, datada de Pancas: manuscrito do cód. 653 pág. 73 da Col. Pombalina da Bibliot. Nacional), podiam agrupar-se por secções de misteres.

(1) Idanha-a-Nova, Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, Lisboa, 1927, II, 39.
(2) Tortozendo, Lopes Dias, op. cit., II, 107.
(3) Vila Real, meu *O Amor Português*, pág. 24.
(4) Barcelos, op. cit., pág. 96, n.º 317.
(5) Viana-do-Castelo, Afonso do Paço, *Cancioneiro de Viana do Castelo*, Braga, 1928, pág. 122, n.º 638.

Obter-se-ia a tradução folclórica da Casa dos Vinte e quatro. Na *Bandeira de S. Jorge* ficariam as quadras profissionais dos trabalhadores de metal, cujo ofício de cabeça era o dos «barbeiros de barbear» e «barbeiros de guarnecer espadas»:

O meu amor é barbeiro,
Faz a barba ao juiz... (1).

com os ofícios anexos: os *ferreiros*,

Sou ferreiro, faço ferros,
Também faço alviões;
Também faço fechaduras,
Para fechar corações (2).

os *douradores*,

Ó minha caninha verde!
A faca corta a cabaça.
O meu pai é dourador,
Eu saio à mesma raça (3).

etc. Na *Bandeira de S. Gonçalo*: as *tecedeiras*,

Aprendi a tecedeira
....
A môça que é tecedeira,
....
Mariquinhas tecedeira
....

os *esteireiros*, *cesteiros*, etc. Na de *S. José*: os *pedreiros* (sou um pedreirinho novo...).

Não quero amor pedreiro,
Que sempre pica na pedra
.... (4).

carpinteiros,

Não quero amor pedreiro,
Que atira pedras ao ar;
Quero amor carpinteiro,
Que me dá lenha p'ra o lar (5).

e assim por diante.

---

(1) Viana, *idem*, pág. 177, n.º 969.
(2) S. Simão-de-Novais, 1.ª Série, pág. 13, n.º 111.
(3) S. Simão-de-Novais, op. cit., 2.ª Série, pág. 37, n.º 911.
(4) Viana, op. cit., pág. 148, n.º 801.
(5) S. Simão-de-Novais, op. cit., 2.ª Série, pág. 31, n.º 812.

E, se vão para a tropa, levam saüdades, mas

Não me importa ser soldado,
Contanto que o batalhão
Trâga sempre na bandeira
Bordado o teu coração (1).

2) No mês do Rosário — Outubro

(A propósito de uma quadra)

Nas Sarnadas (Beira Baixa) canta-se esta quadra, alusiva a Nossa Senhora do Rosário:

Ai, Senhora do Rosário,
Como sois linda, e tão bela
Com esse vestido novo,
Que trouxeram de Castela!

Completa-a outra da mesma procedência, que, se não tem a directriz vocativa da Virgem do Rosário, tem o aspecto exclamativo diante da mesma imagem, no sentido comum:

Como está linda a Senhora
Com êsse tão lindo manto,
Que lhe veio de Coimbra!
Tão lindo, que lêdo encanto! (2)

Da mesma origem, em comunidade conceptiva, julgo vêr nas duas quadras restos da mesma composição. O primeiro verso da segunda quadra teria assim completa a ideia base: — Como está linda a Senhora *do Rosário!*

Não deve estranhar-se a sobreposição decorativa de *esse vestido novo* (no terceiro verso da primeira quadra) e *esse tão lindo manto* (no segundo verso da segunda quadra), que é simples repetição temática. É vulgar a aplicação do vocábulo *vestido* ao conjunto das peças, que se «vestem»; ora se generaliza a tôda a roupagem ou exprime um só dos elementos componentes da indumentária. Aqui, pois, o *vestido novo* será tôda a roupagem externa; o *lindo manto*, «lindo» por ser novo, é ou a única parte nova, a encobrir a túnica da imagem, ou uma das partes novas do vestido, em qualquer dos casos significação congénere da parte pelo todo — *vestido.*

---

(1) Benavente.
(2) Do jornal de Lisboa *A Época*, de 7 de Maio de 1924.

A primeira quadra é essencialmente directa e vocativa, a segunda indirecta e exclamativa; ambas, porém, celebram o conspecto indumental da imagem da Virgem. Pelo carácter comum de parentesco poetico e técnico devem ser fragmentos, talvez dispersos, embora pela invocação comum solidários na mesma associação ideológica, de *lôas* lançadas à Virgem do Rosário.

A origem não é popular; atente-se na repetição vocabular (lindo e belo), na sobreposição sinonimica (como sois tão linda e tão bela), na dificuldade do atrito no verso «tão lindo, que lêdo encanto», no desprendimento desta exclamação à sobreposse da anterior (condensada nos três versos antecedentes da mesma quadra), no vocábulo letrado «lêdo», e na pontuação que suponho deva ser como fica interpretada.

*

A *lôa* de que procederá êste resto, teria sido composta ao geito popular para a festa ou romaria da Senhora. A erosão do contínuo cantar êsses versos pela bôca do povo, adaptaria melhor e conservaria apenas talvez estas duas quadras por mais expressivas no seu realismo e na imaginativa sugerida por êle.

Que beleza notória e surpreendente teria sido a que originou na *lôa* as referências indumentais? Por analogia sou levado a crêr que a imagem da Virgem do Rosário tinha sido contemplada *ex voto* por algum fiel a quem essa invocação da Virgem tivesse valido em aflição angustiosa. À promessa correspondeu o seu cumprimento: o prometido é devido. Tem pois significado de ex-voto.

A *lôa*, em louvor da Virgem, ou encomendada pelo mesmo oferente ou por êle mesmo composta, ou ainda alusiva por sugestão de outros, ficaria assim ligada ao vestido novo. Desfiado êste, desfiada ela. Na romaria à Virgem, contemplada na sua imagem milagrosa, os romeiros de ouvi-la ficaram com os versos flutuantes, que homenageavam a sua santinha.

O vestido novo «que trouxeram de Castela», o lindo manto «que lhe veio de Coimbra», não tem que despeitar o observador: *Castela* é rima perdida por bela; o anónimo autor da *lôa* conhecia Castela pelo menos de outiva ou de leitura, quando o povo só sabe que existe Espanha e Espanhóis. Coimbra tem no Centro e Sul da Beira o condão de

varinha mágica, — *Coimbra — terra linda* na cantiga do «vira», — de onde sai tudo que é «lêdo encanto».

*

Manto, como o oferecido à Senhora do Rosário, é êste da Senhora da Póvoa, também da Beira Baixa, e cuja zona folclórica vai de Coimbra ao Fundão, — manto a que alude a quadra de Miuzela (Beira Baixa) e nesta mais com minúcias descrito:

Nossa Senhora da Póvoa
Tem um manto a bordar;
Cercado de fino ouro,
Muito bem lhe hade ficar.

O incansável folclorista, que é o Sr. F. C. Pires de Lima, colheu em S. Simão-de-Novais (Famalicão), de cujo manancial fêz formoso *Cancioneiro* (1), uma quadra elucidativa na psicologia agente neste assunto:

A Senhora da Saúde
Tem um manto que reluz,
Que lho deu um brasileiro,
Que se viu no mar sem luz.

É a Senhora da mesma invocação, que se canta por Penafiel estoutra quadra não menos elucidativa, clara e corrente como prece íntima:

Ó Senhora da Saúde,
Dai saúde a meu irmão,
Que eu *vos prometo* lá ir
C'um *ramo de ouro na mão.*

Êste «ramo de ouro na mão» é a promessa. Prometido é devido. A êste dever se referem cantares inúmeros do repertório popular. Eis um exemplo de Vale de Lafões:

Senhora da Nazaré,
Perto vem o vosso dia,
Eu heide lá ir êste ano
P'ra cumprir a romaria.

Isto é: para cumprir a romaria *prometida*. Esta, quanto à promessa que havia de se cumprir. Outras quanto à promessa cumprida, para exemplificar as quais basta a quadra que provocou as presentes «notas».

---

(1) 2.ª Série, pág. 14, n.º 567.

3) As Páscoas

A Cruz está só. Os calvários estão desertos. Nas almas bailam alegrias festivas. Estralejou de véspera o Judas, executado em efígie com grande aparato do rapazio, enquanto repicavam os sinos numa alegria, que só tem semelhante nos baptizados e nos casamentos.

A Ressurreição alagou de luz os templos e as casas. Foi longa a semana, esta Semana Santa que é uma via-sacra para os fieis. Luto; sermões de Lágrimas, da Soledade, das Sete Palavras; procissões funerárias e deposição litúrgica no túmulo; ofícios de trevas, ceremónias de cantochão grave; pairava tristeza pesada.

Mas, depois da tempestade vem a bonança. Que tempestade! Que bonança! A linguagem popular, naquele «dizer chão, pitoresco, e ao mesmo tempo imaginoso dos que beberam o puro leite da poesia nos seios da Natureza», na expressão de Camilo [1], dispõe assim em série os dias da comemoração:

Quinta-feira de «Indoenças», Sábado da Aléluia,
Sexta-feira da Paixão. Domingo da «Surreição».

Há neste dia uma transfiguração, que faz corresponder a liturgia do triunfo com a aléluia efectiva nas almas após o pesadêlo.

No Sábado da Aléluia, mas sobretudo na madrugada de Domingo, ou pelo menos à meia noite de Sábado para Domingo, formam-se ranchos de raparigas ou ranchos mixtos, que vão cantar as *alvíçaras* à porta da Igreja numas terras, e às da Igreja e do pároco da frèguesia em outras.

Dêsses ranchos na Beira Baixa falam e tresladam as cantigas, J. Lopes Dias [2] e Francisco Serrão [3]. Cada rancho procura ser o primeiro a chegar.

---

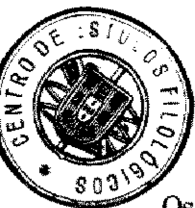
(1) Camilo Castelo Branco, *Doze Casamentos Felizes*, 3.ª ed., pág. 107.

(2) Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, já cit., Lisboa, 1926, I, págs. 129-130.

(3) Francisco Serrão, *Romances e Canções populares da minha terra*, que é Mação, Braga, 1921, págs. 59-60.

Das que são cantadas à porta do pároco, são exemplo estas, que também por si denunciam os ranchos respectivos.

Acorde, Senhor Vigário,
Venha abaixo ao terreiro,
Venha a dar as boas-festas
Ao ranchinho do Outeiro.



Acorde, Senhor Vigário,
Venha a dar as boas-festas
Ponha o pé na escadinha,
Ao ranchinho de Alpedrinha (1).

Os ranchos pedem ao pároco as *alvíçaras* isto é, pela notícia que lhe vão levar, *pedem alvíçaras*, sinónimo de «pedir avenças», propinas do serviço *a vir*, em troca de serviço prestado, que é neste caso, simbòlicamente, a notícia da Ressurreição. E o pároco gratifica-os, dando-lhes as boas-festas, que lhe pedem; «patente» expressa em amêndoas, passas ou tremoços.

Das «páscoas» cantadas na Igreja, dêmos também exemplos:

Dai-nos alvíçaras, Senhora,
Que nós vo-las vimos pedir;
O Vosso amado filho
Já tornou a ressurgir (2).

Alvíçaras, ó Virgem Santa,
Pela nova que vos dou;
Céu e Terra já se alegram
Que Jesus ressuscitou (3).

A origem é de clara procedência evangélica, indício do alvorôço da boa nova, adaptado a costumes conhecidos («pedir alvíçaras») e a córos mercenários, que peregrinam de porta em porta (Janeiradas, Reis, alvoradas, santos, maias, etc.), vestígios de velhos ritos naturalísticos.

Pela tarde o «compasso» percorre as frèguesias. As casas têm ramagem por tôda a parte, onde possa segurar-se; alecrim do norte e giesta em flor cobrem paredes, saiem de orifícios, fechaduras, argolas de porta ou de prisão de gado; no chão esmaga-se funcho. Andam no ar bálsamos festivos.

(1) Lopes Dias, Alpedrinha.
(2) Lopes Dias, Alpredrinha e Vale-de-Lôbo.
(3) F. Serrano, Mação.

Chega o pároco, de sobrepeliz e estola, que vem benzer a casa de cada um: traz consigo o mordomo da cruz, o homem da caldeirinha, o homem que «levanta o folar» e o rapaz da campainha.

Andam foguetes no ar, e estrondeia o bombo do gaiteiro, a receber pelas aldeias o senhor pároco.

Dar as «páscoas», receber as «páscoas», ou trocar o folar, é bom costume cristão; festejar as «páscoas» em família, é comemorar com a Ressurreição a data anual da «passagem do Senhor» e de tôda a tradição bíblica.

4) As sereias no folclore (1)

(na hora em que as praias se paganizam)

No tempo de Tibério Cesar, conta Plinio (2) que foi a Roma uma embaixada olissiponense, para anunciar o aparecimento de um Tritão em gruta de à beira-mar, semi-homem, semi-peixe, tocando búzio. Conta-nos o mesmo também que cêrca de Lisboa se vira igualmente uma Nereida moribunda, a qual na hora da morte impressionou com o seu cantar mavioso quantos a ouviram.

Na tradição folclórica mantem-se a longínqua crença da existência desses monstros híbridos a que a mitologia clássica deu por *habitat* as ondas do mar, «mergulhando-se nelas, como o costumam fazer os nadadores» (3): *sereias*, «mulheres marinhas», e «homens marinhos» = gado de Nerêo, Nereidas e Tritões.

Andam nas *cantigas*, ficaram na *heraldica*, dão frases feitas de *adagiário* fragmentado, conservam modêlo de *decoração* velha.

Na xácara do *Conde Nino* ou *Nilo* há referência ao «bel'-cantar» das sereias, que ensandecia os marcantes (recordar Ulisses na passagem de Sila e Caribdis, na *Odisseia*).

Cala, minha filha, cala,
Ouvirás um bel'cantar:
Ou são os anjos no Céu,
Ou a sereia no mar (4).

---

(1) Saiu em *A Voz*, de 27 de Setembro de 1930.
(2) *Naturalis Historia*, IX, 9.
(3) Vilhena Barbosa, *Cidades e Villas...*, III, págs. 52-53.
(4) Garrett, *Romanceiro*, ed. de 1904, II, pág. 8.

Estas quadras que seguem, como outras mais, devem provir de romance desfeito, do tempo das navegações de Quatrocentos; comparem-se com a antecedente, que faz parte de romance recolhido.

Lá no meio desse mar,
Ouvi cantar, escutei;
Saiu-me a *Senhora Sereia*
Lá no palácio d'el-rei.

Esta noite, à meia noite,
Ouvi um *lindo cantar:*
Eram os anjos no Céu,
Ou as *sereias no mar.*

Depois porque as sereias eram fadas marinhas que se penteavam no mar (1), são evocadas como as Mouras Encantadas que se penteiam com pentes de ouro na madrugada de S. João; e, assim, nos «banhos santos» das orvalhadas do S. João da Figueira da Foz recolheu P. Fernandes Tomás (2) esta quadra em que é associada a sereia pagã a essa festa do patrono cristão:

Na noite de S. João
Ouvi cantar a sereia.
Já de mim não fazes caso,
Porque dizes que sou feia.

Também há nas cantigas populares alusão aos barcos, que por feiticeira atracção das sereias se perdem no mar.

Ouvi *cantar a sereia*
Lá no meio desse mar;
Muito navio se perde
Ao som daquele cantar.

A hora do canto é de noite, à meia-noite, nas trevas de mistério, cheias de superstição do mêdo (cfr. as quadras até aqui), ou na madrugada em que a sombra cai como pesadêlo, o pescador vai para o mar, e cantam as aves libertas do torpôr da noite:

Bota a rêde ao mar,
Põe o pé na areia;
Ao romper da aurora
Canta a sereia (3).

(1) Teófilo Braga, in *Harpa*, 2.ª Série, pág. 61.
(2) Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances populares portugueses*, Coimbra, 1913, pág. 104.
(3) Vila-Real, A. Gomes Pereira, in *Revista Lusitana*, IX, pág. 257, n.º 276.

O combóio de Coimbra
Corre na areia,
Ao romper da madrugada
Canta a sereia (1).

Estende-se o folclore da sereia, lògicamente, aos Açôres, visto que tem a origem no continente, levado pelos mariantes. Teófilo Braga recolheu estas duas quadras, onde se observam a par as duas formas expressivas — *sereia* e *marinha* (2):

Que vozes do Céu são estas,
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no Céu,
Ou *as sereias no mar*.

Escutai, se qu'reis ouvir
Um tão *dôce cantar*;
Devem ser as *marinhas*
Ou os peixinhos do mar.

Foi a sereia — a *marinha* — que serviu para urdir a lenda genealógica dos *Marinhos* na aventura de caça de D. Froilão à beira-mar; dela teve o fidalgo um filho, D. João Forjaz Marinho, tronco da linhagem. Os Marinhos tem por símbolo a peça heráldica das ondas e da sereia, evocação da origem lendária (3).

Vilhena Barbosa repete a lenda dos «homens marinhos» da Arrábida, que vem do século XVII (4).

Cantos e enganos de sereia — deixar cantar a sereia, — e similares, são expressões correntes com alusão ao «bel'cantar» e aos enganos e sortilégios da sereia.

Em bordados, tapeçarias, azulejos, amuletos figura o perfil da sereia. Nas feiras do Minho e do Norte do Alentejo aparece nas figuras de assobio, meio-mulher, meio-peixe, com o apito que os garotos estridulam, e inicialmente foi tentame de dar voz aos bonecos a que se apunha.

---

(1) Marco-de-Canavezes, em *A Época*, de 20 de Março de 1925.

(2) Teófilo Braga, *Cantos populares do Archipelago Açoreano*, págs. 28 e 32.

(3) J. Augusto Carneiro, *Memoria Genealogica e Biographica sobre Marinhos Falcões*, Pôrto, 1904, pág. 13, n. 1.

(4) Vilhena Barbosa, op. cit., III, 52-53.

5) As trovas de Nossa Senhora da Lapa [1]

Acabo de lêr as *Quadras populares ou trovas em honra de Nossa Senhora da Lapa*, coligidas e anotadas pelo Sr. P. Francisco Pinto Ferreira. Nas 280 quadras, espalhadas pelas 45 páginas do folheto, sente-se a alma crente dos romeiros ao templo dedicado a Nossa Senhora da Lapa, essa «capela de tanta esquina», conforme diz uma das quadras, por alusão à forma poligonal do templo.

A inspiração popular, aqui sintetizada pela convergência das atenções na Virgem, revela tôda a fôrça activa. É o carácter evocativo na visualidade panorâmica, na referência corográfica, na disposição dos elementos visados, no aparato festivo e na mobilidade intensa do povo reünido em grandes massas, que lá está bem patente. É o impressionismo diante da imagem «pequenina e bem feita», com a qual, à semelhança de outras trovas religiosas a outras imagens, se manifestam familiaridades ingénuas (como de afilhados a sua madrinha, «comadre de minha mâi», «chamai-me vós afilhada, —eu vos chamarei madrinha»), e se repetem as interrogações directas, notadas noutros lugares, e produto lógico da mesma familiaridade usada com o natural desenfado de quem se conversa todos os dias e sôbre todos os assuntos. É a alma aberta, que sobe cantante nos louvores à Virgem, que à Virgem pede, promete, faz voto e cumpre, que à Virgem recorre como pode e sabe, e dela espera tudo, desde os bens materiais até o confôrto espiritual, as bençãos, o céu.

Na arte poetica de que os trovadores da Lapa se servem, não se poupa o trocadilho, com finura de espirito de bom humor, como nesta quadra:

Nossa Senhora da Lapa
Diz que me hade dar um dote;
Se mo ha de dar na vida,
Que mo dê na hora da morte.

Todos os assuntos servem, desde que neles e por êles seja invocada a imagem «protagonista» dêste poema lírico de

---

(1) Saiu em *A Voz*, de 26 de Novembro de 1931.

tão formoso sentimento. À «rosa tão perfeita», a tão «lindo botão branco», à que

É linda como uma rosa,
No reino de Portugal
Não há outra tão formosa,

à «rosa branca sem espinhos», à «branca rosa em botão», em tôdas as aflições e para todo o socorro se erguem preces. E estas quadras são, por vezes, extraordinárias orações de cristianismo puro; o de quem roga por si, não esquecendo os outros:

Não vos esqueçais de mim,
E de tôda a criatura;

o cristianismo de quem pede o auxílio constante de guia e proteção:

Nossa Senhora da Lapa
Minha Mãi tôda de amor,
Encaminhai meus passos
Por tôda a parte onde fôr;

o espírito de renúncia e dedicação:

Tenha-a eu da minha banda,
Diga o mundo o que quiser;

ou

Tenha-a eu por minha conta,
Não se me dá de ninguém.

E, se se imploram as bençãos e a salvação, pede-se o que se considera ventura na vida, e, implícita ou explìcitamente, não são esquecidos os amores, lembrando, pedindo ou prometendo à Virgem romaria futura após o casamento conseguido.

Entre as trovas há-as curiosas, de procedência histórica em votos de militares, que denotam a antiguidade e a extensão do culto à veneranda Senhora da Lapa.

Entre os quadros de «milagres», colocados, por prova de cumprimento de promessa feita, nos altares dos santos, cujo auxílio foi implorado, há-os de militares, que andaram na guerra ou se viram angustiados na sua vida tormentosa. Ora

as trovas religiosas são, em parte delas, autênticos quadros de milagre pôsto em verso. Não admira encontrá-las nas colecções folclóricas.

Nesta colecção de Nossa Senhora da Lapa aparecem-nos algumas quadras demonstrativas. Diz uma tradição referida por Alberto Pimentel, na *Historia do Culto de Nossa Senhora em Portugal*, que a imagem de Nossa Senhora da Lapa suou bagas de sangue, no dia do desastre de Alcácer Quibir, 4 de Agôsto de 1578. O trovador, que evocou a lenda, ou porque êle próprio a modificasse ou a recebesse já modificada, cantou a quadra onde afirma que a imagem chorara.

Nossa Senhora da Lapa
Já chorou uma vez,
Foi quando viu derrotado
O exército português.

Da Guerra da Restauração provêm estas quadras, que a ela se referem:

O Menino (Jesus) é um soldado,
A Mãi, rainha sem igual;
Livraram dos espanhóis
Nosso amado Portugal.

Nossa Senhora da Lapa
Tem uma fita amarela,
Que lhe deram os soldados,
Quando vieram da guerra.

Nossa Senhora da Lapa
Tem de prata linda c'rôa,
Que lhe deu El-Rei D. Pedro (II),
E lhe mandou de Lisboa.

Talvez de soldados das guerras de além-mar, que mar fora andaram na armada, seja a origem desta:

Nossa Senhora da Lapa
Tem uma fita encarnada,
Que lhe deram os soldados,
Quando vieram da armada.

Pela semelhança com uma das anteriores, serão contemporâneas, ou terá uma dado modêlo à outra.

Dos sitiados da Praça de Almeida, na terceira invasão francesa, é memória esta quadra:

Nossa Senhora da Lapa
Tem um raminho que cheira,
Que lhe deram os soldados,
Quando vieram de Almeida.

E não faltariam as trovas do soldado da Grande Guerra, cantadas por algum dêles:

Nossa Senhora da Lapa,
Pequenina e engraçada,
Foi a Mãi dos Portugueses,
Quando estavam em batalha.

Nossa Senhora da Lapa
Nunca saiu da lembrança,
Aos soldados portugueses
Que andaram pela França.

Se estas últimas foram cantadas por algum trovador-soldado da Guerra de 1914, como o indica bem a confissão pública do verso final, as outras prendem-se a factos e objectos, que a tradição conserva no seu significado de origem. O trovador versificou-as, e, se não perderam o conteúdo histórico, é verdade que ganharam em graça poetica e sugestiva da evocação.

6) Cantares de Douro arriba (1)

Pois dêmos hoje às bocas cantadeiras de Trás-os-Montes as honras devidas de uma crónica etnográfica.

Vá de cantar, vá de cantar, que a gente boa é, e as gargantas cantam bem. As cantigas provam as almas. Tirem-lhes a designação local ou troquem-na, aplicando-a aos outros povoados, e a mesma quadra desce das montanhas, onde as águias gritam:

Minha terra, minha terra,
Minha terra, não a nego;
Minha terra é Pitões,
Onde os meus olhos navegam.

(Barroso).

A repetição tem o seu quê de écos a quebrarem-se nos recessos da serrania. É por esses caminhos ásperos que, a par da «légua da Póvoa», se podia criar a «légua trasmontana»; a longada é difícil, e no meio do distrito de Bragança, de Moncôrvo a Mogadouro, canta-se em anexim:

(1) Saiu em *A Voz*, de 19 de Janeiro de 1931.

Quem quer vêr c'mo as léguas são,
Vá de Isêda a Santulhão;
Se quer saber a verdade,
Vá de Bornes à Trindade.

Passam nas cantigas populares as terras da província, novas e velhas, mortas e activas.

Caçarelhos já foi vila,
Mirandela nobre cidade,
Vimioso ladroeira,
Como tôda a gente sabe.

Linda terra é Moncôrvo,
Dá de beber a quem passa;
Quem não tem dinheiro,
Tem o chafariz na Praça.

Percorre o distrito de Bragança o Rio Sabor, êle aí está:

Eu também sou lavadeira,
Lavo no Rio Sabor,
Um lencinho de entremeio,
Para dar ao meu amor.

Depois Mirandela, a caminho de Bragança, dá pelo nome: «mira», «mira»:

Vós chamais-me «mira», «mira»,
Eu não sou de Mirandela;
Sou de Terra de Bragança,
Província de Trás-da-Serra.

De esta mesma vila de Mirandela, em uma veiga pitoresca, grande ponte sôbre o Rio Tua, de vinte e cinco olhais ou arcos, como conta e discute a quadra já atrás reproduzida:

A ponte de Mirandela
Tem vinte e cinco olhais;
Ainda ontem lá passei,
Tem dezóito nada mais.

— de esta vila, correm os apodos sarcásticos, opostos:

Mirandela,
Quem bem a mirou,
Nela ficou.

Mirandela,
Mirar de longe,
E fugir dela.

Tua abaixo, aí está a Terra-Quente, o País do Vinho, activíssima região do Pinhão à Régua.

O meu amor é carreiro
Da Régua para o Pinhão;
Passa uma vida alegre
Com a aguilhada na mão.

(Vila Real).

E na Régua, fartíssima, ao fundo dos montes de opereta, semeado de casais, com que o distrito de Vila Real desce ao Douro, belo, admirável, vem o sarcasmo da quadra semelhante ao que já ouvimos de Moncôrvo.

A tua terra é a Régua,
Dá de comer a quem passa;
A quem não levar dinheiro,
Nem água lhe dão de graça.

(Vila Real).

Sobe-se a Vila Real, entre o Cabril e o Corgo, nobre nas suas tradições e bela no pitoresco e na païsagem dos seus arredores. Dizem os de fora:

Com os de Vila Real,
Nem de bem, nem de mal.

Mas os de dentro, os seus, os que a conhecem, esses saüdam-na,

Ó Vila-Real alegre,
Provincia de Trás-os-Montes,
O dia em que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes.

(Vila Real).

e arrependem-se de terem dela saido:

Adeus, ó Vila Real,
Quem me dera agora lá!
A culpa tive-a eu,
Não me viera de lá.

(Vila Real).

É pensar nela, enfeitá-la com os melhores dons da imaginação:

Se Vila Real fôsse minha,
Como é dos estudantes,
Mandava-lhe pôr ao centro
Um vaso de diamantes.

Quem me dera estar agora
Onde tenho o pensamento,
Do Pôrto lá para fora,
De Vila Real para dentro.

(Vila Real).

São as povoações em redor, uma roda viva em redor da vila, mais perto, mais longe, tôdas a marchar para a sua capital, dispersas nos concelhos de Vila Real, Vila Pouca de Aguiar, Sabrosa, Alijó, Pêso da Régua e Santa Marta de Penaguião.

Lamas d'Olo, Lamas d'Olo (conc. de Vila Real),
Lamas d'Olo, terra fria,
Entre Lamas e Favaios (conc. de Alijó),
Raparigas de Alvadia.

(Vila Real).

Que lindos arredores
Tem nosso S. Martinho!
Paços (conc. de Sabrosa) e Fermentões (id.)
Celeirós (id.) e Vilarinho (conc. de Vila Real).

(Sabrosa e Vila Real).

Vila-Sêca (conc. de Vila-Real) já caiu,
Com mêdo já está no chão;
Vivam as môças de Gravelos;
Por ora inda t'veram mão.

(Vila Real).

Do lugar de Carrazedo (concelho de Vila Real) se refere uma Santa Luzia milagrosa:

Senhora Santa Luzia
Do lugar de Carrazedo,
Dai-me vista aos meus olhos,
Que andar cego é degrêdo.

(Vila Real).

Mais para cima Chaves, praça de guerra, desmantelada, mas em posição militar de quem contempla a fôlha de serviços e as memórias dos antepassados:

Quem me dera ir a Chaves
Das muralhas para dentro,
Para vêr o meu amor,
Formado no regimento.

Atirei c'uma laranja,
Por cima de Chaves fora;
A laranja caiu dentro,
Adeus, Chaves, vou-me embora.

(Barroso, Vila Real, etc.).

Sobem as terras para Boticas, Montalegre, Alturas-de--Barroso, — Barroso em geral, o centro de Barroso.

Vá, dizei: viva, viva,
Viva o centro de Barroso;
Ainda que a terra é pequena,
Ainda tem gado mimoso.

Só é Barroso, Barroso,
Barroso, terra de muito pão,
Mais vale morrer de fome,
Que casar c'um Barrosão.

(Barroso).

São altivos na montanha, perto do Céu, no Inferno das penedias:

Fui criado em Barroso,
No meio da cascalheira;
Se quiseres alguma coisa,
Anda cá p'ra minha beira.

(Barroso).

Lá de cima cantam como os que mais cantam:

Dizes que sou de Barroso,
Criada na carrasqueira;
Sei usar a cantiga,
Como qualquer da Ribeira.

(Boticas).

No alto em frente da Galiza, de pé com o seu castelo, como um milhafre velho à espreita, é Montalegre.

Montalegre está no alto,
Sarraquinhos na Portela;
Quem quiser môças lindas,
Vá ao lugar de Trinqueda.

(Barroso).

Arredores dispersos, escuros, fumegantes, aldeias nos vales, a esconderem-se sob os colmaços nas anfractuosidades da serra.

Padronelos e Meixêdo,
O Chineco (monte) está no meio,
Ó mocinhas de Padrôso,
Brilhais com todo o asseio.

(Montalegre).

Riem alusões caricaturais dos almocreves, que percorrem as serras, e fazem a via comercial da primitiva caravana nómada, com os machos e com as cargas de alforges e canastras.

Almocreves de Tourêm, [1]
Três c'um burro andam bem;
Um pega, outro tem mão,
Outro olha se vai bem.

(Barroso).

Guindados nas alturas, diante da Galiza, chascam desprêsos aos galegos.

Galeguinho da Galiza,
Quem te trouxe a Portugal?
Uma Galeguinha nova,
Debaixo do avental.

Os Galegos da Galiza,
Quando vão em procissão,
Levam um gato de Santo,
E uma velha de pendão.

(Barroso).

O Galego, quando morre,
Vai co'o dente arreganhado,
Que lhe disse o padre-cura:
Passa fora, cão danado.

LUÍS CHAVES.

---

(1) «Tourêm» é na parte do concelho de Montalegre mais adiantada para a Galiza, língua montanhosa, que penetra no território espanhol.

MISCELANEA

CÈGARREGA

No *Grande Diccionario*, publicado com o nome de Fr. Domingos Vieira, diz-se (o artigo deve ser de Adolfo Coelho) que a palavra *cegarrega* vem de *cigarra*, com o sufixo *-eca*, isto é: **cigarreca*.

Talvez seja justa, em parte, esta observação, tanto assim, que os seiscentistas escreviam *cegarrega*, com *c* (Morais escreve *segarrega*, com *s*); mas a palavra apareceu ao ouvido do povo como um composto rítmico e onomatopeico, que fêz mudar *i* em *é*, e por ventura *-eca* em *-ega* (cf. *Rev. Lusit.*, XXXI, 166, nota 2). Já a palavra *cigarra*, que corresponde ao lat. cicâda, recebêra, segundo quer Cornu (1), a terminação *-arra*, por onomatopeia (o que se confirma com *cègarrega*).

Parece que a estridulação influiu pois muito na forma do nome. Acrescento que depois se consideraria *cègarrega* = *sèga-rega* novo composto rítmico: *sega*, de *segar* («cortar com ruído»), e *rega*, mèra consonância, o que levou Morais a escrever, como vimos, a palavra com *s-*, porque no seu tempo *ç* e *s* já se confundiam na pronúncia do Sul.

J. L. DE V.

CALCORREAR

O mesmo que caminhar fadigosamente.

Figueiredo aproxima de *calcorros*, que diz ser palavra provinciana, em hespanhol *calcorros*. No *Dicc. de la Acad.*, lê-se que tanto *calcorros* («zapatos») como *calcorrear* («correr») são da *germania* ou calão. Suponho que temos aqui o tema de *calcar*, com o sufixo *-orr-*.

J. L. DE V.

---

(1) *Die portugiesische Sprache*, § n.º 202. Cf. também Nascentes, *Dicioner. etimolog.*, s. v. *cigarra*.

BIBLIOGRAFIA

VARIA QUAEDAM

— **Miscelânea de estudos** em honra de *D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1933.

— **Nótulas àcêrca dum falar da margem esquerda do Guadiana**, por Agostinho Fortes, Lisboa, 1933.

— Trabalhos de Silva Correia:

a) **Reflexos filológicos**, Lisboa, 1933;

b) **Um passo do «Cantar de Mio Cid»**, Lisboa, 1933.

— **Os escravos em Portugal**, por Manuel Heleno, vol. I, Lisboa, 1933.

— **Lições de Literatura Portuguesa** (época medieval), de M. Rodrigues Lapa, Lisboa, 1933.

— **A fala do Velho do Restelo**, por F. Rebelo Gonçalves, Lisboa, 1933.

— **Obras Completas de Gil Vicente**, vol. I, «Obras de devação», anotadas por Marques Braga, Coimbra, 1933.

— **Da poesia medieval portuguesa**, por Aubrey Bell, tradução do inglês, por A. Álvaro Dória, Coimbra, 1933.

— **Die portugiesischen Ortsnamen**, por H. Lautensach, Hamburgo, 1933.

— **Questões de linguagem**, de Rodrigo de Sá Nogueira, Lisboa, 1934.

— **Linguagem popular da Ilha Terceira**, por Luis da Silva Ribeiro, Angra, 1934.

— **A expressão corporal das emoções no «Cancioneiro Português da Vaticano»**, por Henrique de Vilhena, Lisboa, 1934.

— **A língua portuguesa em Hamburgo**, por M. de Paiva Boléo, Coimbra, 1934.

— **Garcia d'Orta**, por Augusto da Silva Carvalho, Coimbra, 1934.

— **Etnografia e História** (bases para a organização do Museu Municipal de Ilhavo), por António Madail, Ilhavo, 1934.

— **Da Fitologia sacra**, por Arlindo Camilo Monteiro, Lisboa, 1934.

— **A caravela portuguesa**, por Quirino da Fonseca, Lisboa, 1934.

J. L. DE V.

— **Etnografia Portuguesa** (tentame de sistematização), por J. Leite de Vasconcellos, vol. I. Êste volume forma a Introdução geral da obra, e consta de cinco partes:

I. *Definição de Etnografia;*
II. *Divisão da Etnografia Portuguesa;*
III. *Fontes de investigação etnográfica;*
IV. *Importância da Etnografia;*
V. *De como se organizou esta obra.*

De 400 páginas (= x + 390), de formato in-4.º grande, com 57 figuras (um mapa de Portugal da primeira metade do século passado, um desenho de uma moeda visigótica de *Portucale*, retratos, facsimiles de autógrafos, e de frontispícios de obras antigas relacionadas com a Etnografia).

Vários índices terminam o volume, e entre êles: uma lista alfabética dos autores enumerados (criticamente) na parte das «Fontes» consagrada à Literatura especial, e um copioso registo das principais espécies etnográficas e outros assuntos a que se alude na Introdução, o qual registo, só por si, e por assim dizer, constitue desenvolvido programa de estudos de Etnografia nacional.

(De um anúncio publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa, editora).

ÍNDICE DO VOLUME XXXII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA: